

Integração e gestão de mídias na escola

Luis Paulo Leopoldo Mercado (Org)



LUÍS PAULO LEOPOLDO MERCADO (ORG)

INTEGRAÇÃO E GESTÃO DE MÍDIAS NA ESCOLA


edUFAL
MACEIÓ
2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitor

Eurico de Barros Lôbo Filho

Vice-reitora

Rachel Rocha de Almeida Barros

Diretora da Edufal

Maria Stela Torres Barros Lameiras

Conselho Editorial Edufal

Maria Stela Torres Barros Lameiras (Presidente)

Bruno César Cavalcanti

Cícero Pérciles de Oliveira Carvalho

Elcio de Gusmão Verçosa

Elias Barbosa da Silva

Eurico Eduardo Pinto de Lemos

Fernando Antônio Gomes de Andrade

Roseline Vanessa Oliveira Machado

Simoni Plentz Meneghetti

Coordenação Editorial: Fernanda Lins
Revisão ortográfica: Wilson Moreira Bonfim
Capa: Jean Carlos Santos Lins
Diagramação: Marseille Lessa
Supervisão gráfica: Márcio Roberto Vieira de Melo

Catálogo na fonte

Universidade Federal de Alagoas

Biblioteca Central – Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Fabiana Camargo dos Santos

I61 Integração e gestão de mídias na escola / Luis Paulo Leopoldo Mercado (org.). –
Maceió : EDUFAL, 2012.
214 p. : il., color.

Inclui referências bibliográficas.

ISBN: 978-85-7177-737-8

1. Mídias na educação. 2. Tecnologia da informação. 3. Tecnologias na
educação. 4. Educação básica. 5. Gestão de mídias. I. Mercado, Luis Paulo
Leopoldo, org.

CDU: 371.333

Direitos desta edição reservados à

Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas
Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões, Prédio da Reitoria
Cidade Universitária - Maceió - Alagoas - CEP: 57.072-970
Fone/Fax: (82) 3214.1111
contato@edufal.com.br - www.edufal.com.br

Editora afiliada:



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
PREFÁCIO	07
LISTA DE SIGLAS	09
Práticas Docentes na Educação Online: a tutoria no Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação	11
<i>Carmen Lúcia de Araújo Paiva Oliveira</i>	
Tic em Blog na Formação Docente Superior: narrativa de um formador	25
<i>Luís Paulo Leopoldo Mercado</i> <i>Maria Neide Sobral</i>	
A Ead na Formação de Tutores para o Proinfantil	35
<i>Cristine Lúcia Ferreira Leite de Mello</i> <i>Ana Rita Firmino</i> <i>Carmen Lúcia de Araújo Paiva Oliveira</i>	
Contribuições das Mídias para o Ensino de Biologia na Educação de Jovens e Adultos	45
<i>Geane Magalhães Monte Salustiano</i> <i>Sandra Regina Paz da Silva</i>	
A Introdução da Informática na Prática Pedagógica dos Professores da Rede Municipal de Ensino de Marechal Deodoro	53
<i>Valdirene Maria da Silva</i> <i>Sandra Regina Paz da Silva</i>	
Formação Continuada de Professores em Tecnologias na Educação: o Curso de Introdução à Educação Digital em Maceió	61
<i>Sílvia da Silva Medeiros</i>	
O Uso do Computador e a História em Quadrinhos em Sala de Aula: a experiência no Curso de Formação de Professores	69
<i>Maria José Houly Almeida de Oliveira</i> <i>Sandra Nunes Leite</i>	
Formação Continuada de Professores: otimizando o uso de mídias para construir conhecimentos	77
<i>Joelba Soares Medeiros</i>	
Aplicação da TV e do Vídeo numa Escola Pública: um estudo sobre a integração das mídias na educação	87
<i>Andréa Cavalcante Tenório</i>	
As Mídias no Programa Formação pela Escola: formando conselheiros e comunidade escolar	95
<i>Elizelda Silva de Araújo</i> <i>Laura Cristina Vieira Pizzi</i>	

O Papel da Internet e do Computador: olhares e dizeres de educadoras de escolas do ensino Fundamental	103
<i>Maria Suelly Cavalcante Silva</i> <i>Tania Maria de Melo Moura</i>	
A Gestão das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Plano de Desenvolvimento das Escolas Municipais de Major Izidoro/AL	111
<i>Daniela Patrícia Ferreira de Barros</i>	
O Uso da Tecnologia na Sala de Aula no Ensino Médio Noturno de uma Escola Estadual da Rede Pública na Cidade de Rio Largo: os Olhares dos professores	119
<i>Rozilene Belo Barros dos Santos</i> <i>Marinaide Lima de Queiroz Freitas</i>	
Possibilidades e Limites do Uso de Tecnologias da Informação e Comunicação nas Escolas Públicas Estaduais: o papel da gestão escolar	129
<i>Gilvanilda Vilar Carvalho Bulhões</i> <i>Carmen Lúcia de Araújo Paiva Oliveira</i>	
Uso da Sala de Informática na Escola: a (ex) tensão do tema	139
<i>Sonia Maria de Amorim Leite</i>	
O Uso dos Laboratórios de Informática: um estudo em escolas públicas do interior de Alagoas	149
<i>Clésia Maria Hora Santana</i> <i>Cleide Jane de Sá Araújo Costa</i>	
As TIC no Currículo Escolar: a contrapartida escolar	155
<i>Lilian Kelly de Almeida Figueiredo</i> <i>Ivanderson Pereira da Silva</i>	
Recursos Midiáticos na Contentação da Violência no Ambiente Escolar	163
<i>Maria Verônica Lopes Silva</i> <i>Tania Maria de Melo Moura</i>	
O Uso e a Apropriação do Squeak Etoys por Professores e Alunos do Projeto UCA	173
<i>Yára Pereira da Costa e Silva Neves</i> <i>Luís Paulo Leopoldo Mercado</i>	
O Uso da TV/Video e das Historias Infantis em Salas de Recursos Multifuncional	185
<i>Maria Irene Silva Lisboa</i> <i>Elisângela Leal de Oliveira Mercado</i>	
A abordagem das variedades linguísticas: uma experiência em sala de aula e no Orkut com alunos do Ensino Médio	193
<i>Auda Valéria do Nascimento Ferreira</i> <i>Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante</i>	
Utilização de Acervo Iconografico no Ensino de História	205
<i>Patrícia Maria dos Santos</i> <i>Luís Paulo Leopoldo Mercado</i>	

APRESENTAÇÃO

Este livro socializa os relatos de experiências produzidos pelos concluintes do Curso de Especialização em Formação Continuada de Professores em Mídias na Educação, promovido pela Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação em parceria com o Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, no período de 2008 a 2010.

O curso teve como objetivos a formação continuada dos profissionais da educação básica da rede pública de ensino no uso integrado das mídias no processo educativo, permitindo a autoria do professor e a estimulação da produção dos alunos nas diferentes mídias, de forma articulada à proposta pedagógica e a uma concepção interacionista de aprendizagem.

Os cursistas são professores das redes estadual e municipais de educação pública concluintes do Curso Básico e Intermediário do Programa Mídias na Educação.

Os estudos desenvolvidos pelos cursistas focaram as seguintes temáticas: integração de mídias na educação; concepções e tendências de uso da televisão, rádio, informática, material Impresso e gestão integrada de mídias; desenvolvimento de projetos com mídias na educação; aspectos históricos, sócio culturais e tecnológicos das diversas mídias na educação; práticas pedagógicas com mídias na educação; formação de professores para uso de mídias na educação; aprendizagem com mídias; gestão de tecnologias na escola.

Os cursistas, na abordagem das possibilidades de uso das diversas mídias na prática pedagógica, identificaram aspectos teóricos e práticos referentes aos meios e comunicação no contexto das diferentes mídias e no uso integrado das linguagens de comunicação: sonora, visual, impressa, audiovisual, informática e telemática, destacando as mais adequadas aos processos de ensino e aprendizagem.

O foco da formação e dos resultados publicados nos artigos deste livro, na forma de artigos, foi a elaboração de propostas concretas para utilização dos acervos tecnológicos disponibilizados à escola no desenvolvimento de atividades curriculares nas diferentes áreas do conhecimento, além de desenvolver estratégias de autoria e de formação do leitor crítico nas diferentes mídias.

Este livro apresenta relatos da execução prática do projeto de integração de mídias na escola, com uma reflexa teórica da experiência realizada. Apresenta reflexões teórico-prática da utilização de mídias na sala de aula, enfocando as possibilidades e dificuldades. Apresenta também relatos de experiências do uso de mídias na sala de aula, na formação de professores e na gestão da escola.

PREFÁCIO

Carmen Moreira de Castro Neves¹

No final de 2012, recebi a visita do Prof. Dr. Luís Paulo Leopoldo Mercado, da Universidade Federal de Alagoas, que me fez um convite para escrever o prefácio dos livros “Práticas Pedagógicas com Mídias na Escola” e “Integração e Gestão de Mídias na Escola”. Os livros registram os trabalhos finais do Curso de Especialização em Mídias na Educação e o professor teve a gentileza de encaminhar os arquivos das produções dos professores e gestores escolares que completaram o referido curso.

Peço licença a você, leitor, para não adotar nas próximas linhas uma linguagem acadêmica, com citações e referências bibliográficas – estas serão encontradas, com muita competência, no riquíssimo mosaico de produções assinadas por autores que são, antes de tudo, educadores comprometidos com a mudança.

Escrevo com a alegria e a emoção de ter sido professora e coordenadora pedagógica e de ter tido o privilégio de, como servidora pública, assumir, no período de 1996 a 2006, funções na então Secretaria de Educação a Distância – SEED. No exercício da carreira e dessas funções, sempre coloquei o aluno e o professor como focos de minha atenção. Foi assim que propus o curso “TV na Escola e os Desafios de Hoje” ao secretário da SEED, Pedro Paulo Poppovic, em 2000.

Álvaro Vieira Pinto diz que o homem é sempre um reivindicante de educação e a cada patamar alcançado, demanda um novo. Assim, o sucesso indiscutível daquele curso não foi uma acomodação, mas um impulso para propor um outro desafio: o curso Mídias na Educação. A nova proposta convidava as universidades a ampliar a anterior – centrada na TV e vídeo – e propunha a integração de tecnologias e a renovação de estratégias didáticas, garantindo aos educadores condições de produção em diferentes linguagens e mídias. A inserção de tecnologias na escola traz enormes ganhos educacionais, mas implica processos de inovação e gestão que possam garantir aos docentes apoio e suporte para o uso competente dos recursos tecnológicos. Dessa forma, o curso incorporava, também, a dimensão da gestão das mídias no cotidiano da escola.

Na época do lançamento, ao escrever sobre o Mídias na Educação, destaquei que mais do que um curso, tratava-se de um percurso: um tempo-espço de descobertas, de experimentação, de criatividade, de práticas inovadoras.

Agora, ao ler esta obra, partindo das reflexões e vivências dos professores e seus orientadores, aprendo muito mais sobre as mídias no cotidiano da educação e sobre a renovação de processos de ensino e aprendizagem. Observo a ampla rede que abarca mídias, disciplinas, níveis e modalidades escolares e a incorporação de alunos, docentes, gestores, conselheiros e comunidade em uma pedagogia de autoria colaborativa e de crescimento conjunto. Ao conhecer as avaliações e as perguntas que ainda devem ser respondidas, reflito sobre o quanto é complexa e enriquecedora a aventura do conhecimento.

E, mais uma vez animada com os resultados e os impactos desse curso, penso nos próximos desafios. Certamente os professores que vivenciaram o curso Mídias na Educação estão avaliando as novas possibilidades com os smartphones, os conteúdos digitais como os da Khan Academy, as videoconferências holográficas e tantos outros recursos que nos surpreendem a cada dia. Mais que equipamentos, certamente esses educadores estão motivados com o potencial pedagógico dessas tecnologias, simultaneamente mais sofisticadas, porém de manuseio mais simples e cada vez mais acessíveis à população. Siglas como BYOD – Bring your own device (Traga seu próprio equipamento), TSL – Technology Supported Learning (aprendizagem apoiada pela tecnologia) e outros avanços tecnológicos e metodológicos continuarão modificando a forma como aprendemos e ensinamos.

O uso inteligente das tecnologias liberta o professor que ficava de costas para os alunos, escrevendo longos

¹ Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental, Mestre em Educação pela Universidade de Brasília – UnB, atualmente, na função de Diretora de Formação de Professores da Educação Básica, na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.

textos no quadro. Com esse conjunto de tecnologias e linguagens, o professor pode apresentar questões para serem pesquisadas e estudadas previamente e, no horário de aula, dar voz aos estudantes, discutindo os diferentes aprendizados, valorizando as múltiplas inteligências, aprendendo e analisando crítica e reflexivamente conceitos trazidos para a sala. Essa nova forma de construir o conhecimento e fazer a gestão do tempo pedagógico (e esse é apenas um simples exemplo) traz consigo amplas oportunidades de maior interação entre professor e alunos e destes entre si. O ensino personalizado torna-se viável e valores como o respeito à pluralidade, a cooperação, o incentivo à autonomia e à criatividade agregam-se ao trabalho, dando à educação o equilíbrio necessário entre conhecimento, habilidades, atitudes e valores: é a tecnologia a serviço do humano.

Ainda existem escolas que mantêm os laboratórios de informática fechados, professores que desconhecem o potencial pedagógico das TICs, gestores que dificultam o uso dos equipamentos, empresas e governos que ignoram as necessidades de acesso à banda larga no setor educacional. Há um longo caminho a percorrer. Mas já temos nossos líderes, nossos intelectuais orgânicos e entre eles estão estes que assinam os belos artigos destes livros.

Os educadores que aderiram ao curso Mídias na Educação provam nas páginas seguintes que são verdadeiros agentes de mudança, no sentido que Paulo Freire, no livro *Educação e Mudança* (1979), confere à expressão: abandonam a consciência mágica que apenas contempla a realidade, reconhecem sua presença criadora e potencialmente transformadora dessa mesma realidade e assumem a construção de uma história da educação brasileira que não pode ser vivida e escrita hoje com os recursos limitados do passado.

Em 2006, ao pensar no curso Mídias na Educação, não foi colocada em destaque a tecnologia para a educação a distância, mas questões ligadas a como ser um bom professor no século XXI, como encantar alunos que já nasceram em uma sociedade digital, como construir conhecimento diante da profusão de informações que vicejam na rede, de que modo valorizar o humano, a ética, a estética.

Para aqueles que temiam que as tecnologias excluíssem o professor da sala de aula, os educadores-autores desta obra mostram ser possível vencer a racionalidade instrumental: a educação é feita por pessoas, para pessoas e o uso das tecnologias pode convergir para uma formação que permita ao homem ser sujeito da história, solidário na jornada, livre para ser, saber, criar, inovar, participar, construir, conviver...

Meu reconhecimento a todos os educadores – professores e alunos - que fizeram do “Mídias na Educação” um programa de sucesso. Certamente eles estão contribuindo para o redesenho e adequação das licenciaturas aos desafios contemporâneos, promovendo a melhoria da formação de professores e provocando impacto na qualidade e na equidade da educação brasileira.

LISTA DE SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado
AGF – Agência Formadora
AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem
CEB – Câmara de Educação Básica
CNE – Conselho Nacional de Educação
CRE – Coordenadoria Regional de Educação
DITEC – Departamento de Infraestrutura Tecnológica
EAD – Educação à Distância
EJA – Educação de Jovens e Adultos
ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio
FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FUNDEF – Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental
FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica
HQ – História em Quadrinhos
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IES – Instituto de Ensino Superior
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
INCE – Instituto Nacional de Cinema Educativo
LDB – Lei de Diretrizes e Bases
MEC – Ministério da Educação
MSN – Messenger
NIES – Núcleo de Informática na Educação Superior
NTE – Núcleo de Tecnologia Educacional
NTM – Núcleo de Tecnologia Municipal
ODA – Objeto Digital de Aprendizagem
OVA – Objeto Virtual de Aprendizagem
PAR – Plano de Ações Articuladas
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
PDE – Plano de Desenvolvimento da Escola
PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola
PDDL – Projeto Receitas Financeiras Diretas na Escola
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPP – Projeto Político Pedagógico
PROINFO – Programa Nacional de Informática na Educação

RIVED – Rede Interativa Virtual de Educação
SCIELO – Scientific Electronic Library
SEB – Secretaria de Educação Básica
SEE – AL – Secretaria de Estadual de Educação de Alagoas
SEED – Secretaria de Educação à Distância
SEMED - Secretaria de Municipal de Educação
SIGETEC – Sistema de Gestão Tecnológica do MEC
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação
TV – Televisão
UAB – Universidade Aberta do Brasil
UFAL – Universidade Federal de Alagoas
UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UNDIME – União dos Dirigentes Municipais de Educação
UNEAL – Universidade Estadual de Alagoas
ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal

PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO ONLINE: A TUTORIA NO PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Carmen Lúcia de Araújo Paiva Oliveira

Resumo

Entre as funções docentes na educação online, a tutoria ocupa um lugar importante. O tutor estabelece as relações mais próximas com o aluno, mediando as ações pedagógicas que se desenvolvem no curso online, tendo em vista a concretização dos princípios da autonomia e da aprendizagem, contribuindo para a criação de espaços colaborativos de aprendizagem, permeados pela interatividade e afetividade. Este estudo enfoca a atuação dos tutores no Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação tendo em vista a busca de subsídios para a melhoria da prática da tutoria. Teve como objetivo verificar qual a contribuição dos tutores na promoção da interatividade e da construção de vínculos afetivos, através da interface fórum, como elementos constitutivos de comunidades de aprendizagem no ciclo básico do Mídias na Educação, em sua primeira oferta em Alagoas. A metodologia utilizada foi o estudo de caso, envolvendo questionários, entrevistas e consultas para coleta de dados. Na pesquisa realizou-se revisão de literatura, procedimentos de coleta, tabulação e análise de dados. Os resultados demonstraram que a atuação dos tutores foi bastante positiva, mas há aspectos que precisam melhorar para que se tenha de fato a interatividade característica de uma comunidade de aprendizagem, e se alcance o objetivo da aprendizagem colaborativa na educação online.

Palavras-chave: Educação online, Tutoria, Mídias na Educação, Interatividade, Fóruns de discussão

INTRODUÇÃO

Apresentamos neste texto uma síntese da investigação sobre práticas docentes na educação online, com foco na tutoria no programa de Formação Continuada em Mídias na Educação.

Nosso interesse por esta temática se deu pela necessidade de estudo e aprofundamento na área e por vislumbrar uma ampliação desse novo campo de práticas educativas, em virtude da expansão da EAD no Brasil, como uma alternativa para os problemas de formação inicial e continuada de professores que existem na atualidade.

Vários profissionais estão envolvidos na educação online, mas diversos estudos mostram que a tutoria é uma peça chave para o sucesso da educação online, e está atualmente em evidência devido à ampliação da EAD nos últimos anos. Ao mesmo tempo, estudos apontam uma desvalorização dessa função e a necessidade de novos encaminhamentos que contribuam para a profissionalização do professor que atua na educação online. É necessário identificar quem são esses profissionais, qual sua formação, como veem as questões

relativas à profissionalização, como atuam na educação online, visto que a EAD vem se constituindo como um grande espaço de práticas.

O estudo da atuação dos tutores, como professores em processo de formação, aprendendo a ser, no fazer cotidiano do AVA, é relevante porque desse espaço educativo emerge a necessidade de assumir novas competências, demonstrar habilidades específicas, rever valores, conceitos e práticas que apresentam características diferentes dos ambientes presenciais. Por outro lado, o trabalho docente em AVA remete às discussões sobre a profissionalização docente, considerando as mudanças temporais e espaciais, as condições objetivas das práticas, os saberes, os conhecimentos e as habilidades comunicativas que os professores acionam para desenvolver o trabalho.

A realização deste estudo se justificou pela necessidade de estudar práticas docentes na educação online, uma área relativamente nova, que vem se estruturando nos últimos anos, apresentando um corpo teórico em constituição e que necessita de resultados advindos da

prática para ocupar devidamente os espaços que se abrem com o desenvolvimento cada vez mais acelerado das TIC e da EAD como alternativa de formação.

Esses fatos nos mobilizaram a levantar neste estudo, a seguinte problemática: como se deu a atuação dos tutores na promoção da interatividade e na construção de vínculos afetivos possibilitadas pelos fóruns no Ciclo Básico do Mídias na Educação? Para esclarecermos esse problema, partimos da hipótese de que a postura assumida pelos tutores favoreceu a interatividade e a construção de vínculos afetivos nos fóruns realizados durante o Ciclo Básico do Mídias na Educação.

Verificamos qual a contribuição dos tutores para a promoção da interatividade e para a construção de vínculos afetivos, através da interface fórum, como elementos constitutivos de comunidades de aprendizagem no Mídias na Educação.

Para alcançar esse objetivo, foi necessário: situar a tutoria no contexto da EAD e na perspectiva da profissionalização docente; levantar o perfil dos tutores que atuaram no Mídias na Educação; discutir a atuação dos tutores durante o Ciclo Básico na primeira edição do Mídias na Educação em Alagoas (setembro/2006 a julho/2007), numa perspectiva avaliativa, tanto do ponto de vista dos alunos, como do ponto de vista dos próprios tutores; analisar a participação dos tutores nos fóruns, com vistas à promoção da interatividade e à construção de vínculos afetivos.

Realizamos uma pesquisa qualitativa com caráter exploratório, empreendida através do estudo de caso que permite a utilização de diversas fontes de dados. Na coleta de dados fizemos uso de recursos da pesquisa qualitativa online, utilizando o e-mail para efetuar contatos com os sujeitos da pesquisa e coletar os dados necessários.

O método utilizado envolveu três fontes para coleta de dados: 1) consultas aos fóruns das cinco turmas que concluíram o Ciclo Básico do Mídias na Educação (1ª oferta), disponíveis no ambiente e-Proinfo; 2) entrevistas estruturadas, realizadas individualmente, via e-mail, com quatro tutores do curso; 3) questionários aplicados com alunos que concluíram o Ciclo Básico.

O estudo permitiu caracterizar a atuação dos tutores no Ciclo Básico do Mídias na Educação, bem como apontar indicativos para melhoria dessa prática.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na revisão de literatura buscamos referências que contribuíssem para entendermos diversos aspectos da tutoria. Esta se constitui como uma das tarefas mais complexas da prática docente na educação online, exigindo diferentes competências para o desempenho das funções de tutor, tais como: competências técnicas,

pedagógicas, comunicacionais, de iniciativa e criatividade, gerenciais, sociais, profissionais, entre outras. A atuação do tutor tem sido apontada como decisiva para a permanência do aluno no curso.

Abordamos atividades docentes em AVA, discutindo conceitos tais como: educação online, AVA, docência e docência online, com base em Silva (2006a), Alves e Nova (2006), Moran (2006), Moore e Kearsley (2007) Almeida (2003), Mendonça (2007). Discutimos as implicações do trabalho docente na educação online a partir das contribuições de Mill (2006), Mill, Santiago e Viana (2008), Mercado (2006a, 2006b), Silva (2008), Neves e Fidalgo (2008), Fidalgo e Faria (2008), Maia e Mattar (2007). Abordamos também a questão da formação para a tutoria e os paradigmas instrucionistas e construcionistas, com subsídios de Gianasi et al(2005), Garcia Aretio (2002), Schimid (2004), Cejudo (2006), Mercado (2006a), Freire (1987, 2006), Almeida (2000), Silva (2001, 2003), entre outros.

Os autores que tratam especificamente da educação online indicam que a atuação na tutoria online envolve uma importante mudança de postura, relacionada aos paradigmas educacionais. Os tutores geralmente precisam superar uma formação instrucionista, para atuar numa perspectiva construcionista. Isso se constitui em um desafio para as propostas de formação para a tutoria e também para a própria atuação dos tutores. A formação deve ser pautada em atividades crítico-reflexivas, que privilegiem a articulação entre teoria e prática, levando a assumir de fato uma prática construcionista.

As propostas de formação para tutoria apontam para a necessidade de uma vivência em AVA, incluindo os fundamentos da comunicação e da interação; as teorias da aprendizagem. As atividades deverão permitir o aprimoramento de habilidades de comunicação, de interação e de liderança, além de reflexões sobre as metodologias e a gestão do conhecimento em educação online, para que seja possível deslocar o foco do ensino para a aprendizagem. A formação deve ser contínua, permitindo a avaliação constante da prática e a retroalimentação, para que o tutor conheça os significados e conseqüências de sua atuação no processo de ensino e de aprendizagem a distância.

Em se tratando do trabalho docente na educação online exercido pelo tutor, profissionalização e proletarianização geram discussões, pois este trabalho tem características específicas, uma das quais é a flexibilização espaço-temporal. O acompanhamento de um curso online exige do tutor bastante disponibilidade de tempo: para a leitura do material; envio de orientações aos alunos; acompanhamento das atividades dos alunos no AVA no qual o curso se realiza; interações nos fóruns; avaliação e devolução de atividades comentadas; além de um esforço extra para manter o interesse dos alunos no curso.

É um trabalho geralmente feito na própria residência do tutor, proporcionando, de um lado, uma intensificação do trabalho docente, sem a valorização profissional e remuneração condizentes. Por outro lado, a ausência de regulamentação legal impossibilita qualquer garantia em termos de direitos e deveres que fazem parte do processo de profissionalização.

A administração do tempo pelo tutor constitui-se em uma dificuldade, pois o trabalho invade o contexto familiar tomando tempo de descanso, de lazer, de atenção à família. O trabalho na internet é absorvente, fazendo que se perca a noção do tempo, que se comprometa horas de sono, entre outros aspectos.

Esses são aspectos que contribuem para a proletarização do trabalho na docência online, caracterizando-se pela intensificação desse trabalho, tanto pela necessidade de formação permanente em virtude do surgimento constante de novos recursos na internet, como pela necessidade da presença no ambiente do curso, como fator importante na permanência do aluno.

Há entre os autores citados, quem ressalte a necessidade de criação de organismos sindicais que possam orientar os tutores em relação a direitos e deveres peculiares a esse trabalho, bem como a organização de uma legislação apropriada que garanta os direitos desses trabalhadores, uma vez que várias tecnologias estão a serviço da exploração capitalista. As reflexões sobre as questões relativas à profissionalização na docência online revestem-se de importância num contexto de ampliação e busca da qualidade nesta modalidade, uma vez que esta dependerá também da qualidade dos profissionais que aceitam o desafio de nela construir um novo sentido para o seu fazer pedagógico.

A interatividade e a afetividade são referenciais para a atuação do tutor, por isso discutimos conceitos de interatividade, cooperação, colaboração, aprendizagem colaborativa, em diálogo com Okada (2006), Belloni (1999), Vygotsky (2007), Valente (2009), Silva (Silva 2006a, 2006b), Bueno (2006), Palloff e Pratt (2002), Costa, Paraguaçu e Mercado (2006).

Com base nesses autores, trabalhamos com o conceito de interatividade como base de um processo comunicativo, no qual se instala a interação dialógica. Os interlocutores vão além da simples pergunta/resposta, trazendo ao diálogo suas reflexões, novas questões que geram novas intervenções, análises, críticas, lições aprendidas, demonstrando uma interação prévia com os materiais de estudo. Essa interatividade pressupõe o envolvimento cognitivo e afetivo dos participantes que efetuam trocas significativas, aprendendo e ensinando mutuamente, estabelecendo o processo de aprendizagem colaborativa.

As relações entre afetividade e aprendizagem foram discutidas a partir de Silva (1998), Longhi et al (2009), Damásio (1996), Oliveira (1992), Mahoney

e Almeida (2005), Vygotsky (1993) e Dantas (1992). Tratando especificamente dos processos de aprendizagem em pessoas adultas, estabelecemos diálogo com Almeida (2009), Placco e Souza (2006), Oliveira (1992). A discussão sobre construção de vínculos afetivos em ambientes virtuais de aprendizagem foi feita em interlocução com Palloff e Pratt (2004), Bruno (2008), Souza e Sousa (2008), Mercado (2008), Ramos (2005), entre outros.

Emoção e afetividade são elementos a serem considerados em qualquer fase da vida, pois como constituintes do ser pluridimensional, estarão presentes em todas as situações que envolvam relações entre pessoas, especialmente nas situações de aprendizagem, compreendida como processo construído socialmente, na interação entre sujeitos históricos. As dimensões do afeto e da cognição estão relacionadas e não podemos separar a vida emocional dos outros processos psicológicos e do desenvolvimento da consciência.

O desenvolvimento emocional do ser humano passa por diversas fases que devem culminar com o amadurecimento na idade adulta, levando a que conheça melhor suas possibilidades, limitações, pontos fortes, motivações, valores e sentimentos, criando possibilidade de escolhas mais adequadas nas diferentes situações de vida. Por outro lado, a perspectiva do aprender ao longo da vida, exigência do tempo presente, que faz com que adultos busquem a EAD em seu processo de formação permanente, torna necessários a retomada de estudos com foco no processo de aprendizagem dos adultos, reforçando os questionamentos à pedagogia tradicional.

Nos AVA, a mediação realizada pelo tutor se concretiza nas interações propostas em diversas interfaces, nas quais a comunicação se dá por meio da linguagem escrita, através da qual se estabelecem os diálogos e a interatividade, especialmente nos fóruns de discussão. Faz parte da ação mediadora da tutoria a produção de vínculos afetivos através da escrita, sendo necessário para isso conhecer bem o aluno e seu perfil.

A criação dos vínculos afetivos está relacionada ao assumir de responsabilidades tanto do tutor quanto do aluno. Para que haja interatividade de fato, é necessário que os alunos do curso online estejam muito atentos aos prazos das atividades ou sua participação será reduzida a um mero cumprimento de tarefa, o que os faz permanecer no curso, mas sem a qualidade que se deseja do aprendizado colaborativo, do diálogo que é compartilhar de sentidos e condução a novos sentidos.

METODOLOGIA

Para podermos investigar a atuação dos tutores que atuaram no Mídias na Educação optamos pela abordagem metodológica qualitativa uma vez que a

pesquisa ocorreu num ambiente de aprendizagem online, que pode ser considerado um ambiente natural, incluiu mais de uma estratégia de investigação e a análise se constituiu uma tarefa interpretativa.

A pesquisa teve um caráter exploratório, e foi empreendida através de estudo de caso (YIN, 2001; CRESWELL, 2007; FLICK, 2004), pelo fato de tomar como foco a prática docente num AVA. O estudo de caso, que permite trabalhar com diversas fontes de evidência, é definido por Yin (2001, p. 32) como “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real”; neste caso as práticas da tutoria no Mídias na Educação.

A investigação se deu no contexto da primeira edição do Mídias na Educação, realizada em Alagoas no período de setembro de 2006 a julho de 2007 e para cumprir os objetivos propostos foi necessário realizar uma revisão de literatura; capturar registros feitos nos fóruns do AVA e-Proinfo; selecionar fóruns para análise; realizar entrevistas e aplicar questionários.

Para coletar os dados necessários, fizemos uso de recursos da pesquisa qualitativa online. Todos os contatos com os sujeitos da pesquisa foram realizados via e-mail. Os instrumentos utilizados - questionários e entrevistas – foram encaminhados e recebidos via e-mail. Nessa etapa da pesquisa foram envolvidos 4 tutores que atuaram no Ciclo Básico do Mídias na Educação e 19 alunos concluintes da 1ª oferta do curso em Alagoas. Os demais dados foram coletados a partir de consulta realizada nos fóruns realizados.

Os dados coletados sobre o Ciclo Básico do Mídias na Educação – 1ª Oferta contribuíram para que tivéssemos uma avaliação geral de como se deu sua realização. A coleta de dados foi realizada em três etapas: consulta aos fóruns, aplicação de questionários e realização de entrevistas.

A etapa de consulta aos fóruns foi iniciada com o mapeamento da presença de tutores e alunos e seleção de 5 deles para análise.

Os dados foram organizados em tabelas e gráficos. O suporte estatístico permitiu uma melhor visualização dos aspectos que destacamos durante as análises efetuadas

Durante o Ciclo Básico do Mídias na Educação foram realizados 23 fóruns, por isso foi necessário fazer uma seleção entre estes. Para a seleção mapeamos a presença de tutores e alunos em cada um dos 23 fóruns, nas 5 turmas que finalizaram o ciclo. A seleção foi realizada de acordo com os seguintes critérios: a) fóruns que foram realizados como atividades obrigatórias; b) um fórum de cada módulo com a maior incidência da presença tutor/aluno; c) o tema colocado em discussão, priorizando aspectos da prática dos professores e

reflexões críticas; d) um fórum de cada turma, atendendo a todos os tutores; e) presença de diálogos significativos.

Os fóruns selecionados por módulo e turma estão no quadro 1, apresentado a seguir.

Quadro 1 – Fóruns selecionados para análise por módulo e turma

MÓDULO	TURMA	FÓRUM
Introdutório	1	Tecnologias na educação
TV e Vídeo	3	TV na escola e os desafios de hoje
Rádio	5	Rádio na escola
Informática	2	O computador e seu funcionamento
Material Impresso	4	Importância do livro

A aplicação dos questionários teve como objetivo avaliar a atuação do tutor no cumprimento das funções básicas da tutoria, de acordo com o ponto de vista dos alunos.

Dos 26 questionários enviados via e-mail aos alunos que concordaram em participar da pesquisa, recebemos 19 questionários respondidos. A providência seguinte foi localizar as turmas às quais esses alunos pertenciam, para verificar se havia representação de alunos de todas elas, para termos uma visão geral do trabalho desenvolvido pelos tutores. Verificamos que tivemos alunos de todas as turmas, de forma que os dados colhidos nos permitiram avaliar a atuação dos tutores como um todo.

A entrevista teve como objetivo propiciar uma reflexão sobre a tutoria online, a partir da experiência dos tutores no Ciclo Básico do Mídias na Educação. A entrevista possibilita a expressão dos pontos de vista dos sujeitos entrevistados sobre o processo vivenciado (FLICK, 2004). Proporciona também um momento de auto avaliação, pois, conforme afirma Bentes (2009, p. 168), isto faz parte da responsabilidade individual, e é o próprio tutor que pode falar e valorizar “o esforço realizado, o tempo dedicado, as dificuldades superadas, a satisfação ou insatisfação, resultantes do seu trabalho”.

A entrevista foi enviada via e-mail, e, após a leitura, quando houve necessidade, devolvemos o texto, assinalando o que deveria ser esclarecido. Após a complementação das respostas, a entrevista nos foi novamente devolvida.

O uso de recursos da pesquisa qualitativa online, nesse caso o e-mail, na coleta de dados foi vantajoso por permitir o acesso ao registro escrito imediatamente,

evitando a fase cansativa de transcrição de dados, constituindo-se em ganho de tempo para o pesquisador.

A análise dos dados coletados nesse estudo está estruturada em três itens: Avaliando a atuação dos tutores; Refletindo sobre a prática e Analisando os fóruns. No primeiro item analisamos os dados dos questionários; no segundo item os dados da entrevista e no terceiro fizemos a análise dos dados coletados na consulta aos fóruns. Aqui retomamos as funções da tutoria, o perfil do tutor com base em Garcia Aretio (2002), Schmid (2004), Cejudo (2006), Palloff e Pratt (2002), Mercado (2006a); os saberes da docência em interlocução com Tardif (2002) e Kullok (2004); inclusão digital e letramento digital com as contribuições de Oliveira (2006), Araújo (2007), Almeida (2005), Oliveira, Lima e Mercado (2008). Apresentamos os parâmetros para análise da interatividade em fóruns propostos por Stokes (2004) e a questão da dialogicidade nos fóruns com base em Bakhtin (1981).

A partir dos dados coletados fizemos uma análise da atuação dos tutores no Mídias na Educação, tentando responder às questões: como se deu esta atuação sob o ponto de vista dos alunos e dos próprios tutores? As funções da tutoria foram devidamente cumpridas? Qual a contribuição do tutor para a interatividade nos fóruns? Quais os elementos afetivos que transparecem nos fóruns?

Para preservar o anonimato, os participantes da pesquisa foram identificados por números, de acordo com a ordem de envio do material. Os alunos foram reconhecidos como Aluno 1, Aluno 2, e os tutores seguiram a mesma ordem Tutor 1, Tutor 2, sucessivamente, de acordo com a ordem de recebimento do questionário e da realização da entrevista respectivamente. Na análise dos fóruns, as referências são os títulos dos fóruns, nos quais as falas aparecem, desta forma o tutor foi identificado apenas como tutor e os alunos como aluno a, aluno b, aluno c, de acordo com a ordem de participação no diálogo.

As categorias para a análise foram estabelecidas a partir da revisão da literatura e definidas desde a elaboração dos instrumentos utilizados na coleta de dados.

Na análise do questionário apresentamos a avaliação que os alunos fizeram da atuação da tutoria, considerando as três funções básicas desta.

A partir das entrevistas, elaboramos um perfil dos tutores que atuaram na primeira oferta do programa e abordamos questões relativas ao trabalho docente na educação online e ao exercício da tutoria. Por esta razão, os dados coletados na entrevista foram organizados em duas categorias: implicações do trabalho docente na educação online e o exercício da tutoria no Mídias na Educação. Em cada uma, estabelecemos subcategorias.

Nos fóruns analisamos a atuação do tutor na promoção da interatividade considerando: a) as interações

dialogicas, b) atividades cognitivas presentes (formulação de perguntas, esclarecimento de questões, remissões ao conteúdo, realização de sínteses); c) exploração de novas possibilidades (apresentação de experiência pessoal, referências à literatura) e d) a presença de elementos afetivos (expressões de estímulo ou valorização do aluno, uso de expressões padronizadas, personalização das mensagens).

Na análise descrevemos os dados coletados quantitativa e qualitativamente, seguida de relatórios descritivos da leitura realizada, com respaldo do quadro teórico, explicitando como se deu a atuação dos tutores na primeira oferta do Mídias na Educação.

RELATO DA PESQUISA E SEUS ACHADOS

O Mídias na Educação foi proposto pela SEED/MEC, em parceria com as universidades federais e as secretarias estaduais e municipais de educação, com o objetivo de atender à demanda por formação continuada de professores para uso das TIC nas escolas públicas (MEC/SEED, 2005).

Entre seus objetivos, destacam-se a identificação dos aspectos teóricos e práticos no contexto das diferentes mídias e no uso integrado das linguagens de comunicação: sonoras, visuais, impressas, audiovisuais, informáticas, telemáticas, bem como a exploração do potencial dos Programas da SEED/MEC (TV Escola, Proinfo, Rádio Escola, Rived) e os desenvolvidos por IES ou Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, no Projeto Político Pedagógico da escola, sua gestão no cotidiano escolar e sua disponibilidade à comunidade.

Na primeira oferta do curso, o Ciclo Básico teve início em setembro de 2006 e foi concluído em agosto de 2007. Este ciclo constitui o núcleo em torno do qual se estruturam os demais ciclos, engloba a discussão sobre a utilização das mídias em diferentes concepções pedagógicas, os fundamentos e a aplicabilidade das principais mídias no ensino e na aprendizagem. Organizado em seis módulos, aborda as concepções e tendências da integração de mídias na educação. Os módulos são: Introdutório (30 h); Televisão e Vídeo (15h); Rádio (15h); Informática (15h); Material Impresso (15 h); Gestão Integrada de Mídias (15h). Além dos seis módulos, apresenta o Projeto Galeria de Mídias (15h), no qual os projetos finais dos alunos serão disponibilizados.

O curso é realizado no AVA e-Proinfo, ambiente colaborativo de aprendizagem do MEC (www.eproinfo.mec.gov.br). As interfaces disponíveis no e-proinfo e que foram utilizadas no curso são: Apoio (Agenda, Referência, Tira-Dúvidas); Interação (Webmail, Fórum, Enquete, Chat, Diário de Bordo), Biblioteca (Material do aluno, Material do Professor), Módulo (Atividades do Módulo, Atividades da Turma, Conteúdo do Módulo). Entre as interfaces de interação, as mais utilizadas foram o diário de bordo e o fórum. Neste estudo destacamos o

fórum porque além da ampla utilização em todos os módulos do Ciclo Básico, é o espaço do encontro da turma, propício à observação da atuação do tutor.

A análise dos dados foi realizada a partir dos instrumentos utilizados na coleta de dados e estruturada em três itens: avaliando a atuação dos tutores; refletindo sobre a prática e analisando os fóruns. No primeiro item analisamos os dados dos questionários; no segundo item os dados da entrevista e no terceiro fizemos a análise dos dados coletados na consulta aos fóruns.

a) Avaliando a atuação dos tutores

Na avaliação que os alunos realizaram foram consideradas as três funções básicas da tutoria: função orientadora, função acadêmica e função institucional. As três funções básicas da tutoria foram cumpridas a contento pelos tutores. Há ressalvas (1 a 3%) nos itens perspectiva pedagógica, aspectos comunicacionais e interacionais, afetividade e cooperação para a autoaprendizagem. O quadro 2 mostra o resultado da avaliação que os alunos sobre a atuação dos tutores no Mídias na Educação.

Quadro 2 – Resultado geral da avaliação realizada pelos alunos

Funções/ Aspectos	Percentual (%)				
	0	2	3	4	5
	Precisa melhorar	Regular	Bom	Ótimo	Excelente
1. Função orientadora da tutoria					
1.1 Quanto ao relacionamento interpessoal	0	0	6	24	70
1.2. Quanto à perspectiva pedagógica	0	1	10	24	65
1.3. Quanto aos aspectos comunicacionais e interacionais	2	1	11	17	68
1.4. Quanto à afetividade	0	3	15	12	71
2. Função acadêmica da tutoria					
Quanto à cooperação para o processo de auto-aprendizagem do aluno	0	2	9	21	68
3. Função institucional da tutoria					
Quanto à operacionalização do curso	0	0	2	22	76

Fonte: Questionários aplicados na pesquisa

De modo geral, o desempenho dos tutores nas cinco turmas concluintes foi avaliado preferencialmente como bom, ótimo ou excelente, ficando a excelência com mais de 60% da preferência dos alunos em todos os itens. Os alunos apresentaram justificativas para essa avaliação positiva, conforme podemos observar:

Posso atribuir a nota máxima a esta tutora específica sem a menor dificuldade, por ter tido experiência com outros dois tutores na continuação do curso, e que sinceramente deixaram muito a desejar. Ao contrário desta tutoria que estava sempre “mesmo” a disposição com todo o profissionalismo e dedicação, numa tarefa que sei não foi fácil, ao lidar com turma de mais de quarenta alunos, na grande maioria sem o menor conhecimento de informática como eu, que tinha dificuldade e abrir uma janela para analisar o material, enfim, o apoio integral desta tutoria foi fundamental para a minha continuação no processo (Aluno 4).

A avaliação dos alunos mostra a importância do estabelecimento de um relacionamento cordial, respeitoso e de valorização do aluno. Para Mercado (2006a) isso significa que o tutor deve ter a capacidade de facilitar o ambiente virtual, introduzindo uma “matriz de humanização”, visto que é a forma de lidar com os alunos que irá aproximá-los, superando a distância que pode gerar sentimentos de solidão.

No Mídias na Educação, a UFAL cuidou para que os tutores inicialmente vivenciassem o curso como alunos, oportunizando o estudo do conteúdo e a interação com as ferramentas do e-Proinfo. Num segundo momento, a instituição propiciou ao grupo uma formação em tutoria online e instituiu um processo de formação continuada com encontros periódicos nos quais as dúvidas, dificuldades, avanços foram discutidos e encaminhados. Acreditamos que esse processo formativo contribuiu para o desempenho adequado da funções da tutoria pelos tutores do curso.

O cumprimento adequado de cada uma dessas funções demanda bastante tempo. O acompanhamento dos alunos exige uma atenção especial para evitar problemas que possam comprometer a qualidade do curso. Assim como para os alunos, o tempo é um fator bastante desfavorável para os tutores que acumulam atividades diversas e ainda não têm o devido reconhecimento profissional, entretanto isto não impediu uma atuação com qualidade sob o ponto de vista dos alunos que participaram desta pesquisa.

b) Refletindo sobre a prática

A reflexão sobre a tutoria online a partir da experiência dos tutores no Mídias na Educação, constituiu-se um momento de avaliação do trabalho desenvolvido e também um momento de auto avaliação, pois é o próprio

tutor que pode falar sobre os fatores relevantes e sobre os resultados do seu trabalho.

No primeiro tópico da entrevista levantamos o perfil dos tutores, constatando que há uma prevalência da presença feminina (75%), com apenas 25% de presença masculina. Quanto à faixa etária, 25% está na faixa dos 25 a 30 anos, enquanto 75% tem acima de 45 anos. Quanto à formação acadêmica, todos são licenciados (Letras, História, Biologia e Pedagogia), possuindo pós-graduação, sendo 50% mestrado e 50% especialização. O tempo de serviço está relacionado à faixa etária, pois encontramos 25% com menos de 5 anos, 25% entre 20 e 25 anos e 50% com mais de 25 anos de serviço. Quanto ao local de trabalho 75% atua apenas em instituição pública e 25% em instituição pública e privada. O quadro 6 ilustra o perfil levantado:

Os demais tópicos abordaram questões relativas ao trabalho docente na educação online e ao exercício da tutoria. Por essa razão, os dados coletados na entrevista foram organizados em duas categorias: implicações do trabalho docente na educação online e o exercício da tutoria no Mídias na Educação.

Na categoria Implicações do trabalho docente na educação online observamos que no contexto das mudanças causadas pela globalização da economia, a profissão docente também passa por modificações, impondo a incorporação de habilidades e competências para lidar com as TIC.

O trabalho docente na educação online é um trabalho complexo, que exige dos professores uma formação constante para acompanhar o desenvolvimento de novas interfaces que surgem constantemente na internet. É um trabalho geralmente realizado em casa, demanda tempo e disposição para acompanhamento do curso no AVA. A remuneração através de bolsas é incompatível com a responsabilidade e a carga horária necessária. Essas implicações exigem um olhar sobre a questão da profissionalização-proletarização desse trabalho.

Para discutir essas implicações, propusemos aos tutores questões envolvendo: a) a organização do trabalho; b) o significado da tutoria; c) a distinção entre docência e tutoria; d) requisitos para atuação; e) características de um bom trabalho docente na educação online; f) dificuldades no desenvolvimento da docência online; g) preocupações sobre a profissionalização; h) interferências na vida pessoal.

Em relação à organização do trabalho foram apontadas: demanda de tempo, flexibilização do tempo, falta de delimitação de papéis, questão paradigmática. Para o grupo a tutoria significa desafio, exige compromisso, organização e muita responsabilidade, além de ser um trabalho bastante envolvente. Não houve distinção entre docência e tutoria, pois o grupo considera que isso é

apenas de uma questão de nomenclatura, a distinção ocorre na estruturação dos cursos, de acordo com a instituição que o propõe.

Quanto aos requisitos para atuação, o grupo aponta a necessidade de formação em curso de licenciatura, conhecimento do AVA, dos conteúdos do curso e do perfil dos alunos, assinalando a necessidade de tempo disponível para o acompanhamento, pois um bom trabalho docente é caracterizado pelo acompanhamento sistemático do aluno, pela interação e isso dependerá da qualificação dos tutores.

Foram apontadas como dificuldades as condições de infraestrutura, a falta de conhecimentos de informática básica e a qualidade de acesso à internet pelos alunos. O AVA e-Proinfo também é pouco amigável para quem não está familiarizado com ele. A fragmentação do trabalho também surgiu como uma dificuldade, uma vez que no Mídias os tutores foram responsáveis apenas pela realização do curso junto aos alunos. Acusam que o trabalho interfere na vida pessoal, pois provoca a diminuição do tempo dedicado à família e ao lazer, das horas de sono, gerando inclusive problemas de saúde, embora tais problemas não tenham sido especificados.

Apesar de reconhecerem as implicações e a necessidade de valorização desse trabalho, os tutores não demonstram uma mobilização pessoal no sentido de reivindicar sua profissionalização, apenas afirmando uma necessidade de aprofundamento nessa questão, não devendo permanecer indiferentes a ela. A tutoria é de certa forma uma atividade periférica, já que todos exercem outras atividades profissionais.

Na categoria exercício da tutoria no Mídias na Educação, delinhamos o perfil dos tutores do Mídias na Educação, os quais são educadores com formação superior em diversas áreas, todos com pós-graduação. A eles cabe o acompanhamento e avaliação dos alunos no decorrer do curso, dando respostas as suas dúvidas; correção e comentário das atividades; ajuda para a compreensão dos materiais do curso por meio das discussões e explicações, bem como no planejamento dos trabalhos; o fornecimento de informações via telefone e/ou interfaces de interação do AVA; atualização de informações sobre o progresso dos cursistas e ainda o fornecimento de feedback aos coordenadores sobre os materiais dos cursos e as dificuldades dos cursistas, fazendo a intermediação entre estes e a instituição.

Para análise da prática dos tutores no curso de Mídias, procuramos abordar questões relativas ao curso, os requisitos para atuação nele, o papel do tutor no curso, as dificuldades enfrentadas, bem como sobre os fundamentos da aprendizagem na educação online: a interatividade, a afetividade e a comunidade de aprendizagem.

Na opinião dos tutores, o curso é uma política pública importante de formação de professores, visto

que procura instrumentalizar o professor para uma utilização efetiva das TIC na escola, procurando vencer resistências ainda existentes. Em sua dinâmica apresenta aspectos positivos tais como a organização dos módulos, a interação, a metodologia que privilegia o trabalho com projetos, a escola como lócus da pesquisa, a integração de mídias, o resgate da mídia rádio. E aspectos negativos como a carga horária ínfima do momento presencial inicial e a repetição de atividades. O trabalho no e-Proinfo é facilitado pela familiaridade com suas ferramentas, mas é difícil para os alunos iniciantes.

Para atuação no curso é necessário tempo, acessibilidade, flexibilidade, conhecimento da dinâmica dos cursos online, do papel do tutor, dos conteúdos do curso, das TIC e do ambiente e-Proinfo, além de experiência anterior como aluno da EAD. Visto que o papel do tutor é tirar as dúvidas e resolver as dificuldades, favorecer a interação, realizar um acompanhamento sistemático, e estar presente constantemente no ambiente, realizando a mediação, ouvindo, negociando, ajustando, pois sua tarefa é realinhar metas, auxiliar nas decisões, aproximar as pessoas para que a aprendizagem seja efetiva e significativa.

Interatividade para o grupo significa troca e no Mídias na Educação, ocorre principalmente no espaço dos fóruns. Consideram que foi limitada pela pouca participação de parte dos alunos. A interatividade deve ser promovida pelo tutor questionando, orientando, instigando, usando bem as interfaces, provocando o diálogo. A não disponibilidade do aluno para o processo interativo pode funcionar como fator de desestímulo para o tutor, conforme aponta o Tutor 4 “[...] às vezes por já deduzir que o aluno não vai dar retorno, faz um comentáriozinho [...]”. O que provoca no tutor o desejo de estar no ambiente é a presença efetiva dos alunos, se isto não acontece, ele cumpre a obrigação, mas sem a satisfação de ter os seus alunos envolvidos e trazendo contribuições significativas ao grupo.

Consideram que no Mídias na Educação as turmas formam comunidades de aprendizagem porque têm o objetivo comum, a interação, a partilha de experiências entre os participantes que manifestam o sentimento de pertença ao grupo.

Os tutores foram unânimes em afirmar que conseguiram estabelecer vínculos com a maioria dos alunos, com base em reconhecimento e respeito mútuo, atenção à individualidade, empatia. Todos afirmaram a possibilidade de percepção de elementos afetivos na constituição da comunidade de aprendizagem, tanto do tutor em relação aos alunos como o contrário. O tutor é responsável pelo clima de confiança e a qualidade da comunicação.

[...] Sempre recebo mensagens, indicações de material didático, de bibliotecas, de livros,

convites, cartões de mensagens. É bastante gratificante. Às vezes conhecemos pessoalmente em eventos e conversamos bastante ou chegam perto e dizem: - Ah! Você foi minha tutora (Tutor 2)

[...] Através da relação de parceria que se estabelece entre tutor/ cursista. Até hoje recebo mensagem de cursistas da minha primeira tutoria, em 2005. Eles sempre que necessitam de alguma informação, me procuram ou enviam mensagem (Tutor 3).

Nessa comunicação, o tutor expressa sua afetividade e envolvimento com os alunos, valorizando suas contribuições, buscando alternativas para contornar as dificuldades que surgem e até mesmo nas cobranças é necessário ter cuidado com a linguagem utilizada, no intuito de aproximar os alunos, estimulá-los a continuar.

As expressões que escrevemos nas orientações e cobranças das atividades, e frases que escrevemos no final das orientações, as mensagens que enviamos nas datas comemorativas e nos finais de semana. Um telefonema para saber o que houve que não cumpriu a tarefa, um email para saber se houve melhora na saúde (Tutor 4).

É certo que a afetividade e sua expressão através da linguagem escrita nas diversas interfaces do AVA, possibilitam a construção dos vínculos importantes para que haja no curso o diálogo que é compartilhar de sentidos e condução a novos sentidos, conforme afirmam Souza e Sousa (2008) e que caracteriza a interatividade desejada numa comunidade de aprendizagem de forma a se alcançar o objetivo do aprender em colaboração.

c) Analisando os fóruns

A partir do mapeamento realizado, selecionamos 5 fóruns, de forma a analisarmos a atuação dos 5 tutores responsáveis pelas turmas em cada um dos módulos.

A estrutura do fórum permite o acompanhamento das interações, tornando visível o processo dialógico que se estabelece. A partir do fluxo de mensagens, nas quais os participantes podem expressar suas idéias a respeito de um tema específico, discordar, refutar, reafirmar ideias postas pelos demais participantes, a interatividade se instaura, caracterizando-se de acordo com Silva (2006b), pela dialogicidade, multiplicidade e recursividade.

Nos fóruns realizados no Ciclo Básico do Mídias na Educação analisamos como se deu a atuação do tutor na promoção da interatividade e na construção de vínculos afetivos. Para fins de análise, buscamos subsídios em Stokes (2004), que, a partir de estudos de diversos autores, indica algumas estratégias para avaliação da interatividade em ambientes de aprendizagem. Embora a autora se refira aos participantes em geral, limitamos a observação dos indicadores à participação do tutor em relação ao tipo de atividade cognitiva que executou e em relação aos recursos que apresentou para

apoiar a exploração de novas possibilidades pelo grupo. Acrescentamos aos indicadores propostos por Stokes (2004) a identificação de interações dialógicas e da presença de elementos afetivos.

As observações realizadas foram organizadas em quatro categorias: a) interações dialógicas; b) atividades cognitivas presentes nas intervenções dos tutores; c) exploração de novas possibilidades pelo tutor, d) presença de elementos afetivos.

Consideramos interações dialógicas as unidades de diálogos presentes nos fóruns que envolveram pelo menos três pessoas. Observamos que, quanto maior a participação dos integrantes da turma, maior é também o número de interações dialógicas.

Em todas as turmas encontramos diálogos os quais mostram a coerência existente entre a questão proposta e as respostas dos alunos e aparecem predominantemente nos primeiros dias de realização do fórum. Este fator indica que aqueles alunos colocaram o curso entre as suas atividades semanais e dedicaram parte do seu tempo a ele, conforme é recomendado desde os primeiros contatos efetuados pelo tutor com esses alunos, sendo reforçado sempre como característica essencial ao aluno online.

A participação do tutor nos diálogos não ocupa uma posição central. Os alunos têm plena liberdade de conversar entre si. O tutor participa, não monopoliza a conversa, mas dá indicativos aos alunos do que considera uma boa argumentação.

Para análise das intervenções dos tutores definimos quatro atividades cognitivas possíveis de serem executadas pelo tutor nos fóruns: formulação de perguntas; esclarecimento de questões; realização de remissões ao conteúdo e realização de sínteses.

Observamos que em todos os fóruns existe formulação de perguntas, em intensidades diferentes, essas remetem ao conteúdo, são dirigidas e nem sempre o tutor espera a resposta, em alguns momentos faz a pergunta e logo em seguida fornece uma resposta, sem esperar a participação do aluno. Os questionamentos apresentados possibilitam reflexão e articulação teoria prática.

Há um predomínio do esclarecimento de questões. Nos fóruns, os tutores comentam, apresentam complementações às proposições dos alunos, acrescentando informações, fazendo sugestões e remissões aos textos da unidade estudada. Talvez uma parte das explicações que encontramos com grande incidência em todos os fóruns pudesse ser transformada em questões que instigassem a pesquisa, novas proposições, enriquecendo o processo dialógico e aumentando a possibilidade da interatividade.

Foram raras as sínteses de discussões que encontramos. Esta atividade cognitiva praticamente não foi exercitada durante os fóruns analisados. Identificamos

uma presença muito tímida em alguns dos fóruns e mais como retomada de aspectos gerais do conteúdo e não necessariamente na retomada das várias ideias circulantes em determinado intervalo de tempo, no espaço de duração do fórum.

Exploração de novas possibilidades pelo tutor significa apresentar outros referenciais que possam enriquecer o processo dialógico e acrescentar elementos significativos ao processo de construção de conhecimento. De acordo com Stokes (2004), essa construção pode ser observada quando se apresenta experiência pessoal e quando se acrescentam referências. Indica aos alunos a atenção dos tutores ao estudo, à pesquisa, ao processo de aprender, sempre em curso. Esse aspecto foi pouco vivenciado pelos tutores, nos fóruns em análise.

A identificação de elementos afetivos nos fóruns se deu considerando três categorias: expressões de estímulo/valorização das ideias dos alunos explícitas; uso de expressões padronizadas e personalização das mensagens. Encontramos expressões de estímulo, mensagens personalizadas, a presença constante do tutor. Aqui cabe salientar a importância do número de alunos nas turmas, ressaltando que um número superior a 50 alunos inviabiliza o acompanhamento mais individualizado pelo tutor, cujo tempo no AVA já extrapola a carga horária de 20 h semanais definida a priori.

Constatamos que há um esforço dos tutores para manter o grupo em atividade durante a realização dos fóruns, ora contribuindo a cada postagem do aluno, ora deixando que conversem entre si, destacando algum aspecto das falas que mereça uma reflexão maior.

A prática que se evidencia nos fóruns mostra a responsabilidade com que os tutores desempenharam o seu papel e é bastante positiva considerando como uma primeira experiência deles em tutoria online. Entretanto, a qualidade do trabalho está relacionada tanto ao número de alunos, quanto ao perfil da turma com a qual se trabalha. Professores e alunos têm muito a aprender sobre o processo de aprendizagem online, compartilhando responsabilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investigou como se deu a atuação dos tutores no Ciclo Básico do Mídias na Educação, em promover a interatividade e a construção de vínculos afetivos possibilitadas pelos fóruns, partindo da hipótese de que a postura assumida pelos tutores contribuiu para a efetivação desses processos.

Para alcançar o objetivo proposto, situamos a tutoria no contexto da EAD e na perspectiva da profissionalização docente, e estabelecemos o perfil dos professores que atuaram na tutoria no Ciclo Básico do Mídias na Educação. Avaliamos a atuação na perspectiva

dos tutores e dos alunos, verificando a coerência desta avaliação com a prática interativa presente nos fóruns.

Confirmamos a hipótese de que a postura assumida pelos tutores favoreceu a interatividade e a construção de vínculos afetivos, embora a interatividade tenha sido limitada e a análise dos vínculos afetivos tenha enfatizado apenas alguns aspectos relacionados à postura do tutor.

A avaliação realizada por 15% dos alunos que concluíram o Ciclo Básico do Mídias na Educação indica que os tutores, em sua maioria, conseguiram estabelecer vínculos com os alunos e realizaram a contento suas funções nesta primeira oferta do curso. Entretanto, os 1 a 3% que apontaram necessidade de melhoria em relação ao estabelecimento de vínculos afetivos e em relação ao cumprimento da função acadêmica, não podem ser desconsiderados, pois a análise dos fóruns também indica que houve falhas no processo de interação tutor-alunos em alguns dos módulos.

A partir dos dados coletados na entrevista, observamos que tutores do Mídias na Educação são profissionais que têm profundo interesse no uso pedagógico das TIC e na EAD e vêm buscando formação para atuar com qualidade na educação online. Reconhecem que é um trabalho desafiador, que exige responsabilidade, tempo e até alguns sacrifícios, mas é também um trabalho prazeroso, envolvente. Um trabalho de tutoria bem feito implica, segundo o grupo, o acompanhamento sistemático do aluno, estabelecendo uma rotina que permita respostas rápidas às dúvidas e angústias de forma a manter o grupo em atividade no curso. Os tutores consideram que trabalharam para que a interatividade acontecesse no curso: questionando, orientando, instigando, usando bem as interfaces, provocando o diálogo, mas não conseguiram obter respostas dos alunos na mesma medida. Constatamos que aconteceram interações dialógicas em todos os fóruns, em intensidades variáveis de uma turma para outra.

Quanto aos elementos afetivos presentes no processo dialógico, apontados por alunos e tutores, identificamos expressões de estímulo e valorização das ideias dos alunos explícitas em alguns dos fóruns e implícitas em outros. As mensagens personalizadas indicam um tratamento mais individualizado ao aluno, estimulando-o a participar do grupo, favorecendo o fortalecimento dos laços afetivos.

Das observações nos fóruns, consideramos que alguns aspectos merecem atenção no processo formativo de professores para a tutoria, com a finalidade de melhorar a qualidade das interações e dar ao fórum um caráter de interatividade: a) transformar afirmativas em perguntas para estimular a reflexão e o pensamento crítico; b) realizar sínteses para facilitar o acompanhamento das

discussões; c) apresentar experiências pessoais para resgatar conhecimentos construídos.

As práticas da tutoria no Mídias na Educação demonstram o conhecimento dos tutores acerca do fazer pedagógico na educação online e sua presença está bem marcada nos diálogos empreendidos nos fóruns. Entretanto, há muito o que aprender em relação a uma postura questionadora, que convoque os participantes à dialogicidade necessária na prática da interatividade. Há sem dúvida interação e esta é decisiva na aprendizagem, mas o grande desafio é conseguir a participação efetiva do grupo todo. Acreditamos que o nível de interatividade encontrado foi o possível naquele momento de primeira experiência na educação online, tanto para o tutor quanto para o aluno.

Uma atuação com qualidade na tutoria depende de uma boa formação do professor. A formação deverá privilegiar atividades crítico-reflexivas, que promovam a articulação entre a teoria e a prática; enfatizar o domínio de conceitos sobre a educação dialógica e interações discursivas; abordar os fundamentos a metodologia e estrutura da EAD; o uso articulado de diferentes mídias. As características pessoais e a subjetividade do professor também devem ser consideradas, pois além das competências adquiridas na formação, deve ter uma grande disponibilidade para o diálogo e para a escuta.

Dessa forma, um processo formativo adequado implicará em uma revisão dos cursos de licenciatura, para que ampliem seus currículos, incluindo as especificidades da EAD. Cursos de especialização voltados para a EAD e para a prática docente em AVA poderiam ser ofertados aos professores já em atividade, como formação continuada. O poder público também poderia colaborar estabelecendo políticas e diretrizes que regulamentem a formação e o trabalho em ambientes não presenciais.

Ao concluir esse estudo consideramos importante ressaltar três aspectos que geraram questionamentos e que podem ser investigados em estudos posteriores, pois, um ponto de chegada em um estudo é também um ponto de partida para estudos futuros. São eles:

a) Quanto à avaliação negativa realizada por um pequeno percentual de alunos: que fatores levaram esses alunos a avaliar negativamente atuação dos tutores em determinados aspectos? Faltou-lhes a atenção devida? Houve demora no atendimento de solicitações e na ajuda para resolução de dificuldades?

b) Quanto às interações dialógicas mais intensas em algumas turmas: deve-se ao perfil dos alunos? Os tutores dessas turmas conseguiram mobilizar de forma mais intensa seus alunos? O tema em discussão provocou o interesse dos alunos em participarem dos diálogos?

c) Quanto à ausência dos alunos no processo dialógico: o que significa o silêncio dos participantes?

Essas questões surgiram no processo de investigação sobre a tutoria no Mídias na Educação e ficam em aberto para que continuemos buscando a compreensão sobre o fazer pedagógico na educação online.

As práticas vivenciadas no Mídias na Educação nos levam a crer que a atuação dos tutores precisa se constituir em trabalho colaborativo e ter um acompanhamento da coordenação permeado por momentos de discussão, nos quais se reflita sobre o trabalho realizado, não somente em termos do cumprimento ou não de um plano de tutoria, mas em termos da qualidade desse fazer e de como isso interfere na dinâmica das turmas. Fazer o melhor deverá ser a meta e para isso a formação permanente é essencial, tanto como responsabilidade individual dos professores, que se aventuram pelos caminhos da educação online, como das instituições que propõem essa modalidade de educação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria E. As teorias principais da andragogia e heutagogia. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Manuel M. **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- _____. Letramento digital e hipertexto: contribuições à educação. In: SCHULÜZEN JUNIOR, Klaus; PELLANDA, Nize; SCHLÜNZEN, Elisa (orgs.). **Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- _____. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.29, n.2, p. 327-340, jul./dez. 2003.
- _____. **Proinfo: informática e formação de professores**. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2000.
- ALVES, Lynn; NOVA, Cristiane. Estação online: a “ciberescrita”, as imagens e a EAD. In: SILVA, Marco (org.). **Educação online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- ARAÚJO, Rosana S. Letramento digital e educação. In: MERCADO, Luis Paulo (org.). **Percursos na formação de professores com tecnologias da informação e comunicação na educação**. Maceió: Edufal, 2007.
- BAKTHIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BELLONI, Maria Luíza. **Educação a distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.
- BENTES, Roberto de F. A avaliação do tutor. In: LITTO, F. M.; FORMIGA (orgs.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- BRUNO, Adriana R. Mediação partilhada e interação digital: tecendo a transformação do educador em ambientes de aprendizagem, pela linguagem emocional. In: MORAES, Maria; PESCE, Lucila; BRUNO Adriana. **Pesquisando fundamentos para novas práticas na educação online**. São Paulo: RG, 2008.
- BUENO, Lourdes. Comunidades de aprendizagem: identidad y participacion. **Virtual Educa** 2006. Bilbao, junio de 2006.
- CEJUDO, María Del Carmen L. El tutor em e-learning: aspectos a tener em cuenta. **EduTec**, n. 20, p. 1-23. janeiro 2006.
- COSTA, Cleide J.; PARAGUAÇU, Fabio.; MERCADO, Luis P. Ferramentas de aprendizagem colaborativa na Internet. In: MERCADO, Luis Paulo (org.). **Experiências com tecnologias da informação e comunicação**. Maceió: Edufal, 2006.
- CRESWELL, Jonh W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookmann, 2007.
- DAMÁSIO, Antonio R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DANTAS, Heloisa. A afetividade e a construção do sujeito na Psicogenética de Wallon. In: DE LA TAILLE, Yves. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- FIDALGO, Fernando; FARIA, Lidiane; MENDES, Eliandra. Profissionalização docente e relações de trabalho. **Revista Extra-Classe**, n1, v2. Agosto 2008. Disponível em: <http://www.sinprominas.org.br/imagensDin/arquivos/481.pdf>. Acesso em 19 mar 2009.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35 ed. São Paulo: Paz e terra, 2006.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GARCIA ARETIO, Lorenzo. **La educacion a distancia: de la teoria a la practica**. Barcelona: Ariel, 2002.
- GIANNASI, Maria J. et al. A prática pedagógica do tutor no ensino a distância: resultados preliminares. **Virtual Educa**. México, 2005. Disponível em: <http://e-spacio.uned.es/fez/eserv.php?pid=bibliuned:19515&dsID=n02gianasi05.pdf>. Acesso em: 10 dez 2006.
- KULLOK, Máisa. Formação de professores: política e profis-

sionalização. In: MERCADO, Luis Paulo; KULLOK, Máisa. **Formação de professores: política e profissionalização**. Maceió: Edufal, 2004.

LONGHI, Magali T.; BEHAR, Patrícia.; BERCHT, M. A busca da dimensão afetiva em ambientes virtuais de aprendizagem. In: BEHAR, Patrícia e colaboradores. **Modelos pedagógicos em educação a distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 204-229.

MAHONEY, Abigail A.; ALMEIDA, Laurinda R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da educação**. [online]. 2005, vol.20 p.11-30. Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-9752005000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 out 2008.

MAIA, Carmem; MATTAR, João. **ABC da EAD: a educação a distância hoje**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MEC. **Mídias na Educação**. Brasília: SEED, 2005. Disponível em : <http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=content&task=view&id=199&Itemid=341>. Acesso em: 16 dez 2006.

MENDONÇA, Alzino F. Docência online: a virtualização do ensino. **Congresso Internacional de Educação a Distância**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/552007112719PM.pdf>. Acesso em 08 mar 2009. MERCADO, Luis P. **Ambiente virtual como ambiente de ensino e aprendizagem**, 2006a (mimeo).

_____. **Fundamentos da educação a distância**. Notas de aula, 2006b.

_____. Ferramentas de interação na tutoria online. **Actas do IX Congresso Iberoamericano de Informática Educativa**. Caracas, 2008. Disponível em: <http://aries.unimet.edu.ve/ribie.htm>. Acesso em 10 abr 2009.

MILL, Daniel. **Educação a distância e trabalho docente virtual: sobre tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sociais de sexo na idade média**. Tese de doutorado, UFMG, 2006. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/posgrad/BTD/2006/Tese07.pdf>. Acesso 10 mar 2009.

MILL, Daniel; SANTIAGO, Carla; VIANA, Inajara. Trabalho docente na educação a distância: condições de trabalho e implicações trabalhistas. **Revista Extra-Classe**, n1, v1, Fevereiro 2008. Disponível em: <http://www.sinprominas.org.br/imagensDin/arquivos/341.pdf>. Acesso 10 mar 2009.

MOORE, Michel; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MORAN, José. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José M.; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnolo-**

gias e mediação pedagógica. 10 ed. São Paulo: Papirus, 2008.

_____. Contribuições para uma pedagogia da educação online. In: SILVA, Marco (org.). **Educação online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

MOTA, Kátia M. As interações conversacionais em sala de aula. In: MERCADO, Luis Paulo; CAVALCANTE, Maria A. (org.) **Formação do pesquisador em educação: profissionalização docente, políticas públicas, trabalho e pesquisa**. Maceió: Edufal, 2007.

NEVES, Inajara; FIDALGO, Fernando. Docente virtual na educação a distância: condições de trabalho na rede privada de ensino. **SENEPT 2008**. Disponível em: http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/quarta_tema3/QuartaTema3Artigo7.pdf, Acesso em 19 mar 2009.

OKADA, Alexandra L. P. Desafio para a EAD: como fazer emergir a colaboração em ambientes de aprendizagem? In: SILVA, Marco (org.). **Educação online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

OLIVEIRA, A. S. Inclusão digital. In: MERCADO, Luis Paulo (org.). **Experiências com tecnologias de informação e comunicação em educação**. Maceió: Edufal, 2006.

OLIVEIRA, Carmen; LIMA, João G.; MERCADO, Luis P. Tutoria online no Programa de Formação Continuada de Professores em Mídias na Educação. In: MERCADO, Luis Paulo (org.). **Práticas de formação de professores a distância**. Maceió: Edufal, 2008.

OLIVEIRA, Marta K. O problema da afetividade em Vygotsky. In: LA TAILLE, Yves. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

PALLOFF, Rena; PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. **O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PLACCO, Vera M.; SOUZA, Vera L. **Aprendizagem do adulto professor**. São Paulo: Loyola, 2006.

RAMOS, Andréia F. et al. E-desafio: uma proposta de capacitação de tutores para a gestão do conhecimento na educação a distância. **CINTED-UFRGS**, v.3, n° 2, Novembro, 2005.

RAMOS, Bruna S. Aprendizagem mediada pela tecnologia digital: a experiência do fórum virtual de discussões em um projeto de educação a distância. **28ª Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, outubro de 2005.

- SCHMID, Ana M. Tutorias: los rostros de La educación a distancia. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**. Salvador. v.13, n. 22, p. 275-285, jul/dez 2004
- SILVA, Cecília A. **Psicopedagogia: em busca de uma fundamentação teórica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- SILVA, Marco. Criar e professorar um curso online: relato de experiência. In: SILVA, Marco (org.) **Educação online: teorias, práticas, legislação e formação corporativa**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2006a.
- _____. Entrevista com os professores Marco Silva e Edméa Santos. **Paidéi@**, Vol. 1, No 1, 2008. Disponível em: [http://revistapaidéia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paidéia&page=article&op=view&path\[\]=31&path\[\]=22](http://revistapaidéia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paidéia&page=article&op=view&path[]=31&path[]=22). Acesso em 10 mai 2009.
- _____. Marco. **Sala de aula interativa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006b.
- SILVA, Maria N. O impacto das novas tecnologias da comunicação e da informação nos processos de ensinar e aprender. **Cadernos UFS – Educação**. vol. 5, fasc. 3. São Cristóvão: Editora da UFS, 2003.
- _____. Subjetividade: a dimensão subsumida da formação do(a) professor(a). **Revista de Educação Pública**. Cuiabá: Editora da UFMT, v. 10, n. 17, jan-jun. 2001.
- SOUZA, C.A de et al. Tutoria como espaço de interação em educação a distância. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.13, p.79-89, set/dez. 2004.
- SOUZA, Elmara P; SOUSA Adriana S. **Formação continuada de professores: afetividade na interação online**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/5112008115055AM.pdf>. Acesso em 30 out 2008.
- STOKES, Helga. La interactividad em la educación a distancia: evaluación de comunidades de aprendizaje. **RIED**, v. 7, 2004, 144-172.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VALENTE, José. A. O “estar junto virtual” como uma abordagem de educação a distância. In: VALENTE, J. A.; BUSTAMANTE, Silvia B. V. (orgs.). **Educação a distância: prática e formação do professor reflexivo**. São Paulo: Avercamp, 2009.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7 ed. São Paulo: Michael Coles, 2007.
- _____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

TIC EM BLOG NA FORMAÇÃO DOCENTE SUPERIOR: NARRATIVA DE UM FORMADOR

Luís Paulo Leopoldo Mercado
Maria Neide Sobral

Resumo

Nesse estudo descrevemos e analisamos uma experiência, de natureza autobiográfica, sobre a utilização do blog como interface didática pelos professores do ensino superior. Trata-se de um curso que envolveu o acompanhamento de um grupo de 16 professores do ensino superior em formação na disciplina Metodologia do Ensino Superior do Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior. As atividades trabalhadas na formação envolveram a seleção de recursos tecnológicos nas atividades curriculares, subsidiando aulas dinâmicas e colaborativas, em que o conhecimento a ser construído se dá de forma compartilhada num espaço interativo entre professor e aluno. Essa análise demonstrou as potencialidades e dificuldades da ação pedagógica com integração de mídias na formação de professores do ensino superior.

Palavras-chave: blog, prática pedagógica, formação de professores, ensino superior

INTRODUÇÃO

Os desafios atuais postos para a formação de professores, exigem dispor de ambientes que permitam a autoria de conteúdos, a interação, a mediação pedagógica, a produção de conhecimento colaborativo e o desenvolvimento de competências na utilização de TIC.

A formação na Internet permite configurar diferentes cenários formativos que combinados podem proporcionar uma aprendizagem mais significativa comparação entre as diferentes situações de ensino em função de uma aula tradicional ou utilizando recurso da Internet.

No desenvolvimento dos processos de ensino, temos novas ferramentas da interação midiática. Pesquisadores têm se preocupado em investigar e analisar as possibilidades de uso das ferramentas da internet na educação. Pesquisas realizadas por Harasim et AL (2005), Palloff e Pratt (2004), Silva (2003), Mercado (2009) e Moore e Kearsley (2007) destacam a formação presencial e online utilizando ambientes voltados à construção de um conhecimento autônomo, numa abordagem transdisciplinar, dentro dos novos paradigmas educacionais.

Os blogs e fóruns permitem ampliar as possibilidades de criação coletiva e aproximação

de alunos e professores, como as principais contribuições que podem oferecer para o processo de ensino e aprendizagem.

Blogs são páginas de fáceis edição e publicação, no qual as informações (posts) tornam-se o elemento principal, que democraticamente vem possibilitando à todos publicar na Internet, como também permitem a elaboração de conteúdos, multiplicando assim o leque de opções ao referir-se em levar conteúdos à rede estabelecendo um pacto de leitura.

O foco deste estudo foi a descrição e análise de uma experiência formativa que realizei com professores do ensino superior, particularmente a utilização de blogs como interface midiática na disciplina, ocorrida na disciplina Metodologia do Ensino Superior do Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior de uma instituição privada de Maceió.

Relataremos uma experiência através de elementos autobiográficos, a partir da realização de uma prática de formação de professores do ensino superior para o uso integrado de TIC.

Este relato tem como objetivo analisar o papel do formador na integração de TIC pelos professores em formação.

Utilizaremos como recurso metodológico a pesquisa qualitativa (BAUER e GASKELL, 2002;

FLICK, 2009), através da história de vida, que envolve procedimentos biográficos usados para acompanhar, orientar, suscitar ou facilitar a elaboração dos projetos pessoais de indivíduos em formação.

Segundo Correia e Guiraud (2009, p. 680), a história de vida se utiliza da autobiografia centrada em indivíduos ou grupos sociais. Se ocupa em conhecer e aprofundar conhecimentos sobre de recuperando experiências de vida obtidas através de entrevistas que constroem uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e da trajetória dos sujeitos da pesquisa, ponderando esses fatos e sua importância em suas vidas.

A história de vida capta a visão subjetiva com a qual um mesmo ser vê a si e ao mundo, como interpreta sua conduta e a dos demais, como atribui méritos e impugna responsabilidades a si mesmo e aos outros. Essa visão subjetiva revela a negociação que toda vida requer entre as tendências repressivas da pessoa e as exigências de racionalidade para acomodar-se ao mundo exterior.

A PRÁTICA DO PROFESSOR COM TIC: uso do blog na docência do ensino superior

A Internet dispõe de uma variedade de recursos tecnológicos que associam publicação e interação e que atualmente estão revolucionando as formas de comunicação existente no contexto do ensino superior. Traz para o centro de discussão a necessidade em refletir a possibilidade de incluir esses recursos no ambiente de aprendizagem, com intuito de inovar e transformar a sala de aula num espaço aberto ao mundo.

Os recursos interativos como blogs podem ser utilizados como suporte pedagógico em situação de aprendizagem, possibilitar o acesso à informações de diferentes formas por meio de sons, imagens e textos, permitindo ao aluno obter, comparar e analisar informações, interagindo num espaço de escrita eletrônica com ensino contextualizado.

A utilização de blogs como interfaces didáticas tem demonstrado excelentes resultados de diferentes experiências que possibilita a utilização de blogs como ferramenta pedagógica auxiliando o processo ensino-aprendizagem, por serem páginas simples e de fácil criação, publicação e exigir um mínimo de conhecimento tecnológico.

O blog torna-se um espaço interessante e atrativo nos quais os alunos publicam idéias em tempo real, ampliam contato com outras culturas, numa abordagem de diversos assuntos, através de notícias, reportagens, pesquisas, debates ou através da criação de textos.

O blog traz como principal característica textos curtos que podem ser lidos e comentados com

criticidade, com objetivo de desenvolver o hábito de registro, gerenciar informações e transformar informação em conhecimento.

Professores podem criar um blog para discutir livros lidos, expor idéias sobre determinados assuntos, escrever e refletir sobre notícias diárias, criar projetos em grupo e uma diversidade de atividades. A possibilidade de os alunos se expressarem dinamiza naturalmente um espaço no qual a promoção da escrita eletrônica podem ampliar a motivação e o diálogo, compreendendo que professores e alunos sintam-se aliados no processo de ensino-aprendizagem.

Os blogs facilitam os trabalhos interdisciplinares e transdisciplinares, permitem alternativas interativas e suporte a projetos que envolvam a universidade e a comunidade, ajudam a construir redes sociais e redes de saber.

Através dos blogs os autores podem editar e atualizar mensagens no formato hipertextual, podendo disponibilizar textos, imagens, sons a qualquer tempo e espaço e permite também interagir com outros sujeitos. O blog permite que outros usuários possam intervir no conteúdo veiculado pelo autor do blog, que se pluraliza, compondo, assim, uma comunidade virtual.

A possibilidade de alteração do próprio ambiente é uma característica que diferencia os blogs de outros ambientes usados para a aprendizagem online, abre espaço para a emergência da autoria, que se manifesta quando os alunos produzem textos próprios, mas, também, quando começam a transformar o ambiente, tanto no aspecto estético como no estrutural.

A possibilidade de se manifestar no ambiente virtual, para todo o mundo, publicando conteúdo em qualquer formato de mídia, de maneira rápida e fácil, pelo próprio professor, estimula a abertura de espaços para a autoria, que se manifesta na produção pelos alunos ou professores dos seus próprios textos e escolhas das mídias textuais, imagéticas e sonoras disponibilizadas nas interfaces disponibilizadas no blog.

No trabalho pedagógico com os blogs, eles podem ser utilizados, de acordo com Nascimento et al (2008, p. 361),

no trabalho com projetos, pois permitem o registro da concepção, detalhamento e todas as fases até a sua finalização. Podem incentivar e facilitar os trabalhos interdisciplinares e transdisciplinares, dando visibilidade, alternativas interativas e suporte a projetos que envolvam a escola como um todo e, até mesmo, as famílias e a comunidade. Se o aluno quiser seguir investigando sobre o tema dado, poderão ser incluídos sucessivos artigos relacionados com propostas e fazendo seus comentários. É muito fácil que outras pessoas cheguem ao blog do aluno interessado pelo

tema escolhido e se forme uma comunidade em torno do aluno e da temática tratada.

A escrita num blog registra um percurso de um indivíduo, grupo, sala de aula, suas dificuldades, suas conquistas, suas preferências, configurando, assim, sua história. Os blogs são páginas pessoais, organizadas de forma cronológica, que permitem a difusão e intercâmbio de idéias entre usuários da Internet, mas com formatos atrativos, proporcionado por ferramentas que facilitam seu desenvolvimento sem ter que se preocupar da forma de implementá-los.

Para Gutierrez (2003) o blog possui estrutura hipertextual, permeada de links; utiliza textos geralmente sucintos, em blocos padronizados; são relatos pessoais, partindo de um ponto de vista próprio; são contextualizados e interpretados por comentários; são atualizados diariamente ou até várias vezes por dia; têm as postagens exibidas em ordem cronológica reversa; têm as postagens mais antigas arquivadas, permanecendo um link de acesso; possui acesso público e gratuito ao conteúdo da página; são intertextuais e interdependentes, possuindo ligação com outros textos.

TIC NOS BLOGS CONSTRUÍDOS PELOS PROFESSORES NA FORMAÇÃO EM DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR

Analisaremos neste estudo uma formação de professores ocorrida na disciplina Metodologia do Ensino Superior do Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior de uma instituição privada de Maceió, com um grupo de 15 professores da IES com larga experiência no ensino superior e que foram convidados a fazerem o curso em virtude de não terem a titulação mínima exigida pela legislação para atuar no ensino superior, que é a especialização.

A formação em análise visou desenvolver visão crítica frente as transformações globais que estruturam a realidade atual e seus impactos a partir da utilização das TIC na educação, nos diferentes espaços de aprendizagem e na prática docente. O planejamento educativo incorporando as diferentes utilizações das TIC na sala de aula.

A formação aqui analisada teve como objetivos, de acordo com o plano didático da disciplina: explorar

as possibilidades das TIC em relação à construção do conhecimento, desenvolvendo habilidades para utilização destas tecnologias; selecionar com critérios educativos e utilizar crítica e didaticamente os distintos materiais tecnológicos disponíveis; introduzir TIC nos processos de ensino-aprendizagem, com temáticas de interesse para sua especialidade e a partir de modelos práticos; desencadear um processo de formação de professores buscando a integração das TIC na prática docente.

Os temas trabalhados ao longo das 45 horas divididas em 9 encontros de 5 horas cada um, foram: educação com TIC; aprendizagem e docência em ambientes com TIC presenciais, semi-presenciais e online; incorporação e utilização das TIC nas atividades curriculares; planejamento de aulas utilizando TIC. Todo o material trabalhado nas aulas esta disponível no blog <http://ticformacaoonline.spaceblog.com.br>

Utilizaremos os documentos digitais e as atividades desenvolvidas nos blogs criados e construídos pelos professores autores¹ para disciplina escolhida pelo mesmo, a qual o qual seria utilizado nela. Para a criação dos blogs, foi utilizado o site Spaceblog, disponível em: www.spaceblog.com.br. Para Flick (2009), a internet é repleta de documentos (páginas pessoais e institucionais, arquivos que podem ser baixados), jornais e revistas online. O pesquisador encontrará uma multiplicidade de sites, muitas vezes com conexão entre si ou entre sites específicos, usando hipertextos e hiperímia.

No quadro 1 apresentamos uma síntese do planejamento das temáticas e atividades desenvolvidas ao longo dos encontros desenvolvidos na formação em estudo.

¹ Esporte da Natureza - <http://esportenaturezacesmac.spaceblog.com.br>
Blog Experimental em Direito Penal - <http://profmiguel.spaceblog.com.br>
Enfermagem Super - <http://ticsuper9periodo.spaceblog.com.br>
Bioquímica Básica: Estrutura e Reações - <http://bioquimica.spaceblog.com.br>
Ética e Deontologia da Nutrição - <http://nutricaoetica.spaceblog.com.br>
Teoria Geral Pena - <http://teoriageralpena.spaceblog.com.br>
Estudo da Biomedicina - <http://biomedicinaestudo.spaceblog.com.br>
Crisgaiaarquitetura - <http://crisgaiaarquitetura.spaceblog.com.br>
FONTES: Direito Civil I - <http://direitocivil1.spaceblog.com.br>
Patologia Geral - <http://patologiageral.spaceblog.com.br>
Jaguarmat - <http://jaguarmat.spaceblog.com.br>
Direito Processual Penal - <http://ticprocesso.spaceblog.com.br>
Lingua Espanhola - <http://mundohispanico.spaceblog.com.br>
ESO - Hospital Geral - <http://dalmaciaenfermeira.spaceblog.com.br>
Patologia da Construção - <http://patologiadasconstrucoes.spaceblog.com.br>
Fisioterapia Ajuda seu Dia - <http://fisioterapiaajuda.spaceblog.com.br>

Quadro1 – Atividades realizadas na Formação

Momento de Aprendizagem	Atividades	Mídias Utilizadas	Produto da Atividade
Primeiro Encontro	Criação do blog individual Elaboração do plano da disciplina	Internet, Blog	Blog da disciplina de cada professor
Segundo Encontro	Leitura de texto de revista Aula Pesquisa	Internet, Revista on-line, Sites de busca, Power Point, Blog	Construção de texto reflexivo no blog Produção de apresentação no Power Point
Terceiro Encontro	Apresentação da aula pesquisa Escolha de reportagens Online	Datashow, Blog, Internet, Revistas Online	Texto da pesquisa e Proposta de aula com a interface pesquisada Proposta de aula com reportagens online
Quarto Encontro	Escolha de vídeo para uso em aula Apresentação dos vídeos escolhidos	Internet, YouTube, TeacherTube, Datashow	Proposta de aula com vídeos/filmes
Quinto Encontro	Exploração do Portal do professor Estratégias didáticas usadas pelos professores	Portal do Professor Blog	Proposta de aula com material do Portal do professor Produção de texto sobre experiência com uso de estratégias didáticas nas aulas
Sexto Encontro	Estudo do meio Registros Visuais	Blog, Câmera filmadora, YouTube	Planejamento de estudo do meio Roteiro e produção de vídeo
Sétimo Encontro	Apresentação dos vídeos produzidos	Datashow e Blog	Vídeos produzidos disponibilizados no blog ou Youtube

Fonte: dados do estudo

No primeiro encontro, os professores criaram seus blogs individuais, propus que cada um escolhesse a disciplina na qual o blog abrigaria materiais didáticos para uso nas aulas

do professor. Após essa escolha, cada professor elaborou seu plano de disciplina para ser trabalhado ao longo do semestre.

A disponibilização do plano no blog teve como objetivo divulgar o planejamento do professor, algo não muito comum nas práticas docentes, para que todos os alunos conheçam e possam acompanhar as atividades propostas. O plano disponibilizado no blog deveria conter ementa da disciplina, objetivos, conteúdos programáticos, metodologia, avaliação, bibliografia básica e complementar, cronograma de atividades.

As disciplinas escolhidas pelos professores foram: Matemática, Arquitetura e Urbanismo, Estágio Supervisionado em Hospital Geral, História da Biomedicina, Direito Penal II (Parte Geral), Bioquímica, Ética e Deontologia da Nutrição, Direito Penal III, esporte da Natureza, Direito Civil I e Ensino de Espanhol.

No segundo encontro trabalhamos com o gênero revistas online e imprensa, com o texto *Os Filhos da Era Digital*, disponível no site www.epoca.com.br. A proposta da atividade foi construir um texto reflexivo com a temática ensino da sua disciplina com TIC e a geração digital. A partir da leitura do texto sugerido, os professores construíram seus textos reflexivos discutindo o ensino da sua disciplina com TIC, tendo como foco a aprendizagem dos alunos da geração digital abordada no texto. O texto discute como o uso da Internet transforma a aprendizagem; quem são os “nativos” e “imigrantes digitais” em relação a aprendizagem; e a repercussão dos casos relatados na práticas pedagógica do professor.

Os textos produzidos foram disponibilizados pelos professores nos seus respectivos blogs. Os temas mais comentados nos textos produzidos foram: distância de gerações; mundo globalizado; ampliação dos espaços e das possibilidades de aprendizagem com TIC; preocupações dos professores em criar situações de aprendizagem e envolvimento dos alunos nas atividades propostas, de maneira a levá-los a construir conhecimentos; como estabelecer com os alunos uma relação mais próxima de parceria e não de transmissão de informações, para a aquisição de conhecimentos; os professores se perceberam como “imigrantes” no mundo digital, contrapondo-se aos seus alunos, que são geralmente “nativos digitais”, o que pode ser fator de distanciamento e da idéia de viverem em mundos diferentes.

Os professores perceberam a necessidade de repensar suas práticas pedagógicas frente a geração digital e as novas formas de interação e comunicação no mundo digital e as possibilidades de se trabalhar com TIC, eliminando barreiras entre professores, professores e alunos e entre alunos, abrindo novas possibilidades metodológicas para desenvolver os conteúdos curriculares. Demonstraram preocupações entre os que nasceram na era digital, que utilizam as TIC com naturalidade impressionante diante

dos que os antecederam, que não são ainda sequer usuários destas, ficando desatualizados e se não acompanharem esta evolução, dificultará a aplicação de novas metodologias e o bom aprendizado.

A segunda atividade do segundo encontro foi a realização da aula pesquisa na internet com o tema comunicação e interação com internet na sala de aula. Cada dupla escolheu um tema para realizar a aula pesquisa e produzir um artigo para ser disponibilizado no blog e a organização de uma apresentação em Power Point para ser apresentada no seminário realizado no terceiro encontro. Os temas trabalhados pelas duplas foram: aulas em comunidades de aprendizagem (Orkut); autoria coletiva (Wikipédia); mapas cognitivos ou conceituais; mundos virtuais (Second Life); webmapas ou mapas online; aprendendo com jogos online; blogs e microblogs (Twitter), interfaces de comunicação na internet: chat, MSN, Skype, Fóruns Free.

O roteiro da pesquisa proposto para o artigo do blog e da apresentação tinha três partes: a) descrição da interface pesquisada: conceitos, objetivos, formas usuais de utilização, exemplos de utilização em atividades com os alunos; b) análise: limitações, potencialidades, críticas, propostas inovadoras, oportunidades de uso na educação; c) proposta de aula usando o material estudado.

No terceiro encontro, foram apresentadas as produções dos professores pelo blog ou usando Power Point. As aulas sugeridas pelos professores nesta atividade foram: aulas expositivas; comparação entre conceitos e materiais de livros e revistas científicas; discussões a partir de conceitos e apresentações; visualização e localização espacial; elaboração de projetos; utilização de textos e vídeos disponíveis no Youtube; leitura de texto com perguntas e respostas; seqüenciamento dos conteúdos estudados relacionados com a prática profissional.

A segunda atividade trabalhada envolveu reportagens online, disponível em jornais e revistas online,² pouco ou quase nunca utilizado pela maioria dos professores. Com a Internet, os alunos e professores tem acesso a fontes de notícias em tempo real, com grupos de discussão de notícias ou páginas da Web configuradas para seguir eventos atuais. Na experiência aqui relatada, esses materiais permitiram comparar versões diferentes de matérias jornalísticas e o exame de questões como quando as notícias podem ser tendenciosas ou que tipo de matéria são consideradas de valor jornalístico.

A atividade proposta envolveu a escolha um tema e pesquisa de uma reportagem em revistas e uma em jornais online na temática escolhida na disciplina do professor. A partir desta pesquisa, cada professor planejou uma aula utilizando

reportagens online, disponibilizando no blog o tema da aula, objetivos, reportagens selecionadas (título e link de acesso) e a proposta de atividade a ser desenvolvida. Todos os professores atenderam a proposta da atividade e criaram aulas envolvendo leitura e análise crítica das reportagens escolhidas, elaboração de resumos e resenhas dos materiais estudados.

O encontro encerrou com a explicação da atividade extra-classe, utilizando aulas virtuais do YouTube e TeacherTube. Esta atividade foi trabalhada em horário extraclasse devido ao fato do laboratório no qual aconteciam as aulas não permitir acesso ao YouTube, por restrição interna da instituição de ensino superior (IES) na qual a disciplina aconteceu.

O YouTube e o TeacherTube³ são serviços online de vídeos que permitem a qualquer um ver e compartilhar vídeos que foram carregados por todos os usuários cadastrados. O YouTube é uma interface de conteúdo em vídeo genérica, englobando todos os assuntos e interesses dos usuários. Já TeacherTube é a mesma interface do YouTube só que com um foco específico: vídeos na área de educação. Os usuários do serviço podem olhar e encontrar vídeos de seus interesses. Através destas interfaces pode-se fazer download de vídeos, para o próprio computador, produzir e/ou publicar vídeos, além de permitir ver vídeos caseiros ou gravações de programas de TV.

Trabalhamos a seguinte proposta de atividade: a partir da escolha do tema da aula, cada professor pesquisou nas interfaces citadas, filmes para serem usados numa aula prevista no seu plano de curso. Após a escolha do vídeo, cada professor planejou uma aula com o vídeo escolhido (tema da aula, objetivos, vídeo escolhido, link para acesso, proposta de atividade a ser desenvolvida a partir do vídeo estudado. O vídeo escolhido, junto com o planejamento da aula foi disponibilizado nos blogs dos professores e apresentados na sala no quarto encontro.

No quarto encontro coordenei a apresentação dos vídeos escolhidos pelos professores junto com as aulas organizadas pelos mesmos. Cada professor apresentou seu vídeo e o grupo comentou a escolha e as possibilidades didáticas do mesmo na disciplina.

Após este momento, iniciamos a exploração do gênero **bibliotecas virtuais**⁴, envolvendo a seleção e planejamento de aula com utilização de textos científicos. Cada professor selecionou dois artigos científicos e planejou a atividade envolvendo a leitura dos artigos no

² Banca de Revistas - www.bhnet.com.br/banca. Época - www.epoca.globo.com. Estação de Jornais do UOL - www.uol.com.br/jornais Estação Revistas do UOL - www.uol.com.br/revistas Folha de S. Paulo - www.folha.com.br. Galileo - www.galileo.com.br. IstoÉ - www.terra.com.br/istoe JB online - www.jornaldobrasil.com.br Jornal do Brasil - www.jbonline.terra.com.br. National Geographic - www.nationalgeographic.com Nature - www.nature.com Newsweek - www.newsweek.com O Estado de São Paulo - www.estado.com.br O Globo - www.oglobo.com.br Popular Science - www.popsoci.com Science Magazine - www.sciencemag.org. Scientific American - www.sciam.com Superinteressante - www.superinteressante.com.br The New York Times - www.nytimes.com The Washington Post - www.washingtonpost.com Time - www.time.com/time/index.html

³ YouTube - <http://youtube.com>

TeacherTube - <http://teachertube.com> Periódicos Capes (www.periodicos.capes.gov.br) Prossiga (<http://prossiga.ibict.br/bibliotecas/>), Scielo (www.scielo.br).

⁴ Bibliotecas virtuais são bibliotecas eletrônicas, que permitem acessar bancos de informação em formatos eletrônicos. Existem vários projetos de bibliotecas parcialmente ou totalmente virtuais, como: Biblioteca Nacional (www.bn.br), Biblioteca Virtual de Literatura (www.biblio.com.br), Biblioteca Virtual em Saúde (www.bireme.br),

tema escolhido. A proposta de aula foi disponibilizada no próprio blog, contendo tema da atividade, referências completas e link de acesso aos artigos, breve sinopse dos mesmos e a proposta a ser trabalhada pelos alunos.

No final deste encontro, propomos a atividade de produção de registros visuais para ser disponibilizados no YouTube. Solicitei que pensassem no tema e no que iriam registrar na produção com registros visuais e que elaborassem o roteiro do vídeo a ser produzido, disponibilizando-os no blog como planejamento de registro visual, com as seguintes informações: tema, local, data da realização, cenário, sujeitos envolvidos, situação a ser registrada e objetivo de aprendizagem a ser trabalhado neste registro. A partir do tema escolhido, foi elaborado o roteiro do que será registrado com uso de câmera filmadora: tema, local, data da realização, cenário, sujeitos envolvidos, situação a ser registrada e objetivo de aprendizagem a ser trabalhado neste registro.

No quinto encontro exploramos o **Portal do Professor no Ensino Superior**⁵, disponível no site no qual encontramos muitos materiais e interfaces interessantes para as aulas usando TIC. Solicitei que cada professor elaborasse uma aula utilizando um dos recursos do Portal. As propostas das aulas foram disponibilizadas no blog de cada professor, contendo: proposta de aula, material escolhido, link do material usado e descrição da aula.

Na segunda parte deste encontro, discutimos as estratégias didáticas usadas pelos professores nas suas aulas. Os professores pesquisados utilizam nas suas aulas muitas estratégias conhecidas: aula expositiva, estudo de textos, tempestade cerebral, dinâmicas de grupos, seminários, pesquisa de conceitos, uso de alguns recursos audiovisuais (datashow), palestras, trabalhos em grupos a partir de textos ou perguntas. Poucos utilizam estratégias envolvendo pesquisa, interação colaborativa e exploração de outros espaços, como visitas técnicas, elaboração de projetos, estudos de casos, oficinas, pesquisa de campo, simulações, vídeos.

No sexto encontro, iniciamos a exploração de estratégias pouco usadas pelos professores, mas que oferecem contribuições a uma prática pedagógica que envolve os alunos. Neste encontro trabalhei as **estratégias didáticas de confronto com realidade**, envolvendo estágios, excursões (estudo do meio), aulas práticas, prática clínica (laboratório), investigações científicas. Estas estratégias trabalham com conceitos e habilidades para perceber situações e tomar decisões pertinentes. Colocam o aluno diante de uma situação de fato, na qual deve agir como profissional. Tem como objetivo preparar-se para uma ação profissional posterior efetiva, sob orientação de um professor, vivendo situações reais.

Escolhemos o estudo do meio como atividade a ser elaborada pelos professores, que planejaram um estudo do meio (parque, usina hidrelétrica, praça, museu, jardim botânico, zoológico, praia, lagoa, indústria, hospital, universidade, indústria, feira, tribunal, construção) para estudar e vivenciar na prática uma temática da sua disciplina. Os professores disponibilizaram no seu blog a aula envolvendo estudo do meio, contendo os seguintes elementos: tema da aula; breve descrição do local do estudo do meio; objetivos do estudo do meio; levantamento do que será estudado no local visitado; conhecimentos necessários (conteúdos) para entender o que será visto no estudo do meio; registros que serão feitos no local e instrumentos necessários; resultados ou produtos cobrados do aluno como avaliação deste estudo do meio.

Os estudos do meio proposto pelos professores foram: visita em grupos a Centro de Nefrologia para coleta de dados e formulação de casos clínicos; visita ao Tribunal do Júri; visita a Serviço de Nutrição de hospital para vivenciar o dia-a-dia do nutricionista; visita ao fórum da capital para observação de uma audiência.

No final deste encontro retomamos a atividade da produção de registros virtuais, que consiste na produção de vídeo a partir do roteiro planejado pelos professores e disponibilização no YouTube. Cada professor disponibilizou o roteiro do vídeo e expliquei que a produção se daria a partir do tema escolhido, e do roteiro elaborado registrado com uso de câmera filmadora: tema, local, data da realização, cenário, sujeitos envolvidos, situação a ser registrada e objetivo de aprendizagem a ser trabalhado neste registro.

A produção poderia ser feita de várias formas: videoaulas, estudo do meio, entrevistas, visão panorâmica com narrativa, apresentação de um tema com vídeo, videonovela, videojornal, debate, história animada ou desenho animado.

Após a realização do registro visual, usando câmera convencional ou celular, os professores disponibilizaram o material gravado no YouTube, após registro no site. Cada professor disponibilizou no seu blog o roteiro e a sinopse do material produzido, bem como o link do YouTube ou o próprio vídeo produzido.

No sétimo encontro cada professor apresentou seus vídeos produzidos: viagens pelo mundo, focando elementos arquitetônicos; capacitação para uso de prontuário eletrônico em hospital; demonstração de teste químico in loco de carbonatação no concreto; simulação dos procedimentos de atendimento à vítima de acidente de motocicleta; descrição da localidade e ambiente do Ministério Público; apresentação animada de uma Resolução na área de Nutrição; vídeoaula sobre falsos cognatos na língua espanhola.

⁵ Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br>.

O resultado da atividade foi muito rico para as aulas e trouxe perspectivas diferentes de exploração do registro visual. Na avaliação da atividade, os professores afirmaram que o pouco tempo disponibilizado não permitiu produzir como gostariam e que a atividade poderia ter sido realizada em grupo, mediante uma produção, no mínimo, mais elaborada e com a assistência mais próxima do professor, concluindo em algo que fosse maior de idade relevância no geral para a Instituição e no particular para o módulo de estudo. Argumentei que a produção seria individual devido às temáticas dos blogs de cada professor serem distintas.

No oitavo encontro trabalhamos a estratégia didática com casos, que é um método de aprendizagem e ensino que permite aos alunos a oportunidade de direcionar sua própria aprendizagem enquanto exploram a ciência envolvida em situações realisticamente complexas. Os alunos trabalham colaborativamente e desenvolvem estratégias investigativas razoáveis e relevantes as suas perguntas, coletam dados e informações para fornecer sustentação para suas conclusões e trabalham para persuadir outros de seus achados.

Os casos apresentam situações reais que exigem a tomada de decisões sobre um determinado dilema. A condução do método envolve um processo de discussão, no qual alunos devem se colocar no lugar do tomador de decisão, gerar e avaliar alternativas para o problema, e propor um curso de ação.

A resolução dos casos exige conhecimentos vinculados às disciplinas em estudo, além da necessidade de serem acrescentados também conhecimentos adquiridos em outras disciplinas.

Após discutir como a metodologia funciona, propomos aos professores a elaboração de um caso para ser trabalhado na sua disciplina, com as seguintes partes:

- **Introdução** – apresenta a questão a partir da qual se deve investigar tomar uma decisão, organizar um curso de ação. Apresenta a área de conhecimento, os conceitos envolvidos na situação e os protagonistas do caso.
- **Antecedentes** - a situação em perspectiva. Apresentar o cenário do caso, uma cronologia com os principais acontecimentos e indicadores relevantes.
- **Desenvolvimento** - mostra se o dilema foi resolvido, as possíveis ações tomadas e seus resultados. É a parte central no caso, na qual efetivamente será descrita os elementos que envolverão os conhecimentos necessários ao estudo da disciplina. Detalha ações e decisões tomadas: práticas e instrumentos utilizados; procedimentos, pessoas, entidades e parceiros envolvidos.
- **Conclusões** - a importância dos acontecimentos e apresenta os desafios do futuro, fazendo considerações e análises sobre os resultados obtidos, a importância do que foi alcançado dentro do contexto daquela comunidade e o processo de superação das dificuldades.
- **Questões para discussão** – questões ao final do caso para levar o leitor à reflexão sobre o caso. Devem

ser elaboradas de acordo com o foco dos conteúdos trabalhados, relacionadas com a vida prática dos alunos. Levam o leitor a refletir sobre as soluções adotadas, alternativas existentes e expectativas de ampliação da iniciativa. Não devem ter a abordagem de certo ou errado, mas sim um foco na reflexão: você faria diferente? Quais alternativas poderiam ser usadas? Como multiplicar tal iniciativa? Indique os procedimentos que o aluno deverá realizar para trabalhar o caso.

Os casos propostos pelos professores foram: acessibilidade de cadeirante a órgão público; atendimento pré-hospitalar de ocorrência no trânsito; ação de injúria movida por magistrado contra advogado no exercício da profissão; análise da conduta ética da entrevista de paciente portador de HIV; João, Maria e jogadores de rúgbi. Os casos exigiam leituras, análise de procedimentos, condutas, pesquisa de informações e relação dos conteúdos trabalhados nas aulas.

No último encontro realizamos a avaliação das práticas desenvolvidas a partir da construção do blog pelos professores do ensino superior. Cada professor avaliou no seu blog o percurso de aprendizagem com TIC nesta formação, considerando os seguintes aspectos: importância das TIC na prática docente; possibilidades vislumbradas do uso das TIC nas aulas; aprendizagem nas aulas de Metodologia do Ensino utilizando TIC: o que precisa melhorar na aprendizagem utilizando TIC; metodologia utilizada pelo professor da disciplina; sugestões para melhoria da disciplina em futuras ofertas.

Para os professores, na sua prática docente, as TIC abrem uma gama de ferramentas de desenvolvimento criativo e inovador que possibilita o desenvolvimento profissional e uma melhor qualidade da aprendizagem; mediam um processo catalisador do desenvolvimento profissional e de mudanças na cultura de seu trabalho. Afirmam que num futuro muito próximo os procedimentos envolvendo as assim chamadas TIC, serão, em relação a docência, indissociáveis. As TIC, de acordo com as respostas dos professores, são ferramentas de trabalho do mundo digital, que permitem interagir com todo o universo tecnológico no espaço da sala de aula. Afirmaram que, a partir do que aprenderam, conseguem visualizar novas maneiras de aplicar meus conhecimentos junto aos acadêmicos, com possibilidades diferentes de ministrar as aulas, deixando o processo ensino-aprendizagem mais dinâmico e proveitoso, assim como foi o curso dessa matéria, saindo da mesmice das aulas expositivas.

Quanto as possibilidades vislumbradas do uso das TIC nas aulas, foi possível uma maior interação do aluno para com o professor e desenvolvimento de novas experiências e metodologias de ensino/aprendizagem. Possibilitou

compartilhar experiências e saberes e também levar seus alunos a terem acesso e interlocução com os saberes disponíveis na internet. Perceberam que as possibilidades trazidas pelas TIC são inúmeras. Mediante o uso das ferramentas que estão a disposição podemos trazer o mundo para a sala de aula. O que antes era trabalhado e desenvolvido pelo professor contando com a imaginação e capacidade de abstração do aluno, hoje pode ser realizado de forma visual e, em alguns casos, quase que em tempo real.

Os professores avaliaram a aprendizagem nas aulas da disciplina Metodologia do Ensino utilizando TIC e afirmaram que esta permitiu conhecer novas estratégias e ferramentas multimídias, que as aulas permitiram uma melhor utilização das estratégias didáticas já utilizadas e também a conhecer outras estratégias. Permitiu conhecer melhor e mudar preconceitos em relação ao uso da internet nas aulas. Inicialmente, ferramentas como redes de contato e relacionamento, interfaces como o YouTube e blog se mostravam de pouca ou nenhuma utilidade prática. Afirmaram que estão na fase de “alfabetização em TIC”, possibilitada pela aprendizagem realizada, conforme nos relata um dos professores:

Percebi então com a matéria que existem muitas ferramentas usadas no dia-dia que poderiam ser aproveitadas no processo de ensino do acadêmico, algumas das TIC já utilizadas por mim nos estágios supervisionados como o youtube e Orkut de outras maneiras, e agora com novas abordagens que ainda não tinha vislumbrado, e outras como o próprio blog que não conhecia e não sabia como funcionava, e inicialmente digo, “não conseguia ver como usá-la para ensinar”. Hoje vejo que é uma ferramenta muito forte e fácil de administrar dentro do processo de ensino, inclusive professor se você permitir tentarei usar o mesmo processo usado na sua matéria, para realizar algumas atividades nas matérias e estágio que leciono. Bem, vamos à pergunta chave.

Os professores declararam os elementos que precisam melhorar na aprendizagem com TIC: conhecimento sobre informática e ferramentas de animação, criação de vídeos e recursos visuais que podem utilizar para disponibilizar para os alunos na melhoria do aprendizado, ampliar a alfabetização digital. A aprendizagem nas aulas em alguns momentos foi prejudicada em razão das limitações da sala de informática, que não permitia um link seguro com o blog online, fazendo com que os alunos se frustrassem frente à necessidade de repetir postagens e trabalhos já realizados. A utilização da ferramenta no curso passa, necessariamente, pela readequação dos recursos do laboratório. Melhorar a qualidade do acesso a internet, que por muitas vezes dificultou a aprendizagem, por ser muito lenta dificultando a realização das tarefas pelos

alunos, atrapalhando o programa de aula do professor que em alguns momentos teve seu ritmo quebrado.

Na análise da metodologia que utilizamos na disciplina Metodologia do Ensino, os professores afirmaram que o professor tem um universo de fontes de informação que soube utilizar na construção do conhecimento, estimulando a utilizar os recursos para o crescimento pessoal e profissional do professor. Segundo os professores, utilizei método estimulador, levando-nos a trabalhar em equipe e buscar formas de entender e utilizar as TIC, tornando-se prático e sistemático para utilização real na prática docente, permitindo alcançar os alunos de forma mais colaborativa. Valorizaram o uso do blog que, apesar da sua aparente simplicidade, pode e deve ser usada numa maior completude. A utilização do blog no ensino e aprendizagem representa um novo espaço no qual as demais ferramentas interagem complementando a sua utilização como instrumento didático. Valorizaram o conhecimento e domínio da disciplina pelo professor, com uma metodologia abrangente nos diversos meios de informação e comunicação, em curto espaço de tempo, levando ao reconhecimento da importância da mesma na prática docente. Entendem que não se concebe o ensino superior sem a adoção das TIC, ferramentas que torna mais ágil e divertida a transmissão do programa e traz como consequência a melhor assimilação da matéria.

Os professores fizeram sugestões para a melhoria da disciplina em futuras ofertas, como: aumento da carga horária para a disciplina, computadores com acessos independentes; melhoria da estrutura física e de rede do laboratório de informática usado nas aulas, com navegadores mais rápidos e os computadores não estejam conectados de tal forma que impeçam o andar da aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar as possibilidades de uso do blog em contextos de formação, sob a perspectiva da constante transformação da informação e construção do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem proporcionou repensar a prática pedagógica tradicional como também apontou inúmeras contribuições que viabilizam a apreensão do conhecimento por meio dos recursos tecnológicos.

As atividades trabalhadas valorizaram o uso das TIC, dando-lhe uma nova dimensão, através da qualificação, preparando professores do ensino superior para trabalhar com novas propostas pedagógicas, a partir da necessidade de promover atividades educacionais que permitam a atualização em termos de conhecimento, informações e desenvolvimento de habilidades que os atuais padrões convencionais de ensino não oportunizam é que propomos a criação do blog como espaço de apropriação de interfaces com propostas didáticas para uso de TIC na prática do professor do ensino superior.

Nesta formação, desempenhamos papel de facilitador e coordenador da aprendizagem durante a construção das atividades pelos professores. Utilizamos uma metodologia de ensino participativa, voltada para o envolvimento do aluno, que estimula o aluno a vivenciar uma situação real, tornando esta vivência parte fundamental do processo de construção do aprendizado.

Os blogs vem se transformando em importantes repositórios de informações, em filtros de avaliação, interpretação e indexação dessas informações, em ambientes da construção cooperativa do conhecimento. No curso analisado o blog foi utilizado como um misto de diário de investigação e organizador de conteúdos e também como ambiente cooperativo, no qual professores e alunos podem formar uma comunidade de pesquisadores, num misto de aprendizagem/ensino, por meio da inserção das TIC na sua prática pedagógica, através de pesquisa e reflexão sobre suas práticas.

Nas atividades realizadas, levou-se em conta a necessidade de capacitar o professor do ensino superior, permitindo a apropriação dos recursos das TIC disponíveis na Internet. A aprendizagem do professores nas aulas de metodologia utilizando TIC foi essencial para transformar as aulas dos professores, torná-las mais dinâmicas, com imagens, vídeos, sons e o uso dos recursos da internet: YouTube, TeacherTube, Second Life, Orkut, blogs, microblogs, Google Maps, Google Earth. A metodologia utilizada, antes deste curso era aula magistral com projeção de slides pelo data show e filmes curtos do YouTube. A aprendizagem dos professores melhorou no sentido de utilizar melhor esses recursos que as TIC fornecem.

Concluimos afirmando que as TIC, quando bem aplicadas, podem trazer a reaproximação entre professor e aluno que vem sendo objeto de discussão nos meios pedagógicos. Ganham importância pela capacidade e versatilidade em apresentar temas novos e inéditos por meio de diversos recursos, como vídeos, reportagens e atividades interativas.

REFERENCIAS

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CORREA, Rosa L.; GUIRAUD, Luciene. Possibilidades e limites de história de vida por meio de depoimentos orais na história da formação de professores. **Rev.DiálogoEduc**, Curitiba, v.9, n. 28, p. 671-686, set/dez, 2009.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GUTIERREZ, Suzana S. O fenômeno dos weblogs: as possibilidades trazidas por uma tecnologia de publicação na internet. **Informática na Educação: teoria e prática**. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 87-100, jan/jun. 2003.

HARASIM, L. et al. **Redes de aprendizagem: um guia para ensino e aprendizagem on line**. São Paulo: Senac, 2005.

MERCADO, Luís Paulo. Integração de mídias nos espaços de aprendizagem. **Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 79, p. 1-197, jan. 2009.

MOORE, M.; KEARSLEY, G. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

NASCIMENTO, F. et al. Uso do blog na prática pedagógica. In: MERCADO, L. P. **Práticas de formação de professores na educação à distância**. Maceió: Edufal, 2008. p. 357-369.

PALLOFF, R.; PRATT, K. **O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PRADO, Maria E. **Educação a distância: os ambientes virtuais e algumas possibilidades pedagógicas**. Salto para o Futuro/SEED/MEC. Série Tecnologias e educação: novos tempos, outros rumos. Brasília, MEC/SEED, 2001. pp.20-25.

SANTOS, Edmea O. educação online como campo de pesquisa: potencialidades de interfaces digitais. In: SANTOS, Edmea; ALVES, Lynn (orgs). **Práticas pedagógicas e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: e-papers, 2006. p.123-139.

SILVA, M. (org). **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003.

A EAD NA FORMAÇÃO DE TUTORES PARA O PROINFANTIL

Cristine Lúcia Ferreira Leite de Mello

Ana Rita Firmino

Carmen Lúcia de Araújo Paiva Oliveira

Resumo

O texto aborda a importância da utilização das mídias na formação de tutores do Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil. A problemática que norteia este artigo é qual a contribuição da EAD e das mídias para o desenvolvimento da proposta da formação dos tutores do Proinfantil. Utilizou-se uma abordagem qualitativa de pesquisa, baseada em estudo de caso, envolvendo observações da prática dos tutores, estudo das mídias utilizadas no curso, das interações dos tutores em um blog, aplicação de questionário e a realização de um grupo focal. Concluiu-se que a EAD e as mídias utilizadas, especialmente o material impresso são importantes na formação dos tutores, destacando-se a dinâmica formativa do Programa que proporciona reflexão, cooperação e construção do conhecimento.

Palavras-chave: Mídias; Formação de tutores; Proinfantil; Educação a Distância.

INTRODUÇÃO

A EAD é uma modalidade fundamentada em leis e princípios pedagógicos e que, com o uso de recursos destinados para esta área, possibilita a autoaprendizagem. Considerando a separação física entre o aluno e o docente, são necessários alguns cuidados específicos, visto que o processo de ensino/aprendizagem é mediado pelo material didático e este deve trazer os temas abordados para o cotidiano. A EAD provoca também mudanças em relação às funções docentes, colocando em evidência o professor que realiza a mediação pedagógica com os alunos do curso a distância: o tutor.

De acordo com Giannasi et al (2005), a tutoria é uma tarefa complexa, exigindo diferentes competências para o desempenho das funções de tutor, tais como: competências técnicas, pedagógicas e comunicacionais, uma vez que a observação de alguns processos de formação, via EAD, vem apontando a atuação do tutor como decisiva para o sucesso da iniciativa e permanência do aluno até o final do curso.

Nos cursos a distância, o tutor tem um importante papel a desempenhar, deve ser responsável, motivador, facilitar a construção de conhecimentos, abrir caminhos para a expressão e comunicação, ter capacidade de estimular a resolução de problemas, acompanhar o desenvolvimento e crescimento de seus alunos, possibilitando assim uma aprendizagem dinâmica.

Esse profissional, além de formação pedagógica geral, necessita de formação para atender as especificidades

da EAD. Esse é um desafio que vem sendo enfrentado no Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil – Proinfantil – e, por esta razão, consideramos relevante o estudo da formação de tutores para atuação no programa. Logo, a preparação de recursos humanos para realizar as ações pedagógicas em cursos a distância, e em especial no Proinfantil, é um dos grandes desafios que vamos destacar no presente artigo.

O Proinfantil é uma política pública de grande importância no contexto de luta pela melhoria da qualidade da educação básica, daí a necessidade de estudo do processo formativo dos profissionais envolvidos, com o intuito de avaliar em que medida a formação contribui para a qualidade da atuação, fundamental no desenvolvimento adequado do programa.

É um programa que está embasado na LDB (BRASIL, 1996) que atribui a cada Município e, supletivamente, ao Estado e à União, a incumbência de “realizar programas de formação para todos os professores em exercício, utilizando para isso também os recursos da Educação à distância” (Art. 87, parágrafo 3, inciso III). Seu objetivo é habilitar em magistério, nível médio, professores sem formação mínima em exercício na educação infantil da rede pública, pois apesar da legislação vigente estabelecer a formação mínima para o magistério, as secretarias municipais de educação ainda mantêm a prática de contratar pessoas da comunidade sem a devida qualificação para exercerem a função de professores.

Programas como o Proinfantil e a utilização das mídias na formação de tutores necessitam ser alvo de investigações para verificar se os objetivos propostos estão sendo alcançados e se o curso tem servido para melhorar a prática dos profissionais da educação infantil, uma vez que se trata de uma política que demanda um grande investimento de recursos públicos.

Essa realidade motivou a realização de um estudo investigativo, cujo desenvolvimento e resultados estão sendo aqui apresentados. Além disso, a avaliação das ações é uma das funções da SEE/AL, enquanto órgão parceiro e coordenador local das políticas propostas pelo MEC e é nesta perspectiva que se dá a contribuição do presente estudo.

Minha aproximação com o tema se deu pelo fato de estar coordenando o Proinfantil na SEE/AL, acompanhando tanto a formação quanto o trabalho desenvolvido pelos tutores nos diversos municípios parceiros do referido Programa. Porém, o problema que moveu a pesquisa foi a curiosidade sobre como a formação de tutores, utilizando a educação a distância, contribui para o desenvolvimento da proposta do Proinfantil na prática docente dos professores cursistas.

Foi objetivo deste estudo a análise da formação dos tutores utilizando a modalidade da educação a distância, com o apoio de material impresso e vídeos no processo de aprendizagem, que os prepara para atuar no Proinfantil, utilizando a EAD e suas ferramentas. Especificamente, para alcançar o objetivo maior da nossa pesquisa foi necessário: estudar a utilização das mídias no processo de formação de tutor (material impresso e vídeo); verificar como o material impresso e os vídeos utilizados contribuem para a prática dos tutores; proporcionar interação entre a Coordenação e os tutores através de um blog; identificar a relação entre teoria e prática no processo formativo; realizar um grupo focal com 10 tutores do Programa para avaliar a validade deste material.

As mídias utilizadas no processo de formação de tutores do Proinfantil são material impresso e vídeo, por isso nosso objetivo foi o de refletir sobre o papel dessas mídias e suas contribuições nesse processo de aprendizagem e no alcance dos objetivos do Programa. Reflexão essa baseada em uma pesquisa bibliográfica, além de um estudo de caso desenvolvido através de observações, questionários e grupo focal. Os dados coletados e suas análises poderão indicar se há necessidade de modificações no processo de formação dos tutores para o Programa, como contribuição não só para a equipe da SEE/AL, como também ao MEC e a UFMS, que vem acompanhando o trabalho no Programa Proinfantil desde 2008, com a responsabilidade de formação, acompanhamento e avaliação do programa.

O PROINFANTIL NO CENÁRIO DA EAD

A LDB enfatiza a necessidade de elevar o nível de formação dos profissionais, determinando que municípios, estados e União realizem programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isto, os recursos da educação a distância.

A EAD passa a fazer parte de um cenário que exige maior qualidade no processo de ensino aprendizagem, requer uma educação que aconteça ao longo da vida, compondo um amplo e contínuo processo de mudança, o que segundo Neves (2005) inclui a democratização do acesso a níveis crescentes de escolaridade e atualização permanente, bem como a adoção de novos paradigmas educacionais, envolvendo os conceitos de aprendizagem como fenômeno pessoal e social, de formação de sujeitos autônomos, capazes de buscar, criar e aprender ao longo da vida e de intervir no mundo em que vivem.

O MEC na condução do processo de introduzir novos programas de formação de professores na modalidade de educação a distância, criou o Proinfantil, a ser implantado e implementado em diversos estados, inclusive no estado de Alagoas, para habilitar e certificar professores leigos em exercício.

A EAD surge, cada vez mais, no contexto da sociedade atual como uma modalidade de ensino que visa atender a população extrapolando os limites da sala de aula e os extremos geográficos, proporcionando a ampliação do processo de escolarização de um contingente da população com dificuldades de acesso ao processo de escolarização formal.

Uma das mudanças que observamos na educação é a ampliação da oferta de cursos na modalidade a distância, que requer uma transformação dos métodos de ensino, por incluir atividades presenciais, semipresenciais e totalmente a distância, utilizando intensivamente as TIC para facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Existem vários modelos de EAD, que vão desde a simples utilização de material impresso até a educação online, utilizando os AVA. Qualquer que seja o modelo utilizado implica em transformações na forma de ensinar e aprender, o que irá exigir dos professores que assumem a ação pedagógica uma formação adequada aos novos espaços de aprendizagem.

O desafio de educar e educar-se a distância é enorme. Por isso, o MEC, com o objetivo de orientar alunos, professores, técnicos e gestores de instituições de ensino que podem usufruir dessa modalidade de educação, no empenho por maior qualidade em seus processos e produtos, estabelece indicadores de qualidade para autorização de cursos a distância. Já para os cursos de nível fundamental e médio esses indicadores são

definidos pelos Conselhos Estaduais de Educação, órgãos responsáveis pela normatização, autorização e supervisão desses níveis de ensino.

Para enfrentar o grande desafio de melhorar a qualidade da educação infantil no Brasil, cresce a importância da qualificação dos profissionais que atuam em instituições de educação infantil. Juntamente com a remuneração adequada e a melhoria das condições do trabalho docente, a formação de professores é vista como fator fundamental para a efetiva profissionalização do magistério e o estabelecimento de algumas das condições fundamentais para a promoção da qualidade nessas instituições.

É neste cenário que surge o Proinfantil, com o objetivo de formar professores em exercício, sem a habilitação mínima exigida por lei. Esta formação envolve conhecimentos básicos tanto das áreas de estudo do ensino médio, quanto da área pedagógica para o exercício do magistério na educação infantil.

O Programa se vale dos benefícios da EAD para a formação em serviço, tornando possível a observação e o tratamento adequado das condições em que se dá a prática do professor cursista, considerando as características, necessidades, limites e facilidades apresentadas pela instituição na qual ele atua. Possibilita também que esse professor tenha acesso a conhecimentos básicos que proporcionarão uma atuação mais adequada, respeitando as características e necessidades das crianças na faixa etária de 0 a 6 anos. Mesmo com a aprovação da lei que institui o ensino fundamental com 9 anos, o Proinfantil permanece sendo destinado a professores de crianças de 0 a 6 anos, pois os sistemas de ensino têm o prazo de cinco anos para se adequarem às condições da referida lei.

O Proinfantil é um programa de parceria entre a União, Estado e Municípios, para atender a demanda da rede pública de ensino, considerando o alto índice de professores sem a formação mínima para exercer a função de magistério na educação infantil. Com essa preocupação o Proinfantil na sua estrutura organizacional funciona mediante assinatura do Acordo de Participação com funções e responsabilidades específicas para a União, Estados e Municípios.

O curso ofertado tem a duração de dois anos e funciona na modalidade de educação a distância, semipresencial, incluindo atividades individuais e coletivas, a serem desenvolvidas com o apoio de um tutor que orienta e auxilia a aprendizagem do professor cursista, por meio de um serviço de comunicação.

Para implementação do Programa, compete ao Estado a organização das AGF, que funcionam nas Escolas Normais e têm a responsabilidade de planejar e implementar as atividades presenciais dos professores cursistas. As AGF são compostas por um coordenador,

professores formadores e um articulador pedagógico da educação infantil.

O processo de formação dos tutores que atuam no Proinfantil ocorre no início de cada módulo do Programa e é realizado pela UFMS, também responsável pela formação dos demais profissionais da AGF. O tutor é o profissional que orienta o processo de formação do professor cursista, acompanha seus estudos individuais, auxilia-o no cumprimento de todas as atividades previstas no curso, orientando e avaliando o trabalho com os cadernos de aprendizagens, o portfólio (planejamento diário, memorial e registro de atividades), a prática pedagógica, o projeto de estudo e as atividades extras de estudo. O tutor tem a AGF a qual está ligado como ponto de apoio pedagógico.

A utilização da EAD proporciona aos participantes novas reflexões diante da educação como um todo, favorecendo um melhor aprendizado e a busca de novos conhecimentos. Na EAD é importante que os materiais didáticos sejam concebidos levando em conta uma aprendizagem significativa, que favoreça o estabelecimento de relações com as questões cotidianas do aluno. Em sua atualização profissional, os professores poderão fazer as conexões entre aprender e trabalhar ampliando cada vez mais seus conhecimentos. Segundo Mercado (1999, p. 102):

Na preparação de professores, é fundamental que seja feito um trabalho de reflexão, que leve ao sujeito a repensar o processo pelo qual participa dentro da escola como docente. Não basta passar o conhecimento específico e apresentar o recurso tecnológico de forma descontextualizada.

A UTILIZAÇÃO DAS MÍDIAS NO PROINFANTIL

A integração das tecnologias e das mídias tende a melhorar a eficiência dos sistemas educacionais, pois são consideradas como ferramentas pedagógicas a serviço da formação do aluno e do professor. A EAD contribui significativamente para a transformação dos métodos de ensino, por contar em sua organização atividades presenciais e a distância utilizando intensivamente as mídias e as tecnologias para facilitar o processo de autoaprendizagem.

O material impresso é um dos meios mais utilizados em EAD, devido à suas características e acessibilidade, pode atender a um público numeroso e de culturas diferentes. No Brasil a mídia material impresso é predominante, apresenta-se geralmente na forma de módulos, apostilas, fascículos e livros didáticos distribuídos aos alunos. Para que o aluno adquira autonomia em seus estudos, o material deve ser bem elaborado, diferenciando-se dos livros tradicionais no que diz respeito às questões de linguagem e do formato de apresentação das informações. Deve ser redigido em uma linguagem dialogada que, na ausência física do professor, possa garantir a compreensão

e comprometimento com o estudo. A linguagem deve promover uma conversa entre professor e aluno tornando a leitura leve, agradável e motivadora contribuindo para este comprometimento e estimulando reflexões.

Na elaboração e produção do material impresso deve se levar em consideração: os objetivos do curso; as metas de aprendizagem a serem atingidas com seu estudo; a coerência pedagógica; a apresentação dos conteúdos de maneira clara e bem definida; as atividades de autoavaliação e as sugestões de leituras complementares.

Os guias do Proinfantil foram elaborados por equipes de especialistas em conteúdos e especialistas em aprendizagem na modalidade EAD. A partir da vasta quantidade de informação de cada área do conhecimento, a equipe de elaboração selecionou o conteúdo, organizando-o em módulos e unidades para facilitar a aprendizagem. Este material resultou em conteúdos de melhor qualidade, é autoinstrucional, impressão de qualidade técnica e pedagógica, composto por 34 livros de estudos das áreas do ensino médio que contêm os textos para os estudos individuais, 32 livros de estudos das áreas pedagógicas da educação infantil e 32 cadernos de aprendizagem, contendo exercícios com base nos livros de estudo.

Além do material impresso, o programa também utiliza vídeos na formação dos tutores. Para Moran (2000, p. 39) “[...] Um bom vídeo é interessantíssimo para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, a motivação para novos temas. Isso facilitará o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto do vídeo e da matéria.”

Os vídeos no contexto educacional contribuem para mudanças significativas provocando no aluno uma forma diferente de ler, escrever e, portanto, de pensar e agir, ampliando sua visão de mundo. A utilização da mídia audiovisual em sala de aula, muitas vezes gera inquietude nas metodologias enraizadas no cotidiano escolar, este fato é positivo, pois exigirá do professor novas reflexões e posturas diferentes diante da educação como um todo e do trabalho individual de cada um. Desta forma o grande desafio é saber explorar todas as possibilidades que o vídeo apresenta.

As mídias impressas e audiovisuais no Programa, trabalhadas de forma integrada vêm mediar a inclusão dos participantes na formação com o objetivo de viabilizar a atuação de forma consciente e estável, assumindo papel de informação e comunicação. Os livros, os textos e os vídeos atingem uma dimensão social enorme contribuindo para a inserção do sujeito na sociedade atual, possibilitando analisar, discutir e refletir sobre apelos desta.

O trabalho com a mídia impressa na formação de tutores do Proinfantil contribui significativamente para a transformação da prática pedagógica por proporcionar

o trabalho com atividades presenciais e a distância facilitando o processo de autoaprendizagem.

Neste processo de formação destacamos a importância da linguagem audiovisual, pois possibilita diversificação nos meios educacionais, é um instrumento importante de criação, expressão e comunicação na medida em que seja explorada de forma a ampliar a aprendizagem. Apesar disso, sua utilização no processo formativo apresentou algumas limitações, apontadas pelos tutores durante a pesquisa.

A oferta do Proinfantil abre um leque de situações de ensino-aprendizagem que favorece o intercâmbio de informação e conhecimento promovendo ao tutor a construção de sua própria identidade como cidadão. Os tutores são professores em processo de formação para atuarem como orientadores de aprendizagens dos professores ingressos no Programa. No processo formativo deixam de ser meros receptores de informações para se tornarem responsáveis pela construção de seu conhecimento e acompanhamento dos recursos destinados à melhoria da qualidade da educação em nosso país, contribuindo para as transformações não só educativas, mas também sociais.

METODOLOGIA

O fato de o Proinfantil encontrar-se em desenvolvimento facilitou a pesquisa *in loco* e, conseqüentemente, a produção do texto que analisa a utilização das mídias no processo de aprendizagem do grupo investigado. Nesse estudo fizemos uso de uma abordagem qualitativa de pesquisa, baseada em estudo de caso, que envolveu: a) levantamento bibliográfico; b) observação da prática dos tutores de uma AGF; c) estudo das mídias utilizadas no curso e das interações dos tutores no blog; d) aplicação de questionário e, e) a realização de um grupo focal.

Considerando que o Proinfantil é realizado de forma semipresencial, utilizando ferramentas de caráter inovador, como material impresso e vídeo, torna-se necessário o acompanhamento e desenvolvimento de suas ações no cenário estadual. Neste sentido foram analisadas as ações que envolvem o trabalho do tutor, as jornadas mensais e a formação de trabalho, a qual ocorreu a partir da observação de um grupo de dez tutores que atuam na AGF de União dos Palmares, sujeitos da nossa pesquisa.

O grupo investigado possui faixa etária entre 20 a 50 anos, todos possuem nível superior, sendo 7 pedagogas, 1 geógrafa, 1 filósofa e 1 administradora. Cinco tutores possuem especialização e um mestrado, todos são funcionárias efetivas da rede municipal de educação e lotadas nas instituições de educação infantil. Fazem parte do Grupo III do Proinfantil.

A etapa do estudo das mídias material impresso e vídeo utilizados na formação dos tutores foram complementados pelo estudo bibliográfico, para que as problematizações advindas da observação tivessem o respaldo teórico.

O questionário foi elaborado e aplicado com a equipe envolvida no curso, com o objetivo de diagnosticar qual o conhecimento de mídias que as tutoras têm. Em seguida foi disponibilizado um blog, organizado pela pesquisadora, com a intenção de promover uma interação entre os participantes proporcionando uma reflexão sobre a prática.

Como última etapa do estudo de caso, realizamos um grupo focal com a mesma equipe, com o objetivo de fazer uma análise qualitativa de como se dá a construção da aprendizagem do tutor no cotidiano com o uso das diferentes mídias. A essência do grupo focal é a interação entre os participantes e o pesquisador com o objetivo de revelar experiências, sentimentos, valores, percepções e preferências, com perguntas específicas e diretas. Para Flick (2000, p. 181):

Além da economia de tempo e de dinheiro proporcionada pela entrevista realizada com um grupo de pessoas ao mesmo tempo, em vez de diversos indivíduos em ocasiões distintas, os elementos das dinâmicas de grupo e da discussão entre os participantes destacam-se na condução de discussões em grupo. [...] A marca que define os grupos focais é o uso explícito da interação do grupo para a produção de dados e insights que seriam menos acessíveis sem a interação verificada em um grupo.

Neste estudo, o grupo focal serviu para complementar as informações do questionário, cujas respostas se apresentaram superficiais e evasivas. Os dados coletados foram sistematizados e subsidiaram nossa análise, apresentada a seguir.

A nossa análise envolveu as observações que realizamos durante os encontros de formação de tutores, bem como os encontros destes com os professores cursistas do Proinfantil, os dados dos questionários e os dados do grupo focal.

Observação da prática dos tutores

A prática dos tutores foi observada em três momentos: formações semestrais, jornadas mensais e encontros quinzenais. As formações tiveram como objetivo o aprofundamento dos aspectos operacionais e de organização do Programa, e o aprofundamento dos conteúdos relativos à educação infantil. Dentro da programação das formações semestrais existem momentos de apresentação do programa e dos guias referentes ao módulo que será estudado; são abordadas questões relativas ao processo de avaliação dos

professores cursistas e apresentação de conteúdos e debate sobre educação infantil. A metodologia adotada nas formações privilegia o trabalho em grupo e o fortalecimento do vínculo entre toda a equipe que faz parte do Programa. A participação no conjunto dessas atividades permite ao tutor a aquisição de uma visão aprofundada em relação ao Proinfantil.

A jornada mensal é constituída por quatro encontros de 8 horas cada, totalizando 32 horas por módulo. Esses encontros acontecem uma vez por mês, conforme estabelecido no calendário letivo do Proinfantil. Nesses encontros o tutor esclarece dúvidas relativas aos conteúdos dos livros de estudo; discute com a equipe da AGF as dificuldades encontradas na realização do seu trabalho; as dificuldades apresentadas pelos professores cursistas; analisa o desempenho de cada professor cursista; organiza estratégias para abordar as unidades seguintes e troca experiências com os outros tutores. É na jornada mensal que o tutor entrega os documentos solicitados pela AGF.

Os encontros quinzenais congregam todos os professores cursistas de um mesmo tutor e ocorrem aos sábados. As atividades têm o objetivo de prover orientações, esclarecer dúvidas, suporte à aprendizagem e acompanhamento do trabalho e do desempenho dos professores cursistas; nesses encontros o cursista entrega suas atividades individuais ao tutor e esclarece suas dúvidas em relação aos conteúdos dos livros de estudo, apresenta vídeos relativos aos temas em estudo, orienta para as provas e para as atividades extras de estudo e organiza momentos de socialização de experiências e de discussão sobre questões de interesse comum relativas ao curso e à instituição de educação infantil.

Nos encontros quinzenais na sua maioria, os tutores planejam para realizar atividades coletivas, pois estes momentos se constituem em uma oportunidade de socialização das questões levantadas ao longo do curso. Eles percorrem os grupos ajudando-os em pontos específicos, elaboram atividades sobre os instrumentos de avaliação, ajudam aos professores cursistas a dominar os conteúdos das unidades, corrigem os cadernos de aprendizagem e orientam a leitura e o estudo da próxima unidade.

A formação do tutor no Proinfantil está organizada em dois momentos, a formação básica e a formação ao longo do processo, ambas se preocupam em subsidiar o desempenho da função de tutor ao longo do programa, fornecendo elementos que permitam o planejamento, observação, acompanhamento e avaliação do trabalho do professor cursista. Sendo assim, a definição do papel do tutor e suas atribuições ajudam a superar os desafios orientando-os em relação as suas responsabilidades.

A observação dos vários momentos mostrou que os tutores conseguiram compreender a proposta do Programa, esforçam-se para atingir as metas estabelecidas

e cumprir o planejamento feito em conjunto. O material impresso foi explorado com os professores de acordo com as orientações recebidas.

As mídias no Proinfantil: visão dos tutores

O questionário foi aplicado a 10 tutores que participam do Proinfantil, com o objetivo de identificar as mídias conhecidas pelos tutores, as mídias utilizadas pelo Programa e de que forma as mídias promovem mudanças nas atividades desenvolvidas pelo Programa. Após a aplicação do questionário, foi feita a tabulação de todas as questões. Para preservar a identidade dos tutores que participaram da pesquisa os questionários foram numerados aleatoriamente.

Em relação às mídias conhecidas, todos conhecem rádio, TV e material impresso. 80% do grupo conhecem internet; 60% citaram o telefone; 30 % citaram o computador, 30% citaram vídeo ou DVD.

Quadro 1 - Mídias conhecidas pelos Tutores

MÍDIAS	INCIDÊNCIA	%
Rádio	10	100
TV	10	100
Impressos	10	100
Internet	08	80
Telefone	06	60
Computador	03	30
Vídeo	03	30
DVD/CD	03	30

Fonte: Questionários aplicados na pesquisa.

Constatamos no quadro 1 que as mídias mais conhecidas pelos tutores são o rádio, TV e material impresso, seguidas da internet e telefone.

Um dado chama a atenção é em relação ao computador e internet, pois 80% dos tutores apontam como mídias conhecidas a internet e apenas 30% citam o computador. Nem todos associam as ferramentas computador/internet. É possível que isso se dê porque nem todos têm computador conectado à internet em casa. Alguns fazem uso da internet em lan houses. Neste ponto é importante ressaltar que mesmo com programas do governo federal para a inclusão digital, alguns professores ainda não se deram conta da importância dos recursos tecnológicos atuais no cotidiano como parte do processo necessário a construção do conhecimento. Por outro lado, há necessidade da ampliação de programas que facilitem a aquisição desses recursos aos professores da rede pública.

Quanto às mídias que identificam no Proinfantil, 90% citaram o material impresso; 60% citaram telefone; 50% citaram vídeo; 50% citaram internet e computador; 30% DVD e CD e 20 % rádio.

Quadro 2 - Mídias identificadas no Proinfantil

MÍDIAS	INCIDÊNCIA	%
Impressos	09	90
Telefone	06	60
Vídeo	05	50
Internet	05	50
Computador	05	50
DVD/CD	03	30
Rádio	02	20

Fonte: Questionários aplicados na pesquisa.

O material impresso se sobressai, porque se constitui a base do programa. Os livros e os textos têm uma grande significação também porque fazem parte do cotidiano de todos. O Proinfantil trabalha basicamente com material impresso e vídeos, mas os tutores apresentam outros materiais de que fazem uso, inclusive para se comunicarem com os alunos, caso do telefone, como se fossem mídias do programa.

Quadro 3 - Mídias incorporadas a prática pedagógica

MÍDIAS	INCIDÊNCIA	%
Impressos	07	70
Internet	04	40
Telefone	03	30
Rádio	02	20
Vídeo	01	10
Televisão	01	10
DVD/CD	01	10

Fonte: Questionários aplicados na pesquisa.

Quanto às mídias que os tutores incorporam à prática pedagógica, 70% apontaram o material impresso; 40% apontaram internet; 30% telefone; 20% indicaram o rádio e 10% indicaram TV, vídeo e DVD.

Comparando os quadros 2 e 3, encontramos uma certa disparidade, pois embora identifiquem diversas mídias, nem todas são incorporadas à prática. 90% dos tutores identificaram o material impresso como mídia do programa, mas apenas 70% afirmaram tê-lo incorporado à sua prática, mesmo este se constituindo no principal material de trabalho que tem disponível.

Ao serem questionados sobre a forma de utilização dessas mídias na prática pedagógica, os tutores fogem da questão afirmando “utilizo de forma livre” (Tutor 2). O Tutor 1 ressaltou a ausência de algumas delas na escola como um empecilho a sua utilização. Nenhum deles detalhou como insere e utiliza as mídias na sua prática pedagógica. Porém, ao serem provocados a refletir sobre a utilização das mídias na promoção de mudanças, todos afirmam essa possibilidade, justificando:

Torna dinâmico o processo de aprendizagem (Tutor 2);

Forma de pensar, agir e fazer a educação de

forma mais completa dando apoio pedagógico mais completo (Tutor 3);
As mídias promove mudanças, aumentando a forma de conhecimento através de outros materiais, além dos livros do Programa (Tutor 4).

Essas afirmativas levam a reflexão sobre a compreensão que o grupo tem sobre a presença das mídias na prática pedagógica, uma vez que o diferencial é o próprio trabalho do professor que ao planejar incluindo mídias, deve ter em vista os objetivos que deseja alcançar com o grupo que coordena. Segundo Moran (2000, p.11):

O campo da educação está muito pressionado por mudanças, percebe-se que a educação é o caminho fundamental para transformar a sociedade. Ensinar e aprender são desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para a da informação e do conhecimento.

Para o autor, o desafio maior é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano. Para isso é preciso pessoas que façam essa integração em si mesmas no que concerne aos aspectos sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social, que expressem nas suas palavras e ações que estão sempre evoluindo, mudando avançando.

O professor deve ter a segurança ao usar as mídias no seu cotidiano, para conseguir criar dentro do processo educativo ações de parceria, por meio da cooperação e da interação possibilitando diferentes formas de apropriação das tecnologias, favorecendo não só o crescimento do seu aluno, mas também o seu próprio amadurecimento, cada um desempenhando o seu papel e, portanto influenciando as transformações não só educativas, mas sociais. Observamos que o grupo de tutores necessita de mais estudo e maior aprofundamento em torno dessas questões.

A EAD E AS MÍDIAS NA FORMAÇÃO E NA PRÁTICA DA TUTORIA DO PROINFANTIL

O grupo focal iniciou com a explicação de que são grupos formados com participantes que tem características comuns e são incentivados a conversarem entre si, trocando experiências e interagindo sobre suas idéias, valores e dificuldades. A pesquisadora informou que a partir de um roteiro de perguntas a discussão era informal e que esperava a participação de todos com espontaneidade.

Foi explicada a dinâmica de funcionamento do grupo focal e solicitado que a cada vez que os tutores fossem se pronunciar, falassem o nome, em virtude na necessidade de transcrição das falas pela pesquisadora posteriormente. Também foram informados sobre a necessidade da assinatura do TCLE uma vez que o comitê de ética exige que os participantes de

qualquer pesquisa autorizem que suas falas e contribuições sejam publicadas com a garantia que não serão identificados. Para preservar a identidade dos tutores foram identificados por letras, de acordo com a ordem em que se pronunciaram (Tutor A, Tutor B e assim por diante).

A partir do grupo focal trabalhamos com cinco categorias: a importância da educação a distância na formação do tutor; a relação entre a formação e a atuação dos tutores; a importância das mídias na formação do tutor; o trabalho com as mídias nas ações do programa; a utilidade do blog para os tutores.

a) A importância da educação a distância na formação do tutor do Proinfantil

Seis dos participantes do grupo se posicionaram em relação à educação a distância, mas apenas um tutor destacou alguns elementos característicos desta modalidade.

Penso em uma experiência rica porque contribui para que a gente tenha mais autonomia não só os alunos que acompanho mais os tutores também, autonomia em relação ao horário, estudo, porque fazemos os nossos horários temos os encontros presenciais, organização e apesar de ser um curso semipresencial que alguns não acreditam na educação à distância (Tutor C).

Os demais falaram apenas sobre o programa, experiência na educação infantil e formações presenciais, apesar do esclarecimento de que eles teriam que se reportar ao processo formativo pelo qual passaram na EAD.

b) A relação entre a formação e a atuação dos tutores

Vários aspectos foram destacados pelos tutores que abordaram essa relação: a capacidade dos formadores da universidade que ministra a formação, a qualidade dos estudos para fundamentação da prática e de material didático mais lúdico.

Acredito que sim por que a nossa formação é realizada pela universidade, são pessoas que tem fundamento realmente propriedade que passam essa formação para a gente. Então desde a hospedagem, o local que é proposto para a formação até a teoria para fundamentar a nossa prática é de excelente qualidade, então ela supre todas as carências que se faz de dúvidas, de teorias para alicerçar a nossa prática tanto como tutora como profissional. (Tutor H).

É suficiente, porém se houvesse um canal que houvesse oportunidade de troca e não ficar esperando só por esse momento esse encontro que é a cada novo módulo aí seria uma troca trazendo novidade porque quando tem esse momento ao iniciar o novo módulo saímos de lá com a bagagem cheia, mas de 15 em 15 dias você vai se encontrando com seus cursistas e se houver uma novidade nos estamos sempre nos abastecendo então seria interessante eu sinto falta, necessidade desse canal. (Tutor I).

Sinto necessidade de material didático mais

lúdico, eu sei que a gente pode criar, mas a gente não está tendo uma condição melhor para ofertar ao nosso cursista. (Tutor B).

Os tutores reforçam a importância dos momentos de formação para o desempenho de suas funções, e apontam a necessidade de um canal de comunicação para troca de experiências.

c) A importância das mídias na formação do tutor

A pesquisadora esclareceu os conceitos de tecnologia e mídias para facilitar o entendimento da questão. Os tutores iniciaram com reclamação sobre a carência de material.

Não tem acesso a sala de vídeo, a gente tem o material e o acesso para que possamos dar esse acesso a eles a gente não tem. O nosso gravador a gente leva como trabalhar a música, jornal, revista e ficou de lado o vídeo que é uma tecnologia boa e não tivemos acesso. (Tutor B).

Com a interferência da pesquisadora do grupo o foco se volta para o material impresso que é a principal mídia do curso. Sobre o material impresso, o Tutor D afirmou:

O material todo é muito bom e importante porque ele traz informações e é uma forma de organizar este material ler e estudar e passar para o professor cursista. O material que é para o tutor é de excelente qualidade. Os textos são maravilhosos, contemplam o processo de formação no programa.

Em relação ao material impresso podemos perceber que é um importante aliado no trabalho do tutor, pois contribui para o aprofundamento de estudos. Uma preocupação do material é trazer para o cotidiano dos tutores questões da sua realidade profissional. Na avaliação dos tutores este material estabelece uma comunicação entre os participantes, é bem formulado tendo uma linguagem que dialoga facilitando a compreensão e estimulando reflexões.

d) O trabalho com as mídias nas ações do programa

Em relação a esta categoria o Tutor I destacou as mídias como uma forma de se comunicar com os professores cursistas, utilizando o e-mail ou o telefone.

Questionados sobre o uso que fazem do material impresso, abordaram a dinâmica de trabalho com os mesmos: estudo em casa, questionamentos, apresentação de dúvidas, ampliação de questões relevantes. Ressaltaram que o conteúdo do material impresso é articulado com a prática pedagógica. Quanto aos vídeos o trabalho é discreto e só um tutor disse ter usado, entretanto não detalhou como realizou a atividade.

e) A utilidade do blog para os tutores

O blog foi criado com o objetivo de facilitar a

interação entre os tutores do Proinfantil, contribuindo para o processo de formação dos mesmos, ficando à disposição para contribuições durante 45 dias. Apesar de afirmarem sua importância no contexto da formação, a participação do grupo foi mínima. As razões apontadas pelos tutores para a não participação foram dificuldades de acesso e falta de tempo. Mesmo assim destacaram que seria necessário dar continuidade ao blog, ampliando o período para contribuições.

Blog é uma abreviação de weblog, ou registro eletrônico, e apresenta um caráter dinâmico e de interação possibilitados pela facilidade de acesso e de atualização. A facilidade de atualização o torna bastante dinâmico. Sua manutenção é mais simples e apoiada pela organização automática das mensagens, ou posts, pelo sistema, que permite que novos textos sejam inseridos sem a dificuldade de atualização de um site tradicional (BARBOSA e SERRANO, 2005).

O uso do blog na educação é um recurso de aprendizagem ainda pouco conhecido e utilizado, em nossa realidade. Neste caso, foi criado com o objetivo aproximar os tutores das tecnologias, promovendo o diálogo, a discussão de questões pertinentes ao trabalho que estão desenvolvendo, reflexões e trocas de experiências entre eles.

Figura 1 – Blog do Proinfantil/Alagoas. Disponível em: <http://proinfantilalagoas.blogspot.com/>

No blog foi disponibilizado um texto da série Educação de crianças em creches, do Salto para o Futuro, intitulado Desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos: Qual currículo para bebês e crianças bem pequenas? Este texto serviu de referência para a interação dos participantes no blog. A proposta foi de ler e destacar os pontos mais importantes, fazendo o confronto com a prática. Apesar de ressaltarem a importância desta ferramenta, poucos deram sua contribuição ao blog.

Embora tenham apontado em um momento anterior a necessidade de ampliar os canais de interação, contamos com a participação de apenas cinco tutores. Mesmo incentivando, motivando e mostrando a

importância do blog os tutores alegaram algumas dificuldades para participar, dentre elas o acesso e a falta de tempo. Em relação ao acesso foi disponibilizada a senha para facilitar e mesmo assim a participação foi pequena.

Esse dado evidencia uma lacuna existente no processo formativo dos professores em geral, bem como o fato de que nem todos estão incluídos digitalmente. Para sanar essa lacuna, o governo federal lançou algumas políticas para a inclusão digital do professor, dentre elas o Programa Computador Portátil para Professor, que tem o objetivo de fornecer computadores ao professor com preços acessíveis e financiados. Mesmo adquirindo um computador o professor deve investir em formação para se apropriar do uso das tecnologias e mídias dentro do processo educativo possibilitando diferentes formas de crescimento não só de seus alunos, mas também o seu próprio amadurecimento. Para que isso aconteça de forma satisfatória, o professor deve priorizar sua formação profissional superando as dificuldades principalmente de acúmulo de atividades.

Segundo Kenski (2007), o uso criativo das tecnologias pode auxiliar os professores a transformar o isolamento, a indiferença e a alienação com que os alunos geralmente freqüentam as salas de aula, em interesse e colaboração, por meio dos quais eles aprendam a aprender, a respeitar, a aceitar, a serem pessoas melhores e cidadãos participativos.

A utilização das mídias é, portanto, um desafio que está posto ao professor. Aprendendo a utilizar o seu potencial ele poderá organizar suas aulas de modo mais dinâmico, incentivando seus alunos à busca de novos conhecimentos e desafios na conquista do novo. A efetivação do uso das mídias hoje disponíveis deverá ampliar e favorecer perspectivas para que a escola seja um espaço de aprendizagem mais prazeroso. Professores e alunos podem formar grupos de trabalho e se tornarem parceiros no processo de construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos essa pesquisa questionando como a formação de tutores utilizando a EAD com o apoio de material impresso e vídeos, contribui para o desenvolvimento da proposta do Proinfantil. Partimos da hipótese de que a formação dos tutores utilizando a educação a distância e suas ferramentas no processo de aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento adequado da proposta do Proinfantil. A partir do referencial teórico e do estudo de caso apresentado, destacamos algumas reflexões.

Percebemos que a EAD facilita o desenvolvimento da formação do tutor do Proinfantil. A dinâmica formativa do Programa possibilita que os tutores estejam em constante reflexão e cooperação, relacionando à construção

do conhecimento a melhoria da prática pedagógica.

Neste estudo evidenciamos que a EAD é importante na formação do tutor na medida em que possui meios de assegurar uma troca de informações entre professores das diversas AGF, enriquecendo e proporcionando aos participantes o estudo e o aprendizado de conteúdos da educação infantil.

Ao aplicarmos o questionário pretendíamos descobrir como as mídias são utilizadas pelo programa e como elas se evidenciam no processo de aprendizagem, entretanto os tutores que participaram da pesquisa foram evasivos nas respostas desviando das questões apresentadas, de forma que não podemos afirmar com certeza se os mesmos estão seguros em relação ao papel das mídias em sua própria formação.

Ao utilizarmos o grupo focal na coleta de dados tentamos extrair dos tutores o que realmente eles pensam sobre as mídias e sua importância no Proinfantil, ampliando as reflexões do questionário, mas as respostas continuaram evasivas, em sua maioria apontaram os problemas enfrentados no cotidiano do Programa.

Analisando os dados coletados fica evidente que a mídia mais usada na formação do tutor do Proinfantil é o material impresso, avaliado como excelente e de fácil entendimento por conterem textos de linguagem clara e autoinstrucional. Este, portanto, tem um papel fundamental, tanto na formação, como no desenvolvimento do trabalho com os professores da educação infantil nas AGF, no entanto percebemos que levará um tempo para a apropriação da metodologia da EAD nas práticas dos tutores alvo no estudo, porque o material impresso ainda tem um peso maior que as demais mídias.

Apesar da proposta do Programa apresentar também a utilização de atividades com material videográfico, os tutores relataram que nas formações este material praticamente não foi aproveitado. É a experiência que já tem de programas anteriores que os fazem buscar vídeos educativos, inclusive do TV Escola, reconhecendo a importância desta ferramenta para a melhoria da aprendizagem. Entretanto, nem sempre conseguem fazer uma utilização adequada desse material em virtude das deficiências estruturais dos ambientes de trabalho.

Em relação à ferramenta blog, percebemos que apesar das dificuldades encontradas é uma forma importante de interação, troca de experiências e aprofundamento de estudos do grupo, por isso não só o manteremos em atividade, como temos a perspectiva de ampliação do acesso para todos os integrantes do programa, inclusive como canal de comunicação com a equipe de professores da universidade responsável pela formação. Surge daí a necessidade de criação de um pequeno espaço nas formações, no qual os tutores possam explorar e se apropriarem do uso dessa e de

outras ferramentas interativas da internet.

A EAD de qualidade requer não só investimentos em materiais adequados, mas, sobretudo numa boa formação de recursos humanos, envolvendo também os novos canais de comunicação da internet, além de condições de trabalho apropriadas, quando queremos um efeito formativo capaz de qualificar as práticas na escola, no nosso caso as práticas dos professores na educação infantil.

REFERENCIAS

BARBOSA, C. A. P.; SERRANO, C. A. **O Blog como ferramenta para a construção do conhecimento e aprendizagem colaborativa**. ABED 2005. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/011tcc3.pdf>. Acesso em 12 fev 2010.

BRASIL, **Lei Nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996.

_____, **Proinfantil**: Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil: diretrizes gerais / Ministério da Educação. –Brasília: MEC, 2005.

FLICK, **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artemed, 2007.

GIANNASI, Maria J. et al. A prática pedagógica do tutor no ensino a distância: resultados preliminares. **Virtual Educa**. México, 2005. Disponível em: <http://e-spacio.uned.es/fez/eserv.php?pid=bibliuned:19515&dsID=n02gianasi05.pdf>. Acesso em 10 jan 2010.

KENSKY, Vani M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas. Papirus, 2007.

MEC/SEB, **Livro do Tutor**. Elaboração Amaliair Cristine Atallah... [et al.]. – Brasília Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2005.

_____, **Proinfantil**: Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil: guia geral 2005. — Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2005.

MEC/SEED, **Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância**. Brasília: Ministério Da Educação. 2003.

MERCADO, Luis P. **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. Macció. Edufal, 2002.

_____. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Macció. Edufal, 1999.

MERCADO, Luis P.; KULLOK, Maísa B. (orgs). **Formação de Professores: política e profissionalização**. Macció. Edufal, 2004.

MORAN, José M. **O vídeo na sala de aula**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm> . Acesso em 05 jan 2010

_____. **Os modelos educacionais na aprendizagem on-line**. Disponível em: http://200.129.241.72/tutoria_seed/modulo2/modulos/modulos. Acesso em 21 jul 2009.

MORAN, José M.; MASSETO, Marcos T.; BEHRENS Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000

NEVES, C. M. A educação à distância e a formação de professores. In: ALMEIDA, M.E.; MORAN, J. M. **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação/ SEED, 2005.

CONTRIBUIÇÕES DAS MÍDIAS PARA O ENSINO DE BIOLOGIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Geane Magalhães Monte Salustiano
Sandra Regina Paz da Silva

Resumo

Este estudo investiga o uso das mídias nas práticas pedagógicas em aulas de Biologia e como podem ser empregadas de forma a contribuir para aprendizagem de jovens e adultos. O estudo teve como sujeitos 50 alunos da EJA do ensino médio noturno de uma escola pública no município de Rio Largo/AL. A abordagem metodológica utilizada foi de cunho qualitativo e se deu em três etapas: a primeira, consistiu em uma caracterização através de um levantamento feito a partir de um questionário, que teve como objetivo identificar as mídias que os alunos tinham acesso no seu dia a dia, assim como as que mais gostariam de utilizar em sala de aula. Outra finalidade foi a de contribuir com o processo de assimilação e apropriação do conhecimento. Na segunda etapa foi selecionado pelos alunos o computador como a mídia a ser utilizada como recurso pedagógico no processo de ensino e aprendizagem em aulas de genética e evolução da vida. A terceira e última etapa se caracterizou pela realização de um questionário sobre as contribuições da mídia para o ensino de Biologia na percepção dos educandos. As análises do estudo levaram a compreender que o uso da mídia, se constitui como mediadora entre o sujeito e o objeto do conhecimento, tornando-se uma ferramenta indispensável no processo de ensino e aprendizagem, contribuindo, significativamente, na melhoria da compreensão dos conceitos em relação aos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem de biologia, mídias, educação de jovens e adultos.

INTRODUÇÃO

No mundo globalizado em que vivemos as rápidas mudanças nos meios e modos do sistema de produção, foram fortemente influenciadas pela terceira revolução científica e tecnológica. Esta por sua vez exige dos indivíduos o seu aprimoramento educacional e a crescente necessidade de se investir na formação e qualificação profissional, sobretudo, no que tange ao domínio das novas tecnologias da comunicação e informação.

Ao pensarmos na globalização, lembramos que uma das suas características são a formação de redes tecnológicas e científicas que ligam entre si grandes indústrias, empresas e centros científicos do mundo inteiro. A constituição dessas redes deixa mais evidente a separação entre os mais ricos e os mais pobres, ao colocar em evidência o grande contingente de excluídos, aqueles que não possuem acesso às inovações tecnológicas desse mundo (DELORS, 2002).

Em face dessa conjuntura, a ausência de educação escolar representa uma grande lacuna na vida profissional das pessoas, que por algum motivo tiveram que interromper seus estudos. Diante disso, Cury (2008) afirma ser a EJA na atualidade uma alternativa viável para que as pessoas possam retomar seus estudos e garantir uma formação profissional e intelectual, representando um novo começo, assim como uma via de inclusão social.

Analisando o ponto de vista adotado pelo autor, nota-se, portanto, que a educação, mormente, a escola, não serve, apenas, como mecanismo de inserção na economia via investimento na qualificação profissional.

Mas, cumpre também a função social de garantir aos jovens e adultos que a ela recorrem à garantia do direito de cidadania, a fim de construir novos conhecimentos além, dos instrumentos legais e normativos de aprendizagem¹ já garantidos constitucionalmente.

¹ Mecanismos de garantia do direito de cidadania o domínio dos códigos relacionados à aprendizagem de: leitura, escrita, expressão oral, cálculo matemáticos a resolução de problemas.

Dessa forma, conseguir superar os desafios impostos pelos processos globais, determinados pelas transformações socioculturais da sociedade contemporânea em que vivem é um desafio.

As orientações curriculares do ensino de jovens e adultos apresentam-se fora da realidade, tendo em vista que propõem a contextualização de uma grande quantidade de conteúdos para serem ministrados pelos docentes em um curto espaço de tempo. Estas devem ser ofertadas por cada disciplina, além de ser articulada a vivência no cotidiano do educando. A imposição via diretrizes curriculares, de um significativo volume de conteúdos, sem o necessário tratamento pedagógico aos mesmos, tem se constituído como um dos aspectos que tem dificultado a aprendizagem do aluno, principalmente na área das ciências da natureza, mais precisamente, na disciplina de Biologia, que abrange as inter-relações com outras áreas do conhecimento, além da necessidade de apropriação de terminologias e descrições científicas.

Partindo desse entendimento, percebem-se que o ensino de Biologia, a partir das necessidades do mundo contemporâneo deverá desenvolver, o máximo possível, as capacidades intelectuais do educando, ou seja, o desenvolvimento não apenas da capacidade de observar, fazer perguntas ou de explorar, mas também a de comunicar suas ideias como forma de verbalizar seu conhecimento, demonstrando ser sujeito da própria aprendizagem. Entretanto, para autores como Borges e Lima (2007), isto não é possível, tendo em vista que defendem a ideia de que o ensino de Biologia se organiza, ainda hoje, de modo a privilegiar o estudo de conceitos, linguagens e metodologias desse campo de conhecimento, tornando a aprendizagem pouco eficiente para a interpretação e intervenção da realidade. Esta situação analisada pelos autores se verifica de forma mais precisa nas turmas de EJA em que esta visão é ainda mais reduzida e extremamente fragmentada.

Com análise na mesma perspectiva de crítica ao ensino de Biologia, Krasilchik (2004), argumenta que o ensino de biologia nas escolas brasileiras ainda é bastante teórico, prendendo-se a descrição e segmentação dos conteúdos visando apenas à memorização dos mesmos.

Visto sob este prisma, somos instigados a acreditar que é urgente a necessidade de ampliar as reflexões sobre as possíveis iniciativas didático-metodológicas do ensino de biologia no currículo da EJA, enquanto possibilidade de uma inserção mais efetiva nas questões cotidianas, ultrapassando a memorização mecânica de longas listas de conteúdos ou mesmo a realização de atividades experimentais que não ultrapassam a reprodução de etapas de um único método científico. Conforme argumenta Moran (2000), acerca da produção do conhecimento

a partir de uma perspectiva que não ver apenas a parte, mas o todo do processo de sua produção. É o que analisa o autor:

O conhecimento não é fragmentado, mas interdependente, interligado, intersetorial. Conhecer significa compreender todas as dimensões da realidade, captar e expressar essa totalidade de forma cada vez mais ampla e integral. Conhecemos mais e melhor conectando, juntando, relacionando, acessando o nosso objeto de todos os pontos de vista, por todos os caminhos, integrando-os da forma mais rica possível (MORAN, 2000 p.18).

A partir dessas concepções, as TIC, podem constituir-se como um elemento a mais na valorização da educação ou das práticas pedagógicas vivenciadas pelos alunos nas aulas de Biologia, uma vez que, acrescentará à dinâmica do processo de ensino e aprendizagem uma ampliação no acesso a informação, além de estimular os processos de compreensão de conceitos e fenômenos à medida em que conseguem associar os diferentes tipos de representação do conteúdo, que vão desde o texto, a imagem fixa e animada, ao vídeo e ao som, conforme salienta Moran (2005),

[...] Educar é procurar chegar ao aluno por caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações, simulações), pela multimídia. É partir de onde o aluno está ajudando-o a ir, do concreto para o abstrato, do imediato para o contexto, do vivencial para o intelectual, integrando o sensorial, o emocional e o racional (MORAN, 2005 p. 146).

Além disso, na era tecnológica é necessário que o ensino de biologia,

Se volte ao desenvolvimento de competências que permitam ao aluno lidar com as informações, compreendê-las, elaborá-las, refutá-las, quando for o caso, enfim compreender o mundo e nele agir com autonomia, fazendo uso dos conhecimentos adquiridos da biologia e da tecnologia (PCNEM, 1999, p. 225).

Nessa realidade repleta de descobertas científicas e constantes avanços tecnológicos, o presente artigo foi suscitado a partir da vivência na condição de docente do componente curricular Biologia, bem como em decorrência das observações das dificuldades enfrentadas pelos professores da disciplina da rede pública de ensino, sobretudo do ensino noturno, quanto à utilização em sala de aula das mídias ou TIC no processo de ensino e aprendizagem.

Com intuito de constatar se o educando aprende de forma mais significativa, através das palavras e imagens, do que apenas com palavras, no presente estudo, contempla-

se o ensino de Biologia, levando em consideração as tecnologias, tão presentes no cotidiano de grande parte dos estudantes, para serem empregadas no trabalho pedagógico com a disciplina. A introdução das mídias, de acordo com Behrens (2000, p. 15), “podem contribuir ao serem utilizadas de modo a fornecer instrumentos para que o aluno possa agir e interagir no mundo com critério, ética e visão transformadora”.

Este texto tem por finalidade contribuir para as discussões sobre a inserção das TIC no ensino de Biologia, especificamente na EJA, tendo como eixos norteadores as seguintes questões problematizadoras: Como as TIC podem melhorar a prática pedagógica no ensino de Biologia? Qual a percepção dos alunos da EJA sobre o uso dos recursos midiáticos nas aulas de Biologia?

O texto está estruturado em três seções: a primeira aborda os aspectos históricos, onde se apresenta uma breve sinopse do ensino de Biologia e da EJA e adultos no Brasil, relacionando-os entre si e com alguns momentos importantes da trajetória educacional desse país que contribuíram para o amadurecimento do ensino na disciplina; na segunda, Mídias na Educação discutiu-se as implicações e possibilidades da utilização das mídias nas aulas de Biologia nas turmas de EJA; na terceira e última parte, especificamente, relatamos a experiência vivenciada em uma escola da rede pública de ensino do município de Rio Largo-AL, bem como os procedimentos metodológicos utilizados para o estudo, além dos resultados e conclusões.

O ensino de Biologia na EJA, segundo sua proposta pedagógica, vem com o intuito de permitir que o cidadão responda e problematize as perguntas e as informações que são construídas no seu cotidiano, no seu contexto, tornando esses problemas e questionamentos da vida como conteúdos de sua condição de sujeito “aprendente”. Contribuindo, também, para o desenvolvimento de sua capacidade de investigar e intervir de modo significativo em todo contexto social, cultural e natural à sua volta, sempre em busca de uma equidade processual e gradativa em todo o seu desenvolvimento educacional. Para Santos, a prática curricular de uma disciplina,

em uma determinada época, representa, então, a hegemonia de uma determinada posição naquele campo [...] deve abranger não apenas os conhecimentos incluídos em um curso de estudo como também os excluídos, devendo ainda analisar os efeitos sociais dessa inclusão ou exclusão (SANTOS, 1994, p.160).

Dessa forma, a prática curricular da disciplina de Biologia a ser trabalhada na EJA necessita explorar os conteúdos de forma mais didática possível, com a finalidade de transmitir não apenas os conceitos biológicos, como também permitir a produção da

informação, a criação e o reconhecimento de identidades e de práticas socioculturais na geração de ideias não apenas assimiláveis, mas de análise, de investigação científica, proporcionando não apenas a capacidade técnica profissional ou a condição de decifrar códigos, mas sim de apropriação do conhecimento, conduzindo-o à reflexão e aos questionamentos da realidade e à possibilidade de transformá-la.

MÍDIAS NA EDUCAÇÃO: contribuições para o ensino de biologia na EJA

A tecnologia tornou-se sinônimo de difusão de informações. A criação e a disseminação de conteúdos através das TIC, fizeram surgir um novo paradigma “aprender com tecnologia”. Como destaca Nogueira (1993, p. 23), “a utilização dessas novas tecnologias não representa somente um avanço nos recursos educacionais, mas um caminho para a mudança desse paradigma educacional”. Dentro dessa visão torna-se necessário buscar novas abordagens para o processo de ensino e aprendizagem, de forma a proporcionar resultados interessantes e significativos. Sem dúvida, essas inovações tecnológicas que, na visão de alguns autores da contemporaneidade, revolucionaram os processos de comunicação, colocam em xeque o ensino tradicional, pautado ainda hoje, na transmissão de informações e conhecimentos, exclusivamente pelo professor na maioria das escolas públicas do país. Carvalho (2000, p. 4) observa que,

O ensino está reduzido à transmissão de conceitos prontos e, a escola tem outro papel, que é o de dotar as pessoas de condições teóricas e práticas para que elas utilizem, transforme e compreenda o mundo da forma mais responsável possível.

Nessa visão, observa-se que a utilização das mídias no cotidiano escolar induz o professor a trabalhar de maneira construtiva exercendo o papel de mediador na construção do conhecimento do aluno, como enfatiza Leite (2008, p.71):

o verdadeiro educador é aquele que sabe conduzir seu aluno na busca e no acesso à informação necessária de modo que possa orientá-lo no processo da construção do conhecimento, interagindo com o seu aluno enquanto ser humano que tem sensibilidade para perceber e atender às suas necessidades e aos interesses pessoais- tarefa que o computador não pode desempenhar bem.

A inserção das mídias no contexto educacional da EJA oportunizará uma participação ainda maior do professor, principalmente o de biologia, no processo de ensino e aprendizagem, pois o mesmo terá a disposição

ferramentas áudios-visuais, que tornará suas aulas mais atrativas e interativas, contribuindo assim, para a produção e assimilação do conhecimento empírico dos alunos, como assevera Chervel (1990, p.180),

[...] Os conteúdos de ensino são impostos como tais à escola pela sociedade que a rodeia e pela cultura na qual se banha. Na opinião comum, a escola ensina as ciências, as quais fizeram suas comprovações em outro local [...] É a essa concepção dos ensinamentos escolares que está diretamente ligada à imagem que se faz da “pedagogia” [...] cuja tarefa consiste em arranjar os métodos de modo que eles permitam que os alunos assimilem o mais rápido e o melhor possível a maior porção possível da ciência referida.

Neste contexto educacional, são numerosos os recursos midiáticos que podem contribuir com o processo de ensino e aprendizagem de Biologia, dentre eles, o computador é a ferramenta que mais proporciona facilidades e interação, pois quando conectado a internet possibilita a ampliação das fontes de conhecimento. Todavia, para que esta e as outras ferramentas sejam empregadas de forma pedagógica na escola é preciso levar em consideração dois fatores: a ênfase nas discussões sobre “As Mídias”, pois são elas capazes de contribuir para a interação professor-aluno-conteúdos, bem como a capacitação contínua dos professores no domínio técnico e pedagógico de suas ferramentas. Brito (2006, p.VII), ao analisar a mídia discorre a respeito da utilização das ferramentas, quando argumenta que “o profissional competente deve não apenas saber manipular as ferramentas tecnológicas, mas incluir sempre em suas reflexões e ações didáticas a consciência de em uma sociedade tecnológica”.

Nesta perspectiva, já não é possível viver alheio às tecnologias, pois as mesmas estão incorporadas em nosso cotidiano, e na Biologia não é diferente. Assim é preciso que a educação também caminhe ao compasso das grandes inovações tecnológicas, tornando a busca pelo conhecimento mais próximo e significativo para os alunos. Neste sentido, o ensino de Biologia não se prestaria apenas ao desenvolvimento científico do aluno, mas também tecnológico embasado pelas TIC.

É imprescindível a mudança de postura e visão do professor frente a esse contexto social, repleto de aparatos tecnológicos, pois as TIC estão a nossa disposição para propiciar uma nova dimensão à prática educativa alterando a forma de ver e conhecer o mundo e vislumbrar o conhecimento. Todavia, sem o professor, elas serão apenas suportes técnicos e não os produtos das relações sociais estabelecidas entre sujeitos com as ferramentas tecnológicas que têm como resultado a produção e disseminação de informações e conhecimentos.

RELATOS DE ESTUDO NA EJA COM ENSINO DE BIOLOGIA

O estudo foi realizado em uma Escola estadual de Ensino médio na cidade de Rio Largo - AL. A tipologia do estudo se inscreve na abordagem qualitativa, cujo objetivo consistiu em analisar de que maneira o uso da mídia contribui para uma melhor assimilação dos conteúdos de genética e evolução da vida na sala de aula da educação de jovens e adultos.

A escola selecionada foi de porte médio, situada em bairro periférico de Rio Largo, no período de realização do estudo, atendia 1.800 alunos do ensino fundamental ao médio distribuído nos três turnos. Sendo que, para jovens e adultos do noturno somavam-se apenas 03 turmas.

O perfil socioeconômico dos alunos é de baixa renda, a maioria dos homens são trabalhadores das usinas de cana de açúcar e as mulheres empregadas domésticas ou funcionárias de supermercados da região.

A escola apresentava-se como as demais escolas da rede pública estadual de Alagoas, com o IDEB abaixo da média nacional, sendo um dos piores dentro da 12ª CRE ao qual a escola está inserida. Além do sucateamento típico das escolas estaduais, sem recursos pedagógicos e tecnológicos disponíveis, apenas livro didático como consolo para aprendizagem. No entanto, existe um laboratório de informática na escola, entretanto, o mesmo vive constantemente fechado, sem nunca ter sido utilizado nos anos em que foi instalado na escola. Questionando-se a gestão escolar, foi informado que a sala do laboratório servia como sala de aula devido à demanda escolar, confirmou-se que se tratava de ter quantidade e não qualidade no ensino.

No delinear da investigação e da nossa vivência na escola, foram observados e levantados dados sobre os conhecimentos que os estudantes tinham sobre as TIC. Este mapeamento teve o intuito de traçar um perfil acerca dos mesmos. Além da aplicação de um questionário visando saber quais mídias os alunos utilizavam em seu dia e quais delas poderiam ser utilizadas por eles para a melhoria de sua aprendizagem.

Para realização do levantamento e tendo como pressuposto que toda prática pedagógica necessita de uma abordagem teórica, dividiu-se a turma em dois grupos, de acordo, com as dificuldades apresentados por eles nos assuntos trabalhados na disciplina de Biologia. O 1º grupo trabalharia os conceitos da genética da 1ª Lei de Mendel e o 2º os conceitos da teoria da evolução da vida. Por último, foi aplicado um questionário semi-estruturado, onde os alunos discorriam sobre a percepção das contribuições da mídia para o ensino e aprendizagem da disciplina. Após o questionário, foi escolhida entre

a diversidade de mídias que temos para a prática pedagógica, o computador conectado a internet, como a mídia para o desenvolvimento de nossa percepção acerca das contribuições para Biologia.

Apresentaremos os resultado e análise do estudo. No primeiro momento da investigação foi analisado qual o conhecimento científico do aluno em relação às TIC do ensino em sua vivência cotidiana e no ambiente escolar. Bem como, as condições oferecidas pela gestão para o desenvolvimento tecnológico nas práticas de ensino.

Constatou-se que dos 50 alunos abordados cerca de 80% deles não tinham conhecimento sobre as TIC, dos 20% restantes apenas 10% tinha algum conhecimento apenas em informática e os demais somente acesso a internet para conversação no Orkut.

Em relação à escola observou-se que todas as disciplinas são trabalhadas com apenas giz e apagador para a transmissão e socialização de conhecimentos. Haja vista que o laboratório de informática foi transformado em sala de aula, conforme informação da gestão escolar.

Como foi detectado que a maioria da turma desconhecia as TIC e sua utilidade educacional foi providenciada uma apresentação em Power Point na sala de aula, onde se demonstrou a importância das mesmas para o processo de aquisição de novos conhecimentos e como instrumento facilitador no ensino e aprendizagem.

Após a apresentação foi aplicado um questionário para saber quais mídias eram mais utilizadas pelos alunos no seu cotidiano. A partir do questionário constatou-se que 80% dos alunos utilizavam as mídias: TV, rádio e celulares, 10% não utilizavam ou tinham acesso a TV, rádio, celulares e câmeras digitais, 10% tinham contato com TV, rádio, celulares e computadores. Baseado neste questionário foi escolhido à mídia computador para desenvolver o estudo em sala de aula.

Escolhido a mídia a ser utilizada, dividiu-se a turma em 10 grupos de 5 componentes, como o laboratório da escola não estava em funcionamento foi necessário desenvolver o trabalho pedagógico em uma lan house próximo a escola. Cada grupo no 1º momento pesquisou na internet os assuntos relacionados aos conteúdos de biologia, sendo que o primeiro grupo realizou a pesquisa sobre genética na 1ª Lei de Mendel e o segundo pesquisou a teoria da evolução da vida. A estes grupos foi solicitado que analisassem os conteúdos na internet e a explanação oral do professor.

Depois os mesmos grupos acessaram novamente a internet para pesquisar o mesmo conteúdo, porém através de imagens, animações, objetos virtuais. Como atividade final os grupos apresentaram em sala de aula os resultados das pesquisas.

Terminada as apresentações, foi elaborado um novo questionário também semi-aberto com as

seguintes questões: A tecnologia pode melhorar a relação professor-aluno? A introdução dos recursos midiáticos pode despertar o aluno a ter uma maior atenção na sala de aula? O uso da mídia no ensino pode contribuir com o processo de aprendizagem? O processo de aprendizagem é um fator determinante qual a melhor tecnologia para o ensino? O uso das mídias e/ou do computador melhora o acesso e permanência do aluno na escola? O uso do computador promoveu melhor a assimilação dos conteúdos? O uso de animações no conteúdo facilita a aprendizagem? Cada pergunta foi seguida das seguintes respostas: Sim_Não_Não Sei_Talvez.

Na análise do último questionário foram encontrados os seguintes resultados:

Respostas/ Perguntas	Sim	Não	Não sei	Talvez
A relação entre o professor e o aluno melhorará com esta onda tecnológica que está entrando no sistema educacional	70%	5%	10%	15%
A atenção as aulas melhorará com a introdução dos recursos midiáticos	55%	20%	5%	20%
O uso da mídia no ensino é um fator determinante no processo de aprendizagem	80%	---	10%	10%
O processo de aprendizagem determinará qual a melhor tecnologia para o ensino	50%	20%	5%	25%
O uso das mídias ou até mesmo do computador melhoraria o acesso e permanência dos alunos na escola	90%	---	1%	9%
O uso do computador promoveu melhor a assimilação dos conteúdos	80%	10%	---	10%
O uso de animações no conteúdo facilita a aprendizagem	90%	---	---	10%

Com os resultados apontados, fica claro que trabalhar com recursos midiáticos provoca impacto na aprendizagem dos alunos. As tecnologias são como pontes que abrem a sala de aula para o mundo no qual permitem mostrar as várias formas de captar e mostrar o conhecimento sob ângulos e meios diferentes para um

processo de construção da consciência crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente vivemos no mundo em que a tecnologia tem se tornado um fator fundamental no desenvolvimento humano e científico. Alicerçada sobre os avanços teóricos e metodológicos da ciência moderna, pode ser visualizada em uma gama de equipamentos presentes no cotidiano do cidadão comum, tais como celulares, a TV, o rádio, o computador etc. Entretanto, estas aplicações são praticamente “caixas-pretas” para quem as usa, e são pouco exploradas para despertar o interesse pelo estudo de ciências por parte dos educandos, em seus primeiros contatos formais com os conteúdos.

Em termos tecnológicos, a Biologia, juntamente com outras ciências, tem contribuído para o atual estágio de progresso do mundo. Essa contribuição, no entanto, poderá ser vista e vivenciada de forma mais crítica e humanizada na medida em que o professor busque desenvolver nos alunos a capacidade de compreender e de intervir criticamente na sociedade atual, que se torna cada vez mais tecnologicizada.

Sendo assim a introdução das TIC ou mídias no contexto escolar viabilizará as melhorias no processo de ensino e de aprendizagem em todas as disciplinas, mormente, a de Biologia, visto ser notória sua deficiência na transposição didática dos conhecimentos das Ciências Biológicas.

Embora trabalhar com as TIC, ainda é um grande desafio que precisa ser enfrentado no âmbito escolar, pois ensinar e aprender com as tecnologias provoca mudanças na prática pedagógica, além de tornar as aulas mais criativas e diferentes para a aprendizagem dos alunos.

Este estudo procurou demonstrar que mesmo na precariedade e na falta de recursos didáticos pedagógicos é possível desenvolver a criatividade, melhorar a assimilação dos conteúdos adotados no trabalho pedagógico com o ensino de Biologia. Contribuindo para ampliar a visão de mundo acerca da importância da mídia para a educação, sobretudo para o ensino de biologia nas escolas públicas.

Todavia, a mudança significativa quer seja no ensino de Biologia, ou de outra disciplina, só serão possíveis de se concretizar quando as mídias estiverem integradas não como fim, mas como elementos co-estruturantes do processo pedagógico, devendo conferir prioridade às contribuições do componente curricular na construção de um conhecimento que possibilite ao aluno e ao professor compreender e explorar a realidade em que vivem, formando-os para transitar entre as peculiaridades do mundo e o conhecimento científico.

REFERENCIAS

BECKER, F. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

BEHRENS, M. A. **O paradigma, emergente e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 2003.

BORGES, R. M. R.; LIMA, V. M do R. **Tendências Contemporâneas do ensino de Biologia no Brasil**. Revista eletrônica de Ensino de Ciências. vol.6, nº1. 2007

BRITO, G. S.; P. I. da. **Educação e Novas Tecnologias: um re-pensar**. Curitiba : Ibpex ,2006

CARVALHO, A. M. P **Ensino de Ciências: unindo a pesquisa e a prática**. São Paulo : Pioneira Thomson Learning, 2006.

CHERVEL. A. **História das disciplinas Escolares: reflexos sobre o campo de pesquisa Teoria & Educação**, Porto Alegre n.2 p. 177-229, 1990.

COSTA, C. **Educação, imagem e mídias**. (Coleção aprender e ensinar com textos;v.12/coord. geral Adilson Citelli,Ligia Chiappini). São Paulo: Cortez,2005.

CURY, C. J. R (2008): Por uma nova educação de jovens e adultos. Disponível <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volle.pdf>> Acesso em: 05 fev. 2010

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir** 7 ed. São Paulo; Cortez, Brasília, DF. MEC: UNESCO. 2002.

DI PIERO M. C. Joia O. & Ribeiro V. M: Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. In cadernos cedes, ano XXI, nº 55, Nov/2001.

DI PIERO, M. C.; Haddad, S. **Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem de jovens e adultos no Brasil: contribuições para uma avaliação da década da Educação para Todos**. Texto subsidiário a exposição realizada no I Seminário Nacional sobre Educação para Todos: Implementação de compromissos de Jontiem no Brasil (Brasília, DF: 10-11/06/1999), promovido pelo INEP/MEC, 1999.

DUTRA, C.E.G. **Guia de referência da LDB/96: com atualizações**. V.ed. São Paulo: Avercamp, 2007, 2 -224 pp.

FORQUIN, J. C. **Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicos sociais. Teoria e Educação**. Porto Alegre: EDITORA V. 3, n.5, p.28-49, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Política e Educação**. Ed. São Paulo: Cortez 2000.

FREITAS, O.M. **Didática da História Natural**. Brasil, MEC, s, d. p.19-22, 1980.

GLOBALIZAÇÃO E TRABALHO/ [coordenação do projeto Francisco José Carvalho Mazzeu, Diogo Joel Demarco, Luna Kallil].-São Paulo:Uni trabalho – Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o trabalho;Brasília,DF:Ministério da Educação. SECAD-Secretaria de Educação Continuada,Alfabetização e Diversidade , 2007.-(Coleção do EJA).

HADDAD, S. A ação de governos locais na educação de jovens e adultos. In. **Revista Brasileira de Educação**. Vol.12 nº 35, pp. 197-211. 2000.

KRASILCHIK, M. **O professor e o currículo das Ciências**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

_____. **Prática de ensino de biologia**. 4 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

LEITE, L.S. Mídia e a perspectiva da tecnologia educacional no processo pedagógico contemporâneo. In: FREIRE, W. **Tecnologia e Educação: as Mídias na Prática Docente**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

LORENZ, K. M. **Os livros didáticos e o ensino de ciências na escola secundária brasileira no século XIX**. Ciência e cultura: São Paulo, v. 38, n. 3, p. 426-435, mar. 1986.

MARANDINO, Martha. Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos/Martha Marandino, Sandra Escovedo Selles, Márcia Serra Ferreira-São Paulo: Cortez, 2009. -(coleção Docência em Formação. Série Ensino Médio).

MORAN, José Manuel. **Como ver televisão: leitura crítica dos meios de Comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1991

_____, Mudar a forma de ensinar e aprender com tecnologia. Disponível em: <www.eca.usp.br/prof/moran/uber.htm> Acesso em:20 fev. 2010

_____, José Manuel; MASETO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Parricide. **Novas Technologies medical pedagógica**. Campinas, SP: Papirus 2000.

NOGUEIRA, A.C. Multimídia na construção do conhecimento. “Tecnologia Educacional”, 22,39-41, 1993.

ROSENTHAL, D. **Social issues in high school Biology textbooks: 1963-1983**. Journal of Research in Science teaching, Maryland, v. 21, n. 8, p. 819-831, 1984.

SANTOS, Lucíola L. de C. P. História das disciplinas escolares: Perspectivas de análise. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO 7, 1994 Goiânia, Anais. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1994 p. 158-165.

SEFFRIN, L. M. **A EJA como direito: Diretrizes Curriculares Nacionais e a proposta política pedagógica**: Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volle.pdf>> Acesso em: 05 fev. 2010.

FONTES DOCUMENTAIS

BRASIL. LDB. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, Brasília, 20 de dezembro de 1996; Editora Brasil.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação média e tecnológica.PCN + Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências da Natureza matemática e suas tecnologias. Brasília: MEC: SEMTEC.

BRASIL. TECNOLOGIA E TRABALHO/ [coordenação do projeto Francisco José Carvalho Mazzeu, Diogo Joel Demarco, Luna Kallil]. -São Paulo: Uni trabalho – Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o trabalho; Brasília, DF: Ministério da Educação. SECAD- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade ,2007.-(Coleção do EJA).

A INTRODUÇÃO DA INFORMÁTICA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE MARECHAL DEODORO

Valdirene Maria da Silva
Sandra Regina Paz da Silva

Resumo

O texto analisa a importância da informática na prática pedagógica do professor e se baseia na experiência de introdução da informática nas escolas municipais de Marechal Deodoro. Estudos sobre o tema apontam que a formação do professor para a utilização da informática nas práticas educativas não tem sido priorizada, tanto quanto a formação pedagógica do professor, assim como a compra de computadores, instalações, funcionamento e manutenção dos laboratórios, permanecendo o velho paradigma de que a tecnologia por si só pode melhorar a qualidade das práticas educativas. Entretanto, as mudanças provocadas com o advento da revolução tecnológica trazem, a tona, questionamentos em relação à postura de qualquer profissional e, sobretudo, do profissional da educação diante do seu compromisso frente aos aprendizes e da sociedade, de modo que exige dos mesmos não apenas a capacidade de operar a tecnologia, mas a necessidade de diversificar a forma de trabalho, inclusive as propostas pedagógicas. Neste sentido, este texto busca refletir acerca da importância de realizar um trabalho pedagógico com os professores, pautado no planejamento e avaliação das atividades, de modo a indicar caminhos que possam contribuir na transposição didática dos conteúdos pedagógicos a partir da utilização da mídia computador.

Palavras-chave: Tecnologia, Conhecimento, Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

O trabalho que está sendo desenvolvido atualmente em Marechal Deodoro, acerca da introdução da informática na prática pedagógica do professor, tem como objetivo contribuir com a formação do professor para a utilização da mídia, particularmente, computador em sala de aula, alternando, adequadamente, atividades tradicionais de ensino e aprendizagem e atividades que utilizam o computador, tendo em vista criar condições para que os alunos com o aporte desta mídia possam apropriar e construir conhecimentos.

Isso significa uma formação que pretende atingir pontos fundamentais. Primeiro, propiciar ao professor condições para entender que o computador é uma ferramenta que pode representar o conhecimento, provocando um redimensionamento dos conceitos já conhecidos e possibilitando a busca e compreensão de novas ideias e valores. Usar o computador com essa finalidade requer uma análise cuidadosa do que significa ensinar e aprender assim como, demanda rever o papel do professor nesse contexto.

Outro aspecto a ser enfatizado é propiciar ao professor a vivência de uma experiência que contextualiza o conhecimento e os saberes pedagógicos, por ele construído ao longo do seu exercício profissional, no contexto da escola e na sua formação inicial, que leve em consideração a prática pedagógica dos professores e a presença dos seus alunos, de modo a sinalizar os conteúdos relevantes que devem ser abordado nos cursos de formação de professores.

Não se opondo a isso, a formação deve prover condições que para o professor possa construir seu conhecimento sobre as técnicas computacionais, entender por que e como integrar o computador em sua prática pedagógica e ser capaz de superar barreiras de ordem administrativa e pedagógica. Com isso possibilitará a transição de um sistema fragmentado de ensino para uma abordagem integradora de conteúdos, voltada para a resolução de problemas específicos do interesse de cada educando (MORAN, 2000).

Esta formação deve oportunizar meios e condições para que o professor saiba recontextualizar o aprendizado

e a experiência vividas durante o processo de formação para a realidade de sala de aula compatibilizando as necessidades de seus alunos e os objetivos pedagógicos que são necessários atingir.

O desafio de ampliar a prática pedagógica do professor utilizando a mídia, especificamente, o computador, requer dele a sensibilidade de observar os níveis de desempenho e conhecimento dos educandos diante da mídia, visto que poderá encontrar alunos que podem até saber manusear com maior habilidade a ferramenta do que ele, mas não têm nenhum direcionamento, nem tampouco objetivos de um planejamento que possa auxiliá-lo. Assim, como corroborar no processo educativo, tendo em vista que esta função é do professor, sendo a mesma insubstituível?

Com o advento da introdução dos computadores nas escolas, estas começaram a vivenciar um problema, ou seja, a pouca experiência do professor em lidar com a mídia computador, assim como nenhum conhecimento do uso de Informática como ferramenta pedagógica. Esta realidade fez e faz parte do exercício profissional dos docentes da rede municipal de ensino de Marechal Deodoro.

A constatação desta realidade tem impulsionado a SMED, em criar condições para oferta de treinamentos e formações nesta área. Um dos primeiros procedimentos será oferecer curso de introdução a informática de 40h, para os professores municipais nos laboratórios de informática já instalados nas escolas, onde se tem um computador, para cada dois professores.

Como metodologia do processo pedagógico a equipe formadora visa motivar os professores para o uso adequado do laboratório de informática. A proposta fundamenta-se na teoria construtivista, contando com o apoio de outros profissionais que já atuam nesta área, somando assim, as experiências agregadoras e significativas de formação pedagógica dos professores em outras unidades escolares.

Esta proposta visa utilizar o computador como uma ferramenta educacional para a melhoria da qualidade de ensino. Como resultado esperado, os professores devem ser, assim como o objetivo final, agentes ativos deste processo assumindo no contexto da sua prática pedagógica o papel de facilitador do processo de ensino e aprendizagem, mediado pelo uso do computador, de forma que possa interagir com as demais mídias a partir da sua utilização.

Para realização desta experiência partimos do pressuposto que o uso dos computadores na educação não pode mais ser questionado, porém não se deve adotá-lo como uma solução utópica para os problemas educacionais. Mas, constata-se que na realidade atual com grandes transformações em todas as áreas da vida humana, os movimentos e as práticas educacionais não

estão, e nem poderiam estar alheios a esses fatos, tendo em vista que a educação integra toda a complexidade da sociedade, como enfatiza Grinspun (1999, p. 12):

A educação faz parte desse tecido social em sua complexidade e sua participação no contexto da sociedade é de grande relevância, não só pela formação dos cidadãos que atuam nesta sociedade, mas e, principalmente, pelo potencial criativo que ao homem está destinado no seu próprio processo de desenvolvimento.

Trabalhar com a educação é uma experiência que proporciona um aprendizado da transformação de informações em conhecimento, e este conhecimento em sabedoria. É isto que dá ao ser humano o poder de saber optar, refletindo e até gerenciando autonomamente suas opções, para isso as práticas pedagógicas bem planejadas podem possibilitar condições de socializar e transmitir os conhecimentos de uma área para a outra, fazendo assim, a inter-relação dos conhecimentos já estruturados.

A escola não pode excluir-se dessa realidade. As metodologias aplicadas pelos educadores devem corresponder às realidades vividas pelos alunos no seu dia-a-dia e, mais do que nunca, as tecnologias disponíveis devem ter sua função educativa, participando da construção do conhecimento, principalmente, em se tratando de alunos de escolas públicas.

Nesta perspectiva, defendemos a importância do professor em vivenciar processos formativos que possibilitem sua atuação nesta nova realidade. Sendo a formação um mecanismo que possa vir a contribuir com a autonomia do pensamento crítico/reflexivo do professores, fortalecendo sua identidade profissional, como reitera Nóvoa (1992, p. 25),

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional

Para tanto, partimos de algumas considerações acerca da relevância do educador vivenciar processos formativos em relação ao uso da mídia computador, são elas:

- a participação de professores em um grupo de estudos em informática aplicada ao ensino poderá viabilizar a utilização de alguns ambientes computacionais em conexão com os conteúdos que estão sendo trabalhados em sala de aula;
- a capacitação em grupo de estudos e o assessoramento nas atividades iniciais com alunos nas escolas viabilizará e tornará mais frequente a utilização dos laboratórios de informática na escolas da rede pública;

- o uso de softwares educacionais, possibilita o desenvolvimento de atividades de maneira construtiva e permitem que o aluno interaja com o conteúdo ministrado. O aluno deixa de ser assistente (passivo) para assumir o papel de construtor do seu conhecimento.

Baseado nestes pressupostos apresentaremos as bases e experiências da introdução do uso da informática na rede municipal de ensino de Marechal Deodoro.

A EXPERIÊNCIA EM CONSTRUÇÃO DO COMPUTADOR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO MUNICÍPIO DE MARECHAL DEODORO

As mudanças provocadas com o advento da terceira revolução industrial¹, mormente a de base científica e tecnológica trazem, a tona, questionamentos em relação à postura de qualquer profissional e, sobretudo, o profissional da educação, no qual assume frente à sociedade o compromisso de educar as novas gerações socializando saberes e conhecimentos (TARDIF, 2002, p.47).

Por ser na sociedade o responsável de garantir mecanismo de socialização da cultura, compete ao professor não apenas conhecer as novas tecnologias da comunicação e informação, mas diversificar a forma de trabalho, assim como as propostas pedagógicas, que hoje têm relação direta com o processo tecnológico emergente.

Para tanto, diante da dificuldade dos professores em utilizar as TIC, é que se torna constante no seu cotidiano, a preocupação em garantir tecnologias que no universo escolar, possam contribuir à ampliação do conhecimento, bem como sua integração com as outras áreas do conhecimento, principalmente, na escola da rede pública, cujo acesso aos alunos ainda é restrito.

Deste modo, diversos questionamentos fazem parte do cotidiano do professor na sala de aula acerca das metodologias que melhor podem ser utilizadas na sua prática pedagógica, cujo principal objetivo a ser atingido é a melhoria do processo do ensino e da aprendizagem dos alunos na escola.

Sobre a relevância que o computador assume no cotidiano da escola, e, sobretudo, o fascínio e a curiosidade que provoca nos alunos, independente de suas idades, argumenta Nogueira (2002, p. 31) que:

As aulas no laboratório de informática são as mais esperadas pelos alunos. Percebe-se como é grande a expectativa para se sentarem em frente de um computador. As atividades são realizadas com mais entusiasmo e satisfação. É notável como os alunos se sentem importantes

e aos poucos se tornam autônomos no uso da máquina, mesmo que os que não sabem utilizar o computador. São poucos os que não se aventuram a descobrir como funciona, vão clicando e abrindo janelas aleatoriamente, descobrindo uma infinidade de coisas.

Não obstante, o uso do computador requer certas ações que são bastante efetivas no processo de construção do conhecimento. Quando o aprendiz está interagindo com o computador ele está manipulando conceitos e isso contribui para o seu desenvolvimento mental (VALENTE, 1996, p. 26).

O interesse em problematizar a importância da tecnologia, o uso do computador em sala de aula, com foco na formação docente, tem suas origens na necessidade de mudanças na prática pedagógica, fundamentalmente, no que se refere aos novos papéis que o professor deverá desempenhar, com seu uso pedagógico, bem como em sua atitude crítica e reflexiva frente ao conhecimento e à aprendizagem dos educandos.

Conforme experiência na condição de integrante da equipe de formação com professores no município de Marechal Deodoro se tem realizado visitas e acompanhamentos às escolas municipais, e temos observado que poucas delas têm contemplado o uso do computador em sala de aula, como também, é temos constatado que os professores poucos utilizam o instrumental tecnológico disponível, como softwares, por exemplo, para trabalhar os conteúdos em sala de aula.

Aspectos relacionados à inexperiência com a utilização do computador, agregado a falta de conhecimento do professor em utilizar e criar atividades diversificadas com o instrumento que está disponível tem levado a equipe pedagógica da secretaria a buscar caminhos e metodologias que modifique a realidade do trabalho pedagógico desenvolvido pelo profissional.

Entende-se a relevância de analisar esta experiência, que ainda está em construção, pelo fato de que o professor necessita de vivenciar processos formativos e de capacitação para desenvolver novos referenciais, que muitas vezes lhe são impostos, até mesmo pela sociedade, sem que haja modificações na prática pedagógica docente.

Acerca da utilização do computador na educação, Valente (1996, p. 18), enfatiza que:

o advento do uso do computador na educação provocou o questionamento dos métodos e da prática educacional, também provocou insegurança em alguns professores menos informados que receiam e refutam o uso do computador na sala de aula.

¹ De acordo com Albornoz (2000), o marco referencial da primeira revolução industrial data da criação da máquina a vapor. A segunda revolução decorreu do processo de industrialização, desenvolvido no século XVIII, com a descoberta da eletricidade. E a terceira é de base tecnológica. Esta é engendrada pelos significativos avanços da ciência e da tecnologia como principais meios de produção de bens e serviços.

Ainda conforme Valente (1996, p.21-27), “o uso do computador pode enriquecer ambientes de aprendizagem na qual o aluno, interagindo com os objetos desse ambiente, tem chance de construir o seu conhecimento”.

A utilização da mídia em sala de aula pode se constituir como um aspecto importante ao provocar mudanças, tanto na prática pedagógica dos professores, como nos currículos no qual aponta à necessidade de rever os processos de formação e capacitação do professorado. Estes aspectos sinalizam a necessidade de construir referências e elementos que possam contribuir nas novas formas de aprender e ensinar, como argumenta D’Ambrosio (1986, p.35), sobre a tríade que envolve o educando, o educador e o computador. O autor chama-nos a atenção para essa tríade: “temos agora um triângulo estudante – professor – computador, onde anteriormente apenas existia o relacionamento estudante – professor. Os estudantes por sua vez, têm novas expectativas com respeito ao ensino geral”.

Deste modo, observam-se, também, mudanças na dificuldade de resolução dos problemas e exercícios no desenvolvimento das aulas. O uso do computador muda a ordem de dificuldade dos exercícios e também viabiliza a resolução de várias maneiras para o mesmo exercício.

Todas essas possibilidades apontadas pelos autores dependem da participação efetiva dos professores no processo de ensino e aprendizagem. É necessário que eles estejam preparados para pré-estabelecer metas usar o computador, ou seja, desde a escolha do software que irá utilizar bem como a adequação do uso deste recurso aos seus objetivos pedagógicos.

A falta de preparo, formação e informação do professor, em relação aos recursos tecnológicos contribuem para que a informática educacional se torne um processo frustrante e uma prática pedagógica inócua para os alunos.

Acreditamos que os significados em estabelecer, no trabalho pedagógico do professor, o exercício do planejamento escolar e as atividades com a utilização dos computadores, venham contribuir para que o educador ultrapasse a utilização de métodos pedagógicos que pouco tem contribuído no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dos educandos.

O intuito de tecer uma reflexão acerca da experiência de introdução da informática na prática pedagógica do professor não pretende oferecer receitas prontas sobre a utilização do computador na educação. O interesse é contribuir com um referencial que possa colaborar para um repensar do professorado, frente a utilização das novas tecnologias da comunicação e informação na sala de aula.

O envolvimento destes no processo de implementação da tecnologia na educação é tão

importante quanto a aquisição de equipamentos. Assim, não se apresenta um software e tão menos uma metodologia milagrosa. O professor deve preestabelecer seus objetivos e metodologia a cada atividade utilizando computadores, de modo que se possa construir uma comunidade de aprendizagem com a utilização de recursos midiáticos como o computador.

Com o propósito de analisar a utilização de computadores na sala de aula, realizamos um acompanhamento em duas escolas localizadas no município de Marechal Deodoro, para mapear as atividades desenvolvidas pelos professores no período de 2009, relacionadas à utilização dos recursos computacionais na prática pedagógica em sala de aula.

Para tecermos uma reflexão acerca da relevância da formação dos professores para utilização do computador em sala de aula, recorreremos à literatura especializada: Novoa (1992), Moran (2000), Tardif (2002), Nogueira (2000), dentre outros que permitiram o acesso a uma discussão teórica sobre o uso das TIC pelos profissionais de educação, de modo que foi possível entender, melhor, a temática em questão.

Realizamos um levantamento de leitura exploratória e seletiva de livros, dissertações e artigos científicos, a fim de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, conferir significado mais amplo aos resultados, cortejando a literatura com a problemática em análise.

Logo após, uma visita foi realizada às duas escolas municipais, as quais foram selecionadas, cuidadosamente, conforme os objetivos da pesquisa. A partir das visitas verifica-se que as mesmas possuem laboratório de informática. Foram coletados dados de interesse da pesquisa através de questionários, utilizados em coordenadores, gestores, professores e alunos das escolas, para em seguida fazer uma análise.

No questionário foram feitas perguntas sobre dados pessoais, formação acadêmica, formação profissional, formação em informática, bem como, a utilização e visão dos professores quanto a ferramenta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fizeram parte desta pesquisa 21 colaboradores, entre professores e demais administradores. Todos foram entrevistados e responderam um questionário com 30 perguntas, referentes ao uso das TIC no processo de conhecimento e desenvolvimento de processos pedagógicos.

Dos professores que responderam ao questionário, 81% possuem computador. Os 19% que não possuem computador e justificam sua situação por motivos financeiros, conforme depoimentos transcritos a seguir:

“Já tive computador. Mas, no momento, não tenho condições para adquiri-lo. Utilizo de outras pessoas”. “Não tive possibilidade de comprar”.

Dos 21 entrevistados, 7 não justificaram porque não utilizam a sala de informática da escola. Os 14 respondentes argumentam que não utilizam as salas de informática das escolas basicamente, por duas justificativas:

1) Falta de acesso às salas, como se pode verificar nos depoimentos: “Acesso é restrito.” “O tempo de aula não nos propicia e a aula de informática é ministrada no laboratório que é reservado somente para esse fim.” “Só se pode usar a sala de informática com o professor da área, como os horários são sempre incompatíveis, não é possível.” “Impossibilidade de acesso.” “A direção da escola não disponibiliza a mesma aos professores das outras disciplinas”.

2) Tempo insuficiente, é uma das dificuldades apresentadas pelos professores: “Falta de tempo, devido a conteúdos imensos”. “Falta organização para levar os alunos para a sala de informática, além de não existirem muitos programas freeware em geografia”. “Não há tempo hábil para o professor frequentar a sala”.

Uma das questões do questionário solicitava aos respondentes que falassem sobre a importância da informática na educação. Algumas respostas obtidas: “Complementa os conteúdos exigidos pela escola, ilustrando-os”. “Auxilia nos trabalhos e pesquisas, além de estimular um contato maior com as outras culturas”. “A informática na educação é necessária porque trabalha junto com as outras disciplinas, ajudando em pesquisas e informações”. “É mais um recurso de ensino-aprendizagem”. “Quando bem trabalhada para despertar a curiosidade e melhorar aspectos da inteligência, além é claro, de romper fronteiras impostas pelo livro didático.” “A informática tornou-se o principal instrumento de absorção do conhecimento e acesso a informação”.

Dentre as respostas e comentários informais feitos pelos respondentes, pôde-se perceber que, tanto a metodologia adotada quanto os recursos utilizados no ambiente educacional refletem a visão de mundo do sujeito e a postura pessoal do professor. Tal fato foi verificado, particularmente, em alguns comentários feitos por uma professora de História, que afirmava não utilizar computadores pelo fato de esses “não terem alma”, e afirmou, também, ter sido tranquilizada ao saber que era essa a opinião do papa João Paulo II. Além disso, a professora crê que o computador inibe a criatividade do homem, provoca obesidades, problemas de visão e estatura, além de limitá-lo o homem.

Um ponto a ser destacado refere-se ao local de aplicação dos questionários, pois é possível que algumas respostas tenham sido influenciadas pelo ambiente

escolar. A observação dos resultados nos leva a perceber que existe uma relação direta entre o uso pessoal do computador e o incentivo a que os alunos utilizem o recurso: 19% não possuem computador; 10% não possuem acesso à internet; 19% não possuem conta de e-mail; 10% não incentivam os alunos a pesquisarem na internet. Resultado inversamente proporcional pode ser observado nas respostas à questão 16, sobre uso das salas de informática: somente 15% as utilizam no dia a dia.

Desta forma, os fatores que dificultam o uso de recursos computacionais em sala de aula pelos professores podem ser divididos em dois grupos: fatores organizacionais e fatores pessoais.

Como fatores organizacionais destacam-se: a dificuldade de acesso às salas de informática, que são disponibilizadas somente aos professores de informática e; a falta de tempo para utilizar os recursos computacionais aliados ao conteúdo das disciplinas. Dentre os fatores pessoais, destacam-se as crenças e a falta de aprimoramento pessoal nos recursos computacionais.

Acreditamos que o caminho para reverter tal situação passará, inevitavelmente, por uma conscientização do corpo docente sobre a necessidade de atualização pessoal e profissional, a partir de um processo de formação pautada numa lógica de reflexão/ação/reflexão sobre a ação, de modo a possibilitar, ao profissional, um repensar das suas práticas pedagógicas e dos seus valores.

Além do aspecto supracitado, a instituição a qual o professor está vinculado, deve oportunizar recursos para a total integração entre os professores de informática e das demais disciplinas, o que inclui capacitar toda a equipe docente para uso dos recursos computacionais.

Apesar de ser um estudo realizado com uma amostragem restrita, os resultados devem ser considerados significativos pelo fato de apontarem alguns fatores que inibem ou mesmo dificultam o uso efetivo de recursos computacionais nas escolas públicas.

Como desdobramentos futuros, este estudo deverá ser ampliado para atingir outros professores da rede e também outras escolas. Pretende-se ampliar a análise de modo a futuramente investigar a postura dos professores em incentivar os alunos na utilização do computador e da internet para realização das tarefas escolares.

Ao longo da pesquisa fica evidente que as escolas têm interesses em realizar um trabalho coletivo entre gestores, coordenadores e professores. Todos trabalhando de forma integrada procurando o aperfeiçoamento das novas tecnologias com a finalidade de alcançar melhores resultados não só no processo de produção do conhecimento como no crescimento intelectual de cada aluno.

De fato, o que se pôde observar é que, os professores das escolas pesquisadas têm depositado muitas expectativas e crenças em melhorias na qualidade do ensino e possibilidades de formação para os alunos. Entretanto, é preciso ter um olhar crítico sobre a questão e refletir sobre o uso de computadores no espaço escolar. O computador, sozinho, enquanto máquina, não traz mudanças.

A diferença está na prática cotidiana do professor ao utilizar o computador como ferramenta no processo de construção de conhecimento. No entanto, essa consciência está vinculada à formação do professor e a necessidade constante de atualização de seus conhecimentos.

É importante considerar que nas escolas pesquisadas há uma visão crítica das TIC e de sua incorporação no processo de ensino e aprendizagem. É fundamental ressaltar, contudo, que as dificuldades observadas não são exclusividade destas escolas, nem mesmo deste município, uma vez que podem ser constatadas em diferentes realidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade da informação e da comunicação demanda um novo olhar para o aprender e para o ensinar e, a rede tecnológica, por si mesma, não garante mudanças na educação, embora propicie novas formas de lidar com a informação, de produzir conhecimento e de estabelecer comunicação entre as pessoas. Tudo isso levou ao interesse em aprofundar, um pouco mais, o conhecimento na temática em questão.

A eficácia do uso das TIC em sala de aula, em particular o computador se deve, também, à capacidade de articulação entre as disciplinas, de superação do desafio proposto e de planejamento quanto o seu uso.

Como os desafios contemporâneos provocam em repensar da educação nas práticas pedagógicas, nossa reflexão buscou compreender o processo de melhorias nos laboratórios de informática e salas de aulas das escolas pesquisadas no município de Marechal Deodoro. Assim como compreender as implicações pedagógicas contidas nas análises aqui apresentadas visam contribuir para uma política de educação que considere o computador como uma ferramenta educacional, como uma oportunidade de mudanças na qualidade de ensino, vinculadas a uma utilização adequada das novas tecnologias da informação e comunicação.

Entretanto, pode-se questionar qual a importância das histórias aqui relatadas? Estas são escolas entre milhares de escolas, mas contando as histórias dessas escolas em particular contamos parte da história da humanidade, da sociedade contemporânea, e conhecemos alguns de seus conflitos.

Este estudo coloca-se simultaneamente numa perspectiva crítica e otimista. Crítica em relação à escola

atual, que manifestamente não satisfaz as necessidades nem dos alunos nem da sociedade. Crítica em relação ao imobilismo que continua em muitos casos a ser a força dominante procurando desculpar e justificar o que é inaceitável e não tem muitas vezes razão de subsistir. Crítica, ainda, em relação a diversas perspectivas de utilização dos computadores que estão longe de conter o poder inovador que muitas vezes lhes atribuem. Otimista porque na sociedade é cada vez maior a necessidade de que a escola tem de evoluir de forma a passar a ser, ela própria, um fator de progresso e inovação social, com vista a ampliar a projetos nesta direção.

Otimista porque a experiência vivida mostra a evidência que é realmente possível que ao introduzir a informática na prática do professor de forma reflexiva e planejada poderá o computador se constituir como uma indispensável ferramenta, instrumento valioso ao auxiliar no processo ensino e aprendizagem dos educandos das escolas públicas.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, R. Uma Incursão Sobre a História Recente da Introdução dos Computadores como Instrumento Pedagógico em Portugal. **Actas do Seminário Sobre Computadores no Ensino**. Departamento da Educação da Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, 1986
- COSTA, M. **Informática rumo ao futuro**. Lisboa: Plátano, 1988.
- ELIAS, M. D. C. A formação do educador e os princípios apontados pela Pedagogia Freinet. In: ELIAS, Marisa C. (Org.). **Pedagogia Freinet: teoria e prática**. Campinas: Papirus, 1996. p.25-28.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- NOGUEIRA, Nilbo R. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências**. 3 ed. São Paulo: 2002.
- NOVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Porto Codex/Portugal: Porto Editora, 1995.
- _____. **Formação contínua de professores, realidades e perspectivas**, Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.
- PEREIRA, D. C. **O computador: impacto na sociedade e na educação**. Porto Editora, 1985.
- ROSALEN, Marilena S. **Educação Infantil e informática**. Piracicaba: Unimep, 2001.

REZENDE, D. A. **Evolução da tecnologia da informação nos últimos 45 Anos**. Disponível em: <http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/revista_fae_business/n4_dezembro_2002/tecnologia2_evolucao_da_informacao_nos_ultimos.pdf>. Acesso em 22 abr 2009

TERUYA, T. K. **Trabalho e educação na era midiática: uma visão sociológica**. São Paulo: Vozes, 2000.

TRINDADE, A. A inovação e novas tecnologias da informação. **Revista Inovação**, vol 1, nº 1, 25-28, 1988.

VALENTE, J. A. **Computadores e conhecimento: repensando a educação**. Campinas: Unicamp, 1993.

_____. (Org.) **O professor no Ambiente Logo: formação e atuação**. São Paulo: Unicamp/Nied, 1996.

_____. **Computadores e conhecimento: repensando a educação** 2 ed. São Paulo. Unicamp/NIED. 1998.

_____. ; ALMEIDA, F. J. Visão analítica da Informática na educação no Brasil: a questão da formação do professor. **Revista Brasileira de Informática na Educação**. Sociedade Brasileira de Computação, nº 1, set. 1997.

_____. (org.) **Formação de professores para o uso da informática na escola**. Campinas: Unicamp/NIED, 2003.

_____. **Aprendizagem por projetos é o mesmo que ensino por projetos?** Online: disponível em < http://www.escola24h.com.br/salaprof/cursoweb/aprendizagem/extra/aprendizes/projetos/aprend_ensino.htm. s. d.> Acesso em 20 jun 2010.

SIMIÃO, L. F.; REALI, A. M. O uso do computador, conhecimento para o ensino e a aprendizagem profissional da docência. In: MIZUKAMI, M. G.; REALI, A. M. (Org.) **Formação de professores, práticas pedagógicas e escola**. São Carlos: Edufscar/Inep, 2002. p. 33-34.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO: O CURSO DE INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO DIGITAL EM MACEIÓ

Sílvia da Silva Medeiros

Resumo

Integrante dos processos formativos do Proinfo Integrado, o Curso de Introdução à Educação Digital é um curso voltado para professores e gestores das escolas públicas que visa a inclusão digital destes profissionais, introduzindo os recursos do computador e da internet para que eles possam refletir sobre a dinamização de suas práticas com o uso destes recursos. Este texto tem o objetivo de fazer uma breve apresentação do Curso de Introdução à Educação Digital em Maceió, que foi iniciado em 2008. O estudo envolve um breve histórico sobre os projetos federais voltados para a informática na educação, que serviram de alicerce para as atuais formações em tecnologia educacional, promovidas pelo MEC/SEED e apresenta uma descrição do Curso de Introdução à Educação Digital até chegar nas formações realizadas em Maceió.

Palavras-chave: tecnologia educacional; formação continuada; educação digital

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento acelerado dos recursos tecnológicos transformou o mundo atual, fazendo surgir uma nova era, a “Era da Informação,” e a sociedade concebeu um novo modo de vida, passando a ser chamada de “sociedade do conhecimento.”

Hoje, os recursos tecnológicos e midiáticos estão cada vez mais presentes na vida das pessoas. Seus avanços proporcionam a democratização do acesso à informação e novas possibilidades de construção do conhecimento. Nas escolas públicas, o acesso às TIC foi considerado por muito tempo um sonho de consumo, mas agora elas se tornaram realidade. O número de escolas que já possuem ou estão recebendo computadores do governo federal é cada vez mais crescente. A internet, que era algo distante e impensável no espaço escolar, já está disponível em muitas escolas estaduais e municipais. O desafio é fazer o uso consciente destas tecnologias no processo de ensino e aprendizagem.

O uso das TIC exige pessoas capacitadas, que saibam aplicá-las da forma adequada na sua área de atuação. Na educação, não é diferente. O professor precisa estar preparado para lidar com as tecnologias na sala de aula. A participação em formação

continuada, que envolva o uso pedagógico das TIC, é uma alternativa para os professores que acreditam na necessidade de adotar uma nova postura e pretendem dinamizar e aprimorar a sua prática pedagógica. Ao tratar da formação de professores, Nóvoa (1996) apud Almeida (2000b, p. 109) acentua que: “[...] hoje, formação não é qualquer coisa prévia à ação, mas que está e acontece na ação”.

Em Maceió, o acesso às TIC já é realidade em boa parte das escolas públicas municipais. A cada ano, o Proinfo, do governo federal, vem ampliando o número de entrega de computadores nas escolas da rede. Além da distribuição dos computadores com internet, o MEC também promove, desde 2008, através do Proinfo Integrado, o Curso de Introdução à Educação Digital, com duração de 40 horas, curso de capacitação para os professores e gestores das escolas públicas, que visa à inclusão digital e social. Através deste curso, o professor amplia seus conhecimentos sobre mídias e tecnologias, desenvolve habilidades básicas com o manejo do computador e aprende a utilizar alguns programas no ambiente Linux Educacional¹.

Em função da importância de se conhecer experiências formativas na área de educação, voltadas para

¹ Software desenvolvido pelo Centro de Experimentação em Tecnologia Educacional (CETE), do Ministério da Educação, para colaborar com o atendimento dos propósitos do Proinfo.

o uso das TIC, este texto tratará do Curso de Introdução à Educação Digital ofertado em Maceió para professores e gestores da rede pública municipal, visto ser ele o curso que tem como finalidade apresentar aos professores cursistas as primeiras noções de educação digital.

Num primeiro momento, foi feito um resumo da história dos projetos criados pelo governo no sentido de aplicar a informática na educação. Em seguida, são apresentadas as bases legais que fundamentam a utilização das tecnologias na formação continuada para, então, apresentar o curso e mostrar como ele é realizado em Maceió.

Além de fontes como livros e periódicos, neste artigo serão utilizados o material impresso do curso, organizado pelo MEC, por intermédio da SEED, que serviu de base para boa parte das informações sobre o curso contidas neste trabalho, como também, contatos telefônicos e as informações encontradas nas fichas de inscrição e de avaliação preenchidas pelos cursistas, que tiveram um valor relevante para o desenvolvimento deste artigo (dados para o perfil dos cursistas e depoimentos).

O Proinfo foi criado pela Portaria nº 522, de 9 de abril de 1997, desenvolvido pela SEED/MEC, em parceria com os governos estaduais e municipais, surge como uma expansão do Proninfe, tendo como principal atribuição a de introduzir o uso das TIC nas escolas públicas, conforme mencionado na sua criação:

Art. 1º- Fica criado o Programa Nacional de Informática na Educação – PROINFO, com a finalidade de disseminar o uso pedagógico das tecnologias de informática e telecomunicações nas escolas públicas de ensino fundamental e médio pertencentes às redes estadual e municipal (BRASIL, 1997, p. 1).

Em 2007 é elaborada uma revisão do Proinfo, através da SEED, que faz surgir uma nova versão do programa. Instituído pelo Decreto nº 6.300, de 12 de dezembro do mesmo ano, o Proinfo passa a ser “Programa Nacional de Tecnologia Educacional” e postula a integração e articulação de três componentes: a instalação de ambientes tecnológicos nas escolas (laboratórios de informática com computadores, impressoras e outros equipamentos e acesso à internet banda larga); a formação continuada dos professores e outros agentes educacionais para o uso pedagógico das TIC; a disponibilização de conteúdos e recursos educacionais multimídia e digitais, soluções e sistemas de informação disponibilizados pela SEED/MEC nos próprios computadores, por meio do Portal do Professor, da TV/DVD Escola. (FIORENTINI, 2008, p. 5).

O Proinfo representa um enorme avanço em relação à versão anterior do Programa, visto que ele

não apenas dissemina, mas também garante a promoção do uso das TIC nas escolas públicas, como apresenta o art. 1º do Decreto nº 6300/2007: O Proinfo, executado no âmbito do MEC, promoverá o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica” (BRASIL, 2007, p. 1).

Neste contexto, o Proinfo passa a ter uma preocupação maior com a capacitação de professores e, para tratar especificamente deste assunto, cria o Proinfo Integrado, que passa a organizar um conjunto de processos formativos, dentre eles, o Curso Introdução à Educação Digital (40h). No portal do MEC é disponibilizada uma definição clara sobre o Proinfo Integrado:

Programa de formação voltada para o uso didático-pedagógico das TIC no cotidiano escolar, articulado à distribuição dos equipamentos tecnológicos nas escolas e à oferta de conteúdos e recursos multimídia e digitais oferecidos pelo Portal do Professor, pela TV Escola e DVD Escola, pelo Domínio Público e pelo Banco Internacional de Objetos Educacionais (MEC, 2010, p. 1).

Nos anos de 2008 e 2009, o Proinfo Integrado organizou conteúdos e capacitou professores multiplicadores para 3 cursos: o Curso de Introdução à Educação Digital (40h), o Curso Tecnologias na Educação: ensinando e aprendendo com as TIC (100h) e o Curso Elaboração de Projetos (40h), sendo que os dois primeiros cursos já foram introduzidos pelos NTE dos Estados e municípios e, o último, tem previsão de ser implementado em 2010.

Segundo Moresi (2008, p. 1), em Alagoas foram criados dois NTE, por meio do Decreto estadual nº 4.059, de 1 de outubro de 2008: um em Maceió e outro em Arapiraca. Esses núcleos estão ligados à SEE/AL e devem atuar em parceria com as CRE e Secretarias Municipais de Educação, para a execução e o acompanhamento das atividades relacionadas ao Proinfo Integrado. Segundo informações da SEE-AL,

Cada núcleo terá um coordenador. Dentro de cada um deles teremos professores multiplicadores, que são especialistas em Tecnologia de Informação e Comunicação na Educação e, também, os técnicos de suporte em Hardware, Software e Rede; e um perito em Eletrônica para suporte de equipamentos. Os núcleos contribuirão para a melhoria da qualidade do ensino através das formações continuadas dos professores da rede. Estas formações podem ser semipresenciais e a distância e têm como objetivo preparar os docentes para o uso efetivo das tecnologias existentes em cada escola (citado em MORESI, 2008, p. 1).

De acordo com as informações cedidas pela Coordenação de Tecnologia Educacional da Secretaria Municipal de Educação de Maceió, as primeiras ações no sentido de implantar um núcleo de tecnologia municipal em Maceió foram iniciadas no ano 2000. Atualmente, o NTE do município de Maceió já existe, sendo responsável, também, por todas as prerrogativas que os núcleos estaduais assumem, tais como: capacitação de professores, acompanhamento da distribuição de laboratórios de informática, atualização de dados das escolas com laboratórios no SIGETEC, entre outras. A criação desses núcleos demonstra o movimento que vem ocorrendo no sistema de ensino estadual e nos sistemas de ensino municipais para consolidar práticas de tecnologia educacional na rede pública de ensino.

BASES LEGAIS DO USO DAS TECNOLOGIAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA

A LDB nº 9.394/96, em seu Título VI, que trata dos profissionais da educação, em dois de seus artigos, o art. 62 e o art. 67, apresenta a necessidade da utilização das tecnologias na formação continuada e o compromisso dos sistemas de ensino em promovê-la, respectivamente.

A Lei nº 12.056/2009 acrescenta no art. 62 três parágrafos que reforçam a necessidade da formação continuada para os docentes e o uso das tecnologias nestas formações:

Art. 62. [...]

§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério.

§ 2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância

§ 3º A formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação a distância (BRASIL, 1996, p. 22-23).

No art. 67, a LDB assegura a promoção da formação continuada para os professores da rede pública, por parte dos respectivos sistemas de ensino:

Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

[...]

II – aperfeiçoamento profissional continuado [...]. (BRASIL, 1996, p. 23).

Quando se trata da formação continuada de professores em Tecnologia Educacional, a SEED/MEC elaborou o Decreto nº 6.300, de 12 de dezembro de 2007, que trata do Proinfo. No parágrafo único, do Art.

1º, o decreto apresenta como um dos seus objetivos a capacitação dos professores para o uso das TIC: “São objetivos do Proinfo: [...] III – promover a capacitação dos agentes educacionais envolvidos nas ações do Programa” (BRASIL, 2007, p. 1).

O CURSO DE INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO DIGITAL

O curso faz parte do conjunto de processos formativos do Proinfo Integrado, voltado para a formação de professores e gestores da educação básica de todo país, visando à inclusão digital e social, tem como objetivo geral:

[...] contribuir para a inclusão digital de profissionais da educação, buscando familiarizá-los, motivá-los e prepará-los para a utilização significativa de recursos de computadores (sistema operacional Linux Educacional e softwares livres) e recursos da Internet, refletindo sobre o impacto dessas tecnologias nos diversos aspectos da vida, da sociedade e de sua prática pedagógica (FIORENTINI, 2008, p.10).

Através do curso, o professor tem a oportunidade de conhecer e utilizar o sistema operacional Linux Educacional 3.0. É uma versão mais recente, que está sendo instalada nos laboratórios de informática das escolas públicas de ensino. Todo o material impresso (Guia do Formador e Guia do Aluno) e material digital (cd-rom) do curso foi organizado para ser aplicado em computadores que tenham o software livre Linux Educacional. Em cada turma, são distribuídos para os alunos um Guia do aluno (texto-base) e um cd-rom constituído por textos em outros meios (sons, imagens, vídeos) e estruturas (hipertextos).

O curso possui uma carga horária de 40 horas e está organizado em nove unidades de estudo e prática, ficando a critério de cada NTE a organização dos momentos presenciais e a distância, desde que os encontros presenciais semanais sejam de, no mínimo, 2 horas e que o curso não ultrapasse 10 semanas.

As unidades de estudo do curso estão assim distribuídas:

- Unidade 1: Tecnologias no cotidiano: desafios à inclusão digital e social;
- Unidade 2: Navegação, pesquisa na internet e segurança;
- Unidade 3: Comunicação mediada pelo computador: correio eletrônico;
- Unidade 4: Debate na rede: bate-papo, lista e fórum de discussão, netiqueta;
- Unidade 5: Elaboração e edição de textos;
- Unidade 6: Apresentação para nossas aulas;

- Unidade 7: Criação de blogs;
- Unidade 8: Cooperação e interação em rede;
- Unidade 9: Soluções de problemas com planilhas eletrônicas.

Para cada unidade de estudo são previstas atividades de aprendizagem que envolvem conceitos, procedimentos, reflexões e práticas para serem realizadas nos encontros presenciais e no estudo a distância. Também estão disponibilizados vários textos explicativos, sugestões de sites, glossário, questionamentos, dicas, etc. Por ser um curso introdutório, a equipe de elaboração do MEC/SEED disponibilizou o passo-a-passo de várias atividades de execução no decorrer do curso, apresentando as imagens da tela do computador para que, através da visualização, os cursistas possam entender melhor a sequência do que deve ser feito na prática.

As unidades de estudos foram elaboradas com a intenção de abrir um espaço de reflexão, familiarização e preparação para o uso dos computadores e seus aplicativos (Writer, Impress, Calc²), bem como, apresentar os recursos tecnológicos disponíveis na internet, havendo a preocupação em considerar os conhecimentos prévios e a vivência de cada um sobre os temas envolvidos:

Trabalhamos com a intenção de criar oportunidades de aprendizagem de edição, navegação, pesquisa, comunicação e produção que pudesse ser gratificante aos cursistas, articulando-as à experiência prévia, oriunda da trajetória social, tecnológica e educacional de cada um, como base para o conhecimento, incorporação e uso consistente das tecnologias digitais na vida cotidiana e profissional (FIORENTINI, 2008, p. 27).

Na proposta pedagógica do curso, segundo Almeida (2000a, p. 38), as práticas pedagógicas de utilização de computadores se concretizam através de duas abordagens: instrucionista e construcionista. Na abordagem instrucionista, a atuação do professor não exige muita preparação, pois ele deverá selecionar o software de acordo com o conteúdo previsto, propor as atividades para os alunos e acompanhá-los durante a exploração do software. A consequência desse enfoque tecnicista reflete na prática a “tecnização” dos conteúdos e das relações humanas. Isso, na realidade, afasta o professor da possibilidade de assegurar um aprofundamento do seu conhecimento sobre os vários aspectos que constituem o seu universo de ação. Um fato que acaba gerando a desvalorização da função do professor, caracterizando o atual estado de precariedade do processo educativo (PRADO, 1999, p. 19)

Na abordagem construcionista, o computador deixa de ser o detentor do conhecimento e passa a ser uma ferramenta utilizada para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento do aluno. O conhecimento não é fornecido ao aluno para que ele dê as respostas: é o aluno quem conduz a ação. Quanto ao professor construcionista, Almeida (2000a, p. 77) afirma que:

Na abordagem construcionista, cabe ao professor promover a aprendizagem do aluno para que este possa construir o conhecimento dentro de um ambiente que o desafie e o motive para a exploração, a reflexão, a depuração de ideias e a descoberta. [...] Além disso, o professor cria situações para usar o microcomputador como instrumento de cultura, para propiciar o pensar-com e o pensar-sobre-o-pensar e identificar o nível de desenvolvimento do aluno e seu estilo de pensar.

A proposta pedagógica do curso tem por base os seguintes fundamentos pedagógicos: formação contextualizada significativa que busca envolver o cursista na análise e solução de problemas/questões que fazem parte de sua vivência; promoção da autonomia do sujeito; interação na aprendizagem e construção do conhecimento; tecnologias como meio e não como fim; relação ação/reflexão/ação constante; ênfase na aplicação prática no trabalho docente.

Os fundamentos pedagógicos apresentados na proposta do curso revelam um posicionamento construcionista, mas, que, na prática, acaba havendo uma mistura das duas abordagens (instrucionista e construcionista). Para Almeida (2000), esta é uma situação que deve ser vivenciada pelo professor em formação, quando afirma:

É necessário que, no processo de formação, haja vivências e reflexões com as duas abordagens de uso do computador no processo pedagógico (instrucionista e construcionista). É que sejam analisados seus limites e seu potencial, de forma a dar ao professor autonomia para decidir qual a abordagem com que vai trabalhar (ALMEIDA, 2000b, p. 111).

De acordo com os dados informados pela Coordenação de Tecnologia Educacional da Secretaria Municipal de Educação de Maceió, o Proinfo, desde sua criação em 1997 até 2009, já disponibilizou 56 laboratórios de informática para as escolas do ensino fundamental do município de Maceió. A previsão é de que, em 2010, sejam distribuídos mais 20 novos laboratórios de informática na rede e ocorram cerca de 24 ampliações de laboratórios já existentes.

² Softwares livres do BrOffice.org, disponíveis no Linux Educacional: Writer: possibilita a criação e edição de textos e, também, a criação de páginas para serem visualizadas na Internet; Calc: possibilita a criação, edição e apresentação de planilhas eletrônicas; Impress: permite fazer apresentações de slides.

Na medida em que as escolas recebem computadores, a necessidade de utilizá-los na prática pedagógica se torna imprescindível. A participação dos professores na formação continuada de cursos voltados para o uso do computador na sala de aula é fundamental para que eles se sintam preparados para aplicar a informática educativa no seu dia-a-dia. O Curso de Introdução à Educação Digital é uma opção para os professores das escolas que possuem laboratório de informática desenvolverem habilidades com os recursos do computador e da internet e refletirem sobre propostas de dinamização do trabalho em sala de aula com o uso destas tecnologias. Quanto à formação continuada sobre o uso das novas tecnologias na educação, Mercado (2002, p. 21) afirma que:

O processo de formação continuada permite condições para o professor construir conhecimento sobre as novas tecnologias, entender por que e como integrar estas na sua prática pedagógica e ser capaz de superar entraves administrativos e pedagógicos, possibilitando a transição de um sistema fragmentado de ensino para uma abordagem integradora voltada para a resolução de problemas específicos de interesse do aluno.

Na rede municipal de ensino de Maceió, as formações do curso foram iniciadas no 2º semestre de 2008, no laboratório de informática do NTE Municipal. A intenção do grupo é expandir as capacitações para que elas sejam realizadas nas escolas que já possuem laboratório.

Antes de dar início às formações com os professores, os professores-multiplicadores do NTM foram submetidos a uma capacitação oferecida pela equipe do MEC/SEED e receberam um Guia do Formador, que apresenta todo um conjunto de orientações sobre o curso. Segundo Lóes (2007, p. 38), “[...] o multiplicador é um agente de mudança educacional, que sensibiliza e motiva os professores para a necessidade da integração das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem”.

As turmas são formadas por professores das escolas que possuem laboratório e, para cada turma, são oferecidas 25 vagas. A ideia é a de que os professores participantes do curso se tornem multiplicadores na própria escola. Nóvoa (1991, p. 30) mostra que: “[...] a formação continuada deve estar articulada com o desempenho profissional dos professores, tornando as escolas como lugares de referência”.

A divulgação do curso é feita por telefone, por e-mail, por ofício às escolas e, atualmente, pela Plataforma Freire. Os professores interessados procuram o setor responsável e preenchem uma ficha de inscrição, contendo: dados pessoais, dados profissionais. Todos os

professores inscritos são incluídos no sistema do Proinfo Integrado, criado pelo MEC para manter o cadastro de cursistas, cursos e turmas de formação.

O Plano de Trabalho do curso, organizado pela equipe de formadores, segue as orientações do guia do formador, fazendo as adaptações de acordo com cada turma e de acordo com o perfil dos cursistas. A distribuição da carga-horária de 40h do curso foi planejada da seguinte forma: 7 encontros presenciais, com duração de 4 horas (totalizando 28h), complementados por 12 horas de estudo a distância.

Nos encontros presenciais são distribuídos, para cada aluno, as apostilas confeccionadas pelo MEC/SEED (guia do aluno) e o cd-rom, contendo em formato digital todo o curso. Para cada encontro, são organizadas apresentações de slides sobre as unidades de estudo do curso e, no final, os cursistas preenchem uma ficha de avaliação na qual eles destacam: o nível de satisfação do curso, os pontos positivos, os pontos negativos, sugestões.

O quadro abaixo apresenta um resumo geral do número de inscritos/participantes desde que o curso foi implementado, no 2º semestre de 2008, até o final de 2009:

Execução do Curso de Introdução à Educação Digital (40h) em Maceió-2008/2009

Ano	Matrícula inicial	Concluintes
2008	78	47
2009	90	66
Total	168	113

Fonte: NTM Maceió/AL, 2009.

O quadro revela que o número de professores que se inscrevem para participar das formações em tecnologias educacionais ainda é muito tímido. Alguns se inscrevem, mas não participam efetivamente do curso. De acordo com os dados apresentados, o percentual de professores inscritos nas formações que não compareceram ou desistiram do curso ficou em cerca de 40% em 2008 e 27% em 2009. Apesar do índice de queda nos percentuais, o índice de evasão/desistência é relativamente alto diante da necessidade que há de professores familiarizados com as TIC nas escolas que possuem laboratórios de informática. De acordo com a pesquisa feita por telefone com os professores desistentes, a falta de disponibilidade de horário para participar de cursos de formação, o não funcionamento dos laboratórios e as máquinas sucateadas são os principais fatores determinantes para a evasão/desistência dos inscritos.

O PERFIL DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DO CURSO DE INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO DIGITAL EM MACEIÓ

Neste estudo, a forma utilizada para identificar o perfil dos professores que participam do curso foi a análise da ficha de inscrição. Nela, os professores expõem dados relevantes que contribuem para que seja traçado o perfil do grupo. Além da ficha, no decorrer do curso também é possível coletar outras informações através das respostas dadas às atividades do curso, diálogos e fichas de avaliação do curso. Para tratar do perfil dos professores participantes do curso, foram analisadas 20 fichas de inscrição de uma turma de 2009, correspondendo a uma amostra de cerca de 22% dos inscritos nesse ano.

Após a análise das fichas, ficou evidenciado que a maioria dos professores participantes do curso é do sexo feminino. Numa turma de 20 inscritos, 18 são mulheres (90%) e apenas 2 são homens (10%), sendo que 12 professores lecionam em turmas dos anos iniciais do ensino fundamental (60%) e apenas 8 dão aulas em turmas do 6º ao 9º ano (40%). Quanto ao nível de escolaridade, mais da metade (55%) tem pós-graduação. Em relação à habilidade com o computador, a grande maioria (85%) assumiu que já tem habilidade. Apesar da maioria ter afirmado que tem acesso à internet em casa (75%), um pequeno grupo (25%) admitiu que só acessa a internet no trabalho ou em lan house. A turma é formada basicamente por professores com mais de 40 anos (70%). O estado civil da maioria é casado (60%).

Os dados coletados das fichas de inscrição dos cursistas mostram que o interesse maior pelo curso vem das professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, com idade acima de 40 anos. Mesmo havendo uma maioria que tem pós-graduação e que afirma ter habilidade com o computador, é possível constatar que estas profissionais não tiveram acesso às tecnologias na sua formação e, na prática, apresentam dificuldade e um certo “temor”, como revelam os depoimentos de duas cursistas:

Ao realizar a inscrição para esta oficina mantive uma expectativa bastante relevante, uma vez que tinha receio de utilizar o computador. No entanto, percebi que era apenas medo, hoje estou mais aberta e consegui aprender MUITO em tão pouco tempo [...] (Professora-cursista A).

[...] tenho bastante dificuldade em mexer com computador, não tenho muito tempo também para adquirir a prática. [...] Anotei tudo que pude, porque quando acabo de fazer, já esqueci (Professora-cursista B).

É um grupo interessado em melhorar o seu desempenho em sala de aula com auxílio do

computador e da internet, que tem consciência da necessidade de introduzir as TIC na sua prática pedagógica. Os depoimentos abaixo mostram a opinião de alguns cursistas:

Eu queria me atualizar nos programas de tecnologia educacional do MEC para não ficar à margem da inclusão digital das escolas (Professora-cursista C).

Foi de grande importância pra mim [o curso], pois foi o primeiro contato com o computador [...]. Me sinto um pouco insegura ainda, mas aprendi muito, o suficiente para iniciar uma nova perspectiva (Professora-cursista D).

O curso foi muito instrutivo, de todos os pontos de vista, afinal aqui se dá uma oportunidade a pessoas que trabalham muito tempo na área educacional, mas não tiveram a oportunidade de entrar nesse mundo maravilhoso que é a área de informática. Aqui as pessoas descobrem que a computação não apenas servirá para dar complemento a seus trabalhos, ou seja, em sua vida profissional, acabam descobrindo que a informática também os ajudará em seus projetos pessoais, projetos esses, que talvez nem existissem antes dessas pessoas sentarem nessas cadeiras (Professor-cursista E).

Os depoimentos apresentados foram extraídos das fichas de avaliação preenchidas pelos cursistas no final do curso. Nestas fichas, os alunos dão sua opinião sobre o curso, os pontos positivos, pontos negativos, dão sugestões, opiniões, fazem uma auto-avaliação, etc. São informações de extremo valor, que dão condições para o grupo da formação melhorar o seu trabalho, fazer reflexões sobre o que deu certo e o que precisa melhorar em outras formações.

Destacamos que na sociedade atual, não há mais espaço para o professor introspectivo, alienado, que não aceita mudanças ou incapaz de enxergar a revolução tecnológica que vem acontecendo nos últimos tempos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, o governo federal, em regime de colaboração com os estados e municípios, tem equipado a maioria das escolas públicas brasileiras com computadores e internet banda larga. No entanto, estas ações não são o suficiente para que haja uma mudança significativa na educação. Não basta a escola adquirir recursos tecnológicos e outros materiais pedagógicos sofisticados e modernos. É preciso ter professores capazes de atuar e de recriar ambientes de aprendizagem. Isso significa formar professores críticos, reflexivos, autônomos e criativos para buscar novas possibilidades, novas compreensões, tendo em vista contribuir para o processo de mudança do sistema de ensino (PRADO, 2000, p. 14).

Através do MEC/SEED, vários cursos de formação continuada voltados para a área de tecnologia educacional vêm sendo ofertados para os professores de todo o país. O Curso de Introdução à Educação Digital e os demais cursos que integram o Proinfo Integrado representam um avanço no que se refere a políticas públicas nacionais voltadas para a formação do professor. A participação nestes cursos é um primeiro passo para os professores que desejam se familiarizar com os recursos do computador e da internet e desenvolver novas práticas na sala de aula com a utilização das TIC.

A implementação do curso em Maceió representa uma grande conquista para a formação continuada dos professores da rede municipal de ensino. Os depoimentos dos cursistas revelam que a participação no curso os torna mais reflexivos, mais abertos às mudanças e, principalmente, desmitifica o medo do computador. Muita coisa ainda precisa ser feita. Além de computadores e internet funcionando plenamente e cursos de formação continuada, é preciso haver um espaço aberto nas escolas, preparado para novas práticas, que aceite as possíveis transformações que ocorrerão com a mudança de postura do professor. Para que sejam alcançadas mudanças efetivas no processo ensino-aprendizagem, é essencial que o “professor de sala de aula” participe efetivamente da idealização e da execução dessas mudanças. É preciso, ainda, que haja a compreensão, por parte desse professor e dos demais envolvidos no processo educacional, de que a “aula” não deve acontecer apenas em sua sala, mas também – e principalmente – em espaços alternativos (SETTE, AGUIAR e SETTE, 2000, p. 21). Segundo Dowbor (2001) “[...] É necessário repensar a escola e a educação no sentido mais amplo. A escola deve ser menos lecionadora e mais organizadora de conhecimento, articuladora dos diversos espaços do conhecimento” (DOWBOR, 2001). É, de fato, um desafio à pedagogia tradicional, porque significa introduzir mudanças no processo de ensino e aprendizagem e, ainda, nos modos de estruturação e funcionamento da escola e de suas relações com a comunidade (LÓES, 2007, p. 39).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria E. **PROINFO** – Informática e formação de professores, v. 1. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2000a. Série de Estudos. Educação a Distância.

_____. **PROINFO** – Informática e formação de professores, v. 2. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2000b. Série de Estudos. Educação a Distância.

BRASIL. **Decreto nº 6.300, de 12 de dezembro de 2007**. Dispõe sobre o Programa Nacional de Tecnologia Educacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6300.htm>. Acesso em: 1 mar. 2010.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/l9394.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

_____. **Portaria nº 522, de 9 de abril de 1997**. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001167.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2010.

DOWBOR, Ladislau. **Vídeo Educação e Tecnologia**. Disponível em:

<<http://br.youtube.com/watch?v=szNScklQnWY>>. Acesso em: 18 mai. 2010

FIorentini, Leda (Org.). **Introdução à educação digital**: curso de formação continuada para professores do ensino fundamental e médio da rede pública. SEED/MEC. Brasília, 2008. LÓES, Francesca V. O professor-multiplicador e o uso pedagógico de TIC nas escolas públicas brasileiras. In: COORDENAÇÃO CENTRAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA PUC-RIO (Org.). **Educação a distância e formação de professores**: relatos e experiências. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio, 2007.

MEC. Ministério da Educação. Home Page. **PROINFO Integrado**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13156&Itemid=271>. Acesso em: 1 mar. 2010.

MERCADO, Luís P. **Novas tecnologias na educação**: reflexões sobre a prática. Maceió: Edufal, 2002.

MORESI, Ricardo. Decreto governamental cria Núcleos de Tecnologia Educacional. In: **ALAGOAS** – Página eletrônica da Secretaria de Educação e Esporte. Notícias. 2 out. 2008. Disponível em: <<http://www.educacao.al.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/decreto-governamental-cria-nucleos-de-tecnologia-educacional>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

PRADO, Maria E. **O uso do computador na formação do professor**: um enfoque reflexivo da prática pedagógica. Brasília: MEC/SEED/PROINFO, 1999. Disponível em: <<http://www.escola2000.net/eduardo/textos/PROINFO/livro14-Elisabeth%20Brisola.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2010.

SETTE S. S.; AGUIAR M. A.; SETTE J. S. A. **Formação de professores em informática na educação**: um caminho para mudanças. Disponível em: <<http://www.escola2000.net/eduardo/textos/PROINFO/livro05-Sonia%20Sette%20et%20alii.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2010.

UFAL. Universidade Federal de Alagoas. **Disciplina**: Profissão Docente (textos de apoio). Curso de Pedagogia a Distância, Maceió, 2009.

O USO DO COMPUTADOR E A HISTÓRIA EM QUADRINHOS EM SALA DE AULA: A EXPERIÊNCIA NO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Maria José Houly Almeida de Oliveira
Sandra Nunes Leite

Resumo

Este texto tem como objetivo refletir sobre o uso do gênero textual História em Quadrinhos em sala de aula nos cursos de formação de professores, busca a integração das histórias em quadrinhos na educação formal, bem como a utilização do computador como uma ferramenta significativa de mudanças no processo ensino-aprendizagem. Parte da percepção de que as constantes mudanças sociais produzem cada vez mais exclusão, o que impõe a necessidade de repensar a educação brasileira, levando-se em conta as influências das tecnologias de informação e comunicação presentes no dia a dia das escolas e dos alunos. A pesquisa de natureza qualitativa, teve como lócus turma de graduandos de licenciatura, seguindo como marco teórico estudos relativos a gêneros de linguagem gráfica e, especialmente, estudos relativos à utilização das tecnologias da informação e comunicação na educação. Entre os resultados estão aqueles que evidenciaram a importância da troca de experiência e socialização profissional entre os professores como importante fator de socialização profissional.

Palavras-chave: Gêneros Textuais. Tecnologias da Informação e Comunicação. Histórias em Quadrinhos. Educação.

INTRODUÇÃO

O uso de mídias na educação exige dos professores uma nova ação docente mediada pelas tecnologias, tornando-se necessário que o professor tenha condições para atuar efetivamente no ambiente digital, saiba lidar criticamente com as tecnologias contemporâneas de informação e comunicação para bem utilizá-las pedagogicamente.

Trata-se de uma nova realidade educacional onde professores, estudantes e técnicos partilham cooperativamente seus conhecimentos e experiências para a construção e o desenvolvimento de programas, permanentemente revisados e atualizados, gerando o desejo de participar do intercâmbio de conhecimentos, a vontade de apresentar contribuições originais, transmitir e trocar idéias, de forma cooperativa e aberta.

É fundamental que o professor propicie meios que permitam ao aluno ser co-responsável pela sua formação. Sua tarefa é a de mediar o processo de construção e reconstrução do conhecimento do aluno, auxiliá-lo na significação de valores, estimulá-lo a pensar e encorajá-lo a tomar decisões, manter-se atualizado a respeito das novas tendências educacionais geradas pelos contextos sociais,

políticos, econômicos e culturais e que entenda que essa dinâmica se estende ao longo de sua prática educacional.

O advento da Internet vem possibilitando a ampliação e a rapidez no acesso à informação, provocando grande parte das mudanças e simbolizando a Sociedade da Informação e Comunicação, propiciando à escola pública e aos telecentros alternativas viáveis para que as classes menos favorecidas tenham acesso a essa sociedade. Mas não basta o acesso, é preciso educação de qualidade para que os aprendizes consigam atribuir significado às informações, utilizem as tecnologias para resolver problemas de sua vida e do contexto no qual está inserido.

Por isso, evidenciam-se razões para a escola utilizar das TIC na reorganização curricular como ferramentas de trabalho no apoio ao currículo e à aprendizagem, áreas disciplinares, áreas não disciplinares, estudo acompanhado, área de projeto, formações transversais e certificação de competências em TIC.

As TIC na escola requerem inovação e mudança organizacionais na formação de professores para aquisição de competências tecnológicas e pedagógicas, incluindo estratégias concretas de como integrar as

TIC no currículo, como também promover a oferta de programas e desenvolvimento pessoal e profissional por meio de seminários e workshops para o conjunto dos professores das escolas.

Foi no contexto do Curso de Formação Continuada de Professores em Mídias na Educação (MEC/SEED) que se desenvolveu o presente artigo que tem como objetivo refletir sobre o uso do gênero textual HQ em sala de aula dos cursos de formação de professores. Também busca a integração das HQ na Educação formal, bem como a utilização da mídia como uma ferramenta significativa de mudanças no processo ensino-aprendizagem.

Considera-se que, nas últimas décadas, houve uma sensível valorização internacional das HQ, incluindo uma maior aceitação como veículo para o processo educativo nas escolas por reproduzir a conversação natural através da escrita, fundamental à apreciação das modalidades oral e escrita que constituem o mesmo sistema lingüístico, objetivando a narração dos fatos, buscando reproduzir uma conversação natural, oriunda de uma interação face a face dos personagens, expressando-se por palavras (escrita – oral) e ou por gestos (EGUTI, 2001). Tanto os desenhos quanto as palavras são necessários à compreensão da história. Na relação fala e escrita, tomando o contínuo dos gêneros textuais, as HQ realizam-se no meio escrito, mas buscam reproduzir a fala (conversa informal) nos balões, conforme nos aponta Marcuschi, citado por Mendonça (2002, p.196).

A escolha pelo tema se deu pela relevância do próprio tema, mas principalmente quando realizamos o curso Mídias em Educação em especial o Módulo Material Impresso, quando tive a oportunidade de construir HQ utilizando a mídia computador e internet, utilizando as tecnologias em sala de aula como uma ferramenta significativa de mudanças no processo ensino-aprendizagem, além das HQ ser uma narrativa, oriunda da necessidade dos homens estruturarem suas ações no mundo, conta uma história com seu propósito, utilizando a imagem e a palavra para fazer uma outra linguagem.

Daí surgiu o interesse por um estudo mais profundo sobre a HQ, inspirado por questões: Qual a origem e as características do gênero textual HQ? Qual a importância da integração das HQ na Educação formal? Como utilizar as mídias em sala de aula? Responder estas questões é, para estudo, de fundamental importância.

A importância da pesquisa dá-se por possibilitar uma reflexão acerca da nossa prática pedagógica, como também o uso adequado das mídias, pois no mundo globalizado em que vivemos não podemos ignorar que os recursos tecnológicos de comunicação e informação têm se desenvolvido e se diversificado rapidamente, estando presentes na vida cotidiana de todos os cidadãos,

além da existência de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, exigindo de nós profissionais nos preparamos para lidar com a complexidade, a diversidade de informações, enfrentar os desafios que as novas tecnologias estão trazendo e acompanhar esses recursos através de uma sólida formação dos professores para que possamos utilizá-los de forma responsável.

Os pressupostos teóricos terão como base os escritos de Brasil (2008); Mercado (2004); Moran (1998); Marcuschi (2003 e 2005); Tockman (1994) entre outros. Discutiremos dois temas considerados importantes: “As Mídias em sala de Aula” e “gêneros textuais e HQ”, considerando que no mundo globalizado em que vivemos não podemos ignorar que os recursos tecnológicos de comunicação e informação têm se desenvolvido e se diversificado rapidamente, estando presentes na vida cotidiana de todos os cidadãos, além da existência de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, exigindo de nós profissionais aptidão para lidar com a complexidade, a diversidade de informações, enfrentar os desafios que as TIC trazem e acompanhar esses recursos através de uma sólida formação dos professores para a utilização destas ferramentas de forma responsável na construção do conhecimento.

MÍDIAS NA SALA DE AULA

Na sociedade atual, extremamente mutável, o homem tem um conjunto de prerrogativas, nas quais a informação se destaca como a mais necessária na gestão de suas atitudes, aos mais diversos níveis de ação pessoal, social e profissional. Trata-se da necessidade da tal gestão fazer sentido para o equilíbrio mental, proficiência na ação profissional e na excelência de atitudes. Na verdade, o homem procura a felicidade, sentido essencial da natureza humana, justificações e fundamento dos seus direitos. A falta de informação no passado constituiu um grave déficit de difícil solução, hoje pode-se falar já do abuso de informação, muitas vezes inapropriadas, tendenciosas, contrária a verdade dos fatos, potenciadora da perda do sentido da vida (TUCKMAN, 2002).

Deste modo, o ser humano deve ter critérios para as suas ações e capacidade suficiente de reflexão e decisão, face a diversidade de informação para não se alienar. Trata-se de uma aprendizagem progressiva, orientada pelos educadores, sem deixar de ser autônoma, livre e responsável. Assim, a informação, o conhecimento, o saber constituem valores críticos, reflexivos, de caráter dinâmico e operativo, de excelência da ação humana, inerente ao processo de aprendizagem (idem).

Tuckman (2002, p. XVIII) afirma:

Só assim a ciência e tecnologia se consubstanciam em forma de desenvolvimento que, em simbiose, podem determinar positivamente o evoluir da pessoa e da sociedade. Ou seja, o emergir de

novas atitudes e mentalidades, tanto do nível intelectual como coletivo, e bem assim, mais adequadas aos desafios da modernidade, mas sem postergar os mais essenciais valores da nossa cultura histórica. Não há compreensão internacional, sem uma profunda compreensão da cultura e sem uma sólida compreensão intelectual do científico e tecnológico.

Neste sentido, todo o saber deve perspectivar o saber fazer e o saber ser, ou seja, saber tornar-se, atitudes que se compreende a necessidade de saber-investigar (idem). No âmbito educativo internacional e a reestruturação necessária entre nós exige uma formação para pesquisa, de acordo com Tuckman (2002 p. XIX):

1. A universalização da educação com as múltiplas implicações pedagógico-didáticas e sociais que exigem um elevado nível de formação e profissionalidade.
2. A conscientização social generalizada que reforça a necessidade de novos modos de intervenção pedagógica na aula e na sociedade.
3. No universo educativo e, especificamente, a turma e a equipe docente são cada vez mais os autores-atores do próprio currículo escolar e responsáveis pela superação das dificuldades de aprendizagem, podendo recorrer as novas correntes de investigação em educação.
4. As múltiplas questões inerentes as situações de emprego e aos problemas de reconversão profissional, colocam os cidadãos, face as suas aptidões profissionais e face a um permanente desafio.

De fato, é a sociedade e as instituições de formação que podem encontrar as condições de resposta, constituindo a formação em pesquisa num o objetivo crucial para esta resposta. “O homem questiona sobre o meio em que vive, pretendendo compreender a natureza dos fenômenos que percebe e vivencia;” (idem). Isto é, recorre, em síntese, a três meios de alcance: a experiência, o raciocínio e a pesquisa (TUCKMAN, 2002 apud COHEN, 1989).

A pesquisa resulta da combinação da experiência e o raciocínio, constituindo um processo lógico e sistemático. Desta forma, as soluções complexas para o mundo de hoje procuram-se nessas três fontes. Não há educação de qualidade que não passe pela pesquisa (TUCKMAN, 2002).

Estamos vivendo em uma sociedade em constante mudança, com a da globalização da economia e da virtualidade produzindo cada vez mais a exclusão. Ao mesmo tempo devemos fazer uma análise crítica dessas mudanças, buscando compreender seus instrumentos e nos apropriar para utilizar seus recursos e meios de interação para emancipação humana.

Naturalmente essas características e contradições da sociedade atual vão gradativamente influenciando em

nosso dia a dia, afetando a forma como nos comunicamos, trabalhamos, relacionamos, aprendemos, ensinamos, alterando nossos hábitos nas atividades cotidianas.

Essas mudanças impõem repensar a educação brasileira e explicitam a necessidade de mudanças em seus espaços, tempos e modos de trabalho, pois as influências dessas tecnologias se fazem presente no dia a dia das escolas. Algumas escolas públicas brasileiras já possuem laboratórios de informática, recursos de TV, vídeo, rádio e outras tecnologias, atraindo as gerações mais jovens e ajudando os alunos a trazerem a sua realidade para sala de aula e a se expressarem conforme o seu mundo.

Devemos reconhecer que a mídia impressa, a televisão, o vídeo, o rádio, a Internet, a hipermídia são ótimos recursos para mobilizar os alunos em torno de problemáticas, quando se intenta despertar-lhes o interesse para iniciar estudos temáticos, desenvolver projetos ou trazer novos olhares para os trabalhos.

De acordo com Moran (1998), educar numa sociedade em mudanças rápidas e de profundas nos obriga a reaprender a ensinar e a aprender, a construir modelos diferentes dos que conhecemos até agora. Ensinar e aprender hoje não se reduz a estar um tempo numa sala de aula. Implica em modificar o que fazemos dentro da sala de aula e organizar ações de pesquisa e de comunicação que permitam os professores e alunos continuar aprendendo em ambientes virtuais, acessando páginas na Internet, onde encontram textos, novas mensagens, salas de aula virtuais, possibilidade de orientação à distância.

Acreditamos que há uma expectativa de que TIC nos trarão soluções rápidas para a educação permitindo ampliar o conceito de aula, o espaço e o tempo, a comunicação audiovisual e a estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e o estarmos conectados a distância. Defendemos que ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas. Nosso desafio maior é caminhar para um ensino e educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano que expressem nas suas palavras e ações que estão sempre evoluindo, mudando, avançando.

A mídia impressa, a televisão, o vídeo, o rádio, o computador, a internet, a hipermídia são ótimos recursos para mobilizar os alunos em torno de problemáticas, quando se intenta despertar-lhes o interesse para iniciar estudos temáticos, desenvolver projetos ou trazer novos olhares para os trabalhos.

GÊNERO TEXTUAL HQ

Com o advento da lingüística aplicada, a noção de gênero do texto é ampliada e torna-se indissociável do contexto sócio-cultural de sua produção. A construção da noção de gênero, que melhor responde às necessidades

didático-pedagógicas da atualidade, é aquela estruturada sobre questões como: onde e quando o texto é produzido, por quem, para quem e com que finalidades. Ser um bom leitor e produtor de textos é dominar essas questões que norteiam a construção dos gêneros textuais.

De acordo com Marcuschi (2003, p. 4),

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária com padrões sócio-comunicativos característicos definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilo concretamente realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas. Os gêneros constituem uma listagem aberta, são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações tais como: sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, e-mail, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.

Segundo Baltar (2004), gêneros textuais é a diversidade de textos que ocorrem nos ambientes discursivos de nossa sociedade. Os mesmos são materializações lingüísticas de discursos textualizadas, com suas estruturas relativamente estáveis, disponíveis no intertexto para serem atualizados nos eventos discursivos que ocorrem em sociedade.

Em outras palavras, os gêneros textuais são unidades triádicas relativamente estáveis, passíveis de serem divididas para fim de análise em unidade composicional, unidade temática e estilo, disponíveis num inventário de textos (arquitexto ou intertexto), criado historicamente pela prática social, com ocorrência nos mais variados ambientes discursivos, que os usuários de uma língua natural atualizam quando participam de uma atividade de linguagem, de acordo com o efeito de sentido que querem provocar nos seus interlocutores (BAKHTIN, 1997).

Neste sentido, para integrar a mídia impressa à prática pedagógica é importante não só compreender a noção de gênero textual, mas também entender as especificidades de cada gênero e do seu uso em situação de aprendizagem. Existem muitas classificações para os gêneros textuais baseadas em diferentes critérios.

Ainda que os gêneros textuais não possam ser considerados como formas estáticas para que nelas encaixemos nossos textos, existem gêneros textuais próprios a determinados setores da sociedade. Dentre eles, as HQ que possuem algumas características comuns bem definidas (BRASIL, 2008).

Compreender a prática de HQ supõe conhecer essa argumentação desde o período das cavernas, quando o homem usou a imagem nas paredes, como uma forma de comunicação para expressar as imagens inúmeras informações. Para que a comunicação fosse compreendida pelo grupo e sua história não se perdesse, criou as primeiras formas de escrita, as quais permitiram que o homem registrasse sua história coletiva, perpetuando sua história sem ter que retornar ao ambiente das cavernas.

A partir disso, as informações podiam, então, ser passadas de pessoa para pessoa ou de geração para geração. O homem continuou a se comunicar através da imagem, criando os primeiros alfabetos. Hoje, temos alfabeto Japonês que é baseado em uma escrita gráfica. A evolução do processo de representação gráfica culminou com o que chamamos de HQ. Higuchi (2002 p. 125) confirma:

Aporte visual para registro de uma história remonta ao homem das cavernas. As figuras egípcias, os murais fenícios, as pinturas renascentistas, até o grafite mais moderno vão registrando iconicamente toda história da humanidade, compondo uma vasta história em quadrinhos.

HQ são enredos narrados quadro a quadro, por meio de desenhos e textos que utilizam o discurso direto, característico da língua falada. Elas são facilmente identificadas por sua peculiaridade, pelos desenhos dos balões e dos quadros. São considerados gêneros tão complexos quanto os outros, no que tange ao seu funcionamento discursivo. O tipo de texto usado na história em quadrinhos é o narrativo, pois existe uma concentração das seqüências, na maioria dos casos (MENDONÇA, 2002).

Nas últimas décadas, houve uma sensível valorização internacional das HQ, incluindo uma maior aceitação como veículo para o processo educativo nas escolas (idem), por reproduzir a conversa natural através da escrita, fundamental a apreciação das modalidades oral e escrita que constituem o mesmo sistema lingüístico, objetivando a narração dos fatos, buscando reproduzir uma conversa natural, oriunda de uma interação face a face dos personagens, expressando-se por palavras (escrita – oral) e ou por gestos (EGUTI, 2001).

Tanto os desenhos quanto as palavras são necessários à compreensão da história. Na relação fala e escrita, tomando o contínuo dos gêneros textuais, as HQ realizam-se no meio escrito, mas buscam reproduzir a fala (conversa informal) nos balões. Marcuschi, citado por Mendonça (2002, p. 196).

Paz (2001) destaca que a peculiaridade dos quadrinhos está em sua linguagem, responsável por sua ampla difusão nas diversas mídias. Nós podemos

distinguir a linguagem dos quadrinhos pelo seu caráter verbal e icônico e pela sua seqüenciação, baseada na elipse narrativa. O caráter verbal (escrito) e icônico (desenho) surge da associação entre o texto e a imagem, o que facilita o entendimento do leitor. A seqüenciação é formada por uma maneira de ler, padronizada no ocidente.

As HQ possuem potencialidades como material pedagógico, pois contribui para o desenvolvimento cognitivo, metacognitivo e sociointerativo dos alunos, além de ser uma narrativa, oriunda da necessidade dos homens estruturarem suas ações no mundo, conta uma história com seu propósito, utilizando a imagem e a palavra para fazer uma outra linguagem.

A cultura dos quadrinhos está começando aos poucos a ser valorizado no contexto da prática pedagógica. É importante introduzir os quadrinhos como no trabalho pedagógico das escolas pois proporcionam o contato com o microcomputador conectado à Internet, onde o aluno é sujeito da ação para criar livremente sua história.

METODOLOGIA

Neste estudo, optamos pela pesquisa qualitativa, por entender que a mesma ofereceria melhores condições para alcançar os objetivos do estudo em tela. Adota-se que o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado.

Desta forma, o objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e de relações que os sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 1991). Por ter o ambiente natural como fonte direta dos dados, o pesquisador, como instrumento-chave, preocupa-se com a interpretação dos fatos. A questão fundamental é todo o processo e os dados, que são analisados indutivamente, dizem respeito essencialmente ao significado das coisas (BOGDAN, 1994).

Nesse contexto, a pesquisa pedagógica, é um fenômeno de busca do conhecimento, o que se dá por aproximações contínuas e nunca esgotadas, visando à resolução de problemas, a busca de verdades temporárias, por intermédio do método científico.

A pesquisa foi precedida da elaboração de um projeto didático intitulado “O uso do computador e HQ em sala de aula”, elaborado em 2009, cujo objetivo foi ampliar os conhecimentos dos graduandos do Curso Química sobre o gênero de linguagem gráfica HQ, bem como utilizar diferentes mídias para a realização da pesquisa, de modo a orientar o uso adequado das mesmas na sala de aula.

Na primeira etapa foi discutido o “Uso das tecnologias em sala de aula” e integração das HQ na

educação formal nos diversos cursos de licenciatura e diferentes disciplinas.

A segunda etapa consistiu em duas fases: na primeira fase os alunos navegaram nos sites indicados (Tabela 1); leram as histórias, fazendo a relação com as questões levantadas em sala de aula; pesquisaram na internet a origem e características das HQ e elaboraram um texto com as informações pesquisadas.

Tabela 1 - Sites com histórias em quadrinhos

Asterix	www.asterix.tm.fr
Charge	http://charges.uol.com.br/
Garfield	www.garfield.com
Charge	http://humortadela.uol.com.br/c/index.php?cni=charges
Mafalda	www.quinocom.ar
Mônica	www.monica.com.br
Omelete	www.omelete.com.br
Disney Brasil	www.disney.com.br/
Seninha	http://senna.globo.com/seninha
Toondo	http://www.toondo.com
Hagaque	http://www.hagaque.cjb.net
Divertudo	http://divertudo.com.br
Revistas unipar	http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/337/304

Fonte – Curso Mídias em Educação

Na segunda fase os alunos produziram uma HQ em dupla. Já na terceira etapa foi feita a socialização, entre os colegas, do texto produzido e das histórias produzidas, como também uma avaliação sobre a atividade realizada.

A execução do projeto ocorreu no período de fevereiro a março de 2010, na Uneal, Campus I Arapiraca, compreendendo a observação em sala de aula, realização de entrevistas, análise dos relatórios e a reflexão sobre a prática. As mídias utilizadas foram: data show, computador; internet.

Os interlocutores foram 27 alunos/graduandos do curso de Química. Constatamos que 50% (tabela 2) dos alunos (futuros professores) são do sexo masculino e 50% são do sexo feminino diferindo da conhecida tendência de sexualização do magistério analisadas em outros estudos como Lewin (1980), Gouveia (1970) Bruschini (1979), dentre outros.

Constatamos que a predominância das mulheres nos cursos de licenciatura já evidenciadas nas pesquisas de Normando e Pastore (1977); Pastore (1972); Veiga (1969), aos poucos vem diminuindo.

Os dados da Tabela 2 indicam que 84,6% dos graduandos são trabalhadores, sendo que 45,5% já lecionam e 54,5% trabalham em outra área. Quanto à idade, 93% se encontra na faixa etária de 22 aos 30 anos e 7% entre 31 e 40 anos. Os resultados evidenciaram que o trabalho é imprescindível à sobrevivência da família.

Os alunos que estudam e trabalham têm dificuldades de conciliar essas duas atividades.

Tabela 2 - Perfil dos alunos/graduandos

Nº de alunos graduandos	Sexo		Trabalhadores	Trabalham na Educação	Trabalham em outra área	Origem dos alunos	
	F	M				Arapiraca	Outras
26	13	13	22	10	12	12	14

Fonte. Formulário preenchido pelos alunos em 2009 (Ficha perfil do aluno).

No que se refere à origem dos alunos 46,2% dos alunos são oriundos Arapiraca, lócus da pesquisa, e 53,8% residem nas cidades de Batalha, Campo Alegre, Coité do Nóia, Girau do Ponciano, Junqueiro, Limoeiro de Anadia, Penedo, São Sebastião e Traipu, todas do interior alagoano.

Com relação aos aspectos que motivaram a escolha do curso 93% declararam gostar da disciplina e se identificar com o curso e 7% por carência na área.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nos estudos em sala de aula, de acordo com a avaliação dos alunos, após a aplicação da atividade com a utilização do computador nas HQ, apesar de apresentarem algumas dificuldades, todos os alunos admitiram que o uso do computador, internet, como um recurso didático auxilia o professor nas aulas de química e outras disciplinas, facilita a aprendizagem, tornando as aulas mais inovadoras. Alguns depoimentos:

O computador é um recurso altamente didático, ou seja, de fácil utilização. A história em quadrinhos a partir de sites e programas são muito interessantes, tanto para o professor como mais um recurso alternativo para trabalhar em sala de aula, quanto para os alunos, que, por exemplo, pode utilizá-los e construir suas próprias histórias conforme o que aprendeu em sala de aula. (Aluna A)

O uso do computador como recurso didático auxilia bastante no trabalho de elaboração de aulas do professor porque consiste num meio de pesquisa e fornece o uso de programas relacionados a disciplina, no caso química, que favorece na elaboração das aulas mais didáticas e interessantes. As histórias em quadrinhos fazem parte da vida dos alunos e com diversas idades. São textos criativos e com pouca literatura, mais objetivos na informação que transmite. (Aluno B)

O uso do computador em sala de aula é uma forma de aprendizagem porque podemos fazer oficinas abordando diversos conteúdos e pedir para os alunos para que eles pesquisem e façam

trabalhos mais criativos e compartilhem com a turma. A formulação dessas histórias é sem dúvida muito importante como ferramenta de ensino, seja para o professor ou para o aluno. É uma nova forma de aprender através de novos métodos que torna a aula mais proveitosa. (Aluno C)

A História de quadrinhos podem e devem ser utilizados para diversificar o aprendizado dos alunos e dá uma cara nova e interessante para os assuntos, principalmente em Química, que causam certa falta de interesse por apresentar aspectos complexos. Como futuros professores a atividade proposta foi de imensurável importância, visto que poderá ser aplicado durante o estágio e mais, durante toda vida profissional do professor. (Aluno D)

Verificamos que o ponto comum na avaliação dos quatro professores é que é que devemos introduzir o uso do computador em sala de aula e o estudo das HQ na nossa prática docente, pois além de aguçar a criatividade, torna nosso trabalho mais prazeroso e interessante.

Desta forma, os resultados da avaliação não diferem dos estudos já realizados, Higuchi (2002, p. 153) aponta:

No caso da HQ, a criança poderá ter seu prazer ampliado, desenvolvido sua capacidade de leitura. A HQ permite infinitas possibilidades de exploração do imaginário: magia, violência, ficção, científica, sonhos, tudo cabe em suas páginas. Através da imaginação podemos superar, ou pelo menos, diminuir nossos problemas e as pressões que sofremos no cotidiano e encontrar possíveis soluções. O olhar aguçado percebe além, espírito crítico e prazer são ampliados através dele.

De fato, utilizar HQ enriquece a prática pedagógica, colabora para estimular o trabalho de sala de aula, podendo ser realizado em grupo, o que vem fechar a idéia de que a interação gera conhecimentos, colabora com a construção – reconstrução de aprendizagens, proporcionando o contato com o microcomputador conectado à Internet, onde o aluno é sujeito da ação para criar livremente sua história. Os educandos têm a noção exata de que devem construir histórias que façam sentido, que defendam uma idéia, porque permanecerá na web. As histórias ficam publicadas, são visitadas, podem ser comentadas, assumem caráter público, se o usuário permitir. E o professor pode contar com este recurso, porém não pode esquecer o seu papel, de preparar a turma para o trabalho.

Não basta meramente ir até o laboratório e solicitar que criem uma história, é preciso planejar os passos do trabalho, esclarecendo os objetivos deste. Afinal, a educação caminha para a integração das TIC com as atividades da escola (COSTA, 2009).

A experiência mostrou que os formandos do curso de química aceitaram muito bem o trabalho com computadores e internet, reconhecendo sua importância, seja pesquisando temas ou se comunicando. Com este trabalho, abrimos o leque, mostrando uma forma de utilização de recursos virtuais de construção de histórias em quadrinhos. “É mais uma opção aos futuros professores que, depois de desenvolver em sala de aula, de pesquisar determinado assunto, podem propor uma construção de HQ sobre o assunto” (idem).

Verificamos também o interesse dos alunos frente ao uso do computador, internet, outras tecnologias e a utilização prática destes em sala de aula. Mercado (2004, p.148) expõe que

O uso de novas tecnologias prever espaços para o desenvolvimento de atividades que integrem as tecnologias da educação, onde professores se darão conta que as novas tecnologias funcionarão como uma ferramenta significativa de mudança no processo ensino-aprendizagem.

Assim, a utilização das tecnologias proporcionou uma maior otimização em sala de aula despertou a curiosidade dos alunos pelos programas educacionais do computador, favoreceu o uso adequado das tecnologias em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo sobre o uso do computador, internet, e outros tipos de mídias na sala de aula, percebemos que o maior desafio como educadores é dominar as TIC para que possamos facilitar o nosso trabalho, tornar mais agradável e atraente nossas aulas. Percebe-se que a utilização destes instrumentos em sala de aula aumenta o interesse dos alunos, contribuindo para desenvolvimento cognitivo, meta cognitivo e sociointerativo dos alunos.

Reforçamos que é necessário ter em mente que não basta sabermos apenas apertar botões, teclas, manusear instrumentos de última geração, é preciso que saibamos o porquê fazemos uso de tais instrumentos, além de compreendermos que é importante saber como estes instrumentos foram criados, de que maneira foram pensados e como funcionam (SILVA, 2009).

O uso dessas ferramentas é uma das melhores formas de alcançarmos nossos objetivos pedagógicos, contribuindo para formação de profissionais preparados para lidar com a complexidade, a diversidade de informações, para enfrentar os desafios que as TIC estão trazendo para que possamos utilizá-los de forma responsável na construção do conhecimento.

Com relação à HQ, verificamos que a imagem vem ocupando espaço e alterando cada vez mais o cotidiano das pessoas, por isso o uso da produção

de texto e leitura desse gênero deve ser incorporado na prática do professor e trabalhado em sala de aula, além dos textos verbais, pois é evidente o poder de interferência da imagem no modo de pensar das pessoas e em seu imaginário, pois o professor ao desenvolver atividades que envolvam os meios de comunicação em massa possibilita ao aluno conhecê-los mais, analisá-los, desmistificando-o, instituindo com eles uma relação crítica e dinâmica. Deste modo, as atividades de criação e produção são fundamentais para crianças, jovens e adultos conviverem a complexidade do processo, ampliando seu prazer, progredindo intelectualmente sua capacidade de leitura e produção de texto. As HQ são histórias com um rico valor narrativo e qualidade do enredo, que além de facilitar o aprendizado, trazem entretenimento para qualquer faixa etária.

Os resultados da pesquisa evidenciaram a importância da troca de experiência e socialização profissional entre os professores como importante fator de socialização profissional, bem como a prática de pensar a prática como a melhor forma de aprender a pensar certo. De tal maneira o pensamento da prática é iluminado por ela da mesma forma que a prática que ilumina o pensamento é por ele iluminado (FREIRA, 1986). A formação ocorre pela reflexão crítica da prática.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e gêneros textuais uma experiência com o jornal de sala de aula**. Caxias do Sul: Educ, 2004.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, San. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto, 1994.
- COSTA, Iris E.; SILVA, Mara S.; GUTIERREZ, Suzana S. título Disponível em: <http://hagaques.blogspot.com> Acesso em: 10/03/2010.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- EGUTI, Clarícia A. **A representatividade da oralidade nas histórias em quadrinhos**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 2001. Dissertação de Mestrado.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo ou ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GUERRA, Fernanda. **Origem dos quadrinhos** disponível em: <http://jornal.valeparaibano.com.br/2005/06/14/viv01/ahq1.html>>Acesso em 16 dez 2009.

HIGUCHI, Kazulo K. Super-Homem, Mônica & Cia. In: CHIAPPINI, Lígia. **Aprender e ensinar com textos não escolares**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva. **Gêneros textuais & ensino**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco falada. In: DIONISIO, Ângela Paiva. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinho. In: DIONISIO, Ângela; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 195-207.

MERCADO, Luís P.; KULLOK, Máisa B. (orgs.) **Formação de professores: política e profissionalização**. Maceió: Edufal, 2004.

Mídias em Educação. Módulo Avançado 3. **Material Impresso: Charges, Quadrinhos e Cordel**. Disponível em: www.euproinfo.mec.gov.br/webfolio/Mod83201/cont1/hq1_intro.html Acesso em: 16 dez 2009.

MORAN, José M. **Mudar a forma de ensinar com a Internet: transformar aula em pesquisa e comunicação**. Brasília, MEC: Um Salto para o Futuro, 1998.

MORAN, José M.; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 7ª ed. Campinas: Papirus, 2003.

PAZ, A. (2001), É um livro? Um filme? São Quadrinhos? In: PÉREZ, Francisco Carvajal; RAMOS, Joaquim (orgs). **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?** Aspectos teóricos do processo de construção significativa, funcional e compartilhada do código escrito. Porto Alegre: Artmed, 2001

SRBEK, W. Quadrinhos, arte educativa? Belo Horizonte, **Presença Pedagógica**, v.7, n.39, maio/junho. 2001.

TUCKMAN, Bruce W. **Manual de investigação em educação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: OTIMIZANDO O USO DE MÍDIAS PARA CONSTRUIR CONHECIMENTOS

Joelba Soares Medeiros

Resumo

O texto, resultado de um estudo empírico, tem como objetivo relatar a experiência da formação continuada de professores em uma escola particular de Maceió, com vistas a provocar mudanças em sua práxis, a partir da inserção das tecnologias e mídias disponíveis na instituição. Conclui-se que o professor precisa estar em constante processo de formação e capacitação para ser incluído neste “novo mundo” de informação e conhecimentos com o uso das TIC.

Palavras-chave: Formação Continuada; Prática Pedagógica; Mídias na Educação.

INTRODUÇÃO

Na tentativa de aperfeiçoar e envolver mais os alunos em suas aulas, muitos professores procuram constantemente inovar sua prática. Entretanto, a simples mudança de ambientes, como levar os alunos ao laboratório de informática não é suficiente para que ocorra uma mudança que contribua para a construção do saber. Mais que uma mudança de ambiente, é necessário que o professor reflita sobre sua prática, postura, resultados alcançados, pois a inserção de mídias e tecnologias no trabalho pedagógico implica em objetivos específicos e direcionamentos adequados. Isso significa não apenas uma mudança de metodologia, mas uma mudança de postura atrelada a uma concepção de aprendizagem que o leve a ser capaz de identificar possibilidades e estratégias que contribuam para a construção do conhecimento dos educandos.

Grande parte dos professores que atuam na educação básica não possui familiaridade com as mídias e tecnologias, o que os leva a transferir para o laboratório de informática práticas que tradicionalmente desenvolvem em suas salas de aula. Constatamos então que é preciso ter alternativas que colaborem para eficácia do trabalho do professor com as TIC. Uma dessas alternativas é a formação continuada que este professor precisa ter para que sua prática pedagógica ocorra da melhor forma possível. Esta formação pode ser dada de forma presencial ou através de cursos a distância.

Nossa atuação como professora de Informática de uma escola particular de Maceió nos leva a conviver com professores que adotam diversas posturas, algumas das quais causam incômodo, pois não apresentam nada

de inovador, são apenas transposições da sala de aula convencional, embora esses professores acreditem que estão inovando sua prática ao terem coragem de levar seus alunos ao laboratório de informática da escola.

É dessas observações que vem nosso interesse em pesquisar e discutir o papel da formação continuada na escola como necessária para a reflexão sobre a prática com uso de mídias, promovendo mudanças significativas. O problema que elegemos nesse estudo foi: como provocar mudanças significativas na prática do professor com o uso das TIC? Partimos da hipótese de que a formação continuada é fundamental para a mudança da prática do professor com uso das TIC.

Nosso objetivo foi discutir a importância da formação continuada para a reflexão dos professores sobre sua prática com o uso das mídias, especialmente o computador e a internet, promovendo a reorganização do seu planejamento com a integração das mesmas. Destacamos alguns passos importantes para atingir esse objetivo: diagnosticar as condições de uso dos computadores na escola, identificando professores e disciplinas que mais utilizam, bem como a forma de utilização; realizar uma formação continuada para otimizar a utilização dos recursos tecnológicos da escola; acompanhar a prática do professor com a inserção das mídias disponíveis.

Apresentamos nesse artigo o resultado de um estudo empírico, baseado num relato de experiência em formação continuada desenvolvido numa escola particular de Maceió, voltado para reflexão sobre a prática do professor frente ao uso das TIC, com vistas à transformação dessa prática, quando necessário.

Nosso aporte teórico foi baseado em autores como: Almeida (2000 e 2003), Moran (2007), Nóvoa (1991), Valente (2005), dentre outros.

Nesse artigo discutimos o uso de mídias e tecnologias na escola; a formação dos professores para uso das mídias e apresentamos a experiência de formação continuada de professores para uso das TIC em uma escola particular de Maceió.

O USO DE MÍDIAS E TECNOLOGIAS NA ESCOLA

Observando as mudanças que vêm ocorrendo diariamente na nossa sociedade no que se refere as mídias e tecnologias, vemos que a demanda por esses recursos crescem constantemente e nos força a uma apropriação imediata. Nossas escolas também precisam se adequar a esta evolução e muitas já vem conseguindo superar alguns obstáculos, investindo na compra equipamentos e promovendo ou incentivando a qualificação profissionais que irão contribuir para a inserção das mídias no processo educacional, a partir do domínio das mesmos. Conforme afirma Moran (2007, p. 169),

O processo de mudança na educação não é uniforme nem fácil. Iremos mudando aos poucos, em todos os níveis e modalidades educacionais. Há uma grande desigualdade econômica, de acesso, de maturidade, de motivação de pessoas. Alguns estão preparados para a mudança, outros muitos não. É difícil mudar padrões adquiridos (gerenciais, atitudinais) das organizações, governos, dos profissionais e da sociedade.

A sociedade contemporânea é caracterizada pelo constante desenvolvimento e aceleração de informações, disponibilizando assim recursos como: internet, computadores, celulares, televisores, rádio, jornais, provoca constantemente nas pessoas uma busca por novos significados, abrindo grandes oportunidades de atualizações e engajamento das pessoas no que se refere ao domínio dessas tecnologias. As escolas públicas e privadas são impulsionadas a buscar constantemente aprimoramento e qualificação para utilização adequada desses meios tecnológicos.

Se a escola não inclui a internet na educação das novas gerações, ela está na contramão da história, alheia ao espírito do tempo e, criminosamente, produzindo exclusão social ou exclusão da cibercultura. Quando o professor convida o aprendiz a um site, ele não apenas lança mão da mídia para potencializar a aprendizagem de um conteúdo curricular, mas contribui pedagogicamente para a inclusão desse aprendiz na cibercultura. (SILVA, 2005, p. 63)

No que se refere às escolas públicas, o governo tem dado contribuições significativas investindo tanto

na aquisição de equipamentos e materiais didáticos, disponibilizando-os às escolas, quanto em cursos específicos de formação para professores, gestores e alunos, utilizando EAD. A preocupação com a introdução ou o reforço das TIC no sistema educacional também está expressa na LDB, quando se refere à EAD em todos os níveis e modalidades de ensino em seu art. 80 (BRASIL, 1996).

As escolas particulares não perdem tempo frente à competitividade e vêm fazendo investimentos nesse sentido. À medida que vão surgindo novidades em tecnologias, novos investimentos são feitos para a aquisição de equipamentos eletrônicos mais atuais, capazes de dinamizarem da melhor forma o trabalho dos seus funcionários, bem como, facilitarem o trabalho de setores diversos dentro da instituição educacional.

Na parte pedagógica a utilização dos vários recursos tecnológicos também vem crescendo, desafiando o professor a mudar suas estratégias de ensino, pois não é suficiente desenvolver sua ação pedagógica como havia sido preparado durante a sua vida acadêmica. Em sua experiência em sala de aula, ele se vê frente a situações que implicam em novas aprendizagens e mudanças na prática pedagógica, adequando-a às novas exigências do contexto e necessidades dos alunos.

Diante dessas exigências percebemos que os professores se angustiam porque o uso das TIC foi muitas vezes imposto de forma brusca, sem acordos ou preparos específicos frente ao seu uso. Com a chegada de computadores, internet, vídeo, projetor, câmera, e outros recursos tecnológicos nas escolas, novas propostas pedagógicas também vêm sendo disseminadas, enfatizando novas formas de ensinar, por meio do trabalho por projetos e da interdisciplinaridade, favorecendo o aprendizado contextualizado do aluno e a construção do conhecimento. A formação continuada e preparo desses professores é essencial para que desenvolvam seu trabalho de forma contextualizada. Essa formação, conforme Valente (2005, p. 30),

[...] deve criar condições para que o professor possa construir conhecimento sobre os aspectos computacionais, compreender as perspectivas educacionais subjacentes às diferentes aplicações do computador e entender por que e como integrar o computador a sua prática pedagógica.

A formação continuada deverá contemplar elementos teóricos que provoquem reflexões sobre os paradigmas educacionais que orientam as posturas assumidas pelos professores e elementos práticos que os ajudem a utilizar as TIC em suas aulas. A presença das TIC deverá provocar mudanças em diversos aspectos, fazendo-nos pensar numa escola

diferente inclusive em seu ambiente físico, como destaca Moran (2007, p.167).

[...] Caminhamos para novas formas de organização de processos de ensino-aprendizagem. Vale a pena inovar, testar, experimentar porque avançaremos mais rapidamente...caminhamos para formas de gestão menos centralizadas, mais flexíveis, integradas; para estruturas mais enxutas. Está em curso uma reorganização física dos prédios: Menos quantidade de salas de aula e mais funcionais, todas com acesso a internet. Os alunos começam a utilizar o notebook para pesquisa, para busca de novos materiais, para solução de problemas. O professor universitário também está conectando-se mais em casa e na sala de aula, tem mais recursos tecnológicos para exibição de materiais de apoio para motivar os alunos e ilustrar as suas idéias. Teremos mais ambientes de pesquisa grupal e individual em cada escola; as bibliotecas se converterão em espaços de integração de mídias, software, bancos de dados e assessoria. Haverá uma aproximação sem precedentes entre organizações educacionais e corporativas.

Diante disso, como estão se comportando os professores? Nossa vivência dentro do laboratório de informática mostra que muitos professores já têm uma coordenada e direcionamento mais aberto frente a esse novo paradigma, outros por sua vez, não dão a mínima importância porque não têm tempo para formação, os horários e o tempo são seus inimigos constantes. Daí a necessidade de incluir a formação entre as atividades cotidianas da escola.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA USO DAS MÍDIAS

A formação continuada de professores em serviço tem sido citada por crescente número de pesquisadores da área da educação (NÓVOA, 1991; ALMEIDA, 2000 e 2005 e outros), como um possível suporte para auxiliar os educadores a superar as dificuldades que vêm enfrentando no exercício da docência, ao mesmo tempo em que pode se tornar um espaço articulador entre as ações docentes e as dos demais integrantes da comunidade escolar.

Nóvoa (1991) referindo-se à formação de professores de modo geral, propõe três eixos estratégicos a serem considerados: a pessoa do professor e sua experiência, a profissão e seus saberes, e a escola e seus projetos.

Em relação ao primeiro eixo, Nóvoa (1991) afirma que a formação não se constrói por acumulação (de cursos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal. Por isso é importante investir na pessoa e nos saberes construídos através da experiência.

Quanto ao segundo eixo, Nóvoa (1991) reforça que é preciso investir nos saberes de que o professor é portador, tanto do ponto de vista teórico como conceitual. Segundo o autor, tem havido uma desvalorização dos saberes e experiências das práticas dos professores, na tentativa de impor saberes considerados científicos. A formação contínua deve estimular os professores a reconhecerem e valorizarem os saberes de que são portadores.

No terceiro eixo ressalta a necessidade de mudança do contexto, no qual o professor intervém, argumentando que o empenho dos professores é fundamental para a mudança, mas as próprias instituições também têm que se transformar (NÓVOA, 1991).

Almeida (2005, p. 43) enfatiza a importância da formação dos professores para o uso das TIC, afirmando:

O triplo domínio em termos mediáticos com as respectivas linguagens, teórico-educacionais e pedagógicas, acrescido da gestão das atividades em realização e respectivos recursos empregados, são adquiridos por meio de formação continuada, na qual o professor tem a oportunidade de explorar as tecnologias, analisar suas potencialidades, estabelecer conexões entre essas tecnologias em atividades realizadas com aprendizes e buscar teorias que favoreçam a compreensão dessa nova prática pedagógica.

Os autores citados nos dão pistas importantes quando pensamos em organizar formações continuadas para os professores. Em nossa experiência, vemos que o preparo adequado dos professores quanto ao uso das ferramentas do computador os tornam mais seguros para o desenvolvimento de atividades integradoras com mídias.

Os professores com os quais trabalhamos no laboratório de informática são capazes de discutir com facilidade questões relativas ao seu fazer pedagógico com relação às TIC. Porém, muitos não se sentem a vontade para atuarem sozinhos frente a esses recursos. Isso se dá muitas vezes por insegurança, por medo de que o seu “saber” seja questionado diante do novo, que eles ainda não dominam. Para Valente (2005, p. 23) é necessário ao professor:

Conhecer as diferentes modalidades de uso da informática na educação – programação, elaboração de multimídia, busca da informação na internet ou mesmo de comunicação – e entender os recursos que elas oferecem para a construção de conhecimento.

Valente (2005) também nos indica aspectos a serem considerados no processo de formação dos professores. Entretanto, antes de planejarmos a formação, é necessário identificar as características do grupo com o qual iremos trabalhar, a fim de fazer as

adequações pertinentes. Nesse trabalho diagnóstico, identificamos quatro perfis de professores que trabalham conosco no laboratório de Informática:

a) Professores que já conseguem utilizar o laboratório de informática de maneira eficaz são aqueles que direcionam as atividades, criando possibilidades para que seus alunos possam criar habilidades, construir conclusões, pesquisar com criticidade. Geralmente já passaram por alguma formação, de forma que são capazes de conduzir os educandos na utilização de várias mídias e assim atingir o objetivo que almeja. A mudança de “endereço (espaço) escolar” para esse professor só proporcionou grandes feitos e uma aprendizagem mais significativa para com seus alunos. Esses professores estão inclusos digitalmente, pois são profissionais que no mínimo acessam a internet duas ou três vezes por semana, preparam seu planejamento de aula com algum aplicativo (programa de computador), fazem pesquisa constantemente na internet atualizando-se sempre dentro do seu conteúdo ou procurando recursos diferentes para melhorar sua aula, participam de algum fórum ou bate-papo em sites interativos com outros profissionais de sua área para troca de idéias. São profissionais atentos às mudanças e inovações que surgem.

b) Professores que levam os alunos ao laboratório sem planejamento específico. Esses mudam também de “endereço (espaço) escolar” levando seus alunos para o laboratório de informática sem nenhum objetivo, sem planejar suas atividades, sem estruturar idéias do que pretende que seus alunos alcancem. Só estão ali para cumprir horário em outro ambiente. Este tipo de professor abre espaço para o que chamamos de vacilo, que são as oportunidades que o aluno vai ter de entrar em bate-papo, ouvir música, ver imagens indevidas. Acaba proporcionando, por falta de planejamento e organização de sua aula, tudo aquilo que não se pretende com o uso do computador na escola. Esses profissionais se excluem digitalmente, pois raramente acessam a internet e se acessam é para jogar, ler e enviar alguns e-mails, não se preocupa em organizar uma hora diária para estudar e organizar suas aulas.

c) Professores que apresentam o seu conteúdo pronto, com aulas em power point, acham que apresentar sua aula, seu conteúdo na informática já é suficiente e está inovando, esse apenas mudou a metodologia. Constroem sua aula no Power Point, muitas vezes com a ajuda de alguém, para apresentar no laboratório, mantendo-se na perspectiva de transmissão de conhecimento, sem proporcionar questionamentos ao seu aluno, mantendo-o como sujeito passivo o tempo todo. Esses profissionais dominam seu conteúdo, mas ao mesmo tempo não se preocupam em melhorar a dinâmica de suas aulas, limitando a participação do aluno. Mantêm-se fiéis aos métodos tradicionais.

d) Professores que se recusam a ir ao laboratório por se sentirem despreparados, não vão ao laboratório porque não sabem usar as ferramentas existentes e nem querem aprender a usá-las. Estão na contramão da história como diz Silva (2005), produzindo exclusão digital para si e para seus alunos.

Acreditamos que as diferenças entre esses profissionais se dá muitas vezes pela ausência de capacitação, medo e restrições em inovar sua prática com o uso das mídias. Eles estão realmente atrelados ao seu antigo e tradicional papel de professor detentor do saber.

Trata-se também de desconhecer as possibilidades que as TIC têm para envolver os alunos na pesquisa, no prazer da descoberta, contribuindo para o desenvolvimento da criticidade, da sua capacidade de resolver problemas individual e coletivamente. É difícil para o professor atuar como facilitador desse processo se o mesmo não consegue manipular bem os recursos midiáticos de que dispõe. Valente (2005, p. 30) reforça a necessidade de mudança de paradigmas, afirmando que:

É fundamental para que a educação dê o salto de qualidade e deixe de ser baseada na transmissão da informação para incorporar também aspectos da construção do conhecimento pelo aluno, usando para isso as tecnologias digitais, que estão cada vez mais presentes em nossa sociedade

Isso é reafirmado por Moran (1999), quando aponta a possibilidade de modificar a forma de ensinar e de aprender, transformando o ensino em algo mais compartilhado, orientado, coordenado pelo professor, mas com profunda participação dos alunos, individual e grupalmente. As TIC serão importantes coadjuvantes nesse processo, por isso, cabe ao professor, diante de diversas opções fazer uso adequado desse potencial em prol do educando, desenvolvendo práticas que possam gerar construção, criticidade e aprendizagem com significado.

Para que esse professor assuma uma postura mais motivadora, atualizada, que o leve a construir junto com seus educandos, propusemos um direcionamento para suas aulas com o uso das TIC, em especial na utilização dos computadores e da internet, na perspectiva de mudança, de colocar a escola em sintonia com as exigências do tempo presente.

A utilização das TIC, também na aprendizagem contínua dos professores, estabelece uma interconexão entre os pilares da educação, o saber conhecer, o saber fazer, o saber ser e o saber conviver, sendo que este último provoca o surgimento de sentimentos de partilha, de trocas interpessoais profundas e produtivas dentro do espaço escolar.

O maior passo que podemos dar diante de tantos perfis de profissionais foi começar a formação daqueles

que estavam dispostos a fazerem uso das mídias, da internet, do laboratório de informática, fazendo valer a pena os investimentos feitos. Sem a formação e sem a presença de multiplicadores no laboratório de informática dando suporte aos professores, não adianta investir em computadores, scanners, notebooks. Para as mudanças ocorrerem é preciso que o professor seja orientado, seja capacitado diante dos recursos tecnológicos e preparado para saber fazer um planejamento de suas aulas com os recursos e mídias existentes na escola. Foi com essa expectativa que planejamos e iniciamos o processo formativo dos professores da escola que demonstraram interesse e disposição para tal.

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA USO DAS TIC EM UMA ESCOLA PARTICULAR DE MACEIÓ

Nosso objetivo nesse trabalho foi refletir sobre o processo de mudança na prática dos professores, provocado pela formação continuada para a adequada utilização das TIC no fazer pedagógico. Nossa pesquisa, de caráter empírico, se desenvolveu em três etapas que serão descritas a seguir: diagnóstico, desenvolvimento de ações de formação continuada e acompanhamento.

A escola particular na qual se realizou a pesquisa é equipada com data show, computadores suficientes para todos os alunos, um ambiente com recursos de áudio e imagens capazes de atrair, motivar os alunos e instigar sua atenção da forma mais prazerosa possível. Realizamos o diagnóstico durante os encontros dos professores com a coordenação, através de conversas informais, constatando que muitos professores não sabiam sequer formatar um texto, acessar seus e-mails, montar uma apresentação para sua aula; alguns alegaram falta de tempo para buscarem uma formação específica, outros demonstravam receio em correr riscos, quando não tinham o domínio do uso do computador.

Isso nos fez propor em 2008 o primeiro curso de formação para os professores, iniciativa tomada pela equipe de informática, planejada e orientada pela coordenadora de Informática e que trouxe bons resultados, conforme veremos a seguir.

A iniciativa da formação continuada para os professores utilizarem o laboratório de informática promovendo uma aprendizagem mais significativa para seus alunos, se deu com base no diagnóstico realizado, no qual foram identificadas as carências de alguns professores e o medo de tantos outros. A formação foi planejada com base nos eixos estratégicos propostos por Nóvoa (1991): a pessoa do professor e sua experiência, a profissão e seus saberes, e a escola e seus projetos. Consideramos também as recomendações de Valente (2005) e Almeida (2005), que ressaltam a necessidade de

conhecer as diferentes modalidades de uso da informática na educação e entender os recursos que elas oferecem para a construção de conhecimento.

Nesse sentido, o processo formativo deve considerar os saberes que o professor já tem, mas é importante provocar nesse professor a necessidade de reflexão e de articulação entre a teoria e a prática. No nosso caso, questões críticas de como utilizar os saberes sobre as mídias em prol da construção do conhecimento.

Organizamos a formação em etapas. Na primeira etapa, mesmo sem dizer que era uma formação, atendemos a aproximadamente 30 professores dos 7º aos 3º anos do ensino médio, nos horários de departamento, orientando-os quanto às possibilidades de uso das ferramentas disponíveis no Laboratório. No quadro 2 apresentamos ferramentas e atividades sugeridas nesse momento inicial.

Quadro 1 – Ferramentas estudadas e atividades sugeridas na formação continuada

FERRAMENTAS	ATIVIDADES SUGERIDAS
Publisher	Folheto Explicativo, Cartilha de Prevenção, Texto informativo, Jornal, Home Page
Microsoft Word	Redação, Construção de Textos, Jornal, Tabelas
Microsoft Excel	Tabelas, Estatísticas, Gráficos
Power Point	Apresentação, Vídeo Clip, Diário de bordo, Agência de Turismo
Movie Maker	Vídeo Clip, Documentário
Internet	Fórum de discussão, Simulado on-line Pesquisa, Home Page, Blogs, Webquest

Fonte: Relatórios da coordenação de informática da escola (2008)

Na segunda etapa da formação possibilitamos o acesso desses profissionais ao laboratório de informática. Mantemos o controle de acesso ao espaço, pois a demanda é grande e só temos um laboratório. Quando o professor procura o ambiente tecnológico, preenche uma ficha para identificar o tema, as etapas, e a culminância de cada aula. O professor junto com o articulador (professor de informática) organiza e planeja as etapas de forma a atingir os objetivos desejados em relação ao conteúdo. Nessa etapa, diversas atividades foram desenvolvidas.

Esta etapa da formação continuada também foi dada aos professores sem dizer necessariamente que era uma formação, pois articulamos com os mesmos todas as possibilidades para o uso do laboratório. Tentamos fazer isso de forma dinâmica e prazerosa, levando-os cada vez mais a desejar inovar sua prática. Como resultado, durante o ano letivo de 2009 o laboratório foi usado

por vários professores de áreas diferentes, conforme destacamos no quadro 2.

Quadro 2: Utilização do laboratório de Informática em 2009

DISCIPLINAS	CONTEÚDOS E ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	SOFTWARES UTILIZADOS	FREQUÊNCIA BIMESTRAL
Ensino Religioso	- FAMÍLIA REAL E IDEAL, SOCIEDADE REAL E IDEAL, JUVENTUDO E POLÍTICA. Construção: Paralelo entre os termos: Família Real e Ideal...	Powerpoint, movie maker, internet	5 aulas
Português e Redação	- ELEMENTOS DA NARRATIVA Construção: Buscar a letra de uma música MPB para retirar esses termos e justificar. - PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA Construção de um dicionário -GÊNEROS TEXTUAIS Blog RESENHA DE LIVRO	Powerpoint, Word, internet, Movie Maker.	3 aulas
Biologia	- DIBRIDISMO - CLONAGEM, - TRANSGÊNICOS E BIOTECNOLOGIA Construção de Vídeo Clip sobre os assuntos e construir uma resenha crítica sobre o mesmo.	Powerpoint, Movie Maker, Internet.	12 aulas
História	- GUERRA DO VIETNÃ Construção de: Jornais, Panfletos, Documentário, Vídeo Clip, Blog e Home Page	Blogspot, Internet, Powerpoint, Publisher, Word e Movie Maker	6 aulas
Ciências	- LANCHE VIRTUAL (APARELHO DIGESTÓRIO). Construção de apresentação sobre a digestão de alguns alimentos no organismo - DIABETES MELLITUS Construção: Filmagens de peça teatral, entrevista com especialista, documentário, blog, aula expositiva, jornal.	Blogspot, Movie Maker, Internet, Publisher, Word, Powerpoint	9 aulas
Filosofia	- CRIAÇÃO DO MUNDO Construção segundo: Visão científica (ciência), segundo os filósofos e visão de Deus...	Internet e Powerpoint	4 aulas
Matemática	- MADAMÁTICA Desafios matemáticos	Flash	1 aula

Fonte: Relatório da coordenação de informática da escola (2009)

Analisando os dados de uso do laboratório de informática em 2009, percebemos a ausência dos professores de disciplinas como Física e Química.

Investigando as causas desse fato, constatamos que alguns professores não o fazem devido a valorização excessiva dos conteúdos da grade curricular, devido ao número de horas semanais da disciplina para cada turma ou até mesmo o despreparo no domínio das ferramentas.

Hoje temos programas capazes de dar condições a um trabalho eficaz nessas disciplinas específicas. A internet com tantas opções e possibilidades, softwares com simulações e construção de gráficos, sites interativos e estimulantes com questões de desafios criativos, webquest, blogs, fórum de discussão, simulados on-line enfim, uma variedade de opções que ajudam na realização de atividades criativas e estimulantes para os alunos.

Nas disciplinas que usaram o laboratório em 2009, os professores conseguiram realizar um trabalho significativo e envolvente para os alunos, servindo de exemplo aos demais e indicando que a continuidade da formação poderia ampliar ainda mais esse trabalho.

Na terceira etapa da formação, também em 2009, criamos um espaço na página da escola, um ambiente interativo de aprendizagem dando continuidade ao processo formativo dos profissionais dessa instituição, tentando envolver aqueles ainda ausentes. Novamente usamos os aplicativos, dessa vez o curso foi ofertado no Moodle, ambiente de aprendizagem estruturado para dar suporte aos professores e coordenadores. O curso foi constituído de três módulos básicos (Word, Power Point e Internet) e organizado com atividades presenciais e a distância.

Os professores aderiram ao Moodle, alguns participaram ativamente, em especial professores da área de humanas e linguagem.

Tivemos o cadastro dos participantes e explicações do ambiente de interação, foto dos cursistas para identificação física dos diferentes turnos. Organizamos os horários de acordo com os turnos dos cursistas, um período para orientação presencial do uso dos aplicativos e das atividades propostas.

O ambiente virtual tem fórum de discussão, atividades online, chat, ambiente interativo e estimulante tanto para os professores como para os próprios alunos. Os professores podem criar blogs, estar conversando com seus alunos e tirando suas dúvidas. O ambiente se constituiu um espaço de interatividade, possibilitando ao professor inserir atividades, tirar dúvidas sem estar na escola, melhor ainda, da sua própria casa sem hora marcada. Consideramos um grande avanço que conquistamos.

Muitos realizaram tarefas e atividades, tiraram suas dúvidas presencialmente, tínhamos no calendário um dia por semana disponível para o professor. Nossa intenção era dar suporte presencial e depois a distância que é justamente essa a função da plataforma, entretanto,

o entusiasmo inicial não foi suficiente para que todos que se inscreveram participassem do início ao fim.

Quadro 3 – Participação dos Professores no Moodlemadá – Internet e Word

PROFESSORES INSCRITOS	15
DESISTENTES	10
CONCLUINTES	05

Fonte: Relatórios da coordenação de informática da escola (2009)

O quadro 3 mostra que dos inscritos, apenas 5 professores chegaram ao módulo do aplicativo Microsoft Word.

Inicialmente trabalhamos com noções básicas do Windows e exploramos o gerenciador de arquivos Explorer e suas funções. O quadro 4 apresenta o conteúdo de cada módulo.

Quadro 4 – Conteúdo/atividades da formação

MÓDULOS	ATIVIDADES/CONTEÚDO
Word	Digitação e acentuação das letras; Formatação de texto; Tamanho, cores, tipos de letras; Atalhos ; Copiar, colar, recortar; Selecionar; Inserir tabela; Realização de atividades em casa sobre cada comando trabalhado
Internet	Navegação, Barra de menu, Atalhos, Favoritos, Botões de voltar, parar e prosseguir, Barra de endereço, Links. Realização de atividades de pesquisa

Fonte: Relatórios da coordenação de informática da escola (2009)

Com o passar das semanas, o tempo, os horários, o corre-corre, a rotina de cada um, foi mais uma vez um argumento para professores e coordenadores irem desistindo do curso, sem falar que este espaço teve a intenção de dar suporte presencial e depois permanecer a distância. Muitos tiveram dificuldade de compreender a proposta.

Como acontece em vários cursos a distância, a dependência em estar com o outro, lado a lado lhe dando segurança, suporte para suas atividades, tirando dúvidas, fez muitos desistirem. O tempo para estudo em casa e realizar as atividades solicitadas tornou-se um dos motivos para não continuarem no curso.

Infelizmente não conseguimos encerrar todos os módulos, pois a desistência e a dependência na realização das atividades foi muito grande. Mesmo assim, os professores frequentadores assíduos ficaram mais autônomos, aprenderam bastante, deram-nos sinais de seus progressos. Com eles tivemos a possibilidade de dar coordenadas, de ajudá-los a organizarem seus planos de aula para o uso do laboratório.

A plataforma Moodlemadá funcionou como um

apoio importante, pois transformou muitos professores que se sentiam inseguros em pessoas mais determinadas em usar as ferramentas, facilitou o nosso trabalho, pois tivemos oportunidades de estarmos mais próximos a eles, conduzindo melhor essa interação.

Nossa expectativa para 2010 é ampliar o atendimento aos professores, preparando-os para utilização adequada do uso dos recursos tecnológicos, através de momentos de reflexão e sugerindo desafios com as TIC, ajudando-os e motivando-os sistematicamente.

Acreditamos no potencial dos nossos professores e pretendemos utilizar o Moodlemadá como suporte para passos mais ousados. O próprio professor poderá utilizar a plataforma para o desenvolvimento e interação com o seu conteúdo, explorar os recursos disponíveis, tais como chat, fórum, atividades, pesquisa, favorecendo uma dinâmica e interatividade maior com seus alunos. Uma nova formação ajudará o grupo nesse sentido. O professor terá momentos no laboratório para estudo da plataforma e a partir de então poderá usar o ambiente com os alunos devidamente cadastrados e orientados para usarem os recursos de forma adequada, seja com atividades síncronas e assíncronas.

ACOMPANHAMENTO DA FORMAÇÃO CONTINUADA

Os professores de muitas disciplinas já demonstram grandes avanços na nossa instituição. Os de biologia, por exemplo, construíram materiais como: vídeos, aulas interativas, simulados online. Os de português utilizaram blogs para construção e desafios pertinentes ao conteúdo. Em filosofia tivemos pesquisas na internet e criação de ambientes filosóficos. Ensino religioso avançou através de webquest, blogs para discussão e atividades de construção. Vários professores foram parceiros e entenderam a proposta sugerida, planejando e desenvolvendo temáticas e atividades de forma coerente e interativa com as TIC.

A fig. 1 apresenta a ficha de planejamento que é preenchida pelo professor após articular e estruturar o seu conteúdo junto com o professor do laboratório de informática.

Figura 1 – Ficha de planejamento
LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA

FICHA DE PLANEJAMENTO

Professor (s)	
Disciplina	História
Série	9º Ano
Data	Início - 23 de julho término -

Conteúdo abordado
A Guerra do Vietnã / objetivo: Compreender a Guerra do Vietnã, através do uso de novas tecnologias, desenvolvendo o senso crítico, a interatividade, a criatividade e a construção do conhecimento.

Descrição da Atividade
<p>1º momento: Organização das equipes 2º momento: Divisão das tarefas 3º momento: Aula no laboratório de informática para receber informações sobre o uso das ferramentas necessárias para a elaboração do trabalho. 4º momento: Produção do trabalho 5º momento: Apresentação dos trabalhos</p> <p>→ vídeo clip → jornal → documentário → Blog → Aula Power Point → Wikipédia</p>

Observação
Depois das apresentações de todas as equipes, os trabalhos serão postados no blog da profª responsável: Cláudia.

CIÊNCIAS	Diabetes	5 aulas	Divisão da turma em equipes, cada equipe com uma ferramenta para construção de: Cartilha Informativa, Jornal, blog, Vídeo com entrevistas, Home Page, Aula explicativa.	Internet, Word, PowerPoint, Publisher, movie maker.
----------	----------	---------	---	---

Fonte: Relatórios da coordenação de informática da escola (2009)

Tanto a professora de história quanto a de ciências tiveram acesso no laboratório, utilizaram todos os recursos disponíveis no ambiente. Os alunos usaram desde internet, câmara digital, celular, filmadora, recursos de áudio para narrarem documentário, seleção de imagens e textos. O tempo planejado desde a estruturação dos projetos até sua culminância foi de aproximadamente dois meses.

Ao final dos trabalhos, alguns alunos deram depoimentos de como tinha sido a realização daquelas atividades no laboratório. O entusiasmo com as atividades pode ser percebido na fala dos alunos:

Eu não aprendi sobre a Guerra do Vietnã, eu vivi o drama de está lá, dessa forma consegui entender o que foi a Guerra do Vietnã e nunca vou esquecer (Aluna P - 9º ano).

Percebemos o envolvimento dos alunos em todos os momentos desse trabalho, percebemos a motivação, o interesse a rapidez em que organizavam as idéias, a criatividade para cada item selecionado, a interação com os recursos tecnológicos que usavam, a concentração na pesquisa pelos textos, na seleção dos depoimentos de sobreviventes.

O trabalho com projetos é destacado por Almeida (2000, p. 175) como uma prática que propicia:

aprender a aprender; estabelecer conexões entre conhecimentos adquiridos anteriormente na construção de novos conhecimentos; trabalhar com conceitos e respectivas estruturas; elaborar hipóteses de trabalho; alterar a ótica da informação e sua descrição para compreendê-la, ou seja, para criar explicações e estruturas relacionais.

Os projetos descritos representaram experiências exitosas, capazes de mobilizar professores e alunos. As produções resultantes estão na página da escola e as professoras estão entusiasmadas com o resultado. Acredito que o sucesso é consequência do entendimento, da formação do professor, da sua capacidade de abertura para o novo, do envolvimento com o trabalho e com a aprendizagem dos alunos.

O laboratório de informática não deve ser entregue aos professores sem preparo. Acreditamos no sucesso

A metodologia de projetos foi usada com sucesso. No quadro 5 apresentamos dois exemplos de projetos desenvolvidos a partir da formação que realizamos.

No primeiro momento junto com as professoras organizamos passo a passo toda a estrutura do trabalho, com suas etapas e objetivos definidos, construímos na verdade uma webquest identificando para cada dia o que cada grupo iria está utilizando, em que sites visitariam as imagens, a música que gostariam que tivessem no seu trabalho, os vídeos que foram copiados do Youtube e convertidos para o programa que iriam inserir. A organização passo a passo cada dia serviu para manter os alunos motivados e nosso objetivo no caminho de ser realizado.

Quadro 5 – Projetos desenvolvidos na escola

DISCIPLINA	TEMA	DURAÇÃO	METODOLOGIA	RECURSOS
HISTÓRIA	Guerra do Vietnã	5 aulas	Divisão da turma em equipes, cada equipe com uma ferramenta para construção de: Jornal, Documentário, Home Page, Blog, Apresentação e Vídeo.	Internet, Word, PowerPoint, Publisher, movie maker.

com organização, zelo, idéias e condições estruturais. A conclusão dessas etapas da formação nos leva a pensar em sua continuidade, considerando as necessidades e possibilidades do grupo com o qual trabalhamos. A continuidade poderá se concretizar através de reuniões, seminários, oficinas, encontros presenciais e no ambiente de aprendizagem, conforme recomenda Almeida (2000).

Observamos que no decorrer do ano letivo de 2009, muitos avanços foram dados, professores que estavam desmotivados e despreparados para o uso do computador estão mais abertos, disponíveis, ousados, querem articular melhor e com mais recursos suas atividades. A formação continuada tem um importante papel nesse sentido, de forma que esperamos ter espaço para outras realizações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência e os resultados que alcançamos com o uso das TIC na escola a partir da formação continuada foram exitosos. Conseguimos com que os professores fizessem uso dos recursos de forma mais contextualizada, mais interativa, tivemos troca de experiências, dos saberes específicos de cada educador, partilha de experiências anteriores, proporcionando mais incentivo ao trabalho.

Todas as atividades desenvolvidas no laboratório de informática desde navegação na internet, construção de apresentações diversas, blogs, etapas de webquest, atividades online, foram avaliadas, as falhas identificadas, servindo para aprimoramento, exemplo e incentivo aos nossos profissionais. A avaliação serviu também para verificar o progresso do professor tendo em vista a aprendizagem do aluno e conhecimento adquiridos.

Confirmamos nossa hipótese, reafirmando que a formação do profissional é indispensável para dar-lhe condição e possibilidade de interagir e contextualizar sua prática pedagógica. A formação deve contemplar desde a utilização dos aplicativos, sua interação com os conteúdos de cada área, privilegiando a interdisciplinaridade. A reflexão sobre a prática, sobre os resultados alcançados faz com que o professor se entusiasme cada vez mais para imprimir qualidade ao seu trabalho, potencialmente melhorado com a inserção das TIC.

Os alunos por sua vez, sempre estarão motivados, já que sua dinâmica de busca de conhecimento é outra, mas tanto o professor quanto os alunos estarão utilizando os recursos tecnológicos de forma mais segura e prazerosa, desenvolvendo sua criatividade e habilidades diversas necessárias ao seu dia-a-dia.

Observamos que para o processo de formação se desenvolver bem é preciso que a instituição no âmbito geral esteja aberta e desenvolva sua função como facilitadora de interações e com disponibilidade

para ruptura de paradigmas. A escola na qual desenvolvemos esse trabalho prioriza essa inter-relação, essa dinâmica de motivação e interação ao mesmo tempo, pois acredita em seus profissionais, reconhece seus méritos. Sabemos que para crescermos ainda mais nesse processo é preciso mais abertura, mais diálogo entre coordenadores e professores para que se quebrem de vez as amarras que alguns ainda têm, ao pensar em fazer uso das TIC na instituição. Esse se constitui um trabalho de paciência e persistência ao mesmo tempo, com o propósito de envolvermos todos numa mesma perspectiva.

Consideramos uma grande ousadia a plataforma que construímos o Moodle com o objetivo de facilitar a orientação e formação dos profissionais. Realizamos nossos propósitos com a troca de experiência adquirida na interação entre as disciplinas e educadores que estiveram conosco durante este período.

Caminhamos sempre para o progresso em ritmo acelerado e com isso não podemos perder tempo. O professor preparado realiza um trabalho significativo e faz com que seu aluno produza, desenvolva e construa conhecimento, por isso precisamos estar estimulados para aprender sempre, enfrentar o novo, buscar ferramentas capazes de nos orientar para melhor forma de produção de conhecimento, integrando naturalmente, os recursos tecnológicos. A formação continuada presencial ou a distância nos dá este suporte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria E. Prática e formação de professores na integração de mídias. Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. In: ALMEIDA, Maria E.; MORAN, José M. **Integração das tecnologias na educação**/ SEED, Brasília.p. 38-45, 2005.

ALMEIDA, Maria E. **Proinfo**: informática e formação de professores. Vol 2. Brasília: Ministério da Educação/SEED, 2000.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** – Nº 9394/96 disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102480>. Consulta em 10 fev 2010.

MORAN, José M. **A educação que desejamos, novos desafios de como chegar lá**. Papirus, 2007.

MORAN, José M. Ensino e aprendizagem inovadoras com tecnologias. **Informática na Educação: Teoria & Prática**. Porto Alegre, vol. 3, n.1 (set. 2000) UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, p. 137-144.

NÓVOA, António. Formação contínua de professores: realidades e perspectivas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

SILVA, Marco. Internet na escola e inclusão. In: ALMEIDA, Maria E.; MORAN, José M. Integração das tecnologias na educação/ SEED, Brasília. p. 63-69, 2005.

VALENTE, José A. Pesquisa comunicação e aprendizagem com o computador: o papel do computador no processo ensino-aprendizagem. In: ALMEIDA, Maria E.; MORAN, José M. Integração das tecnologias na educação/ SEED, Brasília. p. 22-30, 2005.

APLICAÇÃO DA TV E DO VÍDEO NUMA ESCOLA PÚBLICA: UM ESTUDO SOBRE A INTEGRAÇÃO DAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Andréa Cavalcante Tenório

Resumo

O texto destaca as vantagens da utilização das mídias na educação, especificamente, a aplicação e a contribuição que a TV e o vídeo podem promover nos espaços de aulas meramente expositivas, refletindo sobre a necessidade da mudança de paradigma que viabilize a inserção de recursos tecnológicos de forma significativa na construção do conhecimento. Relata a experiência realizada numa escola pública através da integração de uma ou mais mídias na educação, cujos resultados comprovaram a importância da inclusão dos recursos midiáticos pelos professores, enquanto ferramentas pedagógicas em sua rotina de sala de aula, rompendo assim com paradigmas arcaicos referentes à forma de ensinar e de aprender.

Palavras-chave: Mídias na Educação; Aprendizagem; Mudança de Paradigma.

INTRODUÇÃO

Trabalho na área de educação há quase doze anos. Durante essa trajetória tenho observado que as reclamações dos professores têm sido constante, principalmente em relação à falta de envolvimento dos alunos nas discussões realizadas em sala de aula, comprometendo os resultados desejados. Tal fato tem deixado muitos professores tensos, ansiosos e aflitos, questionando permanentemente as causas que levam a tamanha dispersão e desatenção. Entretanto, percebe-se que as práticas pedagógicas, na sua maioria, têm se mantido inalteradas, pouco atrativas, para uma geração que vive mergulhada em diversas fontes de informação e de aprendizagem.

Diante deste conflito e tamanha inquietação, na tentativa de promover mudanças no espaço escolar, busquei a formação através do curso de professores em mídias na educação, com o intuito de encontrar suporte para tal. O referido curso foi estruturado em três ciclos – o básico, o intermediário e o avançado – os quais concederam aos professores cursistas a oportunidade de rever, ampliar e ressignificar seus conceitos referentes à presença de recursos tecnológicos nos espaços escolares e seus respectivos resultados no processo de ensinar e de aprender. A partir do estudo ofertado nos três ciclos citados, a principal proposta do curso foi o desenvolvimento de uma experiência pelos cursistas, a qual houvesse a integração de uma ou mais mídias na educação, razão da existência deste trabalho.

A escola na qual a experiência foi realizada está localizada em bairro periférico da cidade de Maceió e há 9 anos atende crianças e jovens do ensino fundamental nos turnos diurno e noturno com a Educação de Jovens e Adultos. Possui uma boa estrutura física, a qual dispõe, entre outras coisas, de uma Sala de TV e vídeo e de um laboratório de informática.

Foram escolhidas as salas TV e vídeo em virtude da facilidade de acesso, pois ainda necessitamos de um espaço de tempo maior para a formação dos professores que ainda não estão, ou não se sentem habilitados para o uso do computador em suas práticas de sala de aula. Outro critério foi a limitação do laboratório de informática que é composto por apenas nove computadores, - quantidade insuficiente para atender a demanda, - e o número de professores que o utilizam é restrito.

No contexto da escola, são frequentes as queixas feitas pelos professores em relação à indisciplina dos alunos em sala de aula, a falta de envolvimento, participação e interação dos mesmos, bem como o baixo desempenho na aprendizagem. Aliada a este fato, foi também percebido que as salas de aula continuam, na sua maioria, sendo um espaço no qual se reproduzem os modelos tradicionais de ensino.

Com o objetivo de superar esta realidade e contribuir para melhoria da aprendizagem dos alunos e da prática pedagógica dos professores, foi proposta

a inclusão da TV e do vídeo nos ambientes de sala de aula, dando início ao estudo sobre a integração das mídias na educação.

TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO: novas formas de ensinar e aprender

Quando ouvimos falar em tecnologia, normalmente nos vem à cabeça a idéia de complexos artefatos tecnológicos e não nos damos conta de que utilizamos diversas tecnologias que já estão incorporadas ao nosso cotidiano, como: pentes, escovas, canetas, lápis, talheres, óculos, termômetros. O fato é que as tecnologias mudam os padrões de trabalho, do lazer, da educação, do tempo, da saúde e da indústria, permitindo a criação de uma nova sociedade, novas atmosferas de trabalho, novos ambientes de aprendizagem.

A compreensão dessa realidade nos remete às TIC que, especificamente, envolve a aquisição, o armazenamento, o processamento e a distribuição da informação por meios eletrônicos e digitais, como rádio, televisão, telefone e computadores, entre outros.

O advento das TIC revolucionou a relação do homem com a informação. Se antes a questão-chave era como ter acesso às informações, hoje elas estão por toda parte, sendo transmitidas pelos diversos meios de comunicação. A informação e o conhecimento não se encontram mais fechados no âmbito da escola, mas foram democratizados. O novo desafio que se abre na educação, frente a esse novo contexto, é como orientar o aluno a saber o que fazer com essa informação, de forma a internalizá-la como conhecimento e, principalmente, como fazer para que ele saiba aplicar este conhecimento de forma independente e responsável.

Torna-se necessário, nos dias atuais, criar espaços para a identificação e o diálogo entre várias formas de linguagem, permitindo que as pessoas se expressem de diferentes maneiras. Neste sentido, as mídias passam a configurar novas maneiras para os indivíduos utilizarem e ampliarem suas possibilidades de expressão, constituindo novas interfaces para captarem e interagirem com o mundo. Permitindo o uso das múltiplas capacidades de expressão por meio de variadas linguagens constituídas de signos orais, textuais, gráficos, sonoros, entre outros.

Segundo Almeida (2001), compreender as diferentes formas de representação e comunicação propiciadas pelas tecnologias disponíveis na escola, bem como criar dinâmicas que permitam estabelecer o diálogo entre as formas de linguagem das mídias, são desafios para a educação atual.

As tecnologias que num primeiro momento são utilizadas de forma separada - computador, celular,

Internet, MP3, câmera digital, caminham na direção da convergência, da integração, dos equipamentos multifuncionais que agregam valor. Estas tecnologias começam a afetar profundamente a educação, que sempre esteve e continua presa a lugares e tempos determinados: escola, salas de aula, calendário escolar, grade curricular.

Entretanto, apesar dos crescentes avanços que ocorrem permanentemente ao nosso redor, principalmente o avanço tecnológico, a maioria dos professores resiste às mudanças de sua prática pedagógica a favor de resultados mais significativos no processo ensino-aprendizagem. Os professores se restringem a reproduzir o modelo da formação acadêmica que viveram durante sua vida escolar.

Cada indivíduo possui uma forma peculiar de aprender. As aulas tradicionais que tratam todos de maneira uniforme, contemplam um público restrito, levando-se a crer que o uso de recursos midiáticos, como a TV e o vídeo, são alternativas que poderão possibilitar uma prática pedagógica mais dinâmica, visando à melhoria do desempenho acadêmico dos discentes.

A prática da aula expositiva predomina na maioria dos espaços escolares, inclusive nas universidades, pois foi e continua sendo a referência que a população letrada possui dos ambientes de aprendizagem que frequentaram ou que ainda frequentam.

Porém, é importante considerar que esta prática apesar de ser bastante discutida e relativamente condenada, não deve ser abominada na íntegra. O que se percebe é que ela não pode continuar sendo o único meio de conduzir o processo ensino-aprendizagem, uma vez que não garante mais o suposto sucesso que um dia lhe foi conferido.

Para o professor não é mais possível desconhecer as crescentes e constantes mudanças que vem ocorrendo na sociedade. Elas impõem que inovem, diversifiquem e dinamizem suas metodologias de trabalho, objetivando maior interação entre os atores envolvidos no processo educativo e, conseqüentemente, um significativo avanço na qualidade do ensino e da aprendizagem.

Segundo Moran (2000, p 38), “as pessoas que não mudarem, ficarão para trás e isso as faz atentas a novas informações e atualizações necessárias”. Entretanto, para conseguir acompanhar estes avanços que vêm ocorrendo na sociedade é necessário que o educador seja preparado para tal através de formações que o habilite a lidar com as inovações dentro do espaço escolar. Conforme Viana (2004, p 39),

[...] objetiva-se que o professor, independentemente do grau de ensino em que atue, seja capaz de usar as novas tecnologias da informação de forma crítica, autônoma e independente, possibilitando a incorporação dessas tecnologias à

sua experiência profissional, visando a transformação de sua prática pedagógica.

De acordo com Mercado (2002, p 13), “a escola é um espaço privilegiado de interação social, mas este deve interligar-se e integrar-se aos demais espaços de conhecimento hoje existentes e incorporar os recursos tecnológicos e a comunicação [...]”.

Como contribuir para esta tão desejada transformação social sem mudar os espaços escolares? Diante de tantas mudanças na forma como a sociedade vem se organizando, a escola está sendo pressionada a mudar; caso contrário, irá cada vez mais ficar longe de cumprir sua função social.

Considerando que a escola é um espaço privilegiado de construção do conhecimento, o momento exige que o fazer pedagógico não se limite ao discurso monólogo, a relação de conteúdos pré-estabelecidos, a saberes prontos. Faz-se necessário que o fazer educativo esteja atrelado a variados caminhos e alternativas, provocando interesse a todos os envolvidos no processo de aprendizagem.

A UTILIZAÇÃO DA TV E DO VÍDEO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: relato de experiência

As TIC, em especial a TV e o Vídeo, significam novos modos de aprender e ensinar para alunos e professores, seja quando são utilizadas como ferramentas de reflexão ou como recurso didático-pedagógico.

A proposta e metodologia de utilização destes recursos em ambientes de aprendizagem apontam para novos paradigmas nos processos de ensinar e aprender baseados na interação. Daí importância de se integrar ferramentas eletrônicas já disponíveis na escola, de forma eficaz, como uma ação didática significativa no atual contexto, que deve orientar a prática docente a partir de uma outra lógica, que deve considerar a multidimensionalidade do processo de ensino-aprendizagem.

As vantagens pedagógicas que a TV e o vídeo oportunizam ao processo ensino-aprendizagem são inúmeras. Segundo Almeida (2001, p. 14,

[...] possibilitam a contextualização das aprendizagens, considerando a prática social do aluno no processo educativo, favorecendo a transferência do aprendido para situações reais; amplia os conceitos curriculares, associando a diversos recursos, como o livro didático, jornais, revistas, entre outros; favorece o desenvolvimento de valores para direcionamento positivo do próprio lazer, provocando mudanças nas referências dos alunos; oportuniza a discussão sobre questões éticas para desenvolver o posicionamento pessoal reflexivo sobre essas questões e superar atitudes alienadas; estimula a habilidade de formar e emitir opiniões, incorporando novas

ações à sua prática; desenvolve o raciocínio reflexivo, da autonomia e da capacidade de selecionar; habilita o aluno para o desvelamento da mensagem subliminar dos textos [...]

Diante da afirmação de Almeida (2001), percebe-se o quanto é possível ser realizado a partir da utilização da TV e do vídeo na sala de aula, tais como: motivar os alunos ao introduzir novo assunto, abordando uma temática específica ou outra que permita múltiplas abordagens; produzir documentários registrando eventos realizados na escola, estudos de meio, aulas, entrevistas, depoimentos, experiências; interromper a exibição de um determinado vídeo e propor aos alunos a criação de um novo final, justificando sua escolha (ao ser concluída esta atividade deve-se exibir o final do vídeo para que os alunos comparem os diversos finais propostos pela turma); modificar/criar um vídeo fazendo recortes de vários outros vídeos sobre determinado assunto, editando e adaptando à realidade do aluno; fazer leituras de vídeos a partir de perguntas direcionadas pelo professor, destacando as cenas marcantes, os aspectos positivos e negativos, a idéia principal; explorar a ideologia defendida por alguns programas da TV, visto que ela exerce grande influência na formação das pessoas; integrá-lo a outras mídias, enfim, são muitas as propostas de utilização da TV e do vídeo no espaço educativo, a favor do processo ensino-aprendizagem.

A experiência desenvolvida com a aplicação TV e do vídeo na prática pedagógica, foi guiada pela seguinte questão: Qual a contribuição da TV e do vídeo na prática pedagógica, promovendo uma transformação no universo de aulas meramente expositivas?

A finalidade foi sensibilizar os professores para as vantagens que o uso da TV e do vídeo podem oferecer ao processo ensino-aprendizagem, motivando-os a incluírem as referidas ferramentas pedagógicas em sua rotina de sala de aula, de modo a elevar o desempenho acadêmico dos alunos.

O trabalho teve uma abordagem qualitativa, tendo como base a pesquisa-ação, na qual, como pesquisadora, assumi a posição de observador e interventor, na medida em que pude acompanhar o trabalho dos professores envolvidos na pesquisa e intervindo sempre que necessário. Neste sentido, foram realizados encontros pedagógicos com os professores para leitura e discussão de textos envolvendo a temática em questão, socialização de experiências com uso de mídias na sala de aula e análise da atual prática pedagógica.

A coleta de dados foi realizada com a participação de professores do ensino fundamental de uma escola pública da rede estadual de ensino, na cidade de Maceió, a partir da aplicação de questionários, visando diagnosticar a realidade investigada.

A avaliação foi qualitativa e aconteceu durante todo o desenvolvimento do projeto, sendo realizada com os professores envolvidos na pesquisa, a partir da observação do pesquisador, o qual verificou se realmente houve o envolvimento e a sensibilidade dos professores, o reconhecimento dos benefícios da TV e do Vídeo a favor da construção do conhecimento e, conseqüentemente, sua inclusão nas práticas de sala de aula.

Inicialmente foi realizado o primeiro encontro com o grupo de professores, o qual teve como principal objetivo apresentar a proposta da pesquisa e sensibilizar o referido grupo a fazer parte da mesma. Depois de feita a apresentação da pesquisa, os professores apreciaram o trabalho e se colocaram a disposição para serem participantes deste desafio. Antes de finalizar este momento, foi aplicado no grupo um questionário inicial (diagnóstico), visando fazer um levantamento da prática pedagógica utilizada pelos participantes. O referido questionário foi composto das seguintes questões: Como você costuma conduzir suas práticas de sala de aula?; Quais os recursos mais utilizados por você? Por quê?; Como tem sido o envolvimento/participação dos educandos durante as aulas?; Como se encontra o desempenho dos educandos?; Quais as maiores e mais frequentes dificuldades/desafios encontradas (os) no dia-a-dia na sala de aula?; Os desafios encontrados têm atrapalhado o desenvolvimento de seu trabalho? De que forma?; Estas dificuldades têm comprometido o desempenho da turma? Por quê? Como?; A que você atribui o baixo desempenho de alguns alunos?; Você costuma diversificar a dinâmica de sala de aula? De que forma?; Caso a resposta do item anterior foi sim, como a turma costuma reagir?; Você já utilizou nas suas aulas algum recurso tecnológico como TV. e vídeo? Em que momento?; Caso sua resposta foi sim, como foi esta experiência?; Com que frequência você os utiliza? Por quê?; Caso tenha utilizado (ou utilize) como você avalia o resultado?

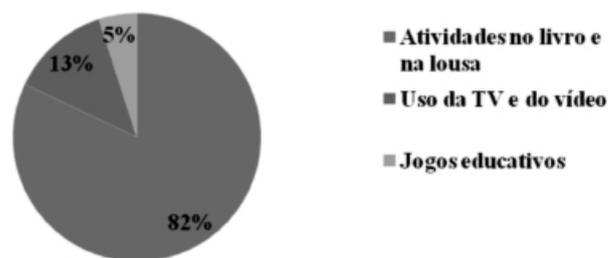
A maioria dos professores envolvidos na pesquisa, afirmaram conduzir sua prática pedagógica buscando sempre envolver os alunos no processo ensino-aprendizagem e afirmaram em depoimento:

Dirijo a minha prática com a maior participação possível por parte dos alunos, fazendo com que cada um se reconheça sujeito no processo ensino-aprendizagem.

Tento conduzir minha prática de uma forma que facilite o entendimento por parte dos alunos (fala de outro educador).

Quanto às atividades mais utilizadas no cotidiano de sala de aula (Gráfico 1), as mais citadas foram: atividades na lousa, no livro, no caderno, atividades fotocopiadas, jogos educativos, som e, às vezes, TV e vídeo.

Gráfico 1 - Recursos mais utilizados na sala de aula



Em relação à participação/envolvimentos dos alunos, os professores afirmam ser regular, “a maior parte se envolve no processo”, afirma uma das professoras. “No início dos trabalhos os educandos demonstram muita inquietação, mas com o decorrer do tempo a maioria se sente parte do processo”.

Quanto ao desempenho os professores avaliam como regular ou satisfatório. “O nível de aprendizagem dos alunos varia muito, uma vez que trabalho numa turma de progressão” (turma em que os educandos estão em processo de alfabetização).

Em se tratando das dificuldades/desafios enfrentados no dia a dia, a maioria dos professores afirmam que é o desinteresse dos alunos, fazendo os seguintes depoimentos:

O maior de todos os desafios é a falta de interesse/empenho dos educandos, que atrapalha o desenvolvimento dos trabalhos em sala de aula e que, muitas vezes, tende a desmotivar o educador;

As maiores dificuldades são a falta de concentração dos educandos devido às conversas e brincadeiras constantes e brigas; Percebo que o maior desafio é a indisciplina, que na sua maioria acontece devido a desestrutura familiar. O acompanhamento em casa é essencial no processo ensino-aprendizagem, e quando isso não ocorre, o trabalho na escola torna-se deficiente.

Quanto às respostas que os alunos manifestam diante da diversificação da dinâmica em sala de aula, são sempre favoráveis. “Geralmente a turma gosta bastante e demonstra interesse”, afirma a professora. “Se interessam e se envolvem quase na sua totalidade”.

Em se tratando do uso de recursos tecnológicos utilizados na sala de aula pelos professores, mais precisamente a TV e o vídeo (Gráfico 2), os depoimento mostram que há um uso ainda inibido:

Utilizei recentemente a TV e o vídeo na disciplina de ciências, ao trabalhar o Aquecimento Global. Selecionei o filme ‘A era do gelo’, e, antes de exibilo, fiz a exposição de um roteiro básico do que eu pretendia que fosse observado. Por fim, pedi que eles ilustrassem as partes centrais do filme;

Utilizo a TV e o vídeo no máximo uma vez ao mês, experiência que considero proveitosa e rica; Não utilizo muito, depende da necessidade que a turma tem para compreender algum assunto. Utilizo para melhor esclarecê-lo; A última vez que utilizei foi para culminar um estudo sobre a paz, exibindo o filme ‘A corrente do bem’.

Gráfico 2 - Frequência em que os educadores utilizam a TV e o vídeo em suas atividades docentes



Quanto aos resultados, a avaliação é satisfatória. “É uma ótima ferramenta para reforçar o diálogo na sala de aula”. “O resultado é muito bom, visto que este recurso é bastante dinâmico”, conclui uma das professoras participantes.

Durante os encontros seguintes, foram lidos e discutidos alguns textos utilizados no decorrer do curso, tais como: Situando o uso da mídia em contextos educacionais (Maria Cecília Martins); Dez novas competências para uma nova profissão (Philippe Perrenoud); Tecnologias de comunicação e interação (José Manuel Moran); Como a televisão e as mídias se comunicam (José Manuel Moran); Informação e comunicação na educação (José Manuel Moran); A linguagem da TV e a Educação (José Manuel Moran);

Após o estudo dos textos ficou combinado que cada professor envolvido na pesquisa iria planejar e realizar uma aula utilizando como principais recursos a TV e o vídeo, a ser socializado no encontro seguinte.

No encontro seguinte, após a socialização das experiências realizadas com a utilização da TV e do vídeo em sala de aula, foi aplicado outro questionário, objetivando o registro de como se deu a referida experiência e qual a avaliação dos professores sobre esta prática. O questionário foi constituído das seguintes questões: Como você planejou sua aula inserindo a TV e o Vídeo?; Qual foi a temática abordada nesta aula?; Como foi a dinâmica da atividade?; Como preparou os alunos para este momento?; Qual foi a reação deles?; E durante o desenrolar da atividade, como os alunos se portaram?; Houve participação, envolvimento, interação de um grande grupo?; Como se deu a interação professor x aluno?; Senti alguma dificuldade desde o planejar até desenvolver a aula? Qual (is)?; Como você avalia esta prática?; Quais os pontos positivos que você pode pontuar?; Tiveram pontos negativos? Quais?; Confrontando os pontos que você avaliou, houve mais pontos favoráveis ou desfavoráveis?;

Como você se sentiu trabalhando com as referidas ferramentas pedagógicas?; Você pretende continuar inserindo em suas práticas a TV e o Vídeo? Por quê?

Quanto ao planejamento das atividades incluindo o uso da TV e do vídeo (Gráfico 3), a maioria dos professores afirmaram ter inicialmente pesquisado o material a ser exibido e em seguida ter assistido o vídeo, a fim de avaliar se o mesmo contemplava as suas expectativas em relação à necessidade de aprendizagem da turma. Depois de conhecida a essências do vídeo, foram elaborados roteiros sobre o que seria observado pelos alunos durante a apresentação do vídeo.

As temáticas abordadas foram diversas: “Esculturas” em Artes Visuais, “Cadeia Alimentar” em Ciências Naturais, “A Violência” em Ciências Sociais, entre outros.

A dinâmica da atividade consistiu em conversar inicialmente com os alunos de maneira informal, abordando superficialmente o que o filme iria trazer e o que eles deveriam fazer logo após a exibição. Os depoimentos à respeito foram os seguintes:

No início faço um resumo do filme focalizando sua importância para o entendimento do conteúdo que está sendo estudado. Solicito que os alunos façam anotações, como: nome do filme, cena que chamou sua atenção, para iniciar um debate em seguida;

A reação da maioria da turma foi de curiosidade e interesse;

Na medida em que o filme acontecia, os alunos faziam questionamentos sobre algumas cenas e eu pausava, abrindo espaço para as reflexões; A participação/envolvimento da turma durante a referida atividade foi pequena. Senti dificuldade de prender a atenção da turma e conter as conversas paralelas. Isso muitas vezes está ligado à acústica da sala e ao calor, tornando o entendimento difícil.

Gráfico 3 - Reação dos discentes durante atividades realizadas com o uso da TV e do vídeo



Grande parte dos professores envolvidos realizou uma avaliação positiva frente à prática desenvolvida (Gráfico 4). “É uma ótima estratégia metodológica e uma forma diferenciada de trabalhar novos conteúdos”, afirmou uma professora. “Uma das vantagens é que nesse processo é possível esclarecer melhor os conteúdos através de pontos de vista diferentes”.

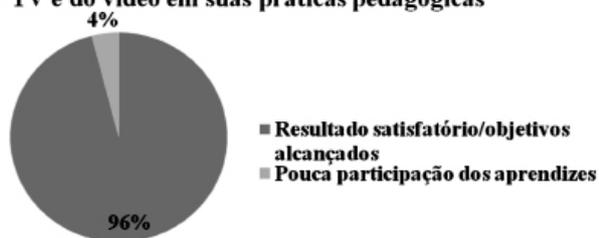
Quanto aos pontos positivos, apontam a concentração e a atenção dos alunos, além da ampliação e fixação de conteúdos. Nos pontos negativos apontaram a falta de conforto do espaço físico em que está localizada a sala de TV e vídeo, fato que não supera os pontos favoráveis.

Em relação ao trabalho desenvolvido, os professores afirmaram que se sentiram confortáveis ao realizá-lo, uma vez que os objetivos foram alcançados, apresentando os seguintes depoimentos:

A partir da experiência, pretendo continuar inserindo em minha prática pedagógica as ferramentas utilizadas porque é uma forma atrativa para os alunos e eficaz para o educador, (desde que este tenha traçado objetivos definidos para sua utilização);

Continuarei usando sempre que possível, pois o visual deve ser estimulado em paralelo com outros sentidos da percepção sensorial, facilitando a prática e o entendimento do conteúdo estudado.

Gráfico 4 - Posição dos docentes diante do uso da TV e do vídeo em suas práticas pedagógicas



Uma das professoras envolvidas no processo realizou um levantamento junto a uma turma de adolescentes sobre como eles avaliavam a aula desenvolvida a partir da exibição de um filme, conforme trabalhado na referida turma. Os depoimentos foram surpreendentes. “É muito bom professora, porque a gente não fica sempre escrevendo e ouvindo o professor falar, é cansativo”, afirmou uma aluna. “Deveria ter mais vezes aulas como essa, a gente relaxa”, declarou outra estudante. “É mais emocionante”, falou outro educando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todos os resultados da experiência de aplicação TV e do vídeo na prática pedagógica, concluímos que um dos maiores desafios que os professores vêm enfrentando em sala de aula, fato citado por todos os professores envolvidos na pesquisa, é o desinteresse e a falta de envolvimento dos alunos no processo ensino-aprendizagem, tornando-a deficiente, o que muitas vezes tende a desmotivar inclusive o professor por não obter os resultados desejados. Os dados revelaram que quando diversificam as atividades, colocando movimento/dinamismo nas mesmas, os professores conseguem ter a maioria da turma envolvida

e conseqüentemente obtêm uma produção satisfatória.

Outro fator constatado foi que a frequência com que os professores utilizam a TV e o vídeo em sala de aula é relativamente baixa, oscilando de uma a duas vezes ao mês. Os recursos que predominam são os materiais impressos. Porém, apesar do pouco uso, os professores declaram, nos momentos de socialização de suas experiências práticas com o uso da TV e do vídeo, que reconhecem que as referidas ferramentas ampliam as possibilidades de aprendizagem, promovendo-a de forma dinâmica e prazerosa, dando maior significado ao que foi trabalhado em sala de aula.

Em uma das intervenções que realizei junto ao grupo, uma delas foi baseada na contradição demonstrada pelos professores nestas informações, quando afirmam reconhecerem os benefícios do uso da TV e do vídeo em sala de aula, mas que pouco os utilizam. Argumentou-se que as dificuldades de seu uso não estão na falta de habilidade para tal, mas no escasso espaço de tempo para estudo, planejamento e dedicação ao trabalho, provocado pela extensa jornada de trabalho diária/semanal, paralela as demais responsabilidades do dia a dia, inviabilizando um planejamento mais eficaz e uma seleção de material com qualidade, que venham contribuir para uma aprendizagem mais significativa.

Outro aspecto que se destaca e que merece consideração é que os espaços das salas de aula permanecem sendo ambientes em que são reproduzidos os modelos arcaicos de ensino, tendo a aula expositiva como metodologia predominante. Percebe-se que as aulas expositivas raramente são alternadas com outros recursos – a TV e o vídeo, mais especificamente.

Por outro lado, verifica-se que os professores reconhecem os benefícios que atividades dinâmicas, como o uso da TV e do vídeo trazem a construção do conhecimento, mas pouco utilizam, o que caracteriza certa acomodação e resistência, mesmo que inconsciente, em flexibilizarem sua prática pedagógica, mantendo o padrão de ensino que lhe foi transmitido. Além da presença deste quadro, avalia-se também que há, na maioria dos professores, dificuldade em articular as inovações às suas práticas pedagógicas, havendo carência de formação que os habilite/capacite para tal, pois só se é capaz de fazer algo quando se aprende a fazer.

Seduzir os alunos a se envolverem nas atividades escolares requer uma mudança de paradigma: do conservador para o emergente, ou seja, não basta incorporar as inovações tecnológicas às práticas pedagógicas mantendo e mascarando o ensino tradicional.

É necessário, inserir as TIC atribuindo-lhe finalidade e significado, pois só assim haverá uma efetiva contribuição para a melhoria da qualidade de ensino. Para isso, o professor necessita adquirir, através

de uma formação sólida, competência para atuar em sala de aula e habilidade para articular as mídias à construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria E.; PRADO, Maria E. **Integração tecnológica, linguagem e representação**. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto>. Acesso em 29 de setembro de 2009.

ALMEIDA, B. **Vídeo e televisão na sala de aula: limites e possibilidades para mobilizar a reflexão e promover a formação integral**. Araraquara, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” – UNESP.

GUIMARÃES, Ângelo M. Ambientes de aprendizagem: re-engenharia da sala de aula. In: COSCARELLI, Carla V. (org) **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MEC – Ministério da Educação. **Módulos do curso de especialização em formação de professores em mídias na educação**.

MERCADO, Luis P. **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. Maceió: Edufal, 2002

MORAN, José M.; MASSETO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

VIANA, Maria A. Internet na Educação: novas formas de aprender, necessidades e competências no fazer pedagógico. In: MERCADO, Luis Paulo (org) **Tendências na utilização das tecnologias da informação e comunicação**. Maceió: Edufal, 2004.

AS MÍDIAS NO PROGRAMA FORMAÇÃO PELA ESCOLA: FORMANDO CONSELHEIROS E COMUNIDADE ESCOLAR

Elizelda Silva de Araújo
Laura Cristina Vieira Pizzi

Resumo

O texto apresenta o resultado da investigação feita com o objetivo de analisar e avaliar a contribuição das mídias material impresso e vídeo utilizados pelo programa Formação pela Escola na formação de gestores, conselheiros e comunidade escolar. Com abordagem qualitativa, empreendida através de um estudo de caso, dados coletados a partir de estudo do material e módulos do curso, e aplicação de questionários com tutores e alunos do programa: gestores, comunidade e conselhos escolares. Traz a opinião dos participantes a respeito da qualidade, utilidade e objetividade das mídias e aponta as dificuldades no processo de formação destes conselheiros. Constatou-se a necessidade de aperfeiçoar mecanismos que desencadeiem maior interesse e participação dos conselheiros e gestores no Formação Pela Escola, provocando assim maior participação popular no controle social dos recursos do PDDE.

Palavras-chave: mídias; Formação pela Escola; recursos públicos; conselho escolar; controle social.

INTRODUÇÃO

Com o avanço das TIC que tem contribuído para a implementação da EAD, e os governos utilizando-se desta modalidade para alavancar o desenvolvimento da educação no país, o FNDE, vem buscando tornar mais eficaz o seu processo de capacitação e divulgação de seus programas e ações.

Neste contexto, surge o Formação pela Escola, programa de formação continuada na modalidade a distância, desenvolvido pelo FNDE, em parceria com a SEED/MEC, com objetivo de fortalecer a ação da comunidade escolar, principalmente dos que atuam de forma direta, na execução, acompanhamento, controle social e prestação de contas dos recursos destinados às escolas pelos diversos programas e ações do FNDE. (MEC/FNDE/SEED, 2007).

O Formação pela Escola utiliza mídia impressa modular para estudo autônomo com suporte de momentos presenciais com apresentação de vídeos, discussão dos conteúdos, socialização dos trabalhos realizados pelos cursistas, avaliação da aprendizagem com apoio de um sistema de tutoria que pode ser contatado por telefone, e-mail e plantões pedagógicos.

Existe uma estrutura de gestão articulada e interligada por um sistema de comunicação e tutoria, para atender a um grande número de participantes, em um curto espaço de tempo e de forma mais econômica, em todos os recantos do país.

A proposta do programa fundamenta-se em uma concepção de educação que valoriza a construção do conhecimento participativo, de forma, que o cursista que já trabalha nos programas do FNDE tem o seu saber valorizado e se relaciona diretamente com a dinâmica do curso e com o material didático. Os princípios de problematização, interação, cooperação e resolução de problemas utilizadas no curso servem para dar sustentação aos módulos como forma de garantir as diretrizes estabelecidas.

O curso composto por 8 módulos inicia com o introdutório: Módulo de Competências Básicas e prossegue com os temáticos. Os participantes, respeitando o plano diretor do programa e dentro de suas atribuições escolhem os temáticos que mais lhe interessam.

Este estudo abordará o módulo temático PDDE, que tem a finalidade de informar aos agentes, parceiros,

operadores, conselheiros e comunidade escolar sobre objetivos, concepção, forma de execução e detalhada operacionalização e prestação de contas dos recursos repassados à escola.

Este estudo teve como problema investigar: qual a contribuição das mídias material impresso e vídeos no Programa Formação pela Escola para melhoria do desempenho da comunidade escolar na aplicação dos recursos do PDDE? Foi desenvolvida sob a hipótese de que a atuação dos conselheiros e comunidade escolar, participantes deste curso, sofreu mudanças contribuindo para maior compreensão do papel das ações e programas FNDE, qualificando para o gerenciamento da aplicação dos recursos e controle social destes.

Neste texto, apresentamos o resultado da avaliação feita sobre a utilidade das mídias definidas pelo FNDE/MEC para apoiar a formação dos conselheiros, gestores e comunidade escolar. Para isto optamos por um estudo de caso com análise do material do curso e aplicação de questionários, verificando a importância dessas mídias para o sucesso do curso e para melhoria na qualidade da utilização dos recursos do PDDE pelas escolas; se as informações e orientações disponibilizadas pelo programa têm contribuído para maior transparência na administração destes recursos e se existe alguma lacuna, podendo provocar outras análises no sentido de sanar dificuldades apresentadas pelos participantes do curso, e contribuir para apreciação dos órgãos competentes.

O interesse quanto ao tema surgiu ao atuar na tutoria do Programa e perceber certo desconhecimento e descaso por parte de membros da comunidade escolar em relação à descentralização de recursos adotada pelo governo federal como forma de equalização na distribuição destes recursos e redução das desigualdades e sobre a responsabilidade de cada cidadão no controle social dos recursos, buscando avaliar a contribuição do Programa para a correta aplicação, acompanhamento, prestação de contas dos mesmos e de que forma pode-se implementar maior participação da comunidade neste controle.

Em se tratando de uma política pública para formação do cidadão que tem o papel de fiscalizar a aplicação dos recursos que chegam à escola, analisamos como se dá à formação dos conselheiros, gestores e comunidade escolar, assim como a contribuição das mídias utilizadas no processo: material impresso e vídeos. Para isso o texto abordará: políticas públicas de fortalecimento do controle social; o Formação pela Escola e o PDDE em Alagoas; as mídias no Formação pela Escola, tópico no qual apresentaremos o resultado da pesquisa realizada.

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O FORTALECIMENTO DO CONTROLE SOCIAL

Os direitos outorgados ao cidadão pela Constituição Federal de 1988, no que se refere à educação, não serão levados a efeito sem a permanência deste cidadão na luta pelo usufruto dos mesmos e sem a devida parcela de contribuição no que diz respeito aos deveres conferidos nesta Constituição. De acordo com Santos (2002, p.6)

A falta de cultura cívica e educação democrática dificulta, ou mesmo, inviabiliza a devida e necessária participação popular, de modo que a sociedade acaba não exercendo nenhum controle, antes finda perdendo maior parcela de liberdade, pois não participa da formação da opinião política.

Para a criação dessa cultura de participação é necessário investir na educação, democratizar as informações, o conhecimento e as mídias, permitindo a participação nas decisões das questões que interferem em nossa vida, pois a apropriação do conhecimento é fator indispensável para o desenvolvimento de uma consciência crítica e participativa nas decisões políticas do país, a fim de efetivar o processo de democratização da sociedade e garantir os direitos adquiridos, assumindo o compromisso de cumprir os deveres sociais de cidadão.

De acordo com a CF, art.1º, parágrafo único: “Todo poder emana do povo, que o exerce indiretamente, por representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta constituição”. (BRASIL, 1988) Alicerçado neste princípio, a cada dia a democracia vem se consolidando e sendo ampliada, desencadeando diferentes mecanismos de participação da comunidade na gestão das políticas públicas e provocando um número cada vez maior de organizações da sociedade civil no controle social sobre as ações do governo federal.

A partir da CF/88; LDB/96; do Plano Nacional de Educação (001-2010); o governo deliberou suas principais políticas no campo da educação: prevendo investimento de recursos em ações que são fundamentais para a promoção da justiça social e democratização da sociedade e da escola, com objetivo de superar os resultados educacionais negativos no país.

A escola sofreu modificações em sua organização pedagógica e administrativa, entre as quais: a introdução da gestão democrática e de conselhos escolares (envolvendo a participação da comunidade), a elaboração do próprio projeto político-pedagógico e adequação do calendário escolar às necessidades específicas da localidade [...] o governo não conseguiu implementar sua reforma educacional de maneira homogênea e conforme a proposta inicial [...] A própria estrutura do Estado prevê espaços e mecanismos de contradições e embates de

forças e interesses que resultam em políticas que podem representar ou não aquilo que foi proposto originalmente. (MÓDULO DE COMPETÊNCIAS BÁSICAS, 2008 p 40, 41).

A LDB assegura a gestão democrática do ensino público no Brasil, com participação dos profissionais da educação, das comunidades e conselhos escolares ou equivalentes, a autonomia pedagógica, administrativa e gestão financeira, vem de forma progressiva, buscando consolidação.

[...] a intervenção dos cidadãos, individualmente ou em grupo, é fundamental para a construção de uma sociedade justa, igualitária e solidária. A Educação, então, pode vir a desempenhar papel importante na conscientização dos cidadãos e na introdução de práticas educativas que levem à transformação atual da sociedade. Mas como garantir o direito a educação e propiciar uma formação escolar que provoque mudanças sociais? Um dos caminhos é alocar bem os recursos financeiros destinados à educação. (MÓDULO DE COMPETÊNCIAS BÁSICAS, 2008, p.42)

A luta da sociedade brasileira, por uma escola pública gratuita de qualidade vem desde a época em que em que o Brasil era colônia de Portugal, arrastou-se pelos períodos seguintes com instituição de leis, emendas e reformas culminando com a gratuidade financiada por impostos vinculados.

Esta luta vem provocando medidas e ações por parte do governo no sentido de atender a demanda social por uma educação de qualidade para todo cidadão, de acordo com os direitos garantidos e os deveres estabelecidos conforme reza a Constituição Federal, que de acordo com Lino e Borges (2009, p. 117), alargou o projeto de democracia propondo a criação de inúmeros conselhos reconhecidos, como instâncias de negociação e pactuação das propostas institucionais das demandas da sociedade, tendo sua origem vinculada ao desejo de participação popular na formulação e na gestão das políticas públicas.

A democratização e descentralização de recursos e a conseqüente participação popular exigiu capacitação especial para operadores tanto da gestão quanto do controle social e o FNDE, autarquia do MEC, responsável pelas transferências de recursos destinados à educação em todos os estados, Distrito e Federal e municípios oferecia formação às pessoas envolvidas em seus programas de forma presencial, enviando seus técnicos aos municípios e aos estados, mas com a criação dos vários programas do governo federal e implantação do FUNDEF, substituído pelo FUNDEB, consolidando a descentralização de recursos públicos houve crescente necessidade de controle social e tornou-se necessário capacitar à comunidade a

compreender os mecanismos e cálculos utilizados em cada um destes programas.

Devido ao número insuficiente de técnicos no FNDE, o tamanho do país e a quantidade de estados e municípios para atender foi criado o Programa Nacional de Formação Continuada nas Ações do FNDE – Formação pela Escola, como meio de capacitação para gestores, conselhos e comunidade escolar, podendo assim contribuir para maior transparência e visibilidade no processo provocando também maior interesse popular pelo acompanhamento (repasso, aplicação e prestação de contas) dos recursos destinado às políticas públicas sociais.

O FORMAÇÃO PELA ESCOLA E O PDDE EM ALAGOAS

O Formação pela Escola vem atender à necessidade de se construir uma cultura de participação, envolvendo os integrantes dos conselhos estaduais e municipais e comunidade de forma geral. O curso está organizado em módulos, dos quais o primeiro é o de Competências Básicas, prerequisite para todos os demais e aborda as políticas públicas na área social e educação básica; o financiamento para a educação básica; o controle social no âmbito das políticas públicas educacionais implementadas pelo governo federal, mais especificamente os geridos pelo FNDE.

A estrutura modular do curso, formada por 8 módulos, está organizada em módulo introdutório: MCB e módulos temáticos, sendo: PDDE, Programa de Transporte do Escolar (PTE), Programas do Livro (PLi), Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), FUNDEB, Prestação de Contas e (PDE, os dois últimos em construção.

Nos últimos dez anos, o estado de Alagoas tem implementado ações no sentido de consolidar a gestão democrática, daí o interesse e colaboração para o desenvolvimento do Formação pela Escola. A SEE/AL no cumprimento das metas estabelecidas no Plano Estadual de Educação (ALAGOAS, 2006) e na Carta de Princípios da Educação (ALAGOAS, 2000) em seu Eixo de Gestão Educacional, tem garantido em todas as 334 unidades escolares da rede, inclusive indígenas e quilombolas, a implantação dos Conselhos Escolares com representantes de todos os segmentos da comunidade escolar (pais, alunos, professores, corpo administrativo e apoio), para planejar e tornar possível a efetivação da proposta pedagógica de cada unidade de ensino. Apesar deste avanço, percebe-se que a cultura de planejamento participativo ainda não acontece em grande parte das escolas.

A SEE em parceria com a Undime vem divulgando o Programa Formação pela Escola junto aos municípios que aos poucos estão aderindo a ele. O quadro a seguir apresenta a adesão dos municípios ao Programa no período de 2007 a 2010.

Quadro 1. Adesão ao Formação pela Escola em Alagoas (2007 a 2010)

PERÍODO	ADESÃO	QUANTIDADE
2007 - 2008	Municípios inseridos	23
2009 - 2010	Municípios em fase de adesão	58

Fonte: Relatórios do Formação pela Escola/SEE

A implementação do PAR veio alavancar o Formação pela Escola contribuindo para o crescimento da adesão dos municípios a partir do reconhecimento da necessidade de qualificação dos técnicos e conselheiros, no intuito de manter o envio de recursos do governo federal, os quais dependem da correta aplicação e prestação de contas, aspectos contemplados pelo Programa.

A gestão do Programa acontece de forma compartilhada e com atribuições definidas no capítulo V, artigo 2º da Resolução no 12, de 25 de abril de 2008. Após adesão firmada pelo governo do estado, através da SEE, os municípios interessados, representados por suas prefeituras assinam o Termo de Adesão indicam os candidatos a tutoria e asseguram as condições de participação do tutor selecionado nas atividades inerentes ao exercício de sua função.

Gestores e membros das comunidades, conselhos escolares, conselhos municipais e estaduais foram e estão sendo capacitados nos módulos: MCB, PDDE, PLi, PTE, PNAE e Fundeb. No quadro 2, apresentamos os módulos já concluídos e o número de participantes de cada um.

Quadro 2. Formação pela Escola em Alagoas

Módulos concluídos	Número de participantes
MCB	1.813
PDDE	1.168
PLi	301
PNAE	156
PTE	92

Fonte: <http://www.fnnde.gov.br/sife/index.php/estatistica/CreateEstatisticaEstado>

Até o momento tivemos 1168 concluintes do módulo PDDE, nos 28 municípios alagoanos que aderiram nos dois primeiros anos.

Criado em 1995 como Programa de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental (PMDE),

passou a ser designado PDDE, a partir da Medida Provisória nº 1.784, de 14 de dezembro de 1988, estendendo-se, em seguida, para as demais etapas da educação básica.

O PDDE pode ser definido como o programa por meio do qual o FNDE repassa recursos, em caráter emergencial, para as escolas públicas de educação básica e escolas privadas de educação especial, sem fins lucrativos. (MÓDULO PDDE, 2008, p. 26)

O objetivo destes recursos é prover, de forma suplementar, as escolas com recursos financeiros visando melhorar a infraestrutura física e pedagógica, contribuindo para a elevação da qualidade da educação básica equitativa, reforçando a autonomia gerencial e a participação de gestores e comunidade escolar como um todo.

Os profissionais envolvidos na implantação e implementação do Programa são: equipe de gestores nos estados e no Distrito Federal e rede de tutoria composta por multiplicadores, orientadores educacionais e tutores estaduais e municipais.

Os cursistas recebem o material didático e orientações nos momentos presenciais, e o suporte necessário ao estudo dos módulos e cumprimentos das atividades de avaliação do curso.

Os módulos temáticos são específicos aos diferentes programas desenvolvidos pelo FNDE e cada módulo é trabalhado em um período de aproximadamente 30 dias, dividido em dois momentos presenciais de 4 horas cada e 32 horas de estudo a distância, perfazendo uma carga horária de 40 horas.

O PDDE, módulo abordado neste estudo, apresenta objetivos, conceitos, fluxogramas, modelos de formulários e tabelas para cálculos do repasse, funcionamento, instituições/entidades que podem receber os recursos, tipos de recursos, em que pode ser investido, programação e reprogramação de recursos, como controlar o saldo na conta do PDDE, como a comunidade pode se organizar para gerenciar os recursos, diagrama de prestação de contas, prazos e possibilidades para resolver problemas nas prestações de contas e outras obrigações.

Os conteúdos trabalhados nesse módulo têm o propósito de proporcionar à comunidade conhecimentos que possam colaborar com o desenvolvimento de projetos participativos, princípios democráticos e gestão participativa, que desencadeiem o desenvolvimento do controle social dos recursos repassados a conta de cada Unidade Executora.

O curso funciona com um sistema de tutoria. O tutor de acordo com a necessidade e disponibilidade dos alunos pode promover momentos presenciais extras. Durante o período a distância o tutor orienta aos cursistas através do e-mail, telefone, pessoalmente recebendo-os nos plantões

pedagógicos ou indo até as escolas.

Nos municípios, o curso tem sido bem aceito por parte das comunidades de forma geral e, principalmente dos conselhos, que veem no mesmo um instrumento de orientação e apoio na gestão, e prestação de contas dos recursos recebidos pelas escolas, mas temos percebido algumas dificuldades em conseguir a participação de todos os conselheiros e de trazer todos os inscritos aos momentos presenciais.

Temos observado que em algumas escolas, a comunidade e o conselho já assumem uma postura mais crítica, participativa e responsável em relação ao seu papel. Mas, em grande parte das escolas a atuação dos conselhos ainda não é eficaz e não há participação efetiva nas reuniões e capacitações promovidas, inclusive no Formação pela Escola.

As justificativas apresentadas para o não cumprimento das atribuições e para a falta de participação de cada membro são diversas: desinteresse da comunidade de forma geral; sobrecarga de trabalho dos professores; falta de tempo dos pais e dificuldade financeira para arcar com despesas de transporte e alimentação para participar das reuniões do conselho e capacitações; centralização das informações em mãos de poucos membros, geralmente presidente e tesoureiro; falta de transparência na utilização dos recursos, acúmulo de atividades dos gestores; e falta de maior consciência dos direitos e deveres de cidadão.

Esperamos que aos poucos, à medida que o Programa alcança maior visibilidade, a comunidade perceba a importância de sua participação no controle social dos recursos destinado as políticas públicas educacionais.

METODOLOGIA

A pesquisa teve como problema investigar a contribuição das mídias material impresso e vídeo para a formação dos conselheiros e comunidade escolar, responsáveis pelo acompanhamento qualitativo, aplicação e prestação de contas dos recursos do PDDE, tornando este processo mais transparente para a sociedade.

A hipótese deste trabalho presumiu que a atuação dos conselheiros e comunidade escolar participantes do Programa de Formação Continuada nas Ações do FNDE – Formação pela Escola sofreu mudanças; que as mídias material impresso e vídeos, utilizadas no curso serviram para ampliar a compreensão do papel das ações e programas do FNDE no apoio à política educacional brasileira, e do direito de acesso à educação básica de qualidade e no gerenciamento qualitativo da aplicação dos recursos e controle social por parte da comunidade no espaço escolar.

O objetivo geral desta experiência foi analisar a contribuição das mídias material impresso e vídeo na formação dos conselheiros e comunidade escolar, responsáveis pelo acompanhamento qualitativo, aplicação e prestação de contas e controle social dos

recursos PDDE.

Para cumprir os objetivos dessa pesquisa optamos por uma abordagem qualitativa, empreendida através de um estudo de caso com dados coletados através de estudo do material impresso do programa e aplicação de questionário com tutores e alunos do curso.

Nesse estudo de caso desenvolvemos as seguintes etapas: estudo do material impresso e dos vídeos utilizados no módulo PDDE, aplicação de questionários, organização dos dados, análise dos dados e apresentação dos resultados.

Dos 50 questionários enviados tivemos retorno de apenas 12. No quadro 3 apresentamos o perfil dos colaboradores da pesquisa.

Quadro 3 – Perfil dos colaboradores

Sexo	
Masculino	2
Feminino	10
Faixa etária	
25 a 30	1
30 a 35	3
35 a 40	1
40 a 45	2
45 a 50	5
Nível de Instrução	
Especialização	6
Nível superior	6
Formação	
Pedagogia	7
Geografia	1
Estudos Sociais	1
História	1
Matemática	1
Não informado	1
Local de trabalho	
Estadual	5
Municipal	1
Municipal e estadual	5
Privada	1
Residência	
Arapiraca	1
Maceió	7
Porto Calvo	3
União dos Palmares	1

Fonte: Questionários da pesquisa

Dentre os que responderam aos questionários confirmou-se a participação de 10 pessoas do sexo feminino e 2 do sexo masculino; a idade predominou de 30 a 40 anos; possuem instrução superior em diversas áreas, alguns com especialização.

Entre estes, há professores, técnicos pedagógicos, coordenadores pedagógicos, secretário escolar e profissional da saúde. Alguns ainda acumulam outra função. Assim foi constatado além das já citadas, presidente e membros do

conselho escolar e gestor escolar.

Os respondentes são funcionários da rede estadual e municipal ou da rede privada. Parte do grupo para quem os questionários foram enviados era componente do conselho escolar com o nível de escolaridade fundamental e médio, entretanto só devolveram os questionários respondidos pessoas com nível superior ou especialização.

Os dados para análise foram organizados em três categorias: avaliando a utilização das mídias; a contribuição das mídias para entendimento do conteúdo; aplicação do conteúdo estudado na prática cotidiana.

O FORMAÇÃO PELA ESCOLA: as mídias, sua utilização e a perspectiva dos participantes

Nesse estudo de caso analisamos as mídias usadas no processo de formação e investigamos junto aos tutores e alunos a forma como veem e trabalham com o referido material.

Tanto no MCB como no PDDE, as mídias utilizadas são material impresso e vídeos.

O material impresso do curso MCB é composto por três elementos: um caderno de estudo, traz o conteúdo a ser discutido no momento presencial inicial e estudado individualmente até o próximo momento presencial; um caderno do cursista, que servirá ao aluno em todos os módulos, pois traz orientações sobre o Programa e sobre o funcionamento da modalidade à distância, com dicas de como o aluno pode organizar seu tempo de estudo individual; e um caderno de atividades para auxiliar no estudo do conteúdo, e orientar a realização do trabalho final, em grupo.

No módulo temático PDDE, o aluno recebe o caderno de estudo e o caderno de atividades, que trazem informações, e orientações sobre o programa em tela.

O material impresso traz modelos de demonstrativos de receitas e despesas, formulários, editais fluxogramas, tabelas de cálculo dos valores dos recursos e exemplos de cálculos dos recursos, diagrama de habilitação/adesão e prestação de contas destes recursos; orientações sobre bens e serviços adquiridos, utilização de recursos, reprogramação de saldo; glossário, números de telefones e endereços eletrônicos para contato.

Quanto aos vídeos estão disponibilizados no sítio do FNDE e apresentam o PDDE de forma resumida e dinâmica, através de depoimentos de gestores das escolas e membros de diferentes comunidades orientando como e em que utilizar os recursos e mostrando exemplos de como os mesmos serviram para implementar ações antes impossíveis de serem colocadas em prática em algumas escolas. O vídeo traz uma linguagem do cotidiano escolar, e os atores são os próprios membros da comunidade: gestores, professores e alunos.

Nessa etapa já realizada do PDDE, o principal

material de apoio ao desenvolvimento do curso foi o material impresso, mas o fato deste material necessitar passar por repetitivas atualizações devido às constantes mudanças na política de administração destes recursos tem inviabilizado a oferta de acordo com a demanda dos estados e municípios participantes do Programa, por isto o FNDE estará disponibilizando os módulos na versão online, o que possibilitará aos participantes o acesso imediato a estas atualizações.

Diante dessa decisão, já podemos antever algumas dificuldades, considerando as condições de acesso a computador e internet dos participantes da formação.

De modo geral, os conteúdos dos módulos incentivam nos gestores, conselhos e comunidade escolar o interesse pela ampliação da visão sobre a importância das políticas públicas na área social e principalmente no âmbito da educação básica, estimulando a ação fiscalizadora efetiva de cada membro na execução, acompanhamento, controle social e prestação de contas dos recursos destinados à educação, contribuindo para a formação cidadã e o bem comum.

a) Avaliando a utilização das mídias

Ao analisar os dados percebemos que todos os participantes responderam a todas as perguntas dos questionários, 30% deram respostas superficiais e não muito objetivas, enquanto que 70% responderam com maior segurança e objetividade.

Para os alunos, o vídeo é utilizado pelos tutores para apresentar uma visão geral sobre o programa no sentido de despertar maior interesse e compromisso com o curso e como instrumento de apoio, para tornar o momento presencial mais dinâmico.

As mídias são usadas de forma dinâmica. Primeiramente explora-se o material para despertar o interesse do aluno para então solicitar uma visão mais centrada nos objetivos[...]. Aluno 1

São utilizadas durante o momento presencial como apoio, para dinamizar a aula e para a realização dos estudos a distância. Aluno 2

O material impresso é apresentado no momento presencial, auxiliado por slides que trazem um resumo do módulo, seus objetivos, metodologia e dinâmica do curso. Após esta explanação segue-se o estudo em grupos para uma rápida discussão e socialização das idéias centrais do módulo, esta etapa serve para direcionar o estudo individual à distância, a resolução das questões e situações problema do caderno de atividades, como também para o trabalho final de conclusão do módulo que pode acontecer em grupo.

Quanto aos tutores, além do material impresso

e vídeo incorporam a sua prática: datashow ou retroprojektor para apresentação do programa nos momentos presenciais; câmera digital para registro dos encontros; telefone e internet para comunicação com os alunos e coordenação estadual e envio de informações/orientações solicitadas pelos alunos, e computador/internet para cadastrar, matricular, avaliar e imprimir certificados no Sistema de Informação do Formação pela Escola.

Os tutores afirmaram que a linguagem utilizada no material impresso é adequada ao público alvo, traz uma linguagem objetiva e de fácil compreensão, com o texto em forma de um diálogo com o aluno, incentivando o interesse e estudo do material, indicando obras e sítios na internet para aprofundamento do conhecimento sobre o tema, atendendo assim às necessidades do programa.

Sim. É adequada pois, em uma linguagem clara e objetiva atende muito bem as necessidades como também os objetivos do Programa. Tutor 1

Sim. Sua linguagem é simples e de fácil compreensão, e fornece as orientações necessárias para o estudo e aplicação do conteúdo na prática cotidiana. Tutor 2

O conteúdo apresenta dados e exemplos e situações problemas do contexto das escolas, incentivando e orientando na busca de possíveis soluções, provocando reflexões e discussões acerca do papel do cidadão a importância de suas ações para o controle social dos recursos públicos.

Os tutores são unânimes quanto à utilidade do material para um curso a distância e exaltam a simplicidade e objetividade do mesmo.

b) Contribuição das mídias para entendimento do conteúdo

Ao serem questionados se estas mídias contribuem para o entendimento do conteúdo trabalhado nas formações, 100% dos alunos responderam afirmativamente, justificando que o material é bem prático, sem muita teoria e trata o tema de forma simples e clara, com explicações e exemplos detalhados que possibilitam lidar com os recursos do PDDE com maior segurança.

O material é didático, auto-explicativo. Requer apenas disciplina do aluno e trabalho dirigido do orientador para nortear as atividades[...] Aluno 1.

É bem claro e de boa qualidade permitindo aos cursistas, esclarecimentos dos conteúdos discutidos e o entendimento dos mesmos. Aluno 3

Os tutores reconhecem a utilidade do material do curso, afirmando:

Sim. Elas apresentam situações problema do cotidiano das escolas incentivando e orientando na busca de possíveis soluções provocando reflexões e discussões acerca do papel do

cidadão no controle social dos recursos. Tutor 2.

O material traz todas as informações necessárias de como uma comunidade escolar deve fazer para que a sua unidade escolar receba, utilize e preste contas dos recursos recebidos do referido programa. Tutor 3

Os depoimentos tanto dos alunos como dos tutores concordam que o material atende aos objetivos propostos pelo Programa para a qualificação dos atores envolvidos com a gestão e acompanhamento do PDDE, permitindo a ampliação dos conhecimentos acerca dos meios qualitativos.

c) Aplicação do conteúdo estudado na prática cotidiana

Quando questionados se o conteúdo estudado é aplicado na prática cotidiana dos conselheiros e comunidade escolar as respostas dos tutores divergiram.

Os conselheiros passam a ter uma visão clara de sua função. Tutor 1

Segundo depoimentos destes, o material facilita todo o processo de aquisição dos materiais, pois informa quando e como devem ser utilizados os recursos, como fazer licitações, compras e prestação de contas dos recursos recebidos pela unidade escolar. (Tutor 3)

Em algumas comunidades estas informações não têm muita utilidade, pois os conselheiros em sua maioria não participam do programa (Tutor 4).

Quanto aos alunos houve um reconhecimento do valor dos conteúdos e apresentação de alguns entraves para que os mesmos sejam colocados em prática.

Na verdade, apenas os cursista que se empenharam, estudaram podem aos poucos tentar colocar em prática o conteúdo estudado. Há muito comodismo e centralização nas mãos do diretor, presidente do conselho ou como se diz dos “mais sabidos”. Falta despertar dentro da escola essa consciência de controle social, do fazer, do aprender fazendo, do buscar a solução, os porquês, colocar a mão na massa (Aluno 1).

Sim, uma vez que vivemos a era da escola democrática, todos participam da prática cotidiana da escola. Desta forma, esta formação trouxe grande contribuição para este fim (Aluno 3).

Tanto o material impresso quanto os vídeos conseguem atender aos objetivos determinados pelo Programa, mas faz-se necessário incentivar e possibilitar a participação de todos os segmentos dos conselhos nas formações como também criar mecanismos para despertar o compromisso da comunidade com a melhoria da qualidade de ensino levando-a a compreender que essa qualidade na educação é responsabilidade não apenas dos governos, mas de

cada cidadão. Acreditamos que a socialização das informações de forma objetiva poderá fazer a comunidade reagir e interagir de maneira mais efetiva com a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mídias utilizadas na Formação pela Escola no processo de formação dos conselheiros e comunidade escolar, para lidar com os recursos do PDDE têm sido eficientes para atingir os objetivos de uma formação continuada na modalidade a distância, no sentido de atender um grande público em curto espaço de tempo.

A linguagem clara e simples, os conteúdos, exemplos e ilustrações de todo o processo desde a habilitação/adesão ao programa até a prestação de contas possibilita a compreensão e utilização das informações necessárias a execução das tarefas dos conselhos escolares e acompanhamento por parte da comunidade dos procedimentos em todo o percurso destes recursos.

Os tutores incorporam outras mídias à sua prática para atender a necessidade de dinamizar suas ações de apoio ao aluno, facilitando a compreensão do tema abordado e a realização das tarefas exigidas no curso.

As escolas nas quais os conselheiros participam das formações os conteúdos têm subsidiado sua prática cotidiana, possibilitando a utilização e prestação de contas dos recursos de forma mais responsável e democrática.

Percebemos que a falta de participação dos conselheiros para conhecer a dinâmica de funcionamento do PDDE e demais programas deve-se acima de tudo a ausência de uma cultura de participação popular nas decisões coletivas que demandam a atuação do cidadão, portanto, faz-se necessário aperfeiçoar mecanismos que possibilitem uma participação mais efetiva e de maior eficácia por parte dos conselheiros, principalmente dos segmentos pais e funcionários, tornando possível sua presença nas reuniões e capacitações como também maior conscientização e comprometimento da comunidade e não apenas dos conselhos, no sentido de acompanhar e fazer valer os direitos básicos do cidadão, colaborando com a escola no cumprimento de sua função social, na promoção da cidadania e conseqüentemente no fortalecimento da democracia.

O Formação pela Escola continuará contribuindo para a melhoria da gestão pública, objetivando o alcance das metas da política educacional brasileira podendo assim, assegurar a todos, educação de qualidade como meio capaz de promover, com equidade, o desenvolvimento econômico-social de nosso País.

REFERENCIAS

ALAGOAS – Lei nº 6.757, de 3 de agosto de 2006 – aprova

o Plano Estadual de Educação para o período de 2006 a 2015, e dá outras providências – disponível em: http://www.educacao.al.gov.br/servicos/legislacao/leis/PEE_lei%206757.pdf/ - acesso em: 18 dez 2009.

_____, **Carta de Princípios da Educação**- Construindo a Escola Cidadã - disponível em: <http://www.educacao.al.gov.br/gestao/>- acesso em 17 dez 2009.

BRASIL, **Resolução/CD/FNDE nº 12**, de 12 de abril de 2008 - Estabelece os critérios de implementação e execução do Programa Nacional de Formação Continuada a Distância nas Ações do FNDE (Formação pela Escola). Disponível em: ftp://ftp.fnde.gov.br/web/resolucoes_2008/res012_25042008.pdf. Acesso em 24 abr 2008.

_____, **Resolução nº 43, de 14/10/2008** - Altera a Resolução nº 19, de 15 de maio de 2008, do Conselho Deliberativo do FNDE, referente ao Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). Disponível em: ftp://ftp.fnde.gov.br/web/resolucoes_2008/res043_14102008.pdf; acesso em 02 ago 2009

_____, Resolução nº 19, 15/5/2008 - RETIFICADA - Dispõe sobre os processos de adesão e habilitação e as formas de execução e prestação de contas referentes ao Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), e dá outras providências. Disponível em: ftp://ftp.fnde.gov.br/web/resolucoes_2008/res019_15052008.pdf. Acesso em 02ago 2009

_____, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em 17 dez 2009

LINO, E. M. ; BORGES, V. O. **Módulo Fundeb**: Brasília. MEC/ FNDE/ SEED, 2009.

MEC/FNDE/SEED. **Módulo de Competências Básicas** – MCB – O FNDE e o apoio às políticas públicas para a educação básica – Brasília, 2008 – 2ª edição atualizada;

_____, **Módulo Programa Dinheiro Direto na Escola** – Brasília, 2008 – 2ª edição atualizada;

SANTOS, M. L. Políticas públicas (econômicas) e controle. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 6, n. 58, ago. 2002. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=3179> - Acesso em: 26 fev. 2010.

O PAPEL DA INTERNET E DO COMPUTADOR: OLHARES E DIZERES DE EDUCADORAS DE ESCOLAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Suely Cavalcante Silva
Tania Maria de Melo Moura

Resumo

Esse texto apresenta os resultados da investigação em que foi analisado o papel do computador e da internet no ensino fundamental de escolas da rede pública municipal de Maceió à luz dos dizeres de professoras: coordenadoras pedagógicas, professoras polivalentes e articuladoras de informática. Para a sua produção foi realizada uma investigação qualitativa através da realização de entrevistas e aplicação de questionários com 15 professoras de 3 escolas públicas municipais. Os resultados indicam que mesmo havendo a presença de um articulador de informática nos laboratórios das escolas, não há uma parceria entre este profissional e os outros professores em relação ao planejamento das atividades pertinentes ao uso do computador e da internet e que, na maioria das vezes, este age de maneira isolada, desconsiderando assim as dificuldades e/ou potencialidades dos demais professores.

Palavras-chave: Escolas do Ensino Fundamental, papel da internet, computador, suporte pedagógico.

INTRODUÇÃO

A Internet que corresponde a uma diversidade e variedade de recursos e serviços, disponíveis e/ou acessíveis a inúmeras pessoas em tempo real e em locais distintos é também considerada como um recurso didático e tecnológico capaz de conduzir e efetivar a aprendizagem em instituições de ensino, não somente privada, como também pública. Para Castells (2003, p.109), “por causa da flexibilidade e poder da internet, a interação social online desempenha crescente papel na organização social como um todo”.

Ainda é comum, mesmo diante dos avanços tecnológicos e do investimento do governo federal em relação à aquisição de equipamentos midiáticos e formações continuadas para escolas e professores da rede pública respectivamente, ver e ouvir profissionais desta área indiferentes quanto à utilização do computador. As justificativas são várias, vão desde a falta de tempo para formação até a indignação diante da possibilidade de ter que dar conta de dois ambientes distintos: sala de aula e laboratório de informática.

A respeito dessa resistência e/ou indiferença de alguns professores, diante da aplicabilidade do computador, Fagundes (2005, p.12) faz o seguinte esclarecimento.

Não é um simples recurso pedagógico, mas um equipamento que pode se travestir em muitos outros e ajudar a construir mundos simbólicos.

O professor só vai descobrir isso quando se deixar conduzir pela curiosidade, pelo prazer de inventar e de explorar as novidades, como fazem as crianças.

Os alunos, mediante o uso de computadores, conectados a internet, precisam ser muito mais do que leitores de hipertextos, eles necessitam de uma orientação, de uma mediação e para que isto ocorra, os educadores precisam estar conscientes das estratégias e procedimentos que inferem no uso de tal mídia, bem como dispostos a reconhecer as possibilidades que esta oferece ao processo de ensino-aprendizagem.

Diante da relevante necessidade da formação do professor, Almeida (1998, p.2) expõe que tal entendimento pode não apenas proporcionar o domínio dos recursos tecnológicos, mas também uma prática pedagógica reflexiva.

Para que o professor tenha condições de criar ambientes de aprendizagem que possam garantir esse movimento (contínuo de construção e reconstrução do conhecimento) é preciso reestruturar o processo de formação, o qual assume a característica de continuidade. Há necessidade de que o professor seja preparado para desenvolver competências, tais como: estar aberto a aprender a aprender, atuar a partir de

temas emergentes no contexto e de interesse dos alunos, promover o desenvolvimento de projetos cooperativos, assumir atitude de investigador do conhecimento e da aprendizagem do aluno, propiciar a reflexão, a depuração e o pensar sobre o pensar, dominar recursos computacionais, identificar as potencialidades de aplicação desses recursos na prática pedagógica, desenvolver um processo de reflexão na prática e sobre a prática, reelaborando continuamente teorias que orientem sua atitude de mediação.

Em Alagoas, assim como em muitos outros estados brasileiros, o uso da internet ainda está aquém do esperado pelo MEC. Segundo uma pesquisa divulgada em 11.12.2009 pelo IBGE, em 2008 apenas 17,8% da população de Alagoas acessou a internet, o que proporcionalmente representa o percentual mais baixo do Brasil.

O MEC (2010), para facilitar a capacitação de professores e ainda possibilitar a inclusão digital das escolas públicas no mundo virtual criou, por meio da SEED, o ProInfo que tem como principal objetivo promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica.

Em Maceió, mediante as informações prestadas em novembro de 2009 pelo NTE da SEMED/AL, das 94 escolas de ensino fundamental da Rede Municipal de Educação, 56 aderiram ao referido programa, sendo que dentre estas somente 58% dispõem de laboratório de informática com acesso a internet.

Com isso e ainda argumentando em favor deste enfoque Oliveira apud Santos (2003, p. 305) afirma que: Inserida no ambiente escolar, a internet é proposta como base para uma nova linguagem para a aquisição e construção de conhecimentos e como uma nova e revolucionária ferramenta para o trabalho docente, na medida em que vivemos em uma sociedade em rede, numa ampla teia de relações sociais na qual cresce, cada vez mais, a exigência de diálogo, interatividade, intervenção, participação e colaboração.

O NTE que atua como mediador entre o MEC e as escolas em relação a aplicabilidade dos recursos midiáticos, bem como com a formação continuada dos educadores, reconhece que as instituições, equipadas com computadores e internet precisam dispor de um profissional que possua as competências necessárias para intermediar o processo ensino-aprendizagem que é desenvolvido no laboratório.

Assim surge a figura do 'articulador de informática', que tem por finalidade conduzir as atividades desenvolvidas no laboratório de informática mediante a interação com o professor polivalente e com os projetos idealizados por ambos.

Não há como precisar o número de tais profissionais nos ambientes escolares que dispõem da referida tecnologia, mas, segundo a SEMED, é um número consideravelmente reduzido, visto que a função do articulador de informática é ocupada, na maioria das vezes, por professores polivalentes que possuem habilidades com o computador e que conseqüentemente são afastados da sala de aula para atender as demandas do laboratório de informática.

Reafirmando a necessidade de haver um profissional com tais atribuições no ambiente escolar, Lopes (2005, sp) garante que mesmo diante de um laboratório bem equipado, de professores bem treinados e da elaboração de projetos pedagógicos envolvendo o uso de mídias, a figura do articulador ou coordenador de informática é altamente relevante para efetivar o processo pedagógico. Para ele, o referido educador

não é apenas um facilitador, mas o coordenador do processo, ele deve perceber o momento de mudar de etapas e de propiciar recursos necessários para impulsionar as engrenagens do processo, como por exemplo: a formação de professores e recursos necessários, como softwares.[Ele] dever estar atento e envolvido com o planejamento curricular de todas as disciplinas, para poder sugerir atividades pedagógicas, envolvendo a Informática. Entretanto, sem apoio da coordenação ou da direção, não terá força para executar os projetos sugeridos.

No entanto, para que possamos considerar se o papel do articulador de informática representa um diferencial nas escolas de ensino fundamental da rede municipal de Maceió foi necessário apurar como e para que o computador está sendo utilizado e de que maneira os educadores enxergam a internet.

Para Levy (1999) uma tecnologia não é boa, nem má, mas depende do uso que se faz dela, do contexto em que se insere, logo ela precisa ser orientada por profissionais competentes.

As preocupações e questionamentos, acima descritos, nos levaram a buscar, entre os profissionais que fazem uso do computador e da internet nas escolas da rede municipal de Maceió, como tais recursos tecnológicos estão sendo aplicados no ambiente escolar, diante do suporte pedagógico do articulador de informática.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para coleta das informações foram utilizados questionários com o objetivo de caracterizar os sujeitos em relação à idade, sexo, formação acadêmica, tempo de serviço, etc. As entrevistas, que foram gravadas no celular, objetivaram comprovar ou refutar as hipóteses já mencionadas.

A pesquisa foi prioritariamente qualitativa, apoiada pela coleta de dados quantitativos.

Para Ludke (1986), um trabalho qualitativo dever ser rico em dados descritivos, fornecendo um plano aberto e flexível, além de focar situações reais.

A partir do universo de 33 escolas da rede pública municipal, retiramos uma amostra de 10%, resultando em 3 escolas. Para a definição das mesmas, foi levado em conta o critério de haver um(a) articulador(a) de informática a disposição do laboratório, já que nem todas as instituições possuíam este profissional. As escolas, foram selecionadas através de sorteio dentre bairros distintos, ficando a amostra definida como sendo escola 1, 2 e 3.

A coleta do corpus foi realizada ao longo do período de dois meses, novembro e dezembro/2009, envolveu 15 profissionais da educação que atuavam nas referidas instituições.

A amostra dos entrevistados que atuavam na coordenação pedagógica e no laboratório de informática foi feita de forma aleatória e sem usar critérios estatísticos, visto que as instituições dispunham de um número muito reduzido de profissionais desta área. Contou-se com apenas 1 coordenador pedagógico e 1 articulador de informática, por escola.

Em relação ao universo de professores polivalentes, a amostra representativa correspondeu a 10% dos professores que estavam lotados escola 1 (instituição que possui o menor número de professores polivalentes), haja vista o curto espaço de tempo para a realização da coleta de dados. Foram entrevistados 3 professores polivalentes por instituição.

Com vistas a garantir uma melhor interpretação no relato dos dizeres dos sujeitos, preservando a identidade dos mesmos, foram utilizadas algumas siglas: Coordenadora Pedagógica (CP), Articuladora de Informática (AI) e Professora Polivalente (PP). Os números que acompanham tais siglas indicam a escola a qual a educadora faz parte e as letras minúsculas deverão distinguir as profissionais com a mesma função na mesma escola.

Quadro 1

ESCOLA1	ESCOLA2	ESCOLA3
CP1	CP2	CP3
AI1	AI2	AI3
PPa1	PPa2	PPa3
PPb1	PPb2	PPb3
PPc1	PPc2	PPc3

Os professores entrevistados colaboraram como muita presteza para o desenvolvimento da investigação e que todos eles tem acesso a internet, não somente na escola como também em suas residências. Por conseguinte, mediante as considerações que seguem, a maneira como eles estão utilizando o computador e a internet como recurso pedagógico no ambiente escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise do corpus obtido através da aplicação das entrevistas e dos questionários, faremos a seguir a descrição dos dizeres dos sujeitos investigados sobre a aplicabilidade da internet no ambiente escolar. Considerando as diversidades das escolas, lócus da investigação, e dos sujeitos envolvidos, será realizado uma descrição geral dos sujeitos e em seguida a análise particularizada dos dizeres por escola.

A amostra foi composta de 15 professoras do gênero feminino, com idade variando entre 25 e mais de 35 anos: 27% tem entre 25 e a 35% e 73% tem mais de 35 anos. As professoras desenvolvem as seguintes funções: 60% são professoras polivalentes; 20% são coordenadoras pedagógicas, 20% articuladoras de informática. O tempo de experiências na área da educação varia entre 5 a mais de 10 anos: 13% trabalham como educadoras há 5 anos; 53% de 5 a 10 anos e 34% há mais de 10 anos.

A maioria das professoras: 73% tem formação inicial em Pedagogia e cursaram ou estão concluindo a Pós-Graduação lato sensu – Especialização. As demais – 27% - possuem formação inicial em outras licenciaturas, a exemplo da articuladora de informática que tem licenciatura plena em matemática. Dessas 27% educadoras, 25% concluíram Pós-graduação lato sensu.

Sobre o contato com as TIC, 13% declarou que somente teve acesso aos recursos tecnológicos através do fazer pedagógico; 33% incluindo a coordenadora pedagógica e a articuladora de informática da Escola 3, teve acesso por meio da participação em formações continuadas, promovidas pela SEMED ou pelos encontros pedagógicos da escola.

No contato com as TIC, 20%, inclusive a articuladora de informática da escola 1, declararam que foi mediante a formação acadêmica e 34%, ou seja, as demais entrevistadas reconheceram que todas as opções mencionadas correspondem aos meios pelos quais elas se aproximaram de tais recursos.

Ao perguntarmos sobre a habilidade que possuem em relação ao uso pedagógico do computador e da internet, 40% incluindo a coordenadora pedagógica da escola 3, declararam possuir pouca habilidade com tais recursos e 60% consideraram que diante do conhecimento e desenvoltura dos demais profissionais da rede de educação, possui muita habilidade com tais tecnologias.

DIZERES DOS SUJEITOS DA ESCOLA 1

A coordenadora pedagógica da escola 1 (CP1), após esclarecermos sobre o que seriam os recursos midiáticos, declarou que o PPP da escola prevê o reconhecimento das tecnologias. No entanto, ao perguntarmos sobre como enxerga o papel do computador e da internet

no ambiente escolar, assim como no processo ensino-aprendizagem ressaltou, apenas, que tal mídia era muito útil para pesquisas que devem ser realizadas tanto por alunos quanto por professores.

Segundo esta profissional, mediante o projeto pedagógico e a partir dos encontros pedagógicos, os professores polivalentes elaboram as aulas que deverão ser realizadas em sala de aula e, posteriormente, AI definido por ela como aquele que faz a ponte com o conteúdo abordado na sala e o que deverá ser visto no laboratório, organiza como os trabalhos serão desenvolvidos neste ambiente. A única dificuldade que ela enxerga neste processo é a falta, esporádica, de internet no laboratório.

Face a justificativa da coordenadora, verifica-se claramente a falta de conhecimento da mesma em relação ao uso pedagógico das tecnologias de informática. Entende-se que diante da função que ocupa precisaria se posicionar melhor em relação à condução das atividades desenvolvidas pelos professores polivalentes e a articuladora de informática, sugerindo e promovendo parcerias.

Segundo Moran (s.d, s.p) o uso da internet na educação está fundamentado na interação humana, onde deve haver a colaboração entre alunos e professores. O autor afirma que “a internet nos ajuda, mas ela sozinha não dá conta da complexidade do aprender”.

AI1 afirmou que se considera uma ponte entre os professores polivalentes e as tecnologias, já que acredita que faz o intercâmbio entre as temáticas da sala de aula, apresentando a estes professores as possibilidades para utilizá-las no computador, entretanto tal procedimento é realizado sem nenhuma orientação ou interação com a coordenação e/ou direção. É ela quem procura os professores para saber o que está sendo realizado em sala de aula para em seguida aplicar uma estratégia no laboratório.

Embora AI1 acredite que os recursos disponíveis no laboratório são indispensáveis, já que representam uma forma lúdica para ensinar e aprender, ela não demonstra perceber a falta de interação que há entre seu trabalho e das demais educadoras.

A professoras PPa1, embora afirme que tenha participado de formações continuadas na área das TIC, afirma que seu papel no laboratório é apenas auxiliar a AI1, pois, segundo ela, “mexe pouco com as máquinas”.

A professoras PPb1, ao referir-se sobre a possibilidade de o computador e a internet poder interferir na efetividade da aprendizagem dos alunos, admitiu que as crianças gostam de coisas diferentes, e que tal mídia “é até uma ferramenta que a gente usa na sala de aula pra dizer: Oh, quem não se comportar não vai pra informática”.

Tal depoimento deixa clara a necessidade de que o professor, enquanto mediador dos recursos tecnológicos, precisa estar aberto a formações que promovam

não somente a utilização das TIC, como também a compreensão crítica da sua prática docente.

Todas as professoras polivalentes foram unânimes em declarar que o computador e a internet são recursos tecnológicos relevantes na educação, porém, nenhuma delas, em nenhum momento, demonstrou estar disposta a adotar uma prática pedagógica reflexiva, uma vez que o uso do computador, de forma isolada, não garante uma melhor qualidade no processo ensino-aprendizagem.

De acordo com Silva (2007, p.14), “os sites educacionais continuam estáticos, subutilizando a tecnologia digital, ainda centrados na transmissão de dados, desprovidos de mecanismos de internet, de criação coletiva”. Com isto faz-se necessário que os professores desenvolvam competências para perceber tal deficiência e assim promovam uma nova forma de interagir com a tecnologia.

DIZERES DOS SUJEITOS DA ESCOLA 2

A CP2 garantiu que no PPP de sua escola, está previsto o uso de recursos midiáticos e que considera o computador, bem como a internet “importante e fundamental”, entretanto, segundo ela, é necessário “que seja feito, anteriormente, um trabalho para orientar as crianças sobre o seu uso, para não serem mais um instrumento que fique só de brinquedo [...] só de interesse imediato”.

CP2 afirma que sempre no início do ano letivo, são sugeridas aos professores atividades pertinentes ao PPP, no qual no final do ano letivo é feito o feedback do processo com todo o grupo. A mesma afirma que não enxerga a resistência de alguns professores, em relação ao uso do computador, como uma dificuldade, pois, segundo ela, hoje, esse tipo de atitude “se encontra dentro da normalidade [...] é só uma questão de adaptação [...] tem quem já tá se modernizando”.

AI2 deixa claro que não somente elabora e coordena os projetos desenvolvidos no laboratório, referente ao uso do computador, pois também atua na coordenação da aplicabilidade das demais mídias na escola, assim como executa formações destinadas aos professores na semana pedagógica, que ocorre no início do ano para assim demonstrar as ferramentas e possibilidades disponíveis.

AI2 afirma que ela é quem pensa e elabora todas as estratégias aplicadas no laboratório, uma vez que ainda existe uma grande resistência por parte dos professores em relação às estratégias que envolvem o uso do computador e da internet.

Por conseguinte, AI2 sempre busca, junto a SEMED o que há de novo, já que não recebe orientação de nenhum outro profissional envolvido neste processo. Ela também garante que as formações continuadas e cursos, que frequentemente participa, ajudam-a a pensar em atividades e possibilidades diferentes das que já utiliza.

Em se tratando de uma escola inclusiva, pois há alunos com deficiência auditiva e mental, AI2 salienta que desenvolve uma importante parceria com a sala de recursos e que executa, com o auxílio dos intérpretes, o ‘projeto infosurdo, que consiste em momentos no laboratório no qual as crianças com deficiência auditiva e mental assistem vídeos e realizam atividades pertinentes a sua deficiência, por meio de programas específicos.

A opinião das professoras polivalentes da escola 2 (PP2), em relação a considerar o uso do computador e da internet em seus planos de aula, está dividida. PPa2 afirma que prevê o uso de tais recursos em seu planejamento, PPb2 admite que ainda não faz tal menção, porque até então não havia tido contato direto com as TIC e PPc2 revela que ‘não’ porque “pegou a turma já caminhando”.

PPa2 declara que ainda há um número considerável de professores que tem dificuldade até de ligar o computador. Explica que isso se dá devido a idade e/ou tempo de serviço, já que muitas vezes acreditam que não vão conseguir aprender mais. Para ela isto não pode representar um empecilho: “cabe ao profissional também se interessar em se aperfeiçoar”.

PPb2 confessa que teve acesso a formações na área das TIC somente na escola em que trabalha e que elas contribuíram imensamente, pois antes nem e-mail tinha.

Ao ser indagada sobre como enxerga o papel do computador e da internet no processo educativo, PPc2 afirma que tais recursos “são bons [...] pois se vê que os alunos interagem bastante, principalmente com os jogos”. Entretanto declara que até o momento ainda não prevê o uso dos mesmos em seus planos.

As professoras polivalentes dessa escola, embora com acesso a formações que são desenvolvidas na própria escola e no horário previsto para planejamento, ainda não se deram conta das estratégias que podem adotar mediante o acesso ao laboratório e seus respectivos recursos midiáticos. Entretanto, a iniciativa da coordenadora pedagógica e da articuladora de informática em efetivar não somente o ensino como também a aprendizagem dos professores, demonstra o quanto estão comprometidas com a educação.

DIZERES DOS SUJEITOS DA ESCOLA 3

A coordenadora pedagógica da escola 3 (CP3), embora nunca tenha participado de formações voltadas ao uso das TIC, garante que o PPP prevê o uso dos recursos tecnológicos e que mediante os encontros pedagógicos promovidos pela escola o AI3 interage com os grupos de professores para saber qual ou quais as temáticas que poderão ser trabalhadas no laboratório.

Para CP3, a única dificuldade encontrada no uso do computador e da internet no ambiente educacional é a

adequação dos horários, pois para ela fica difícil conciliar com as demais atividades ‘extraclasse’. Consta-se, mediante a fala desta profissional, que a ida dos alunos ao laboratório é considerada como um desafio a ser superado por ela, já que precisa, muitas vezes, substituir a professora na sala de aula.

A AI3 afirma que busca nos recursos tecnológicos uma ferramenta a mais para reforçar os conteúdos trabalhados em sala de aula convencional e que através das formações oferecidas pela SEMED tem aprendido a utilizá-los de forma criativa e diferenciada.

Esta profissional, que planeja os momentos no laboratório mediante o plano de aula do professor polivalente, declara que o computador e a internet, quando bem empregados, são importantíssimos na construção da formação integral do aluno e que mediante o uso destas mídias orienta-os a pesquisar sobre os temas abordados em sala de aula, bem como elaborar suas próprias produções.

AI3 afirma, como sendo a única dificuldade encontrada neste processo educacional, o número reduzido de computadores no laboratório, pois desse modo sente-se obrigada a dividir as turmas em dois grupos, o que faz com que os alunos frequentem o laboratório a cada 15 dias ou até um mês, dependendo das demais ‘atividades extras’ que podem surgir.

Ao ser indagada sobre uma possível parceria entre as atividades na sala de aula e no laboratório, AI3 declara que esta parceria existe sim, pois “os professores planejam o que querem trabalhar em suas salas e dizem o que querem que seja trabalhado no laboratório”.

Embora AI3 declare que o computador e a internet devem ser vistos como ferramentas de aprendizagem, a mesma não os explora efetivamente, de modo que assume que os utiliza apenas para pesquisar ou reproduzir um tema trabalhado na sala de aula, deixando a desejar, também, a forma como interage com as demais colegas educadoras.

Para Behar (2009, p.23) a função das TIC pressupõe muito mais do que fixar o conteúdo trabalhado na sala de aula. Para ela “o papel das TIC é contribuir para diminuir [a] distância pedagógica, assegurando formas de comunicação e interação entre os ‘atores’ envolvidos no processo de construção de conhecimento [...]”.

As professoras polivalentes da escola 3 – PP3 afirmaram que o uso do computador, bem como da internet, não está previsto em seus planos de aula, uma vez que cabe ao AI3 planejar e conduzir as atividades pertinentes a tais tecnologias. Deste modo, mais uma vez, é possível verificarmos o quanto o AI precisa se posicionar diante de suas atribuições e em relação à aplicabilidade da internet.

Nesta escola nenhuma das professoras polivalentes freqüentam o laboratório, já que os alunos são conduzidos pela AI3. Segundo as professoras, a metade dos alunos vai para o laboratório e a outra metade fica na sala de aula para receber uma espécie de reforço escolar, já que aborda conteúdos específicos e dá um maior apoio aos que apresentam determinada dificuldade de aprendizagem.

PPb3 destaca que o computador em comunhão com a internet “é uma ferramenta bem ampla [...] tem várias possibilidades, pois pode ser usado como fonte de pesquisa para alunos e professores [...] e também tem os programas como Word para digitar, Excel para calcular as notas dos alunos e Power Point para preparar aulas [...] hoje mais do que nunca é uma contribuição enorme”.

Esta profissional acredita, ainda, que colabora com a AI3 sugerindo atividades que podem ser iniciadas na sala de aula como, por exemplo, o estudo sobre pintores famosos, em que através do laboratório o aluno pode pesquisar sobre a biografia do pintor, bem como reconhecer suas telas.

Segundo PPa3 um dos pontos negativos que enxerga neste processo educacional é o fato de que os alunos, passam semanas sem ir ao laboratório, tendo em vista o choque com outras atividades extra classe, o longo espaço que está previsto no calendário da escola, já que a cada período (manhã ou tarde) apenas uma turma é levada ao laboratório ou ainda por causa dos problemas técnicos apresentados pelas máquinas disponíveis neste ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as afirmativas das professoras, é possível constatar o quanto a maioria delas precisa repensar sua prática e construir novas formas de ação. As atitudes e procedimentos, revelados a partir das falas e aqui descritos, demonstraram que o computador e a internet, quando utilizados como ferramentas pedagógicas, estão sendo empregados, na maioria das vezes, para transmitir informações e não para produzir e socializar conhecimentos.

É possível considerarmos, também, que o articulador ou coordenador de informática, considerado por Lopes (2002) como peça principal desse processo e definido pelos sujeitos como um facilitador da aprendizagem, aquele que faz o intercâmbio entre as atividades da sala de aula e do laboratório, age, na maioria das vezes, de maneira isolada, desconsiderando assim as dificuldades e/ou potencialidades dos demais professores. Para Lopes (2002, sp), este profissional deve ir além, ele tem que:

Ter a visão geral do processo e estar receptível para as devidas interferências nele; Perceber as dificuldades e o potencial dos professores, para poder instigá-los e ajudá-los; Mostrar para o professor que o Laboratório de Informática deve ser extensão

de sua sala de aula e esta deve ser dada por ele e não por uma terceira pessoa e estar constantemente receptível a situações sociais que possam ocorrer.

O processo educacional que envolve o uso do computador e da internet não requer apenas a presença de um profissional que facilite o acesso às tecnologias. É necessário, que tanto este sujeito quanto os demais professores estejam dispostos a promover uma aprendizagem cooperativa, na qual todos possam ter prazer em dividir as tarefas em prol do bem de todos, da formação do aluno, do cidadão. “Cooperar é atuar junto, de forma coordenada, no trabalho ou nas relações sociais para atingir metas comuns” (CAMPOS et. al, 2003).

Por conseguinte, as formações que envolvem o uso das mídias educacionais precisam não somente apresentar as potencialidades do computador ou da internet, mas principalmente valorizar e edificar as potencialidades do professor. A auto-estima deste profissional deve ser erguida, de modo que ele se sinta parte deste contexto e assim se disponha a aprender a aprender.

O Documento Orientador do MEC (2009, s.p) expõe a “intencionalidade de uma nova organização curricular em erigir uma escola ativa e criadora e no qual um dos indicativos para o processo de formação humana compreende a utilização de novas mídias e tecnologias educacionais, como processo de dinamização dos ambientes de aprendizagem”.

Portanto, gestores, coordenadores e professores precisam deixar de enxergar o momento no laboratório como mais uma ‘aula extra’. O acesso a informação que este ambiente dispõe a alunos e professores não pode apenas transmitir informação, deve gerar reflexão, comunicação, construção, interação, formação.

REFERENCIAS

ALMEIDA, M. E. Novas tecnologias e formação de professores reflexivos. In: **Anais do IX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Águas de Lindóia, 1998.

BEHAR, Patrícia A. **Modelos pedagógicos em educação à distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CAMPOS, Fernanda C. et al. **Cooperação e aprendizagem on-line**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CASTELLS, Manoel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FAGUNDES, Léa C. Podemos vencer a exclusão digital. **Nova Escola**, nº 172. p.12, agosto de 2008.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Acesso a internet aumenta 75,3%**. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1517> Acesso em 08 jan. 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LOPES, José J. **A introdução da informática no ambiente escolar**. Disponível em: <<http://www.clubedoprofessor.com.br/artigos/artigojunio.htm>>. Acesso em 02 dez. 2009.

LUDKE, Menga; MARLI, E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

Ministério da Educação. **10% das escolas públicas têm internet**. Disponível em:

<http://www.idbrasil.gov.br/noticias/News_Item.2004-07-29.4103>. Acesso em 09 fev. 2010.

MEC/UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/Unesco, 2001.

MORAN, José M.; CASIMIRO, Vitor. **A Internet nos ajuda, mas ela sozinha não dá conta da complexidade do aprender**. Entrevista à C. Educacional. Junho, 2003. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0025.asp>>. Acesso em 01 jun. 2010.

OLIVEIRA, Elsa G. apud SANTOS, Gilberto L. **A internet na escola fundamental: sondagem de modos de uso por professores**. São Paulo, set. 2003. Disponível em:

< <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a08v29n2.pdf> >. Acesso em 08 dez. 2009.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

A GESTÃO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO NO PLANO DE DESENVOLVIMENTO DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE MAJOR IZIDORO/AL

Daniela Patrícia Ferreira de Barros

Resumo

O texto discute a relação das escolas urbanas municipais de Major Izidoro/AL com as TIC por meio do PDE e das observações feitas in loco a respeito da gestão das TIC. Focaliza a aquisição e uso das TIC na escola em consonância com a justificativa pedagógica e seu contributo para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem. As anotações feitas em um diário de campo referentes às observações realizadas por ocasião de visitas às escolas e conversas com o seu núcleo gestor (Direção e Coordenação), professores e alunos, auxiliam-nos na discussão. Associamos a gestão das TIC a uma gestão inovadora na perspectiva da construção de uma educação de qualidade e que promova mudanças nos modos de ensinar e de aprender.

Palavras-chave: Gestão das TIC; TIC no PDE; aquisição e uso das TIC.

INTRODUÇÃO

O termo gestão é bastante genérico, requerendo complemento no que diz respeito a sua caracterização. A gestão pode estar associada a modos de atuação (democrática, administrativa, pedagógica); lócus (escolar, sistema, sala de aula) objetivos e/ou vinculação a políticas públicas e/ou artefatos (gestão das TIC, gestão do ensino-aprendizagem, gestão dos recursos financeiros). A gestão das TIC, neste texto, assume essa diversidade de características, embora situadas no contexto do PDE públicas urbanas de Major Izidoro/AL, portanto oriunda de uma leitura documental complementada por observações feitas nas escolas em forma de visitas.

A leitura da gestão das TIC passa a ser possibilitada a partir da leitura do documento PDE e das referidas observações, por ocasião de visitas feitas às escolas, considerando-se as respostas as seguintes indagações: Quais equipamentos e materiais relacionados às TIC estão sendo adquiridos pelas/nas escolas? Que uso pedagógico das TIC está sendo previsto no PDE das escolas e na prática de sala de aula? Que ações estão sendo propostas para melhoria do processo de ensino e aprendizagem com o apoio das TIC? E a formação dos professores como está sendo pensada/proposta nesse contexto? A gestão das TIC tem relação com uma gestão inovadora? Afinal, em que se aproximam ou se distanciam as tecnologias na gestão escolar da gestão das TIC na escola?

Na apresentação e discussão dos dados, recorreremos a alguns pressupostos retirados de Moran (2003), quando se refere a quatro passos consequentes no processo de implantação (e de gestão) de tecnologias, quais sejam: 1) garantir o acesso; 2) o domínio técnico; 3) o domínio pedagógico e gerencial; 4) soluções inovadoras que seriam impossíveis sem essas novas tecnologias.

Nesse entrelaçamento e/ou movimento a gestão das TIC no documento PDE e sua efetivação nas escolas insere-se num contexto de gestão inovadora, uma vez que o processo de ensino e aprendizagem passa a ser o maior objetivo e campo de convergência de ações articuladas em todo o ambiente escolar.

Por meio deste estudo, pretende-se fazer uma análise da gestão das TIC no plano de desenvolvimento de quatro escolas públicas municipais situadas na zona urbana do município de Major Izidoro/AL. Estas escolas apresentam baixos índices de desempenho acadêmico, por isso receberam os recursos e as orientações para implantarem e implementarem seus planos de desenvolvimento e investir na compra de recursos midiáticos e formação docente, visando a melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

Neste texto, trabalhamos com uma visão alargada de tecnologias, entendendo-as em conformidade com Moran (2003, p. 153) como “os meios, os apoios, as ferramentas que utilizamos para que os alunos aprendam”.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A literatura sobre o uso das TIC na educação ganha densidade e diversidade. De recurso na gestão do conhecimento e na administração escolar ou como instrumento facilitador da aprendizagem, cuja presença deve estar na sala de aula, é fato incontestado de que nos dias atuais podemos usá-las bem ou mal, mas não podemos deixar de utilizá-las.

Para Moran (2003, p. 154) “um diretor, um coordenador tem nas tecnologias, hoje, um apoio indispensável ao gerenciamento das atividades administrativas e pedagógicas”.

Almeida (2009, p.85) afirma que:

A gestão de tecnologias diz respeito à busca do equilíbrio entre o possível, o desejável e o necessário para o uso pedagógico em relação ao tempo, espaço e recursos disponíveis, criando estratégias para que a instituição possa avançar no sentido de viabilizar o uso democrático e compartilhado.

De acordo com Pretto (2002, p. 78) a instituição escolar não pode caminhar em sentido contrário ao que ocorre no seu entorno e no cotidiano dos sujeitos, ou seja, “uma escola fundamentada apenas no discurso oral e na escrita, centrada em procedimentos dedutivos e lineares”, desconsiderando as novas linguagens e ferramentas que se apresentam como recursos que podem contribuir para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

Neste estudo, busca-se identificar no PDE das escolas quais ações e/ou aquisições relacionadas com as TIC estão sendo ou não encaminhadas num contexto de gestão da escola e das TIC, visando à melhoria do processo de ensino e aprendizagem. Associada à leitura do documento, realizou-se visitas às escolas, seguidas de conversas com alguns dos sujeitos representantes dos mais diversos segmentos, de forma a contribuir com a discussão a respeito do(s) modo(s) como está sendo realizada(s) a gestão das TIC nas escolas públicas municipais de Major Izidoro/AL.

Perguntamos que recursos e/ou tecnologias estão sendo adquiridas, pensadas, redimensionadas nas escolas por meio do PDE? O que dizem os diferentes sujeitos da/na escola? O que se observa, por ocasião de visitas feitas às escolas? Apresentaremos alguns dados e cenas que podem nos ajudar a responder os questionamentos aqui expostos.

Para Moran (2003), a aquisição das tecnologias é apenas o passo inicial, o domínio técnico, pedagógico e gerencial com possibilidades de uso dessas tecnologias de modo inovador, dinâmico e significativo, passa ser o objetivo principal do processo de gestão das TIC na escola.

O autor citado esclarece que o domínio técnico diz respeito à capacitação para saber usar, o que só se faz praticando regularmente. No que diz respeito ao domínio pedagógico e gerencial, sugere buscar respostas ou alternativas para a seguinte pergunta: “O que podemos fazer com essas tecnologias para facilitar o processo de aprendizagem?” (MORAN, 2003, p. 160). Segundo, o autor, nesta etapa, costuma-se utilizar as tecnologias para facilitação do que já fazíamos antes. Contudo, mesmo sendo um avanço, ainda estamos fazendo as mesmas coisas que antes, só que de uma forma mais fácil.

Por fim, o passo das soluções inovadoras defendidas por Moran (2003) refere-se à condição de as situações de ensino e de aprendizagem serem discutidas, planejadas e utilizadas, no sentido de que tais situações não seriam possíveis sem essas novas tecnologias.

Almeida (2009) esclarece o que se entende por gestão das tecnologias. Aponta alguns aspectos que se relacionam com a gestão de tecnologias, a saber: administrar, organizar, proteger, manter. Tais habilidades, embora intimamente relacionados ao zelo e cuidado, seus grandes objetivos ou direção são “para que funcionem como instrumentos de comunicação, autoria e construção de conhecimento, registro, recuperação, atualização e socialização de informações” (ALMEIDA, 2009, p.83).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados são apresentados nesta seção, por meio da leitura de ‘cenas’ observadas por ocasião de visitas às escolas, de quadros sínteses que caracterizam as escolas pesquisadas no que se refere à quantidade de pessoal que a integra e dos recursos tecnológicos de que dispõem e como são utilizados.

Cena 1 -

O Vídeo e a TV - Hora do recreio na Escola. Todos estavam no pátio coberto: algumas crianças jogavam dama, outras corriam, enquanto um grupo de cerca de 20 alunos estavam assistindo um filme infantil. Sentei ao lado de uma garota do 2º ano e perguntei o que e porque eles estavam assistindo, respondeu que só sabia que era o filme de um gato e que a diretora tinha ligado a TV para quem quisesse assistir. Após tocar o sinal fui conversar com a diretora e perguntei se era sempre assim que os meninos viam TV. Explicou que era para as crianças ficarem quietas no recreio, pois escola tem pouco espaço para brincadeiras e também as segundas-feiras a frequência é menor, assim era uma forma dos alunos virem à escola.

Esta cena permite-nos indagar a respeito do uso da TV na escola: em que se diferencia dos demais espaços? Que uso pedagógico está sendo feito na escola desse recurso? Haveria algum planejamento

sobre a mídia utilizada? Os professores discutiríamos o que fora visto ou assistido? Os alunos comentariam sobre o filme?

Esta cena é recorrente, conforme Almeida (2009, p.81): quantas aulas foram substituídas por uma sessão de vídeo devido à ausência de um professor! Mesmo com a presença do professor, esses recursos foram utilizados desarticulados das atividades de sala de aula, em momentos de lazer para premiar os alunos ou para fazer algo diferente, até porque o espaço da sala de aula era reservado para o ensino sério e difícil! (ALMEIDA, 2009, p. 81).

Moran (2003), ao discutir sobre as tecnologias na gestão escolar, destaca que “o gravador, o retroprojeto, a televisão, o vídeo também são tecnologias importantes e também muito mal utilizadas, em geral” (MORAN, 2003, p.153).

Cena 2

A Sala de leitura e a Biblioteca estão fechadas há meses e não há agendamento... - Trata-se da única Escola que possui assinatura de jornal e muitos exemplares estão no chão da sala de leitura, fechada há três meses. Havia uma riqueza em material impresso. Os alunos de uma turma X estavam vindo pedir ao coordenador do turno jornal para pesquisa. Afinal, o que queriam ver no jornal? Precisavam apenas do jornal para recortar uma notícia, conforme tarefa do livro didático. O jornal não fora levado para a sala de aula porque a sala de leitura estava fechada quando a aula começou e não há agendamento do material no turno. Desabafa a professora: ‘é por isso que a lista de recursos pedagógicos que está no mural, às vezes, não serve’.

Os acessos facilitados, o planejamento antecipado, os recursos disponibilizados, são situações que devem ser de fato objeto de problematização na escola, na medida em que não há um investimento na escola para que o professor se sinta motivado ao uso dos diferentes recursos midiáticos.

A referida cena permite-nos inferir que a ideia de que os livros, os jornais, as revistas, são tecnologias menores ou não são TIC, ainda é muito comum nas escolas. Moran (2003, p. 153), no contexto de discussão das tecnologias na gestão escolar, reafirma que: “o livro, a revista e o jornal são tecnologias fundamentais para a gestão e para a aprendizagem, e ainda não sabemos utilizá-las adequadamente”.

Cena 3

A câmera que sumiu... - Comprada com o recurso do PDE para registrar as apresentações, os projetos, os passeios etc. Todos estavam muito tristes, pois o objeto havia desaparecido do armário, que estava na secretaria e a porta da referida sala não havia sido forçada nem tinha ficado aberta. A Diretora, aflita, repetia que não se conformava “pois ela estava sendo tão útil”.

Nesta situação, percebe-se o quanto a falta de infra-estrutura pode contribuir como fator de negação do acesso ao uso das TIC. Chega a ser comum, relatos como este de materiais e equipamentos que, simplesmente desaparecem. Isso causa medo ao professor e alguns tem receio de usar os recursos para não serem responsabilizados por danos e perdas ou mesmo furtos, conforme deixam antever em suas falas.

Ainda como complementação a estas cenas, apresenta-se a fala da coordenadora de uma das escolas pesquisadas, na qual encontramos alguns elementos que podem esclarecer melhor sobre o uso das TIC nas escolas.

Certa vez, ouvi um gestor dizer que seus professores não utilizavam as tecnologias compradas com o dinheiro do PDDE. Os anos passaram-se e lá estava eu, amedrontada diante de um “mundão” de escola (as que eu havia trabalhado antes tinham no máximo 03 salas de aula). Percebi que o problema, não era a falta de utilização das mídias e sim a falta de gerenciamento das mesmas, ninguém sabia o que era usado por ali. A equipe gestora da escola não estimulava o uso das mídias, pois apenas dizia ao corpo docente: “Vamos usar os CDs, DVDs, os livros, etc.” No entanto, não apresentavam realmente o que se tinha na escola e nem sequer olhavam o planejamento do professor para lhe dar dicas do material que havia disponível para dar aula daquela disciplina, daquele assunto. Como coordenadora comeci a observar os planos e na seqüência dizia ao professor: “Quando for dar aula de assunto ‘tal’ temos esse material que pode ser utilizado”. E assim iniciamos com o agendamento de mídias e tecnologias, como: mapas, cartazes, dicionários, CDs, DVDs, calculadoras, retroprojeto, aparelho de som e etc. Então pude concluir que o problema não é a falta de estímulo. O que observei nesse ambiente e que preocupa, pois pode virar mania nas escolas que estão começando a desenvolver seus planos de desenvolvimento e assim adquirindo muitos recursos é que, às vezes, as mídias como o DVD, por exemplo, funcionam como “tapa-buraco”. O professor faltou coloca-se os alunos para assistir um vídeo. É também visível que a equipe não está tão preocupada com esta questão, pois apenas um horário que é o que eu coordeno registra as saídas de recursos pedagógicos e agenda o uso.

Muitas mídias, principalmente os DVDs não retornam depois de serem emprestados, e como não está registrado não dá para recuperar. Vivo angustiada dentro de um ambiente que não é administrado por alguém que tenha noção do quanto à tecnologia pode auxiliar a todos na escola. Compreendo tudo isso hoje porque fiz um curso sobre o uso das TIC na educação e a maioria dos educadores não consegue sequer ligar a TV e o DVD, o computador ou acessar a internet. Também não procuram conhecer o acervo da sala de leitura, da biblioteca, etc.

A fala da coordenadora denuncia o problema da gestão das TIC em várias dimensões, inclusive a pedagógica, antecipada e fomentada por meio do planejamento e do envolvimento de todos da escola. O aspecto do acompanhamento do uso das TIC não se dá, na visão da coordenadora, somente por meio do controle que, aliás, passa a ser um fator de zelo e de respeito pelo bem público, mas não prescinde do estar junto do professor, do conhecer o material disponível em suas possibilidades de recursos que podem auxiliar o processo de ensino e de aprendizagem.

Em sua fala, relata também a importância de ter feito um curso para a aquisição desta consciência e a construção de conhecimentos, assim como a imperiosa necessidade do sujeito buscar e sentir-se motivado e convencido das vantagens do uso das tecnologias. Reconhece que falta um entendimento dos benefícios que o uso das TIC pode propiciar num movimento em que a gestão das TIC necessita ser redimensionada.

A fala da coordenadora remete também ao que esclarece Almeida (2009, p.83) a respeito dos processos múltiplos relacionados à gestão, de que estes “constituem a tessitura de redes de significados e sentidos, que entrelaçam pessoas, práticas, tecnologias, valores éticos e estéticos em interdependência em determinado contexto”.

Sua fala coaduna-se com a atribuição e/ou coordenação de papéis também destacados por Almeida (2009, p. 82) e considerados como complementares, de modo que “[...] o professor se conscientize de seu papel como gestor da prática pedagógica, dos espaços e recursos que utiliza (ALMEIDA e PRADO, 2006), assim como os gestores se reconheçam como líderes do processo de gestão das tecnologias da escola”.

Os quadros demonstrativos dos recursos dos quais as escolas dispõem (Quadro 1) e das atividades relacionadas às TIC constantes no PDE de cada uma das escolas (Quadro 2) mostram que as mesmas adquiriram muitos equipamentos e recursos tecnológicos, sejam por meio de programas federais – como é o caso do Proinfo, TV Escola ou mesmo comprados com recursos do PDDE ou pelo PDE por meio do seu Plano de Ações Financiáveis. Contudo, sofrem com a inutilização e/ou

subutilização dos mesmos. Há uma resistência em relação ao uso e disponibilização dos recursos tecnológicos nas instituições. No entanto, não basta só viabilizar o uso dos equipamentos adquiridos é necessário introduzir essa ideia na proposta pedagógica da escola, modificando um pouco a cultura organizacional, ou seja, suas práticas regulares e habituais.

Quadro 1 - Caracterização das escolas conforme a disponibilização das TIC e seus usos

Quantidade de pessoal da escola	Escola A	Escola B	Escola C	Escola D
	240 alunos 12 professores 08 funcionários	214 alunos 12 professores 08 funcionários	927 alunos 50 professores 42 funcionários	344 alunos 14 professores 12 funcionários
Recursos tecnológicos disponibilizados	5 0 D V D s TV Escola, 11 computadores, 2 impressoras multifuncionais, 1 DVD (aparelho), 1 TV tela plana 21", 50 dvd da TV Escola	1 computador (com problemas), 17 computadores, 1 impressora multifuncional, 1 aparelho de som, 1 DVD (aparelho), 1 TV 29"	29 computadores, 1 impressora multifuncional, 2 aparelhos de som, 1 DVD (aparelho), 1 TV 21", projetor de slides, câmera digital, antena parabólica, 35 Fitas de vídeo e 150 DVDs, 1 Videocassete, 1 Máquina copiadora, 100 mini calculadoras, 300 Livros paradidáticos e 1 assinatura de jornal	100 D V D s TV Escola, 11 computadores, 2 impressoras multifuncionais, 4 fitas de vídeo, 1 Retroprojetor, 1 DVD (aparelho), 1 TV tela plana 21", 80 mini calculadoras
Dados sobre uso dos computadores	Aguardando a implantação do laboratório de informática há mais de um ano	Os 17 computadores enviados pelo Proinfo ainda não estão instalados por falta de estrutura física. na escola	D o s 1 2 computadores que são do laboratório 1, 10 foram instalados recentemente e os demais estão com problemas. Os 17 novos computadores que integrarão o laboratório 2 ainda não foram instalados.	Aguardando a implantação do laboratório de informática há mais de um ano.

Acesso a Internet	Acesso a Banda Larga (Internet na secretaria da escola)	Acesso a Banda Larga (Internet na secretaria da escola)	Acesso a Banda Larga (Internet na secretaria da escola)	Acesso a Banda Larga (Internet que chegou antes do laboratório de inf. do PROINFO)
--------------------------	---	---	---	--

Fonte: PDE das Escolas Municipais Urbanas de Major Izidoro/AL

Acredita-se que as causas para estes fatos seriam, além da inexistência de um pensamento voltado para a gestão das tecnologias na escola, a insegurança dos sujeitos em relação ao uso, o próprio desconhecimento dos materiais existentes na escola e a falta de vivência da cultura digital.

Quadro 2 - Descrição da atividade relacionada às TIC

Propostas de ações do PDE envolvendo as TIC	Escola A	Escola B	Escola C	Escola D
	Organizar rodas de leitura com o EJA e alunos do 1º ao 5º ano. Capacitar os professores no curso de Mídias na Educação. Realizar oficinas de leitura e produção de textos com os professores do 1º ao 5º ano e do EJA. Fazer orçamento para adequação do Laboratório de Informática	Organizar lista de recursos pedagógicos existentes na escola. Capacitar os professores no curso de Mídias na Educação. Realizar oficinas de leitura e produção de textos. Fazer orçamento para adequação do Laboratório de Informática	Organizar lista de recursos pedagógicos disponíveis na escola. Promover rodas de leitura de imagens, de dados e de documentos das diferentes fontes sobre o espaço escolar. Adquirir mapas e vídeos educativos sobre temas geográficos. Fazer orçamento para adequação do Laboratório de Informática. Organizar projeto de inclusão digital para professores e alunos da escola. Organizar projeto para instalação de uma rádio escola. Fazer orçamento e adquirir kit para instalação de uma rádio escola.	Adquirir 2 microsistems. Adquirir 1 câmera digital. Adquirir mapas 3 mapas: Alagoas, Brasil e Múndi. Adquirir um aparelho de DVD para utilizar na sala de aula. Adquirir 80 mini calculadoras.

Nesse contexto, reafirma-se que a formação dos professores passa a se constituir como uma necessidade imperiosa, uma vez que o uso de determinados recursos tecnológicos ainda não foram efetivamente integrados à prática docente.

Afinal, os fatores de mudança são as pessoas e não os equipamentos ou recursos pedagógicos. As mudanças levam tempo e as escolas precisam se transformar em ambientes acolhedores e/ou favorecedores das mesmas, dito de outro modo, as escolas precisam se transformar em organizações que aprendem.

Um dos maiores desafios das instituições escolares hoje é gerenciar seus recursos, sejam humanos tecnológicos ou mesmo financeiros. As visitas às escolas urbanas do referido município reverberam essa situação. Observa-se também que, sua estrutura, no que diz a respeito a facilitação para uso das TIC ainda não se constitui como objeto de preocupação. As escolas dispõem de recursos tecnológicos adquiridos para serem utilizados em aulas. No entanto, apenas uma escola incluiu no seu PDE uma formação continuada para seus professores no uso das TIC e nenhuma delas apresenta projetos para otimização do uso das TIC em seu PDE ou menciona em sua proposta pedagógica algo sobre este assunto.

Constata-se que as escolas possuem um número de aparelhos muito inferior ao necessário, por exemplo, para uma escola com mais de 900 alunos há o mesmo número de aparelhos de TV do que nas escolas com até 400 alunos e que mesmo o MEC por intermédio do Proinfo destina a mesma quantidade de computadores para as escolas urbanas, independentemente, do número de alunos.

Chaves (2006, p. 23), afirma que:

É bom que se diga que o número dos equipamentos disponíveis em nossas escolas é reduzidíssimo se comparado ao dos existentes em países desenvolvidos ou mesmo nos países que estão dando seu salto de qualidade na Ásia: além da China e da Índia, certamente Taiwan, Cingapura e Coréia do Sul. Que ninguém se esqueça de que a quantidade de equipamentos e o tempo de acesso oferecido aos alunos na escola são variáveis fundamentais - e que laboratórios com cinco a dez computadores para escolas com centenas de alunos é algo que beira o ridículo.

Das escolas pesquisadas apenas uma possui antena parabólica, no entanto a conexão com a antena não é feita há muitos anos. Há livros paradidáticos, algumas revistas, assinatura de jornal, internet banda larga, mas o ponto está na secretaria da escola. Constatou-se que em todas as escolas os laboratórios de informática ainda não foram instalados, em duas escolas, há mais de um ano, os computadores estão em caixas porque não há estrutura física. Já nas outras duas, o(s) computador(es) existente(s) está(ão) na secretaria da escola e não à disposição dos professores ou de alunos.

Por tais motivos percebe-se, após conversar com os gestores, que os professores além de não saberem

manusear tais aparelhos, ainda tem dificuldades em relação ao acesso. E quando incorporam alguns destes recursos em suas aulas o fazem de forma tradicional, ou seja, usa-se apenas para transmissão de informações, o aluno permanece passivo apenas recebendo informações.

Durante as visitas as escolas pesquisadas percebeu-se que as ferramentas são subutilizadas e o motivo principal é o despreparo da equipe. Pois nem os professores, nem os gestores ou coordenadores sabem lidar com as TIC. Dos 88 funcionários que compõem o quadro docente dessas unidades, 13 deles se inscreveram no curso de Mídias na Educação e apenas 4 concluíram a fase inicial. Segundo os desistentes o motivo foi, além da falta de tempo, a falta de habilidade para lidar com o computador.

Ao conversarmos com os professores sobre as TIC nas escolas, constata-se que os gestores não tem oportunizado as discussões a respeito da integração das TIC, isso porque eles também não sabem utilizar.

A preparação de professores para desempenhar esse papel de educadores digitais é um grande desafio. Os professores percebem que as tecnologias digitais estão chegando à escola, mas a maioria demonstra certo receio de tentar utilizar, alguns temem danificar e outros não se sentem à vontade, pois estão sempre solicitando dos alunos, ajuda para ligar os aparelhos.

Todas as escolas pesquisadas receberam os DVD dos programas da TV Escola, mas estes são utilizados raramente, uma delas colocou em seu PDE uma proposta para organização de uma Rádio Escola, no entanto resolveram abolir a ideia, tornando-se parceiras da Rádio Comunitária. Cabe destacar que, as atividades no rádio e na escola quando se usa estes objetos pedagógicos não são dirigidas pelos professores e sim pelos coordenadores. Nesse sentido, cabe a escola assumir o que aponta Mercado (2002, p. 14) “[...] a introdução das TIC e conduzir o processo de mudança da atuação do professor, que é o principal ator dessas mudanças” e não realizar pelos mestres a sua função.

Concordamos com Almeida (2009, p. 76) quando afirma que “os avanços tecnológicos não chegaram ainda a agregar valores consideráveis à aprendizagem e ao ensino”.

A gestão das TIC na escola não pode nem deve se restringir a posturas limitadas e limitadoras em que há apenas a preocupação de cuidar do funcionamento e da manutenção de equipamentos e de uma agenda que permite controlar os horários de sua utilização. Este aspecto da organização é importante, mas o planejamento, a formação, a discussão e a avaliação dos usos das TIC são muito mais importantes.

Concordamos com Moran (2008, p. 43) quando afirma que “os melhores métodos para utilizar as tecnologias são inseri-las em projetos pedagógicos

interessantes, inovadores, flexíveis, adaptados ao aluno”.

Durante a pesquisa, buscou-se informações da SEMED para analisar como são dadas as orientações as escolas sobre o uso das TIC. Os membros do comitê do PDE informaram que não havia em 2009 um setor específico para dar orientações sobre como utilizar os recursos midiáticos na escola e que estava a cargo da coordenação pedagógica de cada instituição esta orientação. Buckingham (2007, p. 11) citando Umberto Eco nos lembra que há muitos anos atrás ele escreveu que “se quisermos usar a televisão para ensinar alguém, primeiro precisamos ensiná-lo a usar a televisão”. Parafraseando Umberto Eco, pode-se estender tal recomendação para os outros recursos tecnológicos disponíveis nas escolas, reafirmando que, para que sejam utilizados para ensinar, os professores primeiro terão que aprender a usar.

Buckingham (2007, p. 11) ainda complementa que “a educação sobre mídia é um pré-requisito indispensável para a educação com ou através da mídia”.

Defende-se, neste texto, que é possível que isto ocorra se forem tomadas algumas atitudes: a criação de um departamento de tecnologia no órgão gestor da educação municipal; a criação de um programa de formação para gestores (direção e coordenação) e professores; organização dos espaços destinados a tecnologia salas de vídeo, laboratórios, bibliotecas; implementação de proposta de uso das TIC na proposta pedagógica da escola; formação continuada dos profissionais de ensino.

Em consonância com os dados expostos, defende-se que tanto a formação dos gestores escolares quanto a dos professores, constituem-se como elementos vitais para a efetivação de uma gestão das TIC na escola. O desafio para que a gestão das TIC seja também uma gestão com as TIC nas escolas públicas de Major Izidoro/AL não prescinde da formação dos seus gestores e professores no contexto de uma gestão compartilhada e com práticas pedagógicas inovadoras

Por fim e em conformidade com Almeida (2009, p. 23), os dados apontam para a necessidade de se redimensionar não somente a gestão de tecnologias, mas também de “mídias, informações, tempos e espaços em um empreendimento catalisador da mudança educacional, que busca religar as distintas instâncias de um trabalho educativo comprometido com a unicidade do conhecimento, a interação social e a participação”, de modo que se valorize, igualmente, “a experiência, a colaboração e a gestão compartilhada”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gestão das TIC nas escolas urbanas municipais de Major Izidoro/AL, precisa efetivar-se para que todo potencial

destes objetos seja aproveitado e realizem sua função maior: tornar as aulas mais prazerosas e significativas.

Sem um projeto de reestruturação dos espaços e de inserção do uso das TIC na proposta pedagógica das escolas não será possível otimizar os seus diversos usos, uma vez que o plano de desenvolvimento das escolas não apresenta muitos avanços em relação ao uso pedagógico das TIC.

Constatamos que o PDE sinaliza apenas a compra dos objetos e mesmo assim as aquisições são bastante reduzidas, considerando-se o número de alunos e de professores das/nas escolas. Constatamos também o agravante de que são raras às vezes em que os equipamentos são utilizados, o que demonstra a gestão ineficaz que é realizada, sem reflexão e sem muitos avanços.

A contribuição maior da pesquisa está na obtenção de uma visão mais ampla da ineficiência do gerenciamento dos recursos pedagógicos desta natureza, bem como das limitações dos profissionais em relação a competência de inserção das TIC no processo de ensino e aprendizagem.

O uso das TIC deve estar atrelado a uma mudança de concepção de todos que realizam a gestão da/na escola, para além da gestão das TIC em si, uma vez que esta não se encontra dissociada da gestão da escola, da sala de aula, da matéria e do ensino e aprendizagem.

A aquisição de tecnologias nem sempre resulta em utilização, sobretudo se não houver mudança de concepção e investimento na formação dos sujeitos no sentido de superar desconhecimentos e auxiliá-los a pensar alternativas de uso que devem estar relacionadas a uma proposta pedagógica.

Afinal, a gestão das TIC nas escolas não deve se restringir aos cuidados com o seu uso e/ou funcionamento e a manutenção de uma agenda que permita controlar os horários de utilização (ALMEIDA, 2009). Tal gestão deve estar apoiada numa postura que fomenta os diversos usos das TIC por todos os sujeitos da escola, em espaços vários, cujo foco seja a melhoria do processo de ensino e de aprendizagem.

Por fim, reafirma-se com Paiva et al. (2008, p. 4) que “é necessário entendermos a tecnologia não apenas como o fazer, mas como o dizer, o entender, o intencionar o que se faz”.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Maria E. Gestão de tecnologias, mídias e recursos na escola: o compartilhar de significados. **Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 79, p. 75-89, jan. 2009.

BUCKINGHAM, David. Aprendizagem e cultura digital. Porto Alegre: **Pátio, Revista Pedagógica**, n. 44, nov./jan., 2008, p. 8-11.

CHAVES, Eduardo O. Alavanca para um salto de qualidade. In: ALMEIDA, Fernando J.; ALMEIDA, Maria E. (coord.) **Liderança, gestão e tecnologias: para melhoria da educação no Brasil**. São Paulo: Parceria PUC-SP Microsoft, 2006, p. 21-25.

LEOPOLDO, Luís P. **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. Maceió: Edufal, 2002.

MELO NETO, João C. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MORAN, José M. Formação de educadores inovadores para uma nova escola. **Boletim Salto para o Futuro**, ano XVIII, n. 18, set/out, 2008. Brasília: SEED/MEC, 2008. Série Educação Digital e Tecnologias da Informação e da Comunicação. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto>>. Acesso em: 10 fev. 2010.

_____. Gestão inovadora da escola com tecnologias. In VIEIRA, A. T.; ALMEIDA, M. E.; ALONSO, M. (orgs.). **Gestão educacional e tecnologia**. São Paulo, Avercamp, 2003, p. 151-164.

PAIVA, A. M.; CARVALHO, J. V.; CARVALHO, C. V.; PORTO, I. P. A integração da TIC na escola básica: questões para avaliação. **Revista Eletrônica do Centro de Ciências Exatas, Tecnológicas e da Natureza da Universidade Severino Sombra**, ano 1, volume 1, 2008.

PRETTO, Nelson L. **Uma escola sem/com futuro**. 4 ed. Campinas: Papirus, 2002.

O USO DA TECNOLOGIA NA SALA DE AULA NO ENSINO MÉDIO NOTURNO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DA REDE PÚBLICA NA CIDADE DE RIO LARGO:

OS OLHARES DOS PROFESSORES

Rozilene Belo Barros dos Santos
Marinaide Lima de Queiroz Freitas

Resumo

Este texto é resultado de uma pesquisa que investiga a relação professor e o uso do computador em suas práticas pedagógicas, e como esses profissionais estão se apropriando dessa ferramenta no processo ensino-aprendizagem. Faz uma reflexão da necessidade professores inserirem as TIC durante as suas atividades profissionais com seus alunos, mediante a importância que a tecnologia tem na sociedade atual. Para a sua realização, buscou-se conhecer o perfil dos envolvidos, por meio da elaboração de um questionário aplicado com os professores. Este estudo ressalta que, apesar das novas tecnologias exigirem novo perfil do trabalhador, tem-se assistido de maneira efetiva nas escolas um distanciamento entre o uso das TIC, por parte de alguns professores.

Palavras-chave: Educação; Tecnologia; Sociedade; Formação profissional.

INTRODUÇÃO

A ideia de desenvolver um estudo sobre o tema uso das TIC na sala de aula, surgiu a partir da observação em sala de aula, sobre o papel fundamental que tem a tecnologia na sociedade e o receio de alguns professores em utilizar tais ferramentas. O uso das TIC, principalmente o uso do computador, tornou-se uma ferramenta importante para o acesso às informações, além de proporcionar novas formas de aprendizagens.

O rápido desenvolvimento tecnológico e a sua penetração nas instituições sociais nos últimos anos têm provocado grandes mudanças no interior de nossa sociedade sejam elas, econômicas, culturais e principalmente na educação. Assim, mediante essas mudanças, é crescente o debate sobre a importância do papel do professor e do aluno nesse tipo de modalidade.

A introdução das TIC na sociabilidade é posta como algo inerente à ordem vigente. A escola, ao apropriar-se dessa ferramenta no uso de suas práticas pedagógicas, condiciona o professor a rever seu procedimento metodológico de ensino. O professor ao rever sua maneira de transmitir conhecimentos depara-se com o novo para o qual não está preparado. Esse profissional, ao perceber-se diante dessa situação, não consegue lidar com essa nova forma de conhecimento, chegando ao ponto de rejeitá-la.

O professor, mais cedo ou mais tarde, terá que rever a sua prática de ensino. Isso porque, estamos diante de uma sociedade altamente desenvolvida, e que não pode mais retroceder ao período das manufaturas. Contudo, mudar a postura de alguns professores, não se constitui uma tarefa fácil. A mudança nesse caso, implica em medo diante do novo, o que acarreta a insegurança a esses profissionais.

Conforme Masetto (2004, p. 142):

Essa mudança de atitude não é fácil. Estamos acostumados e sentimos seguro com o tradicional de comunicar ou transmitir algo que conhecemos muito bem. Sair dessa posição, entrar em diálogo direto com os alunos, correr o risco de ouvir uma pergunta para a qual não temos resposta, e propor aos alunos que pesquisemos juntos para buscarmos resposta – tudo isso gera um desconforto e uma grande insegurança.

O aluno da era tecnológica não é mais aquele aluno passivo todavia o papel de alguns professores ainda continua sendo o papel de doador de conhecimento, o que faz com que ele se torne apenas um mero transmissor de conhecimento. É preciso que nós, enquanto professores, levemos em consideração que o conhecimento é construído.

É importante que o professor compreenda o perfil de seus alunos, sendo também necessário repensar a natureza do processo ensino-aprendizagem, de maneira a transmiti-la, fazendo uso das TIC, objetivando a viabilizar melhor ensino-aprendizagem, não apenas lhes preparando para a inserção no mercado de trabalho. Apesar de a escola ter adquirido nos últimos essa característica, mas saber que o uso das TIC poderá conduzir esse indivíduo a atingir maior senso crítico a respeito da sociedade na qual ele se encontra inserido.

Moran (2007, p. 167) afirma que, o papel do professor “é de ajudar o aluno a interpretar dados, a relacioná-los, a contextualizá-los”. Silva (2000, p. 74) acrescenta que:

É preciso apenas que os professores, se apropriem dessa linguagem e explorem com seus alunos as várias possibilidades deste novo ambiente de aprendizagem. O professor não pode ficar fora desse contexto, deste mundo virtual que seus alunos dominam. Mas cabe a ele direcionar suas aulas, aproveitando o que a internet pode oferecer de melhor.

A forma de aprendizagem por meio das TIC é considerada variada e abrangente, principalmente a partir do uso do computador. Essa aprendizagem pode ser encontrada em diferentes níveis de complexidade, cabendo ao professor passar as várias formas de apreensão da aprendizagem ao aluno. A pedra de toque nesse caso se refere, à maneira como o professor irá reproduzir essa forma de conhecimento. Se ele não está preparado especificamente para tal função, não haverá sucesso.

Em pleno século XXI, não podemos criar um indivíduo tal qual fizera Rousseau em O Emílio da Educação (LASKI, 1973). É preciso alargar os horizontes dos alunos, e ensinar desde as mais tenras idades a conviver em uma sociedade tecnológica e compreendê-la, principalmente a partir do seu modo de produção.

Na história da humanidade, até nossos dias, várias foram as transformações que ocorreram na sociedade e a maneira pela qual os homens passaram a produzir e a reproduzir sua vida, seja ela política, econômica, social ou intelectual. Essas mudanças ocorreram a partir do momento em que o homem pode interagir com a natureza, de modo a transformá-la, para atender às suas necessidades.

No entanto, foi a partir da Revolução Industrial, graças ao aperfeiçoamento da maquinaria, que surgiu a possibilidade de uma nova forma de conhecimento destinado aos trabalhadores. Antes da Revolução Industrial, o trabalhador manuseava apenas um único instrumento de trabalho. Agora, o trabalhador da ordem vigente é obrigado a manipular várias ferramentas, isso porque, segundo Marx (1985, p.10),

A máquina, da qual parte a Revolução Industrial, substitui o trabalhador, que maneja uma única ferramenta, por um mecanismo, que opera com uma massa de ferramentas iguais ou semelhantes de uma só vez, e que é movimentado por uma única força motriz, qualquer que seja sua força.

A partir de Marx (op. cit.) podemos inferir que, o processo de industrialização e a introdução da maquinaria tornam-se relevantes na Revolução Industrial. A sociabilidade contemporânea segue implacavelmente sob a determinação da sociedade tecnológica, de modo a atender às necessidades mercadológicas. Ou seja, a sociedade do conhecimento passa a exigir um perfil do trabalhador, bem diferente do trabalhador da época da manufatura. Este agora precisa necessariamente ser preparado para atuar diante das exigências do mercado de trabalho.

Pensar o papel da educação na sociabilidade vigente implica que se considere questões importantes como as transformações sociais e econômicas ocorridas na sociedade que, com a consolidação do capitalismo e suas formas recentes, se deram no sentido de manter a reprodução do capital.

Nesse sentido, a escola contemporânea necessita não somente conviver com outras modalidades de ensino, mas preparar o cidadão e qualificá-lo para que possa ser inserido no mercado de trabalho. É nesse contexto que o professor, diante dessa visão apologética, passa a adquirir um novo papel em nossa sociabilidade.

Na visão de Libâneo (2003, p. 52), o mercado passa a requerer um novo tipo de trabalhador que seja:

- a) mais flexível, polivalente, o que provoca certa valorização da educação formadora de novas habilidades cognitivas e de competências sociais;
- b) levem o capitalismo a estabelecer, para a escola, finalidades mais competitivas com os interesses do mercado;
- c) modificar os objetivos e as prioridades da escola;
- d) produzem modificações nos interesses, nas necessidades e nos valores escolares;
- e) forcem a escola a mudar suas práticas por causa do avanço tecnológico dos meios de comunicação e da introdução da informática;
- f) induzem alteração na atitude do professor e no trabalho docente, uma vez que os meios de comunicação e os demais recursos tecnológicos são muito motivadores.

Segundo esta lógica, a educação funciona sob os ditames do mercado, por meio de práticas empresariais com os conceitos de: qualidade, habilidades, produtividade, competências, entre outros. Com isso, passa a ser subordinada às configurações e às orientações do mercado de trabalho, apostando na formação de

recursos humanos, de forma a integrar o indivíduo de acordo com a lógica capitalista de acumulação.

Não temos por pretensão adotar aqui uma visão maniqueísta, e colocar a educação como vítima e aceitar de forma passiva as intervenções da sociedade capitalista. Não podemos considerá-la estática e incapaz de reagir de modo a transgredir os vários mecanismos que nela interferem. Igualmente não temos por pretensão prescrever metas ou receituários que possam balizar e conduzir a uma formação profissional.

Analisaremos na escola na qual atuamos a relação do professor e suas práticas pedagógicas mediante o uso do computador. Para balizar nosso estudo, recorreremos a autores como: Masetto (2004), Moran (2007), Silva (2000), Enguita (1993), Castells (1999), entre outros. Este texto está assim estruturado: faremos um breve relato sobre o conceito de TIC, enfocando a sociabilidade contemporânea e a contextualização sobre o caminho inverso: e agora professor?

Na segunda parte do texto tratamos das questões metodológicas da pesquisa propriamente dita, por meio da análise de questionários aplicados com os professores da instituição investigada. Por apresentaremos nossas considerações sobre o resultado da pesquisa.

CONCEITO DE TIC

As TIC, se estiverem integradas entre si, podem possibilitar um conjunto de recursos capaz de proporcionar processos de comunicação ligados a várias áreas, e podem também ser usadas para distribuir, reunir e compartilhar informações.

Os vários conceitos que são atribuídos ao termo tecnologia não são uniformes. Para Cruz (1997, p. 16) é o conjunto de “dispositivos individuais, como hardware, software, telecomunicações ou qualquer outra tecnologia que faça parte ou gere tratamento de informação, ou ainda que a contenha”. Evidentemente que na nossa forma de sociabilidade, baseada na informação, as TIC passam a imprimir uma nova dinâmica na vida das pessoas e, eventualmente, se constituem em uma realidade transformadora de hábitos, modos de viver e de produzir.

Por sua vez, esta ação transformadora necessita de um constante processo de atualização, o que irá implicar na busca por acessos mais rápidos, para quantidades cada vez maiores de informação. Portanto, aprender a conviver com as TIC é uma tarefa que a sociedade contemporânea nos impõe. Retornando ao conceito anterior, na esteira desse pensamento Castells (1999, p. 67) define as TIC enquanto, o “conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações/radiodifusão e optoeletrônica”.

Mediante o desenvolvimento e a evolução na área da comunicação surgiram invenções como o rádio, a TV, os computadores e seus conteúdos como, multimídia e a internet. As TIC causaram uma revolução na forma da sociedade se comunicar. A mediação feita pelo computador tem alterado a organização dos sistemas sociais, políticos, culturais e econômicos, estabelecendo uma nova forma de relação por meio da rede (CASTELLS, 1999).

Não podemos perder de vista o foco de que, a inserção e uso das TIC devem abranger indivíduos, residências, instituições, principalmente as escolas, empresas e governo, de modo que possam se estabelecer um processo de conectividade crescente, entre o maior número de indivíduos possíveis. Acerca desses valores ou questões, não podemos deixar de mencionar que no Brasil há uma grande concentração de renda, geradora das disparidades e desigualdades sociais.

A partir dessas acentuadas desigualdades, percebemos que, por mais que o Estado invista em recursos tecnológicos, ainda há lugares que esses recursos praticamente inexistem. Todavia, não podemos deixar de considerar que em muitas instituições escolares, é possível identificar a presença de várias dessas ferramentas, entretanto, nem todos os profissionais estão aptos para lidar com elas.

Contudo, compreendemos que, o domínio da tecnologia só faz sentido quando se torna parte do contexto das relações estabelecidas entre homem e sociedade. A pedra de toque nesse caso reside no fato de que, ainda não é possível encontrar em nossas instituições a informática incorporada ao projeto político-pedagógico de forma crítica e criativa, de maneira a auxiliar os professores no processo ensino-aprendizagem. Segundo Sader (2005, p. 18):

A diferença entre explicar e entender pode dar conta da diferença entre acumulação de conhecimentos e compreensão do mundo. Explicar é reproduzir o discurso midiático, entender é desalienar-se, é decifrar, antes de tudo, o mistério da mercadoria, é ir para além do capital.

Do ponto de vista da abordagem crítica, a tecnologia deveria ser conhecida de forma também crítica, ou seja, apropriando-se dos conhecimentos científicos e tecnológicos que a embasam, ao invés de reduzir o alcance desse conhecimento apenas ao seu domínio prático. Estas são algumas reflexões iniciais que irão orientar nosso estudo sobre o papel do professor mediante o uso das TIC em sala de aula.

A SOCIABILIDADE CONTEMPORÂNEA

A sociabilidade contemporânea segue implacavelmente sob o domínio do modo de produção capitalista, reestruturado sob a dependência do trabalho desde a manufatura, passando pela grande indústria, em função dos vários estádios porque passou o capitalismo. Segundo Mészáros (2005, p. 45):

Esperar-se da sociedade mercantilizada uma sanção ativa – ou mera tolerância – de um mandato que estimule as instituições de educação formal a abraçar plenamente a grande tarefa histórica do nosso tempo, ou seja, a tarefa de romper com a lógica do capital no interesse da sobrevivência humana seria um milagre monumental.

Para o autor citado, a sociabilidade contemporânea é fundamentalmente ordenada sob o domínio do capital e de sua lógica. Romper com a lógica capitalista que rege a sociabilidade e as demais esferas, inclusive a educação, segundo ele equivale: “portanto, a substituir as formas onipresentes e profundamente enraizadas de internalização mistificadora por uma alternativa concreta abrangente” (MESZAROS, 2005, p. 47). É necessária a alternativa de internalização do pensamento e da ação dos indivíduos mediante a construção de novos processos educativos.

É necessário que se tenha cautela, uma vez que na atual sociabilidade existem vários ardis em defesa irrestrita da Sociedade do Conhecimento, impostos pelos defensores do Neoliberalismo e pelo processo da globalização desenfreada. Versam sobre esse tema autores como: Gentili (2003), Bauman (2005), Castells (2005) e Ianni (2003), entre outros.

No interior da escola, muitas coisas podem ser feitas no sentido da melhoria dos processos educativos individuais e no aproveitamento e desenvolvimento das habilidades pessoais e da consciência dos educandos. Sabemos que na sociedade vigente a produção e a ciência não podem ser postas apenas em sua negatividade, principalmente a ciência.

Defendemos a ideia de que a relação ciência-produção, ocorra de maneira que o homem, ao executar seu trabalho, capacitado por um grau de conhecimento, possa desenvolvê-lo de modo a ser capaz de ter consciência de sua dimensão histórica de sua própria existência. O acesso à tecnologia é condição fundamental para viabilizar a sua inserção no mundo científico e informatizado.

O saldo deste debate remete à necessidade de se problematizar a noção de informação, mediante a ampla discussão sobre o uso das TIC, a partir de uma discussão profunda sobre o uso da informação de acordo com as diferentes necessidades pessoais e sociais. Notamos que,

ao fazermos uso da informação sem critérios de seleção e de organização, poderemos estar reforçando o processo de alienação.

Ao partirmos desse pressuposto, fazemos o seguinte questionamento: Que tipos de homens (professores e alunos), estão sendo formados de maneira consciente do seu verdadeiro papel no interior de nossa sociabilidade contemporânea? As TIC estão disponíveis a todos os indivíduos inseridos diretamente no processo educativo, principalmente o professor e o aluno?

Quando pensamos em recursos tecnológicos na educação, especialmente nos suportes digitais, é impossível não refletir sobre o papel que o professor desempenha. Assim, para um grande número de professores, trabalhar pedagogicamente com essa forma de ensino é motivo de insegurança e rejeição, em virtude desse profissional ter pouco ou nenhum controle diante do computador. Isso porque, quando se opera diante de um ambiente pouco conhecido é impossível haver resultados positivos.

Pedagogicamente, a prática de ensino em um ambiente informatizado, requer dinamicidade e conhecimentos específicos, distintos dos utilizados diariamente em sala de aula. Isso porque, os processos virtuais somados aos mecanismos mentais, necessitam ser transformados em aprendizagens reais.

A inserção das TIC nas práticas pedagógicas é visto por nós como um estímulo para a aprendizagem, pois os alunos são fascinados pelo mundo tecnológico. O papel do professor mediante esta situação será o de fazer com que o uso do computador, por meio da grande rede, possa interferir de forma positiva no processo ensino-aprendizagem. Os professores têm um grande desafio pela frente: o de fazer com que seus alunos aprendam a buscar conhecimentos, ao passo que também possam formular e reformular tais conhecimentos.

O CAMINHO INVERSO: e agora professor?

Historicamente o professor é posto como responsável pela formação dos indivíduos, formação esta, que se tornou consenso na sociedade, principalmente no meio econômico. Com isto, coloca-se que o professor deverá ter uma formação acadêmica e condições de dominar os aspectos teóricos ensinados na academia, e ao mesmo tempo, os aspectos tecnológicos. Apesar de todo o desenvolvimento tecnológico, não podemos negar o forte papel que tem o professor no processo ensino-aprendizagem.

Entendemos que o professor não é o único agente detentor da informação. Visto que a acessibilidade e a informação dos dados dependem cada vez menos do professor. Mas é igualmente verdade, que o professor

desempenha um papel importante mediante ao uso dessas informações por parte dos alunos.

Seu papel se materializa na dinâmica em ajudar o aluno a interpretar e analisar os dados mensurados e, principalmente a contextualizá-los. Assim, ao fazer uso das TIC, no seu processo de ensino de pedagógico, ele passa a assumir o papel de mediador, entre o que o aluno aprende fora da dependência da escola e o conteúdo relacionado à sua disciplina. Apesar do debate em torno desse tema, ele necessita ainda de um trato especial, principalmente na academia, nos cursos de formação de professores, por meio da organização do currículo.

A formação do professor é muito importante. Ela deve estar balizada não unicamente no uso de elementos tecnológicos. É importante que essa formação se dê no sentido de como esse profissional pode integrar o uso do computador à sua prática pedagógica de forma consciente e reflexiva. Frigotto (1996, p. 95) salienta que, “sem uma sólida base teórica e epistemológica, a formação e profissionalização do educador reduzem-se a um adestramento”. Acrescenta ainda que:

No âmbito dos processos de produção do conhecimento científico, crítico e dos processos de ensino-aprendizagem, fica incapacitado de perceber que os mesmos se gestam e se desenvolvem a partir de determinações e mediações diversas no plano histórico-social.

Compreendemos que a escola, mediante a função do professor, tem a finalidade de tornar os indivíduos pensantes, capazes de construir elementos que possam ajudar os alunos a compreenderem a realidade concreta, além de exercerem condições críticas sobre a sociedade na qual estão inseridos. Para isso, o professor necessitará passar da função de mero transmissor de informação e assumir o lugar de analista crítico de produção das informações.

Dessa forma, Libâneo (2003, p. 38) esclarece que, Quando o professor ensina um tema, uma matéria, ele deverá perguntar a si próprio e aos seus alunos: como os homens e mulheres, na sua prática coletiva nas várias esferas da vida social, intervêm, modificam, constroem esse tema estudado. Qual a sua importância para atender as necessidades das práticas da vida social, como os problemas sociais, o desenvolvimento da ciência e do próprio e aos seus alunos: como os homens e mulheres, na sua prática coletiva nas várias esferas da vida social, intervêm, modificam, constroem esse tema estudado. Qual a sua importância para atender as necessidades das práticas da vida social, como os problemas sociais, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, as necessidades humanas básicas? O que este tema tem a ver com as contradições sociais, com a dinâmica das relações entre grupos e classes sociais.

É possível compreender que, o professor ao omitir-se, ou não ter consciência do seu papel em nossa sociabilidade, estaria corroborando para a manutenção e a criação de uma base para uma sociedade organizada capaz de não ampliar o debate crítico na sociedade. Isto fica evidenciado a partir de Perrenoud e Thurler (2002, p. 20) quando afirmam que, “uma prática reflexiva passa por amplos saberes, para não se transformar em um circuito fechado dentro dos limites do bom senso”.

Não basta que professores possam dispor em seus estabelecimentos de ensino, dos meios de comunicação e informação, ou de apenas saber manuseá-los. É preciso que aprendam a elaborar e intervir na relação professor-aluno de maneira crítica e consciente, por meio do uso das TIC. Não podemos perder o foco que existem várias dificuldades que acabam por inviabilizar o professor a não utilizar as TIC em suas práticas pedagógicas. Dentre elas podemos citar: condições físicas e estruturais do espaço escolar, condições materiais e, principalmente, a falta de conhecimento relacionado a questão tecnológica.

Não podemos negar que cada instituição escolar, principalmente as que fazem parte da rede pública possuem características não singulares. Existem escolas que são dotadas de recursos tecnológicos, entretanto, por sua vez, os professores não têm condições de fazer uso desse aparato tecnológico. Em relação a esse despreparo por parte dos professores Mercado (1999, p. 90), adverte que:

É muito difícil por meio dos meios convencionais, preparar professores para usar adequadamente as novas Tecnologias. É preciso formá-los do mesmo modo que se espera que ele atue no local de trabalho, no entanto, as novas tecnologias e seus impactos na sociedade são aspectos pouco trabalhados nos cursos de formação de professores, e as oportunidades de se utilizarem nem sempre são as mais adequadas à sua realidade e a sua necessidade.

Diante de um volumoso contingente de informação o profissional de educação necessita de maiores informações, entretanto, a maioria encontra-se completamente distante delas. Professor e computador, na maioria das escolas brasileiras, andam em vias diferentes, apesar de o computador ser bastante difundido nas escolas. Em uma pesquisa realizada pela Folha de São Paulo, durante o período de duas semanas, foram feitas entrevistas com vários diretores de escolas em alguns estados da federação, com a finalidade de analisar o uso dos laboratórios de informática.

Segundo a Folha de São Paulo (2009), a maioria dos gestores relata a subutilização do equipamento por parte dos professores, seja por falta de conhecimento técnico, ou porque as máquinas estão danificadas. Ainda segundo a mesma fonte “até professores com

curso de graduação se dizem despreparados para usar a informática no ensino”.

Desvelar o uso das TIC, principalmente o uso do computador, é uma tarefa primordial ao professor, já que seu aluno pertence à geração digital, todavia, um número elevado de professores se encontra estagnado no tempo e no espaço. Em relação a essa estagnação vivida pelos professores, Papert (1994, p. 9), faz menção à parábola que tem muita semelhança com a realidade vivida nas escolas, vejamos:

Imagine um grupo de viajante do tempo de um século anterior, entre eles um grupo de cirurgiões e outro de professores primários, cada qual ansioso para ver quantas coisas mudaram em cem anos ou mais no futuro. Imagine o espanto dos cirurgiões entrando numa sala de operação de um hospital moderno. Embora pudessem entender que algum tipo de operação estava ocorrendo e pudessem até mesmo ser capazes de adivinhar o órgão-alvo, na maioria dos casos seriam incapazes de imaginar o que o cirurgião estava tentando fazer ou qual a finalidade dos muitos aparelhos estranhos que ele e sua equipe cirúrgica estavam utilizando. Os rituais de anti-sepsia e anestesia os aparelhos eletrônicos com seus sinais de alarmes e orientação e até mesmo as intensas luzes, tão familiares às platéias de televisão, seriam completamente estranhos para eles. Os professores viajantes do tempo responderiam de uma forma muito diferente a uma sala de aula de primeiro grau moderno. Eles poderiam sentir-se intrigados com relação a alguns poucos objetos estranhos, poderiam perceber que algumas técnicas-padrão mudaram – e provavelmente discordariam entre si quanto a se as mudanças que observaram foram para melhor ou para pior – mas perceberiam plenamente a finalidade da maior parte do que se estava tentando fazer, e poderiam com bastante facilidade assumir a classe.

Apesar das fortes palavras do autor, compreende-se que este profissional não pode continuar sendo o mesmo. Para isso é necessário que ocorram mudanças internas, além de ser imprescindível, que o mesmo tenha condições de rever suas práticas pedagógicas. Queremos enfatizar que somente sua interiorização associada à análise de sua prática pedagógica, não é o suficiente para mudar o caminho do descompasso entre o professor e o uso do computador, que permeia as escolas.

São necessárias mudanças em outras esferas tais como: na própria escola por meio de seu PPP, na valorização desse profissional perante a sociedade, na valorização financeira, em melhores cursos de capacitação destinados a estes profissionais, além de uma boa formação acadêmica. Estamos inseridos em uma sociedade que atingiu um elevado grau de desenvolvimento tecnológico, e que nessa forma de

sociedade a aquisição de informação pode acontecer e, como ultimamente vem ocorrendo, fora do ambiente escolar.

Defendemos a ideia de que o professor desempenha importante papel no processo ensino-aprendizagem, na sociabilidade contemporânea. O professor deverá buscar mecanismo capaz de despertar no aluno o interesse para os problemas inerentes à sociedade na qual ele está inserido. Para isso, o professor deverá ter condições intelectuais de pelo menos perguntar por que as coisas são assim?

Mesmo que falte ao profissional o domínio tecnológico em relação ao aluno, a ele não poderá faltar o domínio intelectual e reflexivo. Atuando dessa forma, ele estará propiciando o debate e possibilitando ao aluno desvelar o real significado entre o contexto e o conteúdo trabalhado em sala de aula.

METODOLOGIA

Para desenvolver este estudo optamos por realizá-lo por meio da pesquisa qualitativa, de aspecto descritiva, tendo a observação como ponto de partida, para o desenvolvimento de nosso estudo. Para Minayo (1996, p. 22) a pesquisa qualitativa;

Se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificada. Ou seja, ela, trabalha com o universo de significados, motivos, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Esse tipo de pesquisa nos possibilita lançar mãos de vários procedimentos metodológicos, a fim de alcançarmos uma investigação à base da observação detalhada dos fatos a serem estudados. De modo que, recorreremos ao uso de um questionário composto por 11 perguntas elaboradas mediante a itens que continham perguntas fechadas, objetivando que as mesmas pudessem nos dar respostas objetivas.

Os questionários foram entregues aos professores do curso noturno de uma escola da rede estadual, localizada no município de Rio Largo. De um universo de 20 professores que trabalham no noturno, o questionário foi aplicado a 15 profissionais que contribuíram para a realização do estudo. Após a observação detalhada e relatos de experiência do público envolvidos mediante o uso de um questionário, as questões analisadas se deram por meio das percepções dos professores entrevistados, o que nos forneceu subsídio para fundamentar o presente estudo.

Segundo Viana apud Oliveira (2003, p.31), o olhar do observador deve ser controlado pois:

Apesar de se tratar de ação casual, ou seja, naturalmente somos sempre observadores, temos que nos revestirmos de cuidados

técnicos quando nos atribuímos a tarefa de realizar uma observação de caráter científica voltada, especificamente, para coletar dados, comprometendo a cientificidade da pesquisa.

DIZERES DOS PROFESSORES ACERCA DO USO DO COMPUTADOR EM SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Para constatar o distanciamento entre os professores e o uso do computador nas práticas pedagógicas, desenvolvemos um estudo na instituição de ensino em que atuamos, sobre o uso das TIC, que pudesse nos auxiliar a compreender melhor esse distanciamento. Ou seja, o não uso do computador, como ferramenta capaz de melhorar o ensino-aprendizagem.

Do universo dos 20 professores que lecionam no noturno, para nortear este estudo, trabalhamos com uma população de 15 professores. Para alcançar o objetivo, lançamos mão do uso do questionário mediante a exposição de perguntas fechadas e obtivemos as informações abaixo.

Quanto à idade dos entrevistados, 33,33% têm 35 anos; 13,33% têm 38 anos; 13,33% têm 39 anos; 13,33% têm 40 anos; 20% dos entrevistados têm 42 anos e 7% têm 46 anos. Dos 15 professores inquiridos 73% são do sexo feminino e 27% do sexo masculino. Foi indagado também sobre o perfil econômico e em relação à situação econômica 67%, responderam que recebem de 1 até 5 salários e 33% recebem acima de 5 salários.

Em relação à formação acadêmica e qualificação profissional, 67% dos professores entrevistados responderam que possuíam a graduação e 33% possuem especialização. Foi perguntado se eles possuem computador: 73% responderam que sim, mas apesar de possuírem computadores em casa, 60% desses professores afirmaram que não fazem uso dessa ferramenta e 27% dos professores responderam que não possuíam computador.

Quando foram questionados sobre o uso do laboratório de informática na escola, um fato chamou a atenção, pois 100% dos entrevistados não usam o laboratório de informática. Dos dizeres dos entrevistados, quanto à finalidade do uso do computador no dia a dia, 67% responderam que usavam o computador para buscar informação, e 33% para bater papo.

Foi também perguntado sobre o uso do computador enquanto fonte de recursos didáticos, e apenas 40% dos professores responderam que conhecem os recursos que podem ser oferecidos aos seus alunos. 60% disseram desconhecer os recursos que poderiam ser ofertados aos alunos. Questionados sobre quais tipos de mídias eram usadas em suas práticas pedagógicas 67% dos professores

responderam que se utilizavam da mídia escrita (livro didático, jornal e revista), 20% responderam que faziam uso da TV, e 13% responderam que faziam uso de outras mídias.

Sobre o fato deles se sentirem seguros diante do computador, 67% disseram que não se sentiam seguro, e 33% responderam que tinham segurança diante do computador. Por fim, perguntamos a esses profissionais qual a reação diante do computador. Apenas 13% dos entrevistados disseram que sentiam medo. Já 53% afirmaram que se sentem inseguros diante do computador e 33% responderam que a reação era de normalidade e se sentiam à vontade diante do computador.

A totalidade dos entrevistados não usam o laboratório de informática da escola com seus alunos. Mediante esse fato, sentimos a necessidade de formular apenas uma questão aberta ao item, “Você usa frequentemente o laboratório de informática de sua escola? Como 100% dos inquiridos afirmaram que nunca usaram, resolvemos acrescentar à pergunta o seguinte item “porque?”.

Mediante ao acréscimo desse item constatamos que o laboratório da escola existe desde 2003. Apesar desse tempo de existência, em suas dependências não foi ainda instalada a internet na escola. Segundo a fala de alguns professores, “um computador que não tem a função de se conectar à grande rede, não tem muita utilidade”. Foi também perceptível a partir do acréscimo desse item, que, o fator tempo é considerado como entrave no planejamento dos professores, o que acaba por dificultar a inserção dessa ferramenta, em virtude do horário do noturno ser menor que o diurno.

Grande parte dos professores dessa instituição de ensino não faça uso do computador em suas práticas pedagógicas, apesar de não podermos afirmar categoricamente que essa seja o principal fator. O fato reside na idade dos professores. A partir dos dados mensurados observamos que, a faixa etária desses profissionais está entre 35 e 46, anos, o que nos possibilita supor que na formação acadêmica eles não foram contemplados com os vários níveis de envolvimento tecnológicos.

Apesar de não termos por objetivo neste estudo tratarmos da formação profissional e da questão do currículo, entedemos que é necessário repensar os currículos da formação dos professores. Portanto, compreende-se que, a formação dos professores no que diz respeito às novas tecnologias da informação, deve ter como questão norteadora não apenas a sua formação inicial, mas principalmente a formação continuada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise das informações obtidas com os professores-atores destes relatos, e o caminho percorrido para tal finalidade, serviu-nos de norte para demonstrarmos que a educação ao longo dos tempos, foi sendo estruturada com a finalidade de atender às necessidades da atual sociabilidade. Isso fica evidenciado no modo de produção que rege a sociedade, a educação pode ser compreendida enquanto um processo de qualificação do aluno trabalhador, capaz de produzir uma força de trabalho especializada, para atender às necessidades mercadológicas do capital em seu processo de expansão.

A educação no sentido aqui referido nos leva a inferir que, na sociabilidade contemporânea, ela desempenha a função de preparar os futuros trabalhadores para a inserção no mercado de trabalho, por meio da formação escolar. Ao trilhar esse caminho ela irá se descuidar da formação humana no sentido pleno. Educar em sentido pleno tem por pressuposto a construção da intelectualidade, da individualidade, e de uma verdadeira formação humana.

Uma verdadeira formação humana é movida por leis sociais bem distintas das leis que imperam em nossa sociedade. Entretanto, há vários empecilhos que distanciam o professor do uso do computador nas atividades de suas práticas pedagógicas. Entre eles estão: o medo, a insegurança, as más condições físicas e estruturais, principalmente a falta de conhecimento e domínio tecnológico, confirmado com os dados colhidos e mensurados mediante as respostas dos professores, de maneira que, desvelar o uso do computador é tarefa importante para o professor, isto porque, seus alunos pertencem à geração digital. Entretanto, conforme seus relatos, esses profissionais em sua maioria se encontram estagnados no tempo.

Nosso propósito, neste estudo, não é fornecer receitas ou fórmulas para solucionar o grave problema que é o distanciamento dos professores do uso do computador em suas atividades pedagógicas, mas compreendemos que, apesar de todas as limitações existentes na sua formação acadêmica, na estrutura física da escola e, principalmente, na sua idade em relação à idade de seus alunos, o professor deverá buscar mecanismos que sejam capazes de despertar em seus alunos interesse para os problemas existentes em nossa sociabilidade. E fazer com que ele se sinta sujeito e participe da sociedade na qual ele está inserido, de forma crítica.

Para isso, é necessário que o professor tenha condições materiais e, principalmente, intelectuais. Deve-se buscar por meio da TIC uma mediação entre a prática pedagógica e o uso do computador no processo ensino-aprendizagem.

Concluimos que, não é só a carência de recursos materiais que podem explicar o não uso dessa ferramenta enquanto fonte de recurso pedagógico. O maior entrave diz respeito às próprias dificuldades que os professores encontram ao fazerem uso desses recursos. Isso ficou evidenciado nos próprios dizeres dos professores ao responderem ao questionário.

Igualmente, não podemos direcionar esse problema que é o não uso do computador pelos professores em suas práticas pedagógicas, atribuindo-lhes exclusivamente a responsabilidade dessa questão. Por meio de uma análise mais profunda, podemos afirmar que as falhas nas políticas públicas destinadas à educação refletem efetivamente na falta de planejamento ordenado e até mesmo na formação inicial e continuada dos professores.

REFERENCIAS

CRUZ, Tadeu. **Sistemas, organizações & métodos**. São Paulo, Ática, 1997.

ENGUITA, M. F. **Trabalho, escola e ideologia**: Marx e a crítica da educação. Porto Alegre. Artes Médicas, 1993.

FRIGOTT, G. **A formação e a profissionalização do educador**: novos desafios. Brasília: Escola, 1996.

LIBÂNEO, J. C. **Educação escolar**: políticas, estruturas e organização. Cortez, São Paulo, 2003.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MASETTO, Marcos T. PBL na educação? In: ROMANOWSKI, Joana P.; MARTINS, P. L.; JUNQUEIRA, Sérgio R. (orgs.) **Conhecimento local e conhecimento universal**: diversidade, mídias e tecnologias na educação. Curitiba: Champagnat, 2004.

MÉSZÁROS, I **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2005.

MERCADO, L. P. **A formação continuada de professores e as novas tecnologias**. Maceió: Edufal, 1999.

MINAYO, Maria C. (org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1996.

MORAN, José M. **Desafios na comunicação pessoal-gerenciamto integrado da comunicação espacial, social e tecnológica**. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

OLIVEIRA, M. A. **O estudo de caso**. Maceió: Edufal, 2003.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PERRENOUD, P. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PERRENOUD, P.; THURLER, M. G. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

SADER, Emir. Prefácio. In: MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo.

SILVA, M. **Sala de aula interativa.** Rio de Janeiro: Quater, 2000.

POSSIBILIDADES E LIMITES DO USO DE TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS: O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR

Gilvanilda Vilar Carvalho Bulhões
Carmen Lúcia de Araújo Paiva Oliveira

Resumo

Neste texto discute-se o papel do gestor escolar na integração das TIC na escola. Realizou-se um estudo de caso para verificar qual o comportamento do diretor em relação à utilização das TIC no seu dia a dia, no trabalho na escola e levantou-se informações e necessidades das escolas com relação à infraestrutura, formação continuada e planejamento para uso dos recursos tecnológicos disponíveis na escola. Evidenciou-se a necessidade de promover formação continuada, a fim de introduzir os gestores na cultura informática e dar-lhes condições de desenvolver o domínio da tecnologia para a resolução de problemas da escola e de sua prática profissional, possibilitando também a elaboração de projetos de gestão de TIC. Os gestores precisam compreender o significado desse trabalho, como meio para a realização dos objetivos educacionais de natureza pedagógica, razão última da existência da escola.

Palavras-chave: Gestão; Formação; Planejamento

INTRODUÇÃO

A discussão sobre as possibilidades e limites do uso de TIC nas escolas públicas estaduais, sob a perspectiva da gestão escolar, partiu da necessidade de um estudo aprofundado sobre possibilidades e limites do computador nas escolas, especificamente nas 11 escolas sob a jurisdição da 15ª (CRE/CEPA), em Maceió/Alagoas.

Este estudo é relevante como instrumento indispensável para o crescimento intelectual e profissional, além de contribuir com experiências inovadoras e soluções para mudanças na concepção do uso do computador, aumentando o interesse e o envolvimento do educando no processo de ensino aprendizagem, com vistas à melhoria dos indicadores educacionais.

Atuando no magistério em escola pública e, desde 1999, com a implantação da gestão democrática no estado de Alagoas, como elo de gestão, trabalhando diretamente com os gestores escolares, constatamos que as escolas vivenciam momentos de grandes desafios, quanto à inserção das TIC no processo de ensino e aprendizagem. Vivemos uma profunda mudança cultural, na qual as tecnologias estão presentes em todos os aspectos da vida humana e a escola perdeu a função de transmitir conhecimento. Ao conviver com a incerteza e o provisório, os indivíduos precisam ser ágeis e ter competência

e conhecimento para encontrar soluções para os problemas novos e emergentes e a escola não pode ignorar essas demandas da sociedade atual.

Com a implantação do processo de gestão democrática nas escolas públicas de Alagoas, a atuação dos gestores escolares passou a ter novas perspectivas. O gestor escolar precisa interpretar o contexto em que a escola se insere, para que possa orientar a comunidade escolar na definição de metas e planos. Desse modo, ele saberá organizar a equipe gestora, professores, pais e alunos para a construção e implementação do projeto político pedagógico. É importante que compreenda como se dá o processo de apropriação das TIC, a necessidade de envolvimento de toda a equipe escolar, bem como a clareza necessária dos objetivos previstos para cada ação desenvolvida.

O processo de informatização das escolas da 15ª CRE, teve início em 1999. As primeiras escolas estão sendo reequipadas com computadores mais modernos e contempladas com conexão em banda larga. Decorridos esses 10 anos, perguntamo-nos: como estão funcionando esses laboratórios? Qual o comportamento do diretor em relação à utilização das TIC no seu dia a dia, no trabalho na escola? Quais as necessidades das escolas com relação à infraestrutura, formação continuada e planejamento para uso dos recursos tecnológicos disponíveis?

Buscando respostas a esses questionamentos, realizamos um estudo de caso no qual aplicamos um questionário com 6 gestores de Ensino Fundamental e Médio, nas escolas, sob a jurisdição da 15ª CRE. Fizemos um levantamento das necessidades das escolas com relação à infraestrutura, formação continuada e planejamento para uso dos recursos tecnológicos disponíveis. Realizamos também uma pesquisa bibliográfica em obras correlatas de autores, como: Almeida (2007 e 2003); Alonso (2007); Sancho (2006); Bettega (2004); Ferreira (2006); Mercado (2006 e 2008); Vieira (2005), Moran (2007), entre outros.

Com base nos autores estudados, a inserção de TIC na educação, além de propiciarem uma aprendizagem diferente, desenvolvendo habilidades distintas, pode adaptar-se a qualquer método ou perspectiva pedagógica que se deseje implantar. O uso do computador na sala de aula irá fazer com que o professor passe a contar com recursos para a realização de tarefas, capazes de despertar o interesse do aluno, abrindo um novo canal de comunicação com eles.

A criatividade e a interdisciplinaridade irão beneficiar-se com o uso do computador, pois o pensamento crítico e a habilidade de resolver problemas em conjunto com outras pessoas, criam novas oportunidades para discussão e resolução de problemas que envolvem assuntos de diferentes áreas do conhecimento.

Não basta preparar os gestores para uma aplicação das TIC às suas tarefas estritamente burocráticas. É preciso mais do que isso: é necessário que eles atentem para o significado desse trabalho como meio para a realização dos objetivos educacionais de natureza pedagógica, razão última da existência da escola. Torna-se imprescindível a preparação de profissionais dinâmicos, professores e gestores escolares capazes de promover e conduzir as mudanças necessárias na prática docente e no desenvolvimento das propostas pedagógicas da escola.

Nessa perspectiva, qual o papel do gestor como líder da inserção das TIC na escola pública? É necessário, questionar a importância do papel do gestor como responsável pelos resultados finais, bem como sua liderança na condução do processo educativo no âmbito da escola. De sua atuação depende a realização de um trabalho coletivo articulado, capaz de despertar o envolvimento e o compromisso de todos os membros da comunidade escolar.

GESTÃO ESCOLAR E INTEGRAÇÃO DE TIC

A educação terá de enfrentar o desafio da mudança se quiser sobreviver e, para tanto, deverá rever o significado social do trabalho escolar na época atual, equacionando corretamente as novas demandas e avaliando a sua eficácia para proporcionar melhor

qualidade de vida a todos os homens. A educação terá de orientar-se para a formação de pessoas conscientes e críticas, que participem ativamente do social; por conseguinte, indivíduos capazes de definir as próprias necessidades de aprendizagem e conhecimento. De acordo com Ferreira (2006, p. 10), a formação continuada e a gestão da educação assumem, nesta nova configuração, “o papel fundamental de garantir uma formação que possibilite e assegure equidade e justiça social.”

A escola pública, assumindo um perfil de gestão democrática, propõe a descentralização das ações e do poder de decisão, com participação da comunidade escolar na melhoria da qualidade de ensino. A gestão democrática participativa valoriza a participação da comunidade escolar no processo de tomada de decisão, aposta na construção coletiva dos objetivos e do funcionamento da escola, por meio do diálogo, da transparência, do consenso.

É preciso ousar lutar por uma escola democrática e construí-la ao lado de uma trajetória recentemente iniciada no processo de democratização da sociedade. Isso significa uma ruptura dos mecanismos e das armadilhas da dominação política, tradicionalmente presentes em Alagoas. Muitos tomaram parte na construção dessa história - professores, pais, alunos, funcionários, sociedade civil organizada, poder público, cabendo-lhes, também, a luta pela ampliação da esfera pública e dos direitos conquistados na perspectiva da cidadania plena.

Conforme os princípios de uma política democrática educacional, garantidos na legislação federal: Constituição Federal (BRASIL, 1988) e LDB (BRASIL, 1996), foi instituída a Equipe de Construção e Acompanhamento da Gestão Democrática Educacional no Estado de Alagoas, através do Decreto nº 38.131 (ALAGOAS, 1999), com as seguintes atribuições:

- construir um plano de ação que defina diretrizes, estratégias e metas para uma política educacional democrática;
- implantar a gestão democrática do ensino público da rede estadual de Alagoas, através da realização do congresso estadual constituinte escolar (evento que mobilizou as escolas estaduais, criando um espaço de discussão que favoreceu a participação de todos os segmentos da comunidade escolar, tendo como linhas norteadoras: a escola que temos; a escola que queremos e como chegar à escola que queremos); implantação dos conselhos escolares; atualização do regimento interno; elaboração do PDE e revisão e atualização do regimento interno das unidades escolares e eleição para os gestores das unidades escolares;
- acompanhar e avaliar todo o processo proposto

pela gestão democrática, visando a construção de uma escola cidadã;

- promover meios de sensibilização para a SEE/AL, para as CRE, para a comunidade escolar e a sociedade, em decorrência do processo de mudança proposto pela gestão democrática;
- participar no assessoramento, discussão e encaminhamentos no colegiado gestor da SEE/AL.

Dessa forma em 1999, Alagoas integrou-se nesse contexto articulador e promotor de valores humanos, que é uma forma de organização sociopolítica, cuja opção fundamental é a garantia de qualidade de vida para todos, em todos os tempos e lugares, implantando a gestão democrática na rede estadual de ensino.

Gestão democrática é uma maneira de administrar a escola, é gerir coletivamente, por força disso tem como princípios norteadores (ALAGOAS, 2008):

a) Participação – é o principal meio de assegurar a gestão democrática da escola, pois possibilita envolvimento de profissionais e usuários no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar democrática; implica não só na participação na gestão, mas a gestão da participação, em função dos objetivos da escola.

b) Descentralização - processo que visa a importantes mudanças em relação à forma de gestão, pela distribuição e/ou delegação do poder, relacionados às estruturas, aos atores e aos processos estratégicos em certas áreas e funções.

c) Autonomia – construção da identidade institucional, constituída pela formação da capacidade da escola em elaborar o seu projeto educacional e em gerenciar os recursos destinados ao seu desenvolvimento.

A democratização da gestão da escola implica o aprendizado e a vivência do exercício de participação e tomadas de decisões. Trata-se de processo a ser construído coletivamente e considerando a especificidade e possibilidade histórica de cada escola.

As ações desenvolvidas em Alagoas, para o fortalecimento da gestão democrática: concurso público; eleições para conselheiros escolares, eleições diretas para diretores escolares; I e II congresso estadual constituinte escolar; capacitação para execução e prestação de contas dos recursos financeiros destinados as escolas; junção da unidade executora/conselho escolar; seminário de lançamento do prêmio gestão; regularização das escolas da rede estadual de ensino; formação continuada para conselheiros escolares; formação para multiplicadores com material instrucional do programa nacional de fortalecimento dos conselhos escolares; implantação do grupo de referência dos conselhos escolares.

Ao longo desses dez anos, destacamos alguns dos avanços obtidos com a implantação da gestão democrática

em Alagoas: maior transparência, descentralização e participação; a comunidade escolar compreende melhor a importância de seu papel ético, político, educativo, transformador; queda gradativa dos muros que separam a escola da comunidade escolar; promoção de iniciativas inovadoras nos eixos administrativo, pedagógico e relacional; decisão mais compartilhada envolvendo administração central, CREs e escolas; esforço coletivo para aprender e contribuir com o processo; maior poder mobilizador e reivindicativo através do conselho escolar, instância do controle social.

Decorrido esse tempo da implantação da gestão democrática em Alagoas, o papel do gestor resume-se em manter a ordem, cumprir a legislação, garantir o cumprimento das obrigações estabelecidas oficialmente (papéis e funções), resolver problemas que não podem ser solucionados pelo professor ou que envolvam outras instâncias, representar a escola junto aos níveis superiores do sistema de ensino. Há uma distância do gestor em relação às questões pedagógicas. Sua atuação muitas vezes se reveste de um caráter burocrático, ainda centralizador, nem sempre coerente com o processo legalmente implantado. Para Alonso (2007, p. 31),

[...] introduzir mudanças ou ampliações no papel do gestor escolar não é simples, esbarra em dificuldades e resistências dos educadores presos à concepção funcionalista e burocrática da escola. Desse ponto de vista, as funções do gestor escolar concentram-se em atividades administrativo-burocráticas sem ligação com o pedagógico. Essa concepção dualista das funções existentes na escola coloca toda a responsabilidade pelo desempenho pedagógico no trabalho docente, como se as condições organizacionais e funcionais nada tivessem a ver com o trabalho docente e a aprendizagem dos alunos. Essa visão não se sustenta nos dias atuais e os gestores são os responsáveis diretos por todo o desempenho escolar, isto é, pelos resultados apresentados pelos alunos e pelo conceito que a escola desfruta na comunidade.

Torna-se necessário ampliar a compreensão que o gestor tem em relação às suas responsabilidades na escola, pois o próprio sistema de avaliação externa, ao qual se submetem os alunos e a própria escola, vem contribuindo para evidenciar que os resultados da aprendizagem dos alunos não são apenas responsabilidade dos professores, mas dizem respeito aos gestores e demais envolvidos no trabalho escolar.

As mudanças introduzidas pelos sistemas de ensino, na tentativa de responder aos novos desafios, não têm sido satisfatórias, tanto em termos da formação de professores como da preparação dos dirigentes. Por outro lado, os cursos de formação vêm lentamente incorporando o uso das TIC como recursos para ampliar

o acesso à informação e para favorecer a criação de ambientes de aprendizagem que enfatizem a construção de conhecimento.

A transformação que se busca exige uma nova visão: mais criativa, menos acomodada, mais participativa, mais ética, mais democrática e tecnologicamente mais exigente. Requer a preparação de profissionais dinâmicos, professores e administradores escolares capazes de promover e conduzir as mudanças necessárias. Segundo Scarpa (2009), no mundo de hoje, não há mais espaço para quem não sabe trabalhar com o computador.

A incorporação das TIC vem se concretizando com maior frequência nas situações em que diretores e comunidade escolar se envolvem nas atividades como sujeitos do trabalho em realização, uma vez que o sucesso dessa incorporação está diretamente relacionado com a mobilização de todo o pessoal escolar, cujo apoio e compromisso para com as mudanças não se limitam ao âmbito estritamente pedagógico da sala de aula, mas se estendem aos diferentes aspectos envolvidos com a gestão do espaço e do tempo escolar, com a esfera administrativa e pedagógica. Daí a importância da formação de todos os profissionais que atuam na escola, fortalecendo o papel da direção na gestão das TIC e na busca de condições para o seu uso no ensino e aprendizagem e na gestão escolar (ALMEIDA, 2003).

O contexto atual exige a incorporação das TIC à prática pedagógica e à sala de aula. A presença delas na escola significa uma evolução, o que permitiu identificar a necessidade de envolvimento dos gestores, uma vez que, sem a participação destes e dos demais profissionais que atuam na escola, as atividades com o uso das TIC se restringem a esparsas práticas em sala de aula. Isso leva a percepção de que o papel do gestor não é apenas o de prover condições para o uso efetivo das TIC em sala de aula e, sim, que a gestão das TIC implica gestão pedagógica e administrativa do sistema tecnológico e informacional, na qual o gestor tem um papel fundamental como agente mobilizador e líder da escola.

Nessa perspectiva, não basta investir na formação dos professores, é necessário investir também na preparação de dirigentes escolares, propiciando-lhes um domínio dos recursos dessa tecnologia que possam auxiliar na gestão escolar e, simultaneamente, provocar a tomada de consciência sobre as contribuições dessa tecnologia ao ensino e à aprendizagem.

A formação possibilitará ao gestor escolar a análise e reconstrução do seu papel frente às responsabilidades que lhe cabem como líder da instituição. Além de gestor do PPP, construído coletivamente com sua comunidade, é também responsável pela criação de uma nova cultura, que incorpore as TIC às suas práticas técnico-administrativas e pedagógicas. De modo semelhante, o

coordenador pedagógico terá a oportunidade de rever-se e de analisar as contribuições das TIC para desempenhar o papel de articulador entre as dimensões pedagógicas e administrativas da escola.

Para que essas mudanças aconteçam, é necessário que tenhamos “educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque desse contato saímos enriquecidos” (MORAN, 2007, p. 16).

A tecnologia é apontada como um instrumento fundamental para propiciar a mudança da escola e para auxiliar o gestor na organização do processo acadêmico, fazendo “uma articulação entre o administrativo e o pedagógico, facilitando o processo de comunicação interna e externa e possibilitando a gestão do conhecimento produzido pela escola e/ou adquirido pelos vários meios de informação disponíveis” (ALONSO, 2007, p. 33). A integração dos aspectos pedagógicos e administrativos apresenta implicações na melhoria do ensino e da aprendizagem. Porém, a forma como os gestores encaram essa questão e as ações desenvolvidas no sentido de facilitar ou dificultar esse processo, podem ou não estimular os professores a adotarem as TIC na prática docente.

Sancho (2006) destaca que as pessoas que vivem em lugares influenciados pelo desenvolvimento tecnológico não têm dificuldades para ver como a expansão e a generalização das TIC transformam numerosos aspectos da vida. É através da elaboração e implementação de um projeto de utilização de TIC que a escola pode se integrar ao desenvolvimento tecnológico, envolvendo a comunidade escolar como um todo.

O PPP da escola deve contemplar as possibilidades do uso das TIC, definindo objetivos e estratégias, tendo como foco a ação pedagógica. A perspectiva é de que todos sejam beneficiados. Cabe aos gestores favorecer a sensibilização da comunidade escolar, mostrando a importância não só da construção do projeto, mas da sua implementação na prática, para que o aluno aprenda de forma eficaz e prazerosa, desenvolvendo-se, preparando-se para o exercício da cidadania e qualificando-se para o trabalho, conforme determina a LDB (BRASIL, 1996).

CONTEXTO DAS TIC NO ESTADO DE ALAGOAS

Alagoas vive um momento de anúncio de mudanças na educação com o Programa Geração Saber, (ALAGOAS, 2010), iniciativa do governo de Alagoas, construído a partir do projeto de cooperação técnica entre o MEC, o PNUD e a SEE/AL, com o objetivo de efetuar ações para melhorar a qualidade e aprendizagem dos alunos da educação básica da rede pública e reverter os atuais indicadores educacionais do estado.

O Programa Geração Saber está dividido em cinco eixos: políticas educacionais, organização da estrutura e funcionamento da SEE, regime de colaboração entre estado e municípios, TIC na educação e a melhoria das condições da rede escolar.

A partir desta realidade, foram definidas as prioridades e ações básicas para a superação dos atuais desafios na construção de uma educação pública de qualidade no estado. Destacam-se três grandes desafios aos profissionais que fazem a educação pública em Alagoas: a universalização do acesso à educação básica, a garantia e permanência do aluno na escola e a melhoria dos padrões de qualidade da aprendizagem escolar.

Uma das propostas relacionadas às TIC é a instalação de uma rede integrada online entre as escolas estaduais, utilizando um software de gerenciamento de unidades de ensino, o i-Educar, desenvolvido inicialmente pela prefeitura de Itajaí (SC) e que está sendo customizado para a rede estadual de ensino de Alagoas.

O sistema i—Educar é um software para gestão educacional que centraliza todas as informações das escolas em uma única base de dados, propiciando ao gestor um acesso rápido e eficaz aos dados de alunos e escolas, fornecendo relatórios para enviar ao governo federal e estadual em busca de verbas para melhorias da educação e tem como uma de suas principais vantagens a centralização das informações de todas as escolas estaduais e/ou municipais em um banco de dados único, controlando o cadastro de alunos, com seus dados pessoais, familiares e pedagógicos. Todos os relatórios gerenciais e dados exigidos pelo MEC para liberação de recursos podem ser obtidos em tempo real.

A primeira escola no estado de Alagoas a implantar o i-Educar é a Escola Estadual Professora Maria José Loureiro, na 15ª CRE para verificar, in loco, o funcionamento do sistema e corrigir possíveis falhas que poderão ser geradas.

O uso pedagógico das TIC está inserido no eixo das políticas educacionais. Pretende-se contribuir para a implementação das TIC através da produção de um guia de orientação ao professor e da customização de um portal de interação e apoio sobre o uso pedagógico das TIC, para auxiliar a pesquisa e buscar a integração das mídias ao contexto educativo, bem como disponibilizar subsídios para instrumentalizar, orientar, enriquecer e aprimorar a prática pedagógica dos professores das escolas públicas.

A criação de um ambiente virtual para a educação de Alagoas, a publicação de um guia de mídias e orientações sobre o uso pedagógico das TIC são formas de inclusão de professores e alunos, pois criam a possibilidade de construção de uma nova cultura educacional, contribuindo para que possam extrapolar

os limites físicos da escola e permitindo-lhes viajar por outros espaços e tempos.

Independente do Geração Saber, continuam em desenvolvimento as formações continuadas dos professores, sob a responsabilidade do NTE, através do Proinfo Integrado (Introdução à Educação Digital (40 h), Aprendendo e ensinando com as TIC (100 h) e Elaboração de projetos, currículos e Tecnologias (40 h). São cursos semipresenciais, com atividades online no ambiente e-Proinfo, com o objetivo de capacitar os professores para utilização do computador como ferramenta do ensino aprendizagem, utilizando o sistema Linux Educacional, possibilitando aos cursistas a prática em laboratório com alunos, nas suas respectivas escolas. De acordo com os tutores do curso, a maior dificuldade tem sido a participação dos professores das escolas, devido a dificuldade que têm de conciliar o trabalho em mais de uma escola com a necessidade de formação.

Está em fase de organização também o Programa Aluno Integrado, cuja proposta prevê a qualificação em tecnologia digital. Esse programa será desenvolvido pela SEED e SEB/MEC, em parceria com a Universidade Federal de Goiás, por meio do Laboratório de Tecnologia da Informação e Mídias Educacionais. O curso visa a maior participação dos alunos, a fim de dinamizar as atividades escolares e valorizar o protagonismo juvenil, promovendo a inclusão social e a profissionalização. Os objetivos do Programa Aluno Integrado, são: promover oportunidades de expansão e troca de informações e de conhecimentos entre os diversos atores participantes; possibilitar que as escolas agreguem esses conhecimentos e mobilizem seus integrantes a fim de intensificar o uso do laboratório de informática e, assim, a inclusão dessa escola na sociedade em rede; potencializar sua inserção no mercado de trabalho.

De acordo com as informações da Diretoria de Educação a Distância e Laboratórios Tecnológicos da SEE/AL, 880 alunos de escolas estaduais de várias regiões estão inscritos nesse programa. Para as escolas do CEPA foram disponibilizadas 80 vagas.

Com essas iniciativas, financiadas pelo governo federal, esperamos que haja um melhor uso das TIC disponíveis nos espaços escolares, incluindo gestores, professores e alunos na sociedade contemporânea.

A GESTÃO DAS TIC NAS ESCOLAS DA 15ª CRE/CEPA

A 15ª CRE tem sob sua jurisdição 11 escolas, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, cada uma com a sua especificidade. As 11 escolas foram equipadas com computadores pelo ProInfo e estão sendo conectadas a internet pelo programa Banda Larga nas escolas. As mais antigas estão tendo o seu acervo tecnológico renovado,

pois os computadores, com aproximadamente 10 anos de uso, ficaram obsoletos.

Nesse contexto, vários questionamentos foram levantados: como estão funcionando esses laboratórios? Qual o comportamento do diretor em relação à utilização das TIC no cotidiano da escola? Quais as necessidades das escolas com relação à infraestrutura, formação continuada e planejamento para uso dos recursos tecnológicos disponíveis? Centramos nosso problema na atuação do gestor escolar, perguntando: qual o papel do gestor como líder da inserção das TIC na escola pública?

Trabalhamos com a hipótese de que é necessário investir na formação dos gestores, para que compreendam a importância do seu papel para a realização de um trabalho coletivo articulado, bem como as contribuições que as TIC proporcionam no processo de ensino aprendizagem e à interrelação entre práticas administrativas e pedagógicas.

Nesse estudo de caso, o espaço da pesquisa foram 6 escolas do CEPA, visitadas em março de 2010. Nossos colaboradores foram 6 gestores escolares, com os quais aplicamos um questionário organizado com perguntas abertas e fechadas, a fim de verificar qual o comportamento do gestor em relação à utilização das TIC no cotidiano escolar; levantar informações e necessidades das escolas com relação à formação continuada para uso dos recursos tecnológicos disponíveis.

Constatamos que as escolas necessitam de mais computadores, manutenção e formação continuada para os professores, coordenadores pedagógicos e gestores escolares.

Os dados coletados foram organizados em três categorias: uso das TIC na escola; o papel do gestor na inserção das TIC na escola pública; como inserir as TIC na escola pública, que serão detalhados a seguir.

USO DAS TIC NA ESCOLA

Todos os gestores responderam que a equipe escolar usa os computadores para fins administrativos ou para atividades pedagógicas simples e que os professores e alunos usam com fins pedagógicos, embora contraditoriamente dois deles tenham afirmado que, no dia a dia, esse uso é “muito pouco” ou realizado apenas por “alguns professores”.

Todos afirmaram que as TIC estão incluídas no PPP das suas escolas. Na análise destes, constatamos que realmente se fala em inclusão das TIC, mas de uma forma superficial, apenas relatando que o laboratório de informática tem como objetivo “oportunar a comunidade escolar o acesso e intercâmbio de informações, fazendo a interação de sala de aula/sala de informática e favorecer aos alunos e professores noções básicas e fundamentais em informática, pesquisa e confecção de trabalhos didáticos pedagógicos, acesso

rápido à informação através da navegação pela internet” (ALAGOAS, 2006).

O PPP aponta a ausência de recursos tecnológicos mais modernos nas escolas e não aponta quais as possibilidades de utilização das diversas mídias já disponíveis no contexto escolar. Isso mostra a necessidade de revisão dele, uma vez que os acervos tecnológicos estão sendo atualizados. Todas as escolas têm recebido novos computadores, aparelhos de DVD, acervo digitalizado do TV Escola.

Observamos que em algumas escolas há uma preocupação dos gestores em preservar os laboratórios para que as máquinas não sejam danificadas. Outros aparelhos tecnológicos são guardados nos armários e são até desconhecidos pelos professores. Em alguns casos, percebemos no ambiente escolar, um uso restrito das TIC, geralmente sob a responsabilidade de um educador que tem conhecimentos mais avançados em relação aos outros. As iniciativas e aproveitamento da tecnologia surgem isoladamente e ficam limitadas a pequenos grupos.

Em outras condições, gestores de escola desconhecem o potencial tecnológico que pode estar a serviço da sua função administrativa e, mesmo os familiarizados com a tecnologia, ainda restringem a sua atenção para a disseminação do uso do computador como ferramenta ou tecnologia de suporte para o trabalho docente. Geralmente os esforços e recursos são prioritariamente direcionados à criação e manutenção dos laboratórios de informática no interior da escola. Isso nos leva a questionar: por que tais resistências e dificuldades, se o mundo tecnológico é permanentemente renovável e repleto de novidades portadoras de funcionalidades cada vez mais sedutoras, que podem contribuir para despertar o interesse do aluno e melhorar o trabalho desenvolvido na escola? Isso nos leva a afirmar a necessidade de formação para os gestores. Para Almeida (2007, p. 35), essa formação deve ser

[...] coerente com uma concepção de gestão escolar democrática, que faz uso de tecnologias no fazer profissional e cria condições para incorporá-las em atividades escolares, respeita os princípios da participação, interação, colaboração e co-autoria na produção de conhecimento.

Essa proposta de formação poderá levar a um melhor encaminhamento da própria gestão baseada em princípios democráticos, levando o gestor a compreender que “a tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte dos alunos e professores”. (BETTEGA, 2004, p. 16).

A utilização apropriada das TIC possibilitará o acesso à informação, à comunicação, entendida como

troca de conhecimento, e ao exercício da criatividade das pessoas. Não basta fazer as mesmas coisas de forma diferente, com uma capa de modernidade, quando a postura e a concepção de educação ainda estão centradas no repasse de informações para o aluno. Resnick (2006, p. 90), lembra que para aproveitarmos adequadamente o potencial dos computadores é necessário enxergá-los como “pincéis”, ou seja, “meios para a expressão criativa”. Os gestores precisam portanto, ampliar a visão em relação a esses aspectos e sua atuação deve convergir para isso.

O PAPEL DO GESTOR NA INSERÇÃO DAS TIC NA ESCOLA PÚBLICA

Ao refletir sobre o seu papel na inserção das TIC na escola, os gestores afirmaram:

Incentivar o uso das TIC nas atividades pedagógicas; acompanhar o desenvolvimento das atividades pedagógicas com o uso das TIC (Gestor C).

Disponibilizar recurso técnico e pessoal para cursos de formação (Gestor D).

Junto à coordenação pedagógica viabiliza o uso das tecnologias através da explanação nos departamentos da necessidade do uso dos recursos possa tomar as aulas mais atrativas e atender melhor a necessidade do aluno (Gestor B).

Fica clara a compreensão de que faz parte do seu trabalho viabilizar a participação dos professores e outros funcionários no processo formativo, bem como uma articulação com a equipe pedagógica. Isso é referendado por Gomes (2008, p. 164) ao afirmar

O gerenciamento das TIC na escola só será possível a partir da formação continuada com todos os envolvidos na escola, com a participação fundamental do gestor e coordenador pedagógico para que possam refletir sobre suas práticas, experimentar, analisar, trocar experiências, fazer parcerias, elaborar e produzir conhecimento, explorando as potencialidades e especificidades das tecnologias disponíveis na escola, incentivando e fomentando a utilização das TIC pelos demais educadores.

Entretanto, parece-nos que eles próprios se excluem do processo formativo. Talvez porque como gestores não se vejam utilizando as TIC, apenas “incentivando” o seu uso.

O gestor não precisa ter um grande domínio da tecnologia para implementar essas ações e gerir esse plano, mas precisa ter sensibilidade para procurar, na própria escola e na comunidade, as pessoas que têm uma proximidade maior com essas TIC e delegar a elas as tarefas que requerem implementações práticas.

Cabe ao gestor o papel de criar e manter condições para que essa equipe possa trabalhar com autonomia

e disponibilidade de recursos, sendo o ingrediente fundamental para o sucesso desse projeto apenas a predisposição dos gestores ao uso das TIC. A questão é como fazer esse conhecimento chegar aos gestores, quando estes não se dispõem a conhecer possibilidades e perspectivas, bem como agregar a gestão eficiente das TIC ao projeto maior de gestão escolar.

COMO INSERIR AS TIC NA ESCOLA PÚBLICA

Para a inserção das TIC na escola pública, os gestores propuseram: desenvolver projetos pedagógicos com atividades incluindo o uso das TIC, promover encontros pedagógicos nos quais haja necessidade da utilização destas ferramentas, solicitar profissionais capacitados para facilitar o uso das TIC, cursos de formação para os profissionais, técnico para manutenção dos equipamentos, que os laboratórios tenham uma quantidade maior de computadores e um facilitador para junto ao professor viabilizar o processo.

As sugestões de como inserir as TIC nas escolas se limitam a apontar as necessidades, conforme podemos observar em suas falas, a seguir:

A problemática da educação pública estadual é a carência de pessoal: sejam apoio, merendeira, vigias e, principalmente, educadores. São problemas que fogem da competência do gestor. Designar um educador para atender os alunos na biblioteca, laboratório de informática, torna-se impossível na lotação numérica diante da carência desses profissionais nas escolas (Gestor A).

Um laboratório com uma quantidade maior de computadores e um facilitador em cada turno, para junto com o professor viabilizar o processo. Uma sala de vídeo para cada 06 turmas na escola para evitar choques de aula devido a grande necessidade, enfim que tivéssemos em cada escola um diretor PEDAGÓGICO [sic], para viabilizar as discussões e melhorar o qualitativo dentro da Escola Pública, pois a discussão pedagógica está se tornando secundária dentro da GESTÃO atual. (Gestor B).

Cursos de formação e capacitação tanto introdutórios como de práticas educativas, pois uma parte dos profissionais ainda não sabem usar um computador e outros não sabem como utilizá-los em suas aulas. E o principal é ter disponível, aqui no complexo, um técnico a quem possamos recorrer para a manutenção e conservação dos equipamentos (Gestor D).

As soluções parecem estar naquilo que não existe na escola, parece faltar uma análise daquilo que já se tem e que é pouco utilizado ou, ainda, das possibilidades de trabalho articulado com a equipe já existente. É importante lembrar que, há 10 anos, formações são oferecidas à comunidade escolar pelo NTE e pelo MEC,

como é o caso do Mídias na Educação. As questões que emergem são: os gestores sabem quais dos seus professores já fizeram e estão fazendo as formações? Preocupam-se com a realização na escola, dos projetos e atividades que são planejadas durante o processo formativo? Realizam um trabalho de articulação e organização de uso dos espaços e mídias existentes?

Mercado e Gomes (2008, p. 241) afirmam que a inserção das TIC nas escolas é problemática e constitui um desafio para escolas e professores que têm dificuldade em aplicar os conhecimentos adquiridos sobre as TIC na prática pedagógica, devido às mudanças que implicam para essas mesmas práticas.

São essas dificuldades apontadas pelos autores, que necessitam ser refletidas nos espaços escolares e, para isso, os espaços coletivos de discussão, planejamento e avaliação precisam ser estabelecidos. Esse fator também é responsabilidade da equipe gestora, numa perspectiva de gestão democrática e de inclusão digital.

Oliveira (2006, p. 15) referenda essa constatação, afirmando que “a escola pública é o ambiente ideal para começar um projeto eficiente de inclusão digital, pois ela é aglomerada da maioria da população que não tem acesso as TIC e aos benefícios produzidos pelos avanços tecnológicos.”

Vivemos uma era de incertezas, na qual a tecnologia e a competitividade do mercado promovem, segundo Vieira, (2003, p 53), “profundas alterações na vida das pessoas e requerem rápidas adaptações por parte dos trabalhadores, de tal modo que as gerações mais jovens devem estar preparadas para alterar a sua profissão por diversas vezes ao longo da vida”. A escola precisa fazer frente a essas demandas sociais.

Entretanto, a ausência de um projeto de implementação e utilização das TIC, faz com que encontremos em diversas escolas, professores que aproveitam a sala de informática para deixar os alunos trabalhando sozinhos ou escolas que nem sequer utilizam os laboratórios existentes. Isso indica que devemos lutar por uma boa formação de professores e gestores, para vencermos as resistências ainda evidentes nas escolas públicas.

Têm sido oferecidas várias formações e, na maioria das vezes, o profissional se recusa a participar. O próprio gestor, que deveria ser o líder principal para a inserção das TIC no processo ensino aprendizagem, é um dos que resistem a participar das formações. Conforme Mercado e Gomes (2008, p. 241), alguns professores e o gestores sabem da importância das TIC, mas não querem mudar sua forma de ensinar e muito menos incorporá-las ao ensino.

Para Antônio Júnior (2008), a tecnologia deve ser utilizada para apresentar e aprofundar conteúdos

curriculares e não apenas para ensinar programas de informática, pois isso significaria desperdiçar o potencial dela. O ideal é estabelecer objetivos pedagógicos para que as atividades tenham foco e fazer do laboratório uma extensão da sala de aula. Por isso, incluir as TIC no projeto pedagógico é a única forma de garantir que as máquinas se tornem, de fato, ferramentas a serviço da aprendizagem dos conteúdos curriculares, e não fins em si mesmas.

Essas afirmativas são complementadas por Polato (2009), quando destaca a necessidade de na elaboração do planejamento anual, a equipe docente avaliar quais conteúdos serão melhor abordados com o auxílio das TIC, definindo quais mídias favorecerão as novas aprendizagens, necessárias ao mundo de hoje, pois cabe ao gestor enquanto líder, tomar as iniciativas necessárias para que isso de fato aconteça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos os resultados da pesquisa com o objetivo de despertar os gestores escolares para a utilização das TIC e sobre o seu papel na utilização dessas tecnologias na escola. Os resultados nos indicaram que eles estão convencidos da importância das TIC na unidade escolar, embora se refiram à tecnologia como instrumento, principalmente ao computador, centrado em transmissão de dados, ou como necessidade, algo para ser trazido para a escola devido à exigência de acompanhamento do mundo moderno. É primordial o reconhecimento das contribuições que as TIC proporcionam no processo de ensino aprendizagem e a interrelação entre práticas administrativas e pedagógicas.

Observamos que algumas das afirmações feitas pelos gestores no questionário de pesquisa, raramente correspondem à prática que se observa e vivencia no cotidiano da escola. Temos enfrentado vários desafios na 15ª CRE, inclusive a resistência dos gestores em criar seu próprio e-mail ou da escola, mas depois de um longo tempo, incentivando-os a fazerem das TIC, aliadas em seu cotidiano, alguns avanços são visíveis, pois várias escolas já têm seu blog, disponibilizando ações desenvolvidas e projetos educacionais.

A utilização das TIC é uma experiência ainda incipiente no contexto educacional estudado, uma vez que seu uso ainda é mais burocrático que pedagógico. É imprescindível infraestrutura, formação e planejamento. Os recursos materiais ou não são suficientes ou precisam ser melhor administrados de forma a favorecer a aprendizagem dos alunos.

Os gestores escolares devem ter um perfil de liderança e criar condições para que os servidores e professores possam desenvolver competências para o uso das TIC no cotidiano da escola, ampliando e ressignificando conteúdos e práticas. Eles próprios

precisam ter uma disposição maior para desenvolver essas competências, o que lhes permitirá a otimização da gestão escolar. Entendemos que demandas advindas de seu contexto profissional, têm dificultado esse processo.

Esse cenário reafirma a necessidade de uma formação contínua em serviço. O NTE proporciona cursos com essa finalidade, embora os gestores e professores, apesar de reconhecerem a importância, por diversos motivos, não têm conseguido priorizar a formação como parte do seu desenvolvimento profissional.

Como na nova estrutura organizacional da SEE/AL, proposta pelo Programa Geração Saber, as TIC serão implantadas nas sedes das CRE; acreditamos que facilitará o processo de integração das TIC nos currículos das unidades escolares. Essa responsabilidade é também dos técnicos das CRES que realizam monitoramento nas escolas, orientando e propondo diversas formas de intervenção pedagógica.

As possibilidades do uso de TIC nas escolas são muitas, mas as práticas de gestão têm definido limites pouco favoráveis à melhoria do processo de aprendizagem. Concluímos que há necessidade de um trabalho aprofundado dos técnicos da CRE com as equipes gestoras das escolas, para discutir as implicações da presença das TIC na escola e seu potencial para provocar mudanças e melhoria na qualidade de ensino. A atuação do gestor, exercendo sua liderança, é de fundamental importância para a realização de um trabalho coletivo articulado, capaz de despertar o envolvimento e o compromisso de todos os membros da comunidade escolar.

REFERENCIAS

- ALAGOAS. **Programa Geração Saber**: política educacional para o estado de Alagoas. Secretaria de Estado da Educação e do Esporte, Maceió, 2010.
- _____. **Projeto Político Pedagógico**. Escola Estadual Professora Laura Dantas/ Secretaria de Estado da Educação e do Esporte, Maceió, 2006.
- _____. Workshop para Pré candidatos a Diretores Escolares **Gestão Escolar**: a arte de construir consensos democráticos. Maceió: SEE/AL, 2008
- _____. **Decreto nº 38.131 de 23 de setembro de 1999** – Institui a Equipe de Construção e Acompanhamento da Gestão Democrática Educacional.
- ALMEIDA, Maria E. O sentido do uso de tecnologias na “voz” dos gestores das escolas. In: ALMEIDA, Maria E.; ALONSO, Myrtes (orgs.). **Tecnologias na formação e na gestão escola**. São Paulo: Avercamp, 2007.
- ALMEIDA, Maria E. Tecnologias e gestão do conhecimento na escola. In: VIEIRA, Alexandre T. et. al (orgs.). **Gestão educacional e tecnologia**. São Paulo: Avercamp, 2003.
- ALONSO, Myrtes. Formação de gestores escolares: um campo de pesquisa a ser explorado. In: ALMEIDA, Maria E.; ALONSO, Myrtes (orgs.). **Tecnologias na formação e na gestão escolar**. São Paulo: Avercamp, 2007.
- ANTONIO JÚNIOR, Wagner. O melhor do computador. **Nova Escola**. 2008. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/planejamento/melhor-computador-450791.shtml>. Acesso em 05 jan. 2010.
- BETTEGA, Maria H. **Educação continuada na era digital**. São Paulo: Cortez, 2004
- BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em 20 fev 2010.
- FERREIRA, Naura S. **Formação continuada e gestão da educação**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2006
- GOMES, Maria A. Reflexos da Formação Continuada do Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje nas práticas pedagógicas dos professores cursistas. In: MERCADO, Luís P. (org.) **Práticas de formação de professores na educação a distância**. Maceió: Edufal, 2008.
- MERCADO, Luís P. & GOMES, Paulo Marinho. A Integração de Mídias no Piloto do Programa de Formação Continuada de Professores em Mídias na Educação. In: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (org.) **Práticas de formação de professores na educação a distância**. Maceió, Edufal, 2008.
- MORAN, José Manuel, et al (orgs.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 13ª ed, Campinas: Papirus, 2007.
- OLIVEIRA, Aristóteles S. Inclusão digital. In: MERCADO, Luís P. (org.) **Experiências com tecnologias de informação e comunicação na educação**. Maceió: Edufal, 2006.
- POLATO, Amanda. Tecnologia + conteúdos = oportunidades de ensino. A tecnologia que ajuda a ensinar. **Nova Escola**. São Paulo: Abril Cultural Junho/julho, 2009.
- RESNICK, Mitchel. O computador como pincel. In: Limpeza de alto risco. Especial: Um Guia do Mundo Digital. **Veja**, São Paulo: Abril Cultural, nº 41, out. 2006.
- SANCHO, Juana M. De tecnologias da informação e comunicação a recursos educativos. In: SANCHO, Juana M.; HERNÁNDEZ, Fernando e colaboradores. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SCARPA, Regina. Formação para trabalhar com tecnologia: o grande desafio de quem ensina. **Nova Escola** (Ed. Especial), dezembro 2009. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/o-grande-desafio-de-quem-ensina-519559.shtml?page=1>. Acesso em: 08/01/2010.

VIEIRA, Alexandre T. Bases para a construção de uma nova organização escolar. In: VIEIRA, Alexandre T. et al (orgs.). **Gestão educacional e tecnologia**. São Paulo: Avercamp, 2003.

USO DA SALA DE INFORMÁTICA NA ESCOLA: A (EX) TENSÃO DO TEMA

Sonia Maria de Amorim Leite

Resumo

Este texto aborda o uso da sala de informática numa escola da rede pública de ensino de Alagoas. Relata algumas dificuldades encontradas e identifica algumas possibilidades de melhoria de utilização deste espaço. A questão orientadora do texto é: que tipos de dificuldades podem ser enfrentados por um professor da rede pública da educação básica no uso da sala de informática? Para tratar desta questão, dois objetivos foram buscados: relatar experiências relativas à utilização da sala de informática numa escola da rede pública estadual de Alagoas e identificar os tipos de problemas encontrados com relação ao uso da sala de informática naquele espaço. Utilizou-se como metodologia um relato da execução prática de projetos de integração de mídias na escola, com uma reflexão teórica da experiência realizada.

Palavras-chave: sala de informática; dificuldades no uso da informática; desafios educacionais.

INTRODUÇÃO

Este texto trata do uso da sala de informática numa escola da rede pública de ensino de Alagoas, relatando dificuldades encontradas, bem como identificando as possibilidades de melhoria de utilização deste espaço.

No início da nossa caminhada tecnológica percebia no uso do computador um enorme desafio devido a sua complexidade e o não conhecimento acerca da máquina, tornando-se uma tensão a cada momento que era exigido de mim o uso deste equipamento, pois me faltava o fundamental, que é a habilidade para usar este equipamento tão desafiador e moderno na prática cotidiana pedagógica. Com o passar do tempo e após participações em cursos de formação continuada, percebemos o quão importante é o uso do computador principalmente quando conectado à internet.

Considerando nossa vivência pessoal, entendemos o fato de que para muitos professores o laboratório ou sala de informática pode ser uma forma de aproximar o aluno das novas tecnologias, de modo a complementar a aprendizagem de forma atrativa; mas, para outros professores, essa aproximação se torna o início de diversos problemas, causando uma tensão. Pelos seus próprios limites, a escola apenas informa sobre um determinado aspecto da realidade, mas o computador, conectado à internet, abre horizontes para que, professores, continuem sempre em busca do novo.

Nessa perspectiva, tivemos o interesse pela pesquisa, no que se refere ao uso do computador na

educação. Foi essa mesma experiência que motivou a elaboração deste texto, que responderá a seguinte questão: Que tipos de dificuldades podem ser enfrentados por um professor da rede pública da educação básica no uso da sala de informática?

Esta questão será respondida considerando a especificidade da nossa atuação numa escola estadual da educação básica da rede pública de Alagoas. O estudo foi embasado nos teóricos da área como: Valente (2007 e 2008), Moran (1997), Almeida (2001), Freire (1988 e 1991), entre outros.

O objetivo deste estudo é refletir sobre o uso da sala de informática numa escola da rede pública estadual de Alagoas. Para realizar esta reflexão, dois objetivos serão buscados: relatar experiências relativas à utilização da sala de informática numa escola da rede pública estadual de Alagoas e identificar os tipos de problemas encontrados com relação ao uso da sala de informática naquele espaço.

A metodologia do estudo apresentado consiste num relato da execução prática do projeto de integração de mídias na escola, com uma reflexão teórica da experiência realizada.

O tema informática e educação assume cada vez mais importância e vem sendo tratado por diversos autores. Valente (2007, p. 13) afirma que “A escola deve incorporar cada vez mais o uso das tecnologias digitais para que alunos

e educadores possam aprender a ler escrever e expressar-se por meio delas”. Segundo o autor, para a implantação do computador na educação são necessários basicamente quatro elementos: o próprio computador, o software educacional, o professor com capacidade e competência para o uso no ambiente educacional e por fim o aluno, todos portadores de igual importância.

Para Almeida (2001), o computador é um instrumento transformador que integra todas as mídias. Já Moran (1997) defende que o computador diminui distâncias: geográfica, econômica, cultural e tecnológica. Todos defendem o uso do computador no cotidiano escolar e na prática pedagógica, desde que este uso seja bem planejado.

O texto aqui apresentado trata das dificuldades encontradas numa experiência envolvendo o uso da sala de informática em uma determinada escola da rede pública estadual de Alagoas e aponta possibilidades de um trabalho produtivo envolvendo informática e educação.

PARA E DIGA-ME: a tensão transforma-se em extensão

A informática na educação não era muito bem propagada nos anos 80, devido ao pouco conhecimento da internet. Esta só teve sua exploração comercial iniciada no Brasil em dezembro de 1994 (BOGO, 2000). Além disso, tinha poucos adeptos que comprovassem a real eficácia do uso do computador como ferramenta para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Integrando estas dificuldades, os computadores eram máquinas extremamente caras, fazendo que seu uso ficasse restrito a pessoas ou escolas com poder aquisitivo privilegiado.

No Estado de Alagoas, em 1991 foi criado na UFAL, o NIES, institucionalizado como órgão suplementar, cujo propósito era organizar cursos para as regiões do Norte e Nordeste do país, utilizando o computador como ferramenta para representar, refletir, estabelecer relações e construir conhecimento propiciando assim estímulos para o uso do computador na educação¹; uma medida brilhante, com propostas inovadoras.

Servindo ainda de reforço ao estímulo do uso do computador na educação, o governo federal criou o Proinfo, por meio da Portaria de nº 522, de 9 de abril de 1997. Este programa integra um conjunto de ações em torno da inclusão digital, cujo objetivo é introduzir as TIC, promovendo o uso da telemática como ferramenta de enriquecimento pedagógico no ensino fundamental e médio. A portaria foi revisada através do Decreto nº 6.300, de 12 de dezembro de 2007.

Mas a introdução das TIC nas práticas escolares não se dá de modo artificial. Almeida (2002, p.72) enfatiza que cabe ao professor propor uma mudança de comportamento quando afirma:

Para incorporar a TIC na escola é preciso ousar, vencer desafios, articular saberes, tecer continuamente a rede, criando e desatando novos nós conceituais que se inter-relacionam com a integração de diferentes tecnologias, com a linguagem hipermídia, teorias educacionais, aprendizagem do aluno, prática do educador e a construção da mudança em sua prática, na escola e na sociedade. Essa mudança torna-se possível ao propiciar ao educador o domínio da TIC e o uso desta para inserir-se no contexto e no mundo; representar, interagir, refletir, compreender e atuar na melhoria de processos e produções, transformando-se e transformando-os.

Neste modelo de incorporação das TIC proposto por Almeida (2002) ficou bem claro que não há professor e aluno, todos, estão no mesmo processo de construção do aprendizado, tornando-o ainda mais atrativo para os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

A consolidação da formação continuada hoje em dia foi acrescida ao artigo 62 da LDB (Lei nº 9.394/1996), que determina que a formação continuada dos profissionais do magistério é de responsabilidade da União, Estados e Municípios (BRASIL, 1996).

Acompanhando o pensamento de Freire (1991, p. 58), “Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática”, podemos observar que para ser um educador se faz necessário participar das formações, principalmente quando entendemos sua importância: Rodrigues e Esteves (1993, p.66) contribuem com essa tarefa ao citar características da formação continuada:

Uma ruptura com o individualismo pedagógico, ou seja, em que o trabalho e a reflexão em equipe se tornam necessários; uma análise científica da prática, permitindo desenvolver, com uma formação de nível elevado, um estatuto profissional; um profissionalismo aberto, isto é, em que o acto de ensino é precedido de uma pesquisa de informações e de um diálogo entre os parceiros interessados.

Complementando a reflexão de Rodrigues e Esteves (1993), cito a ênfase de Nóvoa sobre a necessidade da formação continuada: “Não há ensino de qualidade, nem reforma educativa, nem inovação pedagógica, sem uma adequada formação de professores” (NÓVOA, 1992, p. 9).

¹ Estas informações foram obtidas em conversa informal com formadoras do NTE.

Embora existam problemas e limitações, é imperativo que todos se unam em busca da educação de qualidade, conforme destaca Neves (2002, p. 90):

Finalmente— e diante de tantos desafios humanos e financeiros —, é necessário sensibilizar outros setores do Poder Público e a iniciativa privada para que considerem educação como um compromisso de Estado e da sociedade em geral. A colaboração desses setores com o MEC e com as secretarias de educação facilitará a implantação de uma infra-estrutura tecnológica capaz de alcançar e conectar as escolas públicas — uma rede de alta capilaridade, espalhada em todos os 5.561 municípios brasileiros. Se alcançarmos os cerca de 50 milhões de brasileiros que estudam e trabalham nas redes públicas de ensino básico e se as escolas abraçarem também os pais e a comunidade em geral, o Brasil será um País socialmente mais justo e economicamente mais desenvolvido.

Com base nestes desafios, Alagoas tem se empenhado bastante na formação continuada dos professores. Em 2005, estimulada por uma colega de trabalho, fiz então o segundo “Curso de Capacitação em Informática Educativa”, promovido pela SEE/AL e realizado no NTE de Maceió, no período de junho até dezembro de 2005, com uma carga horária de 120 horas.

Na ocasião, a professora responsável pelo curso foi capaz de despertar nos alunos e especialmente em mim o gosto pela informática educacional, área pela qual passei a me dedicar, com encantamento e deslumbramento, passando a considerar extremamente desafiador trabalhar com informática.

Para confirmar meus sentimentos relacionados ao bom uso da sala de informática tomo as palavras de Aguiar e Herмосilla (2006, p. 5), ao concluírem que:

A informática quando utilizada devidamente na educação esta passa a ser a ferramenta pela qual o aluno desenvolve alguma coisa, e a aprendizagem ocorre pelo fato do aluno estar executando uma tarefa por meio do computador. Processadores de textos, bancos de dados, planilhas, editores eletrônicos são aplicativos úteis tanto para os alunos como para os professores. É necessário que o professor conheça bem as potencialidades desses materiais, pois eles podem ter um uso bastante extenso, atendendo à quase todas as disciplinas, em vários aspectos de conhecimento e ainda usados de acordo com o interesse e a capacidade dos alunos.

Ou ainda posso descrever tecnologia segundo Lourenço (2008, p.65):

Tecnologia pressupõe planejamento. Nada de simplesmente ir ao laboratório e sugerir

uma pesquisa livre. Isto é absolutamente improdutivo e perigoso. Você nunca sabe o que pode vir (experimente digitar “cavalo” num buscador de imagens e aterrorize-se!). O uso do laboratório de informática, seja para uso da Internet, softwares educativos ou aplicativos, deve ser oriundo de um conteúdo acadêmico. A aula nasce para atender um objetivo pedagógico e utiliza-se de alguns recursos educacionais, entre eles, os tecnológicos. Logo, o conteúdo é apresentado em sala de aula e ampliado no laboratório ou vice-versa — e o principal são os objetivos pedagógicos a serem atingidos.

E é exatamente por essa diversidade de conteúdos e facilidade na vida do professor que ficamos encantadas com a possibilidade de trabalhar com o auxílio do computador.

Para conclusão do Curso de Capacitação em Informática Educativa, promovido pela SEE/AL no NTE, dei início ao primeiro projeto para o uso da sala de informática que se chamava “Teia de Aranha”, cujo objetivo principal era a realização de um trabalho piloto na conscientização e preservação do patrimônio público, especialmente o da própria escola, tornando-a um ambiente agradável para a comunidade escolar.

Fui inspirada pela organização pedagógica da escola que trabalho, chamada Formação em Ciclo ou Escola Cidadã, com a proposta pedagógica de estudarmos situações vivenciadas na sociedade escolar que interferem no trabalho coletivo. O atributo maior dos professores seria elaborar projetos para serem trabalhados em diversas etapas distintas, buscando inicialmente alguns relatos coletados no bairro por intermédio de pesquisa de campo, acompanhada da socialização para professores e funcionários, dos quais selecionamos falas para serem trabalhadas dentro das atividades escolares, ou tentando desmistificar pensamentos errôneos, repassando novos valores comportamentais referentes à sociedade como um todo; no caso deste projeto, à valorização quanto ao uso e conservação do patrimônio público.

Gadotti e Romão (2001, p. 37) afirmam que:

Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente.

Foi então que idealizamos o projeto Teia de Aranha, apresentado seguindo todo o trâmite organizacional escolar, conforme preconiza o PPP, sendo aprovado verbalmente, como de costume. Fiquei muito animada com a contribuição que prestava à comunidade

que trabalhava devido ao grande número de violência entre alunos, o que favorecia a depredação do patrimônio e o desperdício do material utilizado pelo professor, alunos e funcionários tais como: papel, giz, banheiros, portas, que havia na escola.

O tempo foi passando e no ano de 2007 assumimos como articuladora da sala de informática desta escola da rede pública estadual que continha 9 computadores sem conexão com a Internet e dotados do Sistema Operacional Linux Educacional², 1 impressora, 2 aparelhos de ar condicionado, 30 cadeiras estofadas, 1 quadro branco e 1 birô. A sala era grande, tendo capacidade para 30 computadores e 60 alunos.

A sala de informática nas escolas da rede pública tem como objetivo trabalhar a inclusão digital auxiliando os alunos no processo de desenvolvimento e construção da aprendizagem. Para os professores, a sala pode ser utilizada como suporte pedagógico.

Existem algumas atribuições pré-estabelecidas para os articuladores da sala de informática tais como: atuarem em projetos que contemplem o uso da sala promovendo a integração das diversas mídias em um só ambiente, verificando a necessidade de oficinas para professores, controlar o uso da sala de informática por meio de planilha e relatórios, ligar e desligar todos os equipamentos da sala de informática, entre outros.

As salas são equipadas por intermédio de convênio com o MEC/Proinfo e Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. Aos professores da rede pública é aberta a oportunidade de participar de diversos cursos para aprenderem, aprimorarem ou até mesmo debaterem formas diferentes para incluir o uso das diferentes tecnologias em sua prática pedagógica, inclusive os computadores conectados ou não à Internet.

Seguindo as etapas do planejamento do projeto Teia de Aranha, é necessário que os professores, a coordenação e a direção assistam ao vídeo *Cuida Bem de Mim*, um curta gravado por alunos de uma escola pública de Salvador, no qual o ambiente é a escola pública na qual todos os alunos ignoram valores importantes para a convivência. Lá havia desrespeito ao professor, danos ao patrimônio, violência, droga, prostituição. Ao final do curta metragem, com a morte de um jovem, todos se unem para mudar aquela realidade. No filme existe uma brecha, que quando bem planejada, estimulava nossos alunos à mudança de comportamento e valores. Por isso havia a necessidade de que todos assistissem ao filme.

Ainda que o projeto Teia de Aranha tenha sido aprovado pela escola, logo no seu início de execução as dificuldades começaram a aparecer. A apresentação do

vídeo *Cuida Bem de Mim* foi impedida pelo fato dos três DVD, uma cópia para cada segmento (professor, coordenação e direção), desaparecerem ao mesmo tempo das mãos de cada pessoa do referido segmento. Como consequência, as reuniões não foram agendadas pela direção. Uma greve dificultou ainda mais o andamento do projeto conforme o planejado. Apesar desses problemas, persistimos em dar prosseguimento ao projeto, parado em sua execução, mas aperfeiçoado com o passar do tempo. Se o uso do laboratório de informática estivesse presente e fosse tratado como indispensável no PPP da escola de forma interdisciplinar, e se houvesse uma fiscalização rotineira do uso deste laboratório pela SEE/AL, as coisas poderiam ter caminhado de forma diferente.

Nenhum professor agendou o uso do laboratório de informática e com o retorno após a greve, começamos a ministrar aulas de micro informática para os alunos ensinando o básico, que ia do ligar um computador, salvar arquivos, daí por diante. Esse momento é de extrema importância, pois quando os alunos começam a ter domínio sobre a máquina o interesse viria normalmente, bem como a cobrança para que outros professores utilizassem.

A partir dessa experiência, passei a participar de diversos outros cursos de aperfeiçoamentos na área de TIC, dando proeminência à Informática Educacional.

Seymour Papert nos mostra como a tecnologia pode oferecer novas maneiras de aprender. Na década de 1960 ele já falava que o Estado deveria dispor de um computador para cada criança. Ele também defende o uso do computador na educação como ferramenta auxiliar no processo de construção de conhecimento, adaptando esse uso aos princípios do construtivismo cognitivo do seu amigo e parceiro Jean Piaget. Na década de 1970 Papert criou a linguagem de programação LOGO (PAPERT, 1980).

Em uma entrevista, questionado sobre “O que o cidadão do futuro precisa saber?”, Papert respondeu da seguinte maneira:

Como lidar com desafios. Precisam saber como enfrentar um problema inesperado para o qual não há uma explicação preestabelecida. Precisamos adquirir habilidades necessárias para participar da construção do novo ou então nos resignarmos a uma vida de dependência. A verdadeira habilidade competitiva é a habilidade de aprender. Não devemos aprender a dar respostas certas ou erradas, temos de aprender a solucionar problemas (SOUZA, 2001, p. 2).

Na maioria dos cursos de aperfeiçoamento é necessária a realização de projetos como requisito

² Programa desenvolvido pelo Centro de Experimentação em Tecnologia Educacional (CETE) do MEC, voltado para escolas, embora possa ser utilizado em computadores domésticos, com distribuição gratuita pelo GNU/Linux.

final e, a partir de então, os projetos desenvolvidos na escola passaram a estar vinculados à formação na área de informática educacional. E isto se constituiu numa grande oportunidade de enfrentar desafios e solucionar problemas.

A esse respeito, Moran (2007, p. 167) afirma que:

A escola é um dos espaços privilegiados de elaboração de projetos de conhecimento, de intervenção social e de vida. É um espaço privilegiado de experimentar situações desafiadoras do presente e do futuro, reais e imaginárias, aplicáveis ou limítrofes. Para promover o desenvolvimento integral da criança e do jovem só é possível com a união do conteúdo escolar com a vivência em outros espaços de aprendizagem.

Na sociedade atual, são palavras em voga: ética, cidadania, mídia, valores, política, gestão, transparência. Porém, elas são esquecidas na prática. Diante da repercussão que estamos tendo sobre desvios de verbas no Brasil, se faz necessário e urgente incorporar no nosso aluno ações modificadoras, conscientizando-o do exercício de sua cidadania. Em função disso, o projeto citado busca trabalhar com toda comunidade escolar, fazendo com que haja uma troca maior de respeito na postura de todos os envolvidos e lembrando que cidadania não é apenas conhecer direito e dever, mas exercê-los de forma democrática e transparente, unindo as relações sociais às culturais.

Desta forma, o projeto Cidadão Participativo do Processo Democrático tem como objetivo formar alunos para auxiliar ou atuar nos grêmios escolares, preparando-os para assumir o papel de representantes de turma, ressaltando que o líder escolar de hoje é um provável gestor no futuro. É nesse momento que o papel de educar na sociedade tem imensa importância, formando pessoas capazes de contribuir para uma fiscalização eficiente, justa e com a tão sonhada divisão igualitária dos recursos públicos, diminuindo assim a distância entre o estado, a sociedade e o cidadão, fortalecendo setores tão desgastados como o da educação, saúde e segurança.

Devido à evolução na comunicação e informação, descobrimos as falhas no Brasil e no mundo. Surge uma forma de fazermos denúncias sem ficarmos expostos, então brota a esperança para que os erros não permaneçam encobertos, e foi notando esse poder ameaçador, fazendo com que alguns destes erros não ficassem mais encobertos, que Moran (1997, p. 146) afirma: “A Internet é a mídia mais aberta, descentralizada e por isso mesmo, mais ameaçadora para os grupos políticos e econômicos hegemônicos”.

Outra formação que resultou em diversos projetos para o uso das mídias na educação foi o Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação – Ciclo

Básico, Intermediário e o Avançado desenvolvido entre 2006 e 2010, promovido pela UFAL, com uma duração de 360 horas. Este curso exigia a elaboração de projetos ao final de cada módulo envolvendo as mídias: TV, vídeo, rádio, material impresso, informática e Internet.

Como decorrência desta formação, desenvolvemos diversos projetos, um deles, voltado para a mídia impressa, teve como tema a inclusão solidária da mídia impressa na educação, com o objetivo de despertar no aluno o interesse pelas mídias impressas, pois sabemos que em geral os alunos não gostam de ler. Este projeto teve como objetivos específicos a valorização da autoria, da redação e o despertar do hábito de leitura e da escrita.

Para que este projeto fosse concretizado seriam realizadas algumas dinâmicas: palestras de escritores e contador de história; gincanas para arrecadar e restaurar material impresso com objetivo de para aumentar a biblioteca; oficinas para confecção de livros, revistas, jornal, propaganda, história em quadrinho, literatura de cordel. Estas atividades teriam como culminância a exposição do material reciclado, construído e arrecadado pelo aluno.

Múltiplos foram os motivos para que o projeto não alavancasse, dentre eles o medo que o professor tem de não dominar o uso do laboratório.

Fagundes (1996) acredita que o professor deve perder o medo de usar a tecnologia e a vergonha de errar enquanto se aprende; ser mais pesquisador do que transmissor. Outra dimensão do medo é a ameaça que um projeto pode lançar sobre gestores, que receiam que os idealizadores de um projeto acabem ganhando destaque no meio escolar e na comunidade.

O outro projeto foi de Capacitação de Professores, que teve como objetivo capacitar professores para o uso do Sistema Operacional Linux e seus aplicativos. Este projeto era importante, pois os professores alegavam não ter conhecimento sobre o Sistema Operacional Linux e também tinham dificuldade de conciliar o horário de planejamento ao estudo e disponibilidade de se locomover. Pensei em ministrar o curso para os professores no horário que estivessem na escola, desta forma planejaríamos suas aulas com maior facilidade.

Não obtivemos êxito e nem a colaboração por parte dos professores, mesmo buscando alguns de forma individual para dar aulas. Foi então que comecei a descobrir que alguns professores faziam uso do computador na escola particular, ou seja, conheciam perfeitamente os avanços tecnológicos. Outros professores vêm a sala de informática apenas como um local que pode ser aproveitado na ausência dos professores, como um “tapa-buraco”. O mesmo que alguns fazem quando utilizam o vídeo, sem planejamento e nenhum objetivo.

Segundo Harasim apud Briso (2009, p. 1),

A tecnologia faz parte do cotidiano de todos os jovens. Os alunos esperam que o professor se utilize disso em sala de aula. Seu papel mudou completamente, mas continua essencial. Ele guia o processo de aprendizagem, sendo o elo entre o aluno e a comunidade científica. [...] Passamos praticamente uma década do novo milênio e nosso modelo educacional ainda reflete a prática dos séculos XIX e XX. A internet ainda é usada, geralmente, como tapanburaco ou enfeite nas salas de aula tradicionais.

Outra reflexão semelhante é feita por Neves (2004, p. 4):

Fundamentalmente, reflita com seus colegas sobre a intencionalidade e a profundidade do ato educativo. Não usamos tecnologia por mera brincadeira ou para dizer que somos modernos. Usamos tecnologia porque, com recursos lúdicos e contemporâneos, podemos educar crianças e jovens para viver com responsabilidade, criatividade, espírito crítico, autonomia e liberdade em um mundo tecnologicamente desenvolvido.

Apesar das dificuldades encontradas até então em minha prática, continuei buscando consolidar ainda mais minha formação na área de informática educacional, investigando melhores respostas aos questionamentos. Cursei disciplinas como aluna especial do Mestrado em Educação Brasileira da UFAL: Objetos de Aprendizagem e TIC na Formação de Professores. Nesta, participei da produção do artigo sobre uso do computador e da internet nas escolas da rede pública de Alagoas. Apesar de ter proposto à escola a apresentação dos estudos que desenvolvi, encontrei dificuldades de diversas ordens, desde a impossibilidade de utilização de uma filmadora, cuja secretaria escolar detinha o poder de liberar, ou até mesmo o agendamento de um dia de formação continuada para os profissionais da escola sobre o tema, esta socialização podia ser num sábado. Dessa forma, os textos, os slides e o artigo que resultaram de minha participação na disciplina não foram socializados com os demais profissionais da escola que atuo.

Valente, Prado e Almeida (2003, p.12) afirmam que o processo de reconstrução da prática pedagógica não é simples, porém fundamental, podendo ser feito de forma compartilhada por intermédio de leituras e reflexões. Sintetizando, a autora diz que cabe ao professor aprender a aprender.

O processo de reconstrução da prática não é simples. Para isto, é necessário propiciar ao professor uma vivência de aprendizagem, em que possa refletir de várias maneiras sobre a própria prática, compartilhando suas experiências, leituras e reflexões com seus pares. Isto significa que o professor, atualmente, pode participar de

programas de formação continuada desenvolvidos por meio de ambientes virtuais que privilegiem as interações, a articulação entre a ação e reflexão, a prática e teoria, bem como trabalho individual e colaborativo, contemplando o contexto e o cotidiano de sua atuação na escola.

Por mais uma ocasião achei por bem repartir o que estudei durante este período mostrando aos colegas de trabalho o quanto é importante, prazeroso, recompensador, facilitador trabalharem fazendo uso do computador. Enfim, há mais vantagens que desvantagens. Essa não compreensão pode empobrecer o trabalho pedagógico e, desta forma, a riqueza da articulação entre educação e informática é desperdiçada.

Almeida (2005, p. 18) afirma que:

É evidente que o profissional que não domina as tecnologias existentes na escola, nem compreende as possíveis contribuições destas ao seu fazer profissional, tende a rejeitá-las e não as coloca à disposição da comunidade para a construção coletiva de significados e sentidos no âmbito de seu contexto. Isso se evidencia em incontáveis situações em que a escola não se apropriou dos artefatos tecnológicos disponíveis em seus espaços, desde os mais convencionais (retroprojektor, microscópio, máquina fotográfica etc.) até as TIC, e não faz a gestão desses recursos, os quais se encontram ignorados em algum depósito, numa atitude incongruente com a proposta de gestão compartilhada.

Em função dessa situação, aproveitava meu tempo na sala de informática para estudar cada vez mais, na tentativa de tornar mais produtivas as horas que passava na escola.

Ainda no curso de Mídias na Educação, Ciclo Intermediário no módulo Rádio, desenvolvi o Projeto Rádio Humanitária Educativa, cujo principal objetivo era estruturar um núcleo de comunicação radiofônica com finalidade e orientação pedagógica. Para isso, o projeto previa a implantação de uma rádio para a transmissão de conhecimentos interdisciplinares e transdisciplinares, utilizando os PCN, como parâmetro, atendendo as necessidades internas e da comunidade ao redor, sob a orientação de professores voluntários, um diferente a cada semana, para não sobrecarregar ninguém.

Os PCN ressaltam também a importância do uso das TIC incorporado ao trabalho pedagógico.

O computador, em particular, permite novas formas de trabalho, possibilitando a criação de ambientes de aprendizagem, em que os alunos possam pesquisar fazer antecipações, simulações, confirmar idéias prévias, experimentar, criar soluções e construir novas formas de representação mental (BRASIL, 1998, p. 141).

Prado (2005, p.8) defende os projetos incorporados as tecnologias:

De fato, o professor, durante anos, vem desenvolvendo sua prática pedagógica prioritariamente, dando aula, passando o conteúdo na lousa, corrigindo os exercícios e provas dos alunos. Mas este, cenário começou (e continua) a ser alterado já faz algum tempo com a chegada de computadores, internet, vídeo, projetor, câmera, e outros recursos tecnológicos nas escolas. Novas propostas pedagógicas também vêm sendo disseminadas, enfatizando novas formas de ensinar, por meio do trabalho por projeto e da interdisciplinaridade, favorecendo o aprendizado contextualizado do aluno e a construção do conhecimento.

Estimulada novamente pela proposta da escola de ciclos, apresentei o projeto na reunião para todos os professores do quadro e mediante aprovação, providenciei a inscrição de alunos das séries finais do ensino fundamental no turno vespertino, turno em que trabalhava. Os alunos fariam uso da sala do grêmio, dotada de caixas de som, microfone e alto-falante, pois eles a utilizavam sem nenhuma orientação pedagógica.

Em função da precariedade de materiais disponíveis na escola e da necessidade dos mesmos para a realização do projeto, doei microfone e aparelho de DVD à instituição, mas os equipamentos sumiram nas instalações da escola, não foi disponibilizado o turno contrário para encontros, como preconizava o projeto, visando não retirar os alunos de sala de aula. Quando os encontros ficaram para depois das aulas, os alunos alegavam passar por um interrogatório após os encontros, promovido pelo grupo que compõe a coordenação e direção, causando um mal estar nos alunos. Por não ter apoio da direção, coordenação e professores, o projeto ficou apenas na fase inicial.

DIFICULDADES DO USO DA SALA DE INFORMÁTICA E ALTERNATIVAS DE SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

A profissão do professor é uma das mais antigas que se tem conhecimento e a importância deste profissional está sempre interligada com o crescimento e revoluções sociais da humanidade. O que muda com isso é o papel do professor, criando atividades significativas que despertem o interesse do aluno em desenvolvê-las e o aluno e a forma de aprendizagem. Tínhamos um ensino que priorizava a memorização e atualmente priorizamos a informação.

A cada dia que passa o uso do computador e da Internet em sala de aula é cobrado, tanto por alunos que lidam perfeitamente com essa tecnologia, pois já nasceram na era digital, como por grande parte da sociedade. Contudo, a resistência ainda está presente em

algumas pessoas que têm o poder decisivo no ambiente escolar, talvez porque a Internet seja uma mídia veloz, democrática e aberta.

O computador não foi desenvolvido com fins pedagógicos, por isso devemos ter um cuidado redobrado, um olhar crítico articulando sempre teoria à prática. O uso das TIC permite à escola atender a diferentes estilos de aprendizagem.

Aprender nunca é demais e a modificação só acontece se as partes envolvidas não colocarem obstáculos ou não forem resistentes às novidades. Assim, cabe ao professor ter disponibilidade e vontade de participar das formações continuadas.

No entanto, para que o uso da sala de informática seja de fato consolidado, torna-se necessário a sensibilização dos gestores escolares, municipais e estaduais para implantar políticas públicas comprometidas com a educação de qualidade.

O professor tem habilidades e competências adquiridas na formação com relação ao conteúdo que irá ministrar. Já os alunos têm afinidades e facilidades com o manuseio da máquina por serem filhos da era digital. Daí pode surgir uma parceria importante no ambiente escolar, no qual todos saem ganhando.

O professor e o aluno devem explorar ao máximo todos os recursos que a Internet apresenta para colaborar com o conhecimento. E a escola deve estar aberta, tendo o dever de democratizar o acesso ao computador, promovendo a inclusão digital dos alunos.

Outra estratégia é trabalhar com projetos viabilizando o uso das TIC no processo ensino e aprendizagem, articulando saberes nas mais diversas áreas do conhecimento, tornando a aprendizagem prazerosa. Isso quebra as barreiras na relação de poder e saber entre professor e aluno, havendo assim uma troca significativa de conhecimentos.

O maior desafio hoje dos professores é de reaprender a aprender. O professor não é mais a única fonte de informação e sim mediador entre o conhecimento e a aprendizagem dos alunos. Especialmente quando usamos o computador e a Internet de forma adequada, a aprendizagem tornar-se-á mais fácil e prazerosa.

No entanto, ter criatividade nesse contexto educacional é romper com as barreiras, ter coragem para quebrar resistências e não ter medo de ousar. O uso do computador também facilita na comunicação de professores e alunos, por permitir juntar a escrita, a fala com rapidez, flexibilidade e interação.

Um grande problema é quando alguns professores querem utilizar a sala de informática sem objetivo, solicitando ao articulador que ministre aula no seu lugar no dia em que faltarem, enviando seus

alunos para a sala de informática apenas para cumprir a carga horária necessária, isentando-os de repor aula. Neste caso em específico, o articulador deve ser dotado de um conhecimento em todas as áreas e níveis de aprendizagem.

Esbarramos em outro problema: a manutenção e instalação de equipamentos. Essa etapa é extremamente demorada. Em Alagoas, há casos em que a articuladora da sala de informática chega a esperar nove meses para a execução desses serviços. No estado existem poucos técnicos capacitados ou qualificados e contratados que façam parte do quadro de funcionários. Se não houver uma cobrança por parte dos alunos, da comunidade e uma fiscalização maior do efetivo uso nos laboratórios de informática, estes jamais serão bem utilizados nas escolas. Fica evidente que deve ser rotina a visita da SEE/AL aos laboratórios das escolas.

Cabe à escola a implantar em seu planejamento anual a inclusão definitiva das TIC, trabalhando as questões voltadas para a educação de valores, relacionamento interpessoal, temas transversais.

Os professores devem reinventar metodologias e aceitar esses desafios, formulando um projeto pedagógico que contemple o uso de todas as inovações tecnológicas e promovendo a interatividade.

O estudo sobre o uso das TIC na educação ainda não chegou a seu final, a trilha é longa e ainda temos muitas pesquisas a realizar. Este texto trouxe contribuições para novas pesquisas e debates, estimulando o uso da sala de informática nas escolas públicas por parte dos sujeitos envolvidos na educação.

REFERENCIAS

AGUIAR, Juliana; HERMOSILLA, Lígia. A importância da informática na educação. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, v. 3, n. 5, ago. 2006, p. 1-6.

ALMEIDA, Maria E. Educação, projetos, tecnologias e conhecimento. In: ALMEIDA, M. E. B. (org). **Desafios à educação: o trabalho com projetos**. São Paulo: PROEM, 2002, p. 70-73.

_____. Prática e formação de professores na integração de mídias. Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. In: MEC/ SEED. (Org). **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2005. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/livro/1sf.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2008.

_____. Tecnologia na Escola: criação de redes de conhecimento. In: MEC/SEED. **Informática na educação**. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, nov. 2001. Disponível em: <www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/145723IntegracaoTec.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2010.

AUSUBEL, D. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.

BOGO, Kellen C. A história da Internet: como tudo começou. Kplus. número 11, 1 jul. 2000. Disponível em: <<http://www.kplus.com.br/materia.asp?co=11&rv=Vivencia>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/19394.htm>>. Acesso em 15 mar. 2010.

BRASIL. **Portaria de nº 522, de 9 de abril de 1997**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001167.pdf>>. Acesso em 15 mar. 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 140-154.

FAGUNDES, Léa C. Educação a distância (EAD) e as novas tecnologias educacionais. **Rev. Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, v. 25, set./out./nov./dez 1996.

FREIRE, Madalena. A formação permanente. In: FREIRE, Paulo. **Trabalho, comentário, reflexão**. Petrópolis: Vozes, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, E. José. **Autonomia da escola: princípios e propostas**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KENSKI, V. M. Ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias. In VEIGA, Ilma P. A. (Org). **Didática: o ensino e suas relações**. Campinas: Papirus, 1996.

LOURENÇO, Daniele. Eu, meu aluno e a Internet: uma história a ser “teclada” com muitas mãos. **Jornal Virtual Profissão Mestre**, v. 7, n. 101, jan. 2008. Disponível em: <http://www.daniellelourengo.com.br/Pagina/art_prof_mestre1.aspx>. Acesso em 20 mai. 2010.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2007.

MORAN, J. M. Como utilizar a internet na educação. **Revista Ciência da Informação**, Vol 26, n.2, maio-agosto 1997, pág. 146-153.

NEVES, C. M. Próxima atração: a TV que vem aí. **Boletim do Salto para o Futuro**. Programa 4 – Rádio e TV, 2004. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2004/ef/tetxt4.htm>>. Acesso em 7 jul. 2008.

NÓVOA, António (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PAPERT, S. **Logo: Computadores e Educação**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

PRADO, Maria E. Articulando saberes e transformando a prática. Articulações entre áreas de conhecimento e tecnologia. In: MEC/SEED. **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola Salto para o Futuro, 2005. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/livro/1sf.pdf>> Acesso em 10 de outubro de 2009.

_____. Integração de tecnologias com as mídias digitais: integração de mídias e a reconstrução da prática pedagógica. **Boletim do Salto para o Futuro**. Programa 1 - Integração de tecnologias, linguagens e representações, 2005. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/145723IntegracaoTec.pdf>> Acesso em 23 mai. 2010.

SOUZA, Ana F. A maior vantagem competitiva é a habilidade de aprender. **Revista Super Interessante**. Março 2001, p. 2. Disponível em: <http://super.abril.com.br/tecnologia/maior-vantagem-competitiva-habilidade-aprender-44197_3.shtml>. Acesso em 23 de mar.2010.

RODRIGUES, Angela; ESTEVES, Manuela. **A análise das necessidades na formação de professores**. Portugal: Porto, 1993.

VALENTE, José A. O papel do computador no processo ensino-aprendizagem. **Boletim do Salto para o Futuro**. In: MEC/SEED. **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2003, p. Disponível no site: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/livro/1sf.pdf>>. Acesso em 05 de outubro de 2009.

_____. As tecnologias digitais e os diferentes letramentos. **Revista Pátio**, Porto Alegre, ano XI, n 44, p.13. 2007/2008

VALENTE, J. A., PRADO, M. E. ; ALMEIDA, M. E. **Formação de educadores a distância via internet**. São Paulo: Avercamp, 2003.

O USO DOS LABORATÓRIOS DE INFORMÁTICA: UM ESTUDO EM ESCOLAS PÚBLICAS DO INTERIOR DE ALAGOAS

Clésia Maria Hora Santana
Cleide Jane de Sá Araújo Costa

Resumo

Na sociedade contemporânea, nativos e imigrantes digitais convivem no mesmo espaço, cercados por uma ampla gama de artefatos tecnológicos. Nesse estudo ressalta-se o uso das tecnologias no âmbito educacional a partir da revisão da literatura e de uma pesquisa empírica realizada no interior alagoano. O estudo surge da necessidade de apreender o trabalho realizado por três escolas da rede pública de ensino, objetivando analisar as políticas e estratégias nelas desenvolvidas, em resposta à implantação dos laboratórios de informática pelo MEC. Trata-se de um estudo de caso em que se evidencia uma prática pedagógica desvinculada das exigências da sociedade contemporânea, resultando em laboratórios fechados ou subutilizados.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No contexto atual, numa sociedade na qual a informação e o conhecimento são os recursos mais valorizados, torna-se imperativo ressaltar a necessidade de desenvolver experiências no contexto escolar visando a utilização dos equipamentos existentes nos laboratórios de informática instalados nas escolas, a fim de que professores e alunos possam buscar informações e construir conhecimentos. Nesse sentido, os professores que põem em prática essas experiências em sala de aula precisam de competências para trabalhar pedagogicamente com os recursos tecnológicos no seu cotidiano docente. Perrenoud (2000) aponta, entre outras, a capacidade de organização e a direção das situações de aprendizagem, assim como a utilização das TIC para administrar sua própria formação continuada, propiciando maior envolvimento no processo ensino e aprendizagem.

Há uma demanda cultural, social e econômica que enfatiza a utilização dos recursos da informática na escola, com ênfase no laboratório de informática, cujos computadores conectados à internet, possibilitam o acesso à informação em tempo real e em diversas fontes. Segundo Mercado (2009), num ambiente com internet, a aprendizagem poderá ser um recurso com o qual os alunos tornam-se construtores dos seus conhecimentos e competências através da interação com o ambiente e da reorganização das suas próprias estruturas mentais.

As políticas públicas vêm viabilizando por meio de programas desenvolvidos pelo MEC, entre eles o ProInfo,

em parceria com os governos estaduais e municipais, a implantação de laboratórios de informática nas escolas da rede pública. No ano de 2008, foram implantados três laboratórios com computadores conectados à internet, em três unidades de ensino situadas no município de Porto Real do Colégio, em Alagoas, com o objetivo de incentivar e orientar o desenvolvimento de trabalhos e pesquisas que busquem a criação de novas formas de uso do computador como recurso pedagógico auxiliar no processo de ensino aprendizagem.

A implantação dos laboratórios propicia uma reflexão acerca do trabalho realizado pelas referidas escolas, no sentido de conhecer as estratégias que vem sendo desenvolvidas com o objetivo de auxiliar a prática pedagógica docente, favorecendo o processo de ensino e aprendizagem. As indagações básicas são: como se compreende a prática pedagógica na relação educação e tecnologia no processo de ensino e aprendizagem como importante fonte de informação e conhecimento? Quais as políticas e estratégias desenvolvidas pelas escolas em resposta à implantação dos laboratórios de informática?

A reflexão acerca do uso das TIC na educação vem adquirindo cada vez mais relevância, pois se constitui em valioso recurso pedagógico, um instrumento de aprendizagem que integra diferentes formas de aprendizagem, favorece a leitura e a escrita, a compreensão textual, a leitura e a construção de gráficos, noções de espaço, desenvolve a capacidade crítica numa visão global no conhecimento, e compreensão da

realidade. Entretanto, numa sociedade em que nativos e imigrantes digitais convivem no mesmo espaço, cercados por uma ampla gama de artefatos tecnológicos, faz-se necessário que os professores estejam habilitados para usar e aplicar esses recursos na construção dos conhecimentos necessários à sua atuação e para a transformação da sua prática, incorporando-os e tendo-os como aliados na busca de uma atualização constante. Segundo Mercado (2009) as TIC permitem dinamizar as aulas, estimulando a criatividade e o senso crítico, permitindo o desenvolvimento da autonomia. O uso desses recursos tecnológicos aproxima o cotidiano da sala de aula e introduz novas questões no âmbito educacional.

É nesse contexto que a escola é compreendida como um local de aprendizagem, tendo no laboratório de informática um importante recurso do qual o aluno deve explorar e usar de modo significativo, indo além do copiar e colar dos textos acessados na internet. De acordo Papert (2008) ao prover tecnologias e ambientes adequados para o desenvolvimento de projetos, espera-se que o aprendiz trabalhe de modo árduo e que produza resultados significativos para si e para o grupo, o que requer professores competentes com condições de orientá-los.

Conforme Giroux (1997), as práticas pedagógicas produzidas pelos professores precisam gerar conhecimento e atender aos interesses dos alunos, no seu processo de aprendizagem, assegurando uma relação com as experiências cotidianas dos próprios alunos. É nesse contexto que o laboratório de informática se aproxima da realidade dos alunos, que, no seu cotidiano costumam usar a internet para a prática de jogos online, bate papos com amigos virtuais ou não e para a realização das pesquisas escolares que tem se resumido ao já comum processo de copiar e colar, deixando o trabalho escolar a desejar, sem o processo de reflexão e de pesquisa propriamente dita. Para que os alunos possam compreender as informações adequadamente no contexto das suas necessidades, o professor é desafiado a estabelecer a interação entre informação e conhecimento, possibilitando a participação consciente e reflexiva do aluno no contexto social do qual faz parte.

O domínio das habilidades de trabalho com as TIC contribui para que os alunos aumentem sua participação social, aguçando a curiosidade científica e desenvolvendo sua capacidade de senso crítico, adquirindo habilidades em articular o saber local, espontâneo e do senso comum com o conhecimento científico e literário, por meio de programas pedagógicos. (ALMEIDA, 2007).

A relação entre educação e tecnologia e a reflexão acerca das transformações da sociedade e o impacto dos avanços tecnológicos neste início de século, “requer o desenvolvimento de projetos educacionais bem definidos,

que tenha em vista estratégias que ampliem as chances de aprendizagem e conhecimento dos alunos”. (COSTA e PAIM, 2004, p. 21). Os autores ressaltam que o uso das TIC depende do projeto pedagógico da escola para então desenvolver habilidades dos alunos enquanto seres críticos. Nesse contexto, a implantação do laboratório de informática na escola abre espaço para um debate acerca da realização de um trabalho que viabilize ao aluno o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para sua permanência na sociedade.

METODOLOGIA

Os sujeitos da pesquisa são 12 professoras, 2 coordenadoras de ensino e 3 diretores. Essa pesquisa compreende um estudo de caso que, segundo Yin (2002), investiga um fenômeno contemporâneo no seu ambiente natural, utilizando dados coletados de múltiplas fontes, sendo possível fazer observações diretas e entrevistas sistemáticas. Segundo Lüdke e André (1986), ao desenvolver um estudo de caso o pesquisador pode coletar dados em diferentes momentos, em situações diversas e com vários informantes. Fundada numa abordagem qualitativa, buscou-se analisar os trabalhos em duas escolas da rede pública estadual e uma escola da rede municipal de ensino. No que tange às duas estaduais, uma é de ensino médio e será denominada de “escola A”, a outra é de ensino fundamental, denominada nesse estudo de “escola B”. A terceira escola pertence à rede municipal e também oferta o ensino fundamental, chamada de “escola C”. Os instrumentos adotados foram: a observação direta nas escolas e entrevista semi-estruturada, na qual se ouviram os atores da pesquisa (professores, alunos e coordenadores pedagógicos) confrontando as queixas e opiniões desses sujeitos com os fatos observados. Tomamos como princípios básicos as seguintes categorias de análise: a) uso do laboratório de informática; b) estratégias de trabalho do professor; c) formas de participação dos alunos, d) análise dos projetos desenvolvidos.

A IMPLANTAÇÃO DOS LABORATÓRIOS DAS ESCOLAS INVESTIGADAS

Os laboratórios de informática chegaram às escolas no segundo semestre de 2008 implantados pelo ProInfo criado para promover o uso pedagógico da informática na rede pública de ensino fundamental e médio.

As considerações acerca dos dados coletados, assim como as observações diretas e o contato com os atores dessa pesquisa nos conduzem a corroborar com Costa e Pain (2004, p. 22) quando afirmam que “a utilização de sofisticadas tecnologias na escola requer o desenvolvimento de projetos educacionais bem

definidos, que tenham em vista estratégias que ampliem as chances de aprendizagem de conhecimento dos alunos”. Ressalte-se que não foi constatada a presença desses projetos nas escolas A, B e C. Nesse sentido Oliveira, Costa e Moreira (2004, p. 114) ressaltam que não basta equipar a escola com computadores, faz-se mister que os professores integrem-se de modo crítico ao processo de informatização e procurem compreender a extensão das mudanças que esses recursos “podem significar na perspectiva de uma coerência inevitável entre a prática pedagógica e a base teórica sobre a qual ela se fundamenta”.

No contexto atual, o conhecimento das TIC pelo professor é uma necessidade e um desafio para o fazer pedagógico, conforme Almeida (2003, p. 104) “o conteúdo digital é um poderoso aliado para o ensino e o grande desafio é trazer essa informação aos educadores, que precisam vencer sua própria resistência a esse novo meio de acesso à informação”. Cabe ao professor estar disposto às mudanças da sociedade atual, visto que a era da informação e do conhecimento requer um processo dinâmico, o que implica repensar seu fazer pedagógico e seus saberes. No percurso de realização dessa pesquisa, buscou-se observar e conversar com membros da comunidade escolar visando conhecer esses laboratórios e os trabalhos e projetos pedagógicos neles desenvolvidos.

A escola “A” é uma instituição pública de ensino médio da rede estadual, cujo laboratório de informática, implantado em 2008, revela uma nova realidade. Nela, o laboratório foi aberto ao público por um profissional alheio à escola, que passou a desenvolver um projeto de inclusão digital. A parceria realizada com a escola incluía ofertar também, o curso aos professores que nela trabalhavam e que desejassem aprender. O que de fato se realizou. Contudo, a análise dos projetos pedagógicos desenvolvidos revelou que estes não contemplavam o uso dos recursos tecnológicos ou o uso do laboratório de informática. As estratégias de trabalho do professor, no laboratório, se resumem à solicitação de pesquisas na internet, sem a devida orientação ou acompanhamento. Os professores são unânimes em alegar que não há projetos interdisciplinares direcionados ao uso do laboratório com a presença dos alunos.

Quanto às formas de participação dos alunos, observou-se que estes podem desenvolver pesquisas, caso o coordenador pedagógico esteja presente, observando-os para que não danifiquem o equipamento. Entretanto, o trabalho não tem nenhum acompanhamento ou orientação do professor e os alunos ainda pagam pela impressão do trabalho. Já os alunos queixam-se de não poder entrar no laboratório de informática para usar os equipamentos nas horas vagas. Não se visualizou nenhuma preocupação com um trabalho direcionado

com a aprendizagem por parte de nenhum dos grupos observados. Conforme Oliveira, Costa e Moreira (2004, p. 111) “o uso da informática na educação exige em especial um esforço constante dos educadores para transformar a simples utilização do computador numa abordagem educacional que favoreça efetivamente o processo de conhecimento”. As práticas pedagógicas dos professores e as políticas da escola devem centrar-se em atividades pedagógicas que favoreçam o conhecimento da sociedade, da cultura através das pesquisas, dos trabalhos em equipe que questione análise e reflita as questões da vida pessoal, social, política, econômica e cultural, desenvolvendo, portanto, habilidades e competências próprias do ensino médio.

Na escola “B”, o laboratório de informática se encontrava fechado no momento da pesquisa, não era permitido o acesso dos alunos nem a sua utilização para a realização dos seus trabalhos escolares. Os professores também não podem desenvolver atividades que envolvam os alunos, embora haja um grupo de professores que conhecem o sistema operacional instalado nos computadores (Linux), e já tenha desenvolvido projetos utilizando blog e movie-maker. Todavia, a elaboração e o desenvolvimento desses projetos não foram garantia para que esses professores pudessem ter acesso e utilizassem o laboratório de informática com a participação dos alunos. A exceção é para a pesquisa e a elaboração de aulas e atividades do corpo docente. A política administrativa da escola emperra o trabalho dos professores alegando que o espaço necessita de equipamentos como: ar condicionado, mobiliários adequados, além de um profissional preparado para orientar o trabalho docente.

Impedidos de utilizar o laboratório de informática, alunos e professores não pararam com os projetos da escola, que adentraram as lan houses do município. Com o blog da escola construído desde 2008, os alunos foram orientados a criarem os seus próprios blogs, fazem pesquisas, expõem seus roteiros em slides, preparam documentários em cds e dvds buscando aliar outros recursos tecnológicos como a máquina fotográfica, o celular, a filmadora, o som, passaram o ano letivo de 2009 colocando em ação os seus projetos. De acordo com Costa e Pain (2004, p. 22) “a informação e conhecimento são ao mesmo tempo, fonte e produto do saber”. Um saber que impulsionou a comunicação, a pesquisa, desafiou e estimulou a busca pelo conhecimento crítico. Os obstáculos ocasionados pela impossibilidade de usar o laboratório serviram de ponto para discussão e reflexão sobre o papel da escola, gerando questionamentos à direção, feitos por alunos e pais, acerca da utilização desse espaço e as providências a serem tomadas.

Ressalta-se, que nem todos os professores participaram dos projetos, assim como não exploraram em suas aulas as TIC e os coordenadores pedagógicos não se posicionaram, fazendo parte da cultura do silêncio. A reflexão acerca da utilização do laboratório de informática na escola se fundamenta na produtividade dos alunos, considerando o interesse que a internet desperta nos mesmos e a possibilidade da combinação de textos, sons, imagens e vídeos. Os inúmeros recursos possibilitam uma prática pedagógica que contribui para a construção do conhecimento, para a aprendizagem.

Na escola “C”, o laboratório de informática tem uma estrutura diferenciada, está instalado em uma sala ampla e bem equipada e tem um instrutor responsável, contudo, no momento da pesquisa ainda não havia projetos pedagógicos desenvolvidos ou sendo trabalhados de forma interdisciplinar. O uso do laboratório de informática se restringia às pesquisas solicitadas pelos professores e realizadas pelos alunos, através da consulta à internet, sob o olhar e a orientação do monitor. No que tange as estratégias de trabalho do professor, percebeu-se que esses profissionais não utilizam os programas do laboratório para desenvolverem, com os alunos, um trabalho dinâmico de pesquisa online aliando os conteúdos ministrados à pesquisa aos bancos de informação, jornais online com fatos do cotidiano da cidade ou da escola, ou mesmo a utilização de jogos educativos, não se observou articulação entre os recursos da internet com os conteúdos curriculares.

Na mesma escola, os professores do ensino fundamental menor (2º ao 5º ano) queixam-se de ficarem excluídos, por não possuírem habilidades para lidar com o computador e por não receberem instruções para usá-los. Por conseguinte, também não levam seus alunos para o laboratório e nem dispõem de projetos interdisciplinares, logo nenhuma atividade é desenvolvida com seus alunos no laboratório de informática. Na ótica de Almeida (2007), a escola é a estruturadora do currículo, capaz de viabilizar as políticas educacionais no sentido de ofertar uma educação de qualidade e aponta as novidades na informática como além de sonho, uma necessidade dos alunos. Com relação à análise dos projetos desenvolvidos, o responsável pelo laboratório de informática, informou que nenhum dos projetos interdisciplinares desenvolvidos pela escola teve a participação de trabalhos interligados ao laboratório. E corrobora a informação de que os alunos o frequentam apenas com fins de pesquisa dos temas dados pelos professores. Eles próprios agendam o horário e fazem a sua pesquisa sem nenhuma orientação. Nesse sentido, não basta apenas equipar as escolas com laboratórios de informática, conforme Demo (2006) o grande

desafio não está na tecnologia, mas na pedagogia. Incluir digitalmente os alunos da rede pública precisa ultrapassar os projetos do governo federal com políticas escolares que viabilizem projetos na escola em que os alunos possam se apropriar dos recursos tecnológicos, buscarem informação e transformá-la em conhecimento, tendo o professor como o orientador da sua aprendizagem.

Com relação ao uso do laboratório de informática na escola cabe ressaltar as políticas administrativas desenvolvidas na mesma que acabam por reduzir a experiência do estudante a seu desempenho imediato, medido, administrado registrado e controlado de forma que a experiência do aluno passa a ser diluída numa ideologia administrativa. (GIROUX, 1997). Essa é uma realidade nas escolas campo de pesquisa nas quais os alunos precisam acomodar-se em silêncio acatar ordens conforme afirmou a direção da escola. Com relação às formas de participação dos alunos, percebe-se que a pesquisa escolar tem se constituído apenas de informações coletadas na internet, sem reflexão. Segundo o depoimento dos alunos, o resultado do trabalho dessa ‘pesquisa’ é entregue ao professor, sem nenhum momento de explanação do conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo nas escolas A, B e C percebe-se que as atividades desenvolvidas nos laboratórios tiveram direcionamento diferenciado nas três unidades de ensino e que as políticas públicas direcionadas a incluir o aluno na sociedade da informação e do conhecimento com a implantação dos laboratórios de informática devem ser inseridas numa discussão que perpassa os projetos federais e estaduais no seio da escola com vistas a uma política interna.

Os resultados da pesquisa de campo ressaltam ausência de uso efetivo do laboratório de informática no contexto educativo, visto que os foram implantados em 2008 e deveriam, portanto, serem utilizados pelos alunos e seus professores em 2009, porém se encontravam em desuso ou funcionando aquém das suas reais potencialidades. A ausência de projetos e a falta de habilidades em lidar com os recursos tecnológicos, em especial com o programa existente nos laboratórios de informática, no caso o Linux, apresentou-se como fator preponderante para que o trabalho não fosse desenvolvido pelos professores. Faz-se necessário que as escolas percebam o potencial dessa ferramenta, o laboratório de informática ligado a internet, e introduzir as TIC no cotidiano escolar, promovendo o contato direto dos alunos com o computador, objetivando utilizá-las como um poderoso recurso didático de apoio à prática pedagógica dos professores. Nesse sentido, compreende-

se o papel social da escola enquanto formadora de capital humano e a capacidade que esta precisa ter para adequar-se a diversas situações na sociedade contemporânea, dentre elas o uso dos recursos tecnológicos, visando uma utilização proficiente dos conteúdos curriculares em consonância com o que afirma Giroux (1997) e gerando conhecimento através de práticas pedagógicas motivadoras e que atendam aos interesses dos alunos.

A falta de políticas que viabilize, construa e execute projetos fazendo uso dos laboratórios de informática perpassa a esfera estadual e federal, estando intrínseca na relação de poder no seio das escolas, envolvendo gestão, coordenação e professores. Uma discussão que perpassa pela formação de professores e a falta de criticidade dos alunos e de seus familiares. É importante que os alunos e professores compreendam o seu papel diante da sociedade, conscientizando-se da utilização das tecnologias no contexto educativo, trabalhando com os recursos do laboratório de informática, priorizando a construção de conhecimento e a formação de alunos cidadãos críticos. E que os professores busquem superar as fragilidades da sua formação, familiarizando-se com as TIC e buscando incorporá-las ao seu cotidiano e à sua prática pedagógica, tornando-se um profissional do seu tempo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F.J. **Computador, escola e vida:** Aprendizagem e tecnologias dirigidas ao conhecimento. São Paulo: Cubzac, 2007.
- ALMEIDA, Rubens Q. O leitor navegador. In: SILVA, Ezequiel T. (coord.) **A leitura nos oceanos da internet.** São Paulo: Cortez, (2003).
- DEMO, Pedro. **Formação permanente e tecnologias educacionais.** Petrópolis: Vozes, 2006.
- GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais:** rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- MERCADO, Luís P. L. Integração de mídias nos espaços de aprendizagem. **Em Aberto**, Vol.: 22, N° 79. Brasília: Inep, (2009).
- COSTA, José; OLIVEIRA, Maria A. M. **Novas linguagens e novas tecnologias:** educação e sociabilidade. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LUDKE, Menga; ANDRE, Marli. **Pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: EPE, 1986.
- OLIVEIRA, Celina C.; COSTA, José W.; MOREIRA, M. Ambientes informatizados de aprendizagem. In: COSTA, José; OLIVEIRA, Maria A. **Novas linguagens e novas tecnologias:** educação e sociabilidade. Petrópolis: Vozes, 2004.
- PAPERT, S. **A máquina das crianças:** repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- PERRENOUD, P. **10 Novas Competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants,** 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>> Acesso em 16 mar 2010.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

AS TIC NO CURRÍCULO ESCOLAR: A CONTRAPARTIDA ESCOLAR

Lílian Kelly de Almeida Figueiredo
Ivanderison Pereira da Silva

Resumo

Este texto tem como objetivo evidenciar a necessidade de que novas práticas didático-metodológicas com o uso das mídias e tecnologias nos espaços de aprendizagem favoreçam a ação dos alunos, tendo em vista a construção do conhecimento. Baseia-se na reflexão acerca do cenário atual, da inserção das TIC e integração das mídias ao currículo escolar, o papel do professor e do aluno diante deste cenário e das relações entre estes atores em práticas pedagógicas mediadas pelas TIC. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa do tipo exploratório tendo como método de investigação o estudo de caso. O caso analisado é o de uma experiência de implantação de uma webrádio no currículo e nas práticas pedagógicas desenvolvidas em uma escola pública. Como resultados deste estudo, conclui-se que desde a formação inicial de professores e para além dela, deve-se trabalhar o emprego de metodologias que favorecem exatamente a autoria dos alunos e a formação de sujeitos autores na prática.

Palavras-chave: Integração das mídias, currículo, TIC.

INTRODUÇÃO

Desde a década de 1980 temos presenciado uma acelerada revolução tecnológica que, ao passar dos anos, tem demandado um novo perfil de profissional para atuar no mercado de trabalho. Esta nova exigência mundial corroborou para que, na escola, a maneira como vinha sendo conduzido o processo ensino-aprendizagem fosse mais fortemente questionada. Esse questionamento dizia respeito às necessidades de desenvolvimento de competências para trabalhar com as mais diversas TIC, bem como acompanhar a crescente velocidade com que novos mecanismos tecnológicos são criados.

Como reflexo desta nova ordem, as escolas começaram aos poucos, a implementar recursos tecnológicos e a incentivar os professores a utilizá-los em suas práticas. Isto acontece porque aqueles que nasceram em meio a esta revolução tecnológica, têm outras expectativas com relação à escola. Não faz mais sentido se deslocar de sua casa para ouvir as preleções dos professores, por vezes descontextualizadas, se através da internet, na comodidade do lar, pode-se acessar um vídeo transmitido em tempo real, o qual faz tão bem ou até melhor do que faria o professor tendo em vista condições em que se encontra a maioria das escolas.

Mas, se por um lado, a presença das TIC no cenário escolar se faz necessária para atender as expectativas dos alunos e o movimento do mercado;

por outro, somente isto, não representa nenhum ganho significativo, do ponto de vista da aprendizagem. Muitas escolas particulares, na tentativa de atrair mais alunos (clientes), divulgam suas “marcas” com o slogan de são “interativas”, “tecnológicas”, “modernas”, “atuais”, pelo simples fato de disporem de laboratórios de informática, equipamentos eletrônicos de vigilância, ou qualquer outro dispositivo hi-tec.

As TIC favorecem o encurtamento de distâncias geográficas, o repensar do tempo, a transposição de barreiras linguísticas, a aceleração das mensagens e a fluência das informações, quando bem utilizadas. Para aqueles que nasceram antes da emergência deste novo cenário tecnológico, pensar a gestão das TIC e seu implemento nos diversos setores da sociedade civil organizada é complexo, mas para aqueles que são contemporâneos deste avanço ou que nasceram neste contexto cibercultural, desenvolver competências para o uso eficaz das TIC em suas diversas atividades diárias, no trabalho e na educação, é não apenas importante mas extremamente fundamental e decisivo.

O desafio não está em ensiná-los a utilizar os mecanismos tecnológicos e midiáticos que emergem dia-a-dia, pois isto eles já fazem muito bem; o verdadeiro desafio está em ensiná-los a utilizar bem, tais recursos e cabe à escola apontar direções de uso das TIC que favoreçam a

construção do conhecimento. Desta forma, deve-se não apenas favorecer o desenvolvimento de competências específicas de cada uma das disciplinas do currículo, mas orientar esta sociedade que se organiza, tendo em vista a necessidade de desenvolver competências para gestão das TIC com consciência cidadã.

INSERÇÃO DAS TIC AO CURRÍCULO

As inovações tecnológicas têm implicado em transformações nas mais diversas áreas, não diferente, no contexto educacional elas têm permeado com muita rapidez, configurando um novo cenário para o processo de ensino e aprendizagem escolar. Estas inovações decorridas da grande revolução tecnológica que se processou nas últimas décadas se desvelam na configuração de novas formas de interação favorecidas pelas potencialidades das mídias e sobretudo, pela Internet, se caracterizam pela composição de uma cultura eletrônica sustentada por linguagens e gêneros digitais.

Evidencia-se a necessidade da inserção e a integração das mídias ao currículo no âmbito escolar. Neste sentido, destacamos a formação de novos espaços de interação e as novas formas de ensino e aprendizagem associadas às diversas possibilidades de trabalharmos com as TIC e mídias na sala de aula, pois oportunizam estratégias diversificadas para a incorporação a prática pedagógica.

[...] o domínio instrumental de uma tecnologia, seja ela qual for, é insuficiente para que o professor possa compreender seus modos de produção de forma a incorporá-la à prática. É preciso criar situações de formação contextualizada, nas quais os educadores possam utilizar a tecnologia em atividades que lhes permitam interagir para resolver problemas significativos para sua vida e trabalho, representar pensamentos e sentimentos, reinterpretar representações e reconstruí-las para poder recontextualizar as situações em práticas pedagógicas com os alunos (ALMEIDA, 2007, p. 160).

Para que essas situações sejam criadas é preciso que professores, gestores e coordenadores estejam preparados para as transformações, a fim de vencer as resistências advindas da cultura tradicionalista, muitas vezes caracterizadas pela acomodação pessoal, insegurança, receio de propor atividades interdisciplinares; adquiram conhecimentos sobre as especificidades das TIC, da Internet e sensibilizem-se para as alternativas trazidas pela introdução das TIC e o que estas irão contribuir para a prática pedagógica e à melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem.

Estudos apontam a necessidade de que as competências sejam desenvolvidas desde a Educação Infantil (ALMENARA, MENEZES e REGAÑA, 2009).

Sendo esta o momento de formação do aluno enquanto sujeito autônomo, crítico e atuante na sociedade, deve favorecer espaços de docência e de aprendizagem nos quais o uso das TIC possa ser não apenas um momento pontual, no qual se “trabalha” com o livro didático impresso, o computador, o rádio ou a TV, mas que as diversas formas de mídias e tecnologias possam realmente ser incorporadas no trabalho pedagógico de todos os professores nas diversas disciplinas do currículo, em todos os níveis da educação, tendo em vista a necessidade de alinhar a prática escolar com os ideais contemporâneos de desenvolvimento humano.

A construção destes espaços de aprendizagem baseados em contextos virtuais devem favorecer a emergência de alternativas metodológicas que se oponham ao método expositivo; deve favorecer o diálogo mais intenso entre alunos-professor e entre aluno-aluno; deve favorecer ainda às relações entre estes atores no sentido de construir conhecimento e não apenas transmitir informações. Mas, para que estes espaços possam realmente se constituir enquanto terrenos férteis à emergência de novas metodologias de ensino e de construção do conhecimento, alguns itens devem ser considerados.

Na concepção de Nevado (2008), os espaços virtuais de docência, na perspectiva da aprendizagem, implicam presença e articulação de (i) uma concepção definida sobre conhecimento e aprendizagem; (ii) uma proposta metodológica coerente que concretize essa concepção em de ações e interações; e (iii) suporte tecnológico potente e apropriado para apoiar e incrementar as atividades e trocas grupais. Desta forma, é preciso ter claro, o que se pretende alcançar no implemento de tais metodologias, favorecer sempre o diálogo entre os atores nos espaços de aprendizagem e dominar tanto as interfaces nas quais se está trabalhando, quanto a metodologia a partir da qual se está desenvolvendo o trabalho pedagógico.

RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO A PARTIR DA INSERÇÃO DAS TIC AO CURRÍCULO

As mídias e tecnologias dispõem de inúmeros recursos de interação, comunicação e até mesmo de publicação, a partir de interfaces como fóruns, e-mails, chats, blogs, wikis, permitindo que professores e alunos se expressem de diferentes formas entre si.

Para que a escola possa aderir às inovações, principalmente a tecnológica, é necessário que leve em consideração a vida cotidiana do aprendente e daquele que está ensinando, pois cada um traz consigo elementos extrínsecos à realidade da escola, sendo estes relevantes dentro do espaço das relações que se estabelecem no ambiente escolar. No entanto,

exige-se atualmente uma prática participativa, dialógica, democrática, coletiva e colaborativa.

O processo de ensino e aprendizagem deve ser desenvolvido por competências e habilidades, em que o professor e o aluno compreendam a sociedade em que estão inseridos. Sociedade esta, que exige um profissional com qualificações excelentes para o exercício de suas funções e que aborda uma interação dialógica mediada no ciberespaço. Ainda que o sujeito ou o indivíduo seja crucial na relação com o saber e a dimensão pessoal não se torne dispensável nesta relação, o fluxo do saber se dá definitivamente a partir de uma comunidade, de uma coletividade no ciberespaço.

O saber-fluxo, o trabalho-transação de conhecimento, as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva mudam profundamente os dados do problema da educação e da formação. O que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência. Os percursos e perfis de competências são todos singulares e podem cada vez menos ser canalizados em programas ou cursos válidos para todos. Devemos construir novos modelos do espaço de conhecimentos. No lugar de uma representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em “níveis”, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes “superiores” a partir de agora devemos preferir a imagem dos espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxos, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva. (LÉVY, 2000, p. 158).

A nova maneira de ensinar e aprender ainda é um processo novo para os alunos, que estão acostumados a aulas presenciais, nas quais se vêem, se conhecem e trabalham juntos, e que agora estão diante de discussões, contatos realizados virtualmente por meios de telas. Para a maioria, é muito fácil esse tipo de comunicação, para outros não, ou seja, para os jovens sim e para os adultos não.

Diante da velocidade que a informação desloca-se e de um mundo em constantes transformações, o papel do professor vem sendo reformulado. Seja na maneira de ensinar, de conduzir a aprendizagem ou na sua própria formação que hoje se tornou permanentemente necessária. “O papel do professor, tanto na sala de aula tradicional, quanto no ambiente online, é, sem dúvida, o de garantir que algum processo educativo ocorra entre os alunos. [...] No ambiente online o papel do professor torna-se o de um facilitador”. (PALLOFF e PRATT, 2002, p. 102).

Desta forma, o professor, deve mais do que ensinar, mas ao mesmo tempo, articular experiências, mediar e facilitar o processo educativo, a fim de que o aluno reflita sobre suas relações com o mundo e o saber, assumindo, assim o papel ativo no processo de ensino e aprendizagem. “Quando discutimos o papel de facilitador desempenhado pelo professor, afirmamos que ele atua apenas como alguém que gentilmente conduz o processo educativo. A implicação disso é que aquele que recebe sua orientação – o aluno – é responsável por usá-la adequadamente”. (PALLOFF e PRATT, 2002, p. 110)

Desse modo, professores e alunos devem ressaltar a importância da troca de experiências, através de relatos de experiências, aprendendo juntos e refletindo com o outro. Assim, como evidenciado por Palloff e Pratt (2002), quando professores e alunos se envolvem desta maneira com o processo de aprendizagem, estes aprendem a aprender, além de adquirirem a capacidade de pesquisar, questionar, analisar e pensar criticamente.

RELAÇÃO ALUNO - ALUNO MEDIADA PELO USO DE MÍDIAS E TIC

Alunos que se aventuram pelos espaços virtuais, que se comunicam com outros indivíduos em diferentes regiões do mundo rompendo as barreiras lingüísticas, que interagem uns com os outros em jogos de realidade virtual, que com um clique conseguem acessar conteúdos da melhor qualidade em todos os formatos midiáticos possíveis, configuram na visão de Prensky (2001), uma categoria diferente daqueles que nasceram antes do avanço tecnológico ou dos que tiveram de se adaptar à tecnologia, por questões de qualquer natureza. Estes são os nativos digitais.

Pedir a estes alunos que silenciem durante um terço do dia, para que “ouçam com atenção” a fala do professor, que reproduz, seja com o quadro e o giz, seja com a lousa futurista, o modelo tradicional de ensino, é uma incongruência. Prensky (2001) aponta que os nativos digitais têm outras necessidades e outras expectativas com relação à escola. Esta deve se constituir enquanto espaço privilegiado de formação e incentivo à criatividade, autoria, de estímulo a metodologias ativas a partir das quais os alunos possam se assumir enquanto sujeitos responsáveis pela construção do conhecimento.

Os alunos que hoje compõem as salas de aula, nasceram em meio à esta emergência de tecnologias e delas fazem uso sem nenhum medo ou inibição. A tecnologia faz parte de seu cotidiano, da cultura deles. O debate em torno destas questões é antigo e tem atenuado com o passar do tempo. Cada vez mais as pessoas tem percebido que o computador, assim como foi o rádio, o cinema, e a TV, não são a revolução, a mudança. São recursos que favorecem a mudança, potencializam as dimensões

humanas, mas a verdadeira mudança está no uso que se faz destes recursos, nas práticas.

Diante deste cenário, percebe-se que é a próxima geração, a dos nativos digitais, quem efetivamente integrarão as TIC ao currículo, não só pelo fato de terem nascido meio a ela, dela fazerem uso e de estarem desprovidos do medo de ousar, mas principalmente por estarem desprovidos de preconceitos ou extremismos com relação a elas. Com as interfaces digitais disponíveis, constitui-se não apenas um novo cenário informacional, mas a própria democratização da comunicação. Segundo Rodrigues e Lima (2006, p. 302), “a democratização da comunicação e da educação é uma questão de justiça social e cidadania incluindo o direito humano à informação, à própria comunicação e construção de conhecimento”.

De todo modo, é necessário que os nativos digitais, sejam formados numa perspectiva de ação com base reflexão e na leitura crítica do mundo, especialmente pelo fato desta geração necessitar de uma atenção especial com relação à gestão das TIC. As informações estão disponíveis em grande volume, e volume crescente. Informações de todo o tipo, em todos formatos conhecidos, e também nos que estão sendo criados diariamente.

Ao mesmo tempo que esta facilidade de acesso à informação representa um avanço, representa também um sinal de alerta. Para Lévy (2000, p. 157), assim como a palavra *pharmakon* que em grego, representa ao mesmo tempo remédio e veneno, também assim o é o ciberespaço. Ao mesmo tempo que representa um dos maiores avanços da humanidade, em termos de tecnologia, também representa um perigo se for mal administrado:

o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (bancos de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos).

Desta forma, o ciberespaço, potencializa as funções humanas. Se nossos alunos não forem orientados de como lidar com esta potencialidade do ciberespaço, se não forem formados numa perspectiva de gestão das tecnologias, é provável que, em doses exageradas, o ciberespaço venha se constituir num veneno à próxima geração.

É importante que os professores não fechem os olhos para a realidade dos nativos digitais e não os encarem como recepáculos de informação. São os professores, junto com os pais, os responsáveis pela formação das próximas gerações, e tendo em vista que esta estará totalmente imersa na cibercultura, estratégias

didáticas de formação com autoria, que promovam a autonomia discente, a criatividade, a reflexão com base na ação e que deve estar atento à urgente necessidade de gestão das TIC.

MÍDIAS E TECNOLOGIAS NO CURRÍCULO ESCOLAR

A comunicação pedagógica é o principal fator contribuinte para a efetivação da integração e socialização de um país. Portanto a educação é o principal e fundamental meio de socialização, colaboração e comunicação para o estabelecimento de uma aprendizagem significativa, sistêmica e colaborativa. Desse modo, a nova conjuntura educacional requer um profissional da educação com vistas a inserir novos instrumentos de mediação didático-pedagógicos, para que levem a transformar às práticas pedagógicas.

Estes instrumentos estão pautados dentro das estratégias metodológicas ativas. Nestas, o professor atua como facilitador da aprendizagem e o aluno como o principal responsável pela construção do conhecimento. O quadro 1 apresenta possibilidades didáticas com o uso de diferentes mídias, com base na internet, que podem ser exploradas para fins educacionais.

Quadro 1 - Possibilidades Didáticas com o uso de diferentes mídias

Linguagem	Interfaces	Estratégias Inovadoras
Mídia Impressa	Blog , Wiki	Produção textual em autoria coletiva, publicação de conteúdos na web.
Mídia Rádio	Podcast, Web-rádio	Trabalhos com paródias musicais, produção de documentários em áudio.
Mídia Televisiva	Youtube, TeacherTube	Produção de vídeos, entrevistas, curtas-metragens.

Uma escola pública de ensino básico em Alagoas, traz um exemplo interessante de como favorecer práticas pedagógicas a partir da inserção da mídia rádio e diversos recursos tecnológicos no currículo.

Desde o início do primeiro semestre de 2009, vem sendo desenvolvido nesta escola, o projeto de construção de uma rádio que tem como objetivo, criar espaços de aprendizagem que não estejam restritos aos limites físicos da sala de aula, ampliando a participação dos alunos no contexto escolar, incluindo os jovens em atividades produtivas em horário contrário ao das aulas.

A proposta consiste em que o resultado das produções dos alunos sejam incorporados ao material didático dos professores. Para isto, foi

composto um grupo de trabalho inicialmente entre diretores, coordenadores, professores e alunos. Estes discutiram durante dois meses, em reuniões que aconteceram semanalmente no interior da escola, logo após o término das aulas, acerca dos objetivos e das metodologias a serem desenvolvidos no âmbito do projeto.

Num primeiro momento, o grupo discutiu experiências de uso do rádio desenvolvidas em outras escolas públicas brasileiras e do exterior (BRASIL, 2008; ASSUNÇÃO, 2001; GONÇALVES e AZEVEDO, 2004; JANE, 2004; SILVA, 2009) para perceber qual seria o modelo de rádio que melhor atenderia aos objetivos do projeto e que melhor se ajustaria ao orçamento da escola.

Após analisar os modelos de rádio propostos no curso de Mídias na Educação - Ciclo Intermediário (BRASIL, 2008) e ao modelo de rádio comunitária (JANE, 2004), o grupo optou pela webrádio, tendo em vista que esta dispensa os protocolos e processos jurídicos que são necessários aos que desejam implementar uma rádio comunitária; seu custo é bem menor que de uma rádio pátio, sua execução envolve um número bem maior de alunos que uma rádio restrita e os programas poderão ser acessados e recuperados por todos aqueles que tiverem interesse. Independente de espaço ou tempo, tendo em vista que os programas estarão no formato de podcast disponibilizados no site da webrádio podendo ser acessados a qualquer momento, síncrona ou assincronamente (HEIDE e STILBORNE, 2000).

Após as reuniões, iniciaram-se o processo de elaboração e composição da programação da rádio entre gravações de entrevistas, documentários, programação musical, programas de radioteatro, dicas de vestibular, curiosidades e notícias. Neste momento, os sujeitos envolvidos perceberam a necessidade de incluir este projeto ao currículo escolar.

Como proposta, um dos alunos apresentou a criação do site da webrádio, realizados os devidos ajustes pelos demais sujeitos envolvidos, foi elaborada a distribuição dos programas de acordo com os horários, conforme o quadro 2:

Quadro 2 - Programação da webrádio

Público Alvo	Horário	Programação Geral						
		Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
Público em Geral	0h às 1h	Programação Musical variada e músicas produzidas pelos alunos da escola						
	1h às 2h							
	2h às 3h							
	3h às 4h							
	4h às 5h							
Público em Geral	5h às 6h	Notícias, entrevistas, documentários, músicas compostas pelos alunos da escola, dicas de vestibular, curiosidades						
	6h às 7h							
Público Juvenil/Adulto	7h às 8h	Documentários, dicas de vestibular, curiosidades, músicas produzidas pelos alunos da escola, programação musical variada						
	8h às 9h							
	9h às 10h							
	10h às 11h							
Público em geral	11h às 12h	Notícias, entrevistas, documentários, músicas compostas pelos alunos da escola, programação musical variada, dicas de vestibular, curiosidades						
	12h às 13h							
Público Infantil/Adulto	13h às 14h	Documentários, dicas de vestibular, curiosidades, músicas produzidas pelos alunos da escola, programação musical variada						
	14h às 15h							
	15h às 16h							
	16h às 17h							
Público em Geral	17h às 18h	Notícias, entrevistas, documentários, músicas compostas pelos alunos da escola, programação musical variada, dicas de vestibular, curiosidades						
	18h às 19h							
Público Infantil/Juvenil	19h às 20h	Documentários, dicas de vestibular, curiosidades, músicas produzidas pelos alunos da escola, programação musical variada						
	20h às 21h							
	21h às 22h							
Público em Geral	22h às 23h	Notícias, entrevistas, documentários, músicas compostas pelos alunos da escola, dicas de vestibular e curiosidades						
	23h à 0h							

A distribuição dos blocos foi pensada de acordo com o público que estaria assistindo a programação síncrona da rádio. No horário da manhã (7h às 12h) os alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental (1º Ciclo) estão assistindo aula na escola e desta forma, inicialmente não estariam acompanhando os programas da rádio. Desta forma, a programação está voltada aos interesses do público adulto (pais, funcionários

de apoio, professores, alunos do turno noturno) e adolescentes (alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental - 2º Ciclo; aluno do Ensino Médio regular do turno vespertino). No horário de 13h às 17h, a programação está voltada para o público adulto e para o público infantil, e no horário de 19h às 22h para o público infantil e adolescente.

Nos horários entre a troca de turnos, foram considerados os horários “nobres” e sobre eles recaíram todo o cuidado e atenção tendo em vista que é exatamente nestes que convergem um maior número de ouvintes. Privilegiamos inicialmente a exibição de dicas de vestibular e curiosidades, notícias, documentários, músicas compostas por alunos da escola e entrevistas nestes horários exatamente por ser este o momento em que uma maior quantidade de ouvidos estarão direcionados à programação.

De acordo com o dia da semana, o conteúdo dos programas seria alternado inclusive a programação musical. Todo o conteúdo veiculado na rádio é resultado das produções dos alunos. O professor de Literatura, poderia solicitar de seus alunos que formassem grupos e que compusessem um jogral para recitar um determinado poema e que usassem sua criatividade para os efeitos sonoros. O resultado destas gravações seria veiculado em um determinado dia, mesclado às outras produções.

O professor de Física, poderia solicitar de seus alunos que formassem grupos e que compusessem alguma paródia musical tendo como pano de fundo algum conteúdo da Física e que eles gravassem esta paródia e a publicassem na webrádio. Os resultados destas gravações poderia ser socializado na webrádio. Tais iniciativas valorizam o trabalho dos alunos e o material produzido pode vir a ser utilizado por outros alunos e até mesmo pelos próprios professores em suas aulas. Os pais também poderiam acompanhar as produções dos alunos via webrádio.

A atividade proporcionou um ambiente favorável ao desenvolvimento social e cognitivo dos alunos, através do trabalho colaborativo no desenvolvimento dos podcast; estimulou a participação e a presença dos alunos em horário integral dentro da escola, produzindo e reproduzindo informações, criando conhecimento e desenvolvendo habilidades profissionais no campo das TIC e da radiodifusão; criou um ambiente no qual os alunos podem se expressar e divulgar de forma aberta eventos, cursos, palestras, produções culturais, músicas criadas por eles ou editadas, ou reproduzidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que a escola possa se constituir enquanto locus de formação do cidadão para atuar na sociedade contemporânea, esta deve não apenas favorecer o diálogo

e a interação, mas também principalmente, a produção a partir dos espaços de aprendizagem. “aos alunos é disponibilizado o acesso às informações, mas raramente à produção das mesmas” (OLIVEIRA e CASTILHO, 2009, p. 268), e o fazer na ação se constitui enquanto peça chave para a construção do conhecimento.

Quando a escola começar a trabalhar na perspectiva de produção, de uso eficaz dos espaços de aprendizagem e das interfaces da internet, faz-se necessário também que nos cursos de formação inicial e continuada de professores, estas metodologias sejam discutidas, analisadas e implementadas. Ou seja, desde a formação inicial de professores e para além dela, deve-se trabalhar o emprego de metodologias que favorecem exatamente a autoria dos alunos e a formação de sujeitos autores na prática.

Tal modelo, rompe definitivamente com o paradigma da transmissão; porém, imaginar que simplesmente colocar alunos diante do computador com acesso a tais interfaces online vai fazê-los aprender os conteúdos e desenvolver as competências exigidas, e assim terão desenvolvido as habilidades necessárias à constituição do cidadão crítico e atuante, é exatamente recair no mesmo equívoco tecnicista da década de 60.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria E. Integração de tecnologias à educação: novas formas de expressão do pensamento, produção escrita e leitura. In: VALENTE, José A.; ALMEIDA, Maria E. (orgs). **Formação de educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007.

ALMENARA, Julio C.; MENESES, Elóy L.; REGAÑA, Cristóbal B. Experiencias universitarias innovadoras con blogs para la mejora de la praxis educativa en el contexto europeo. Universidade Oberta de Catalunya: **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento (RUSC)**. Vol. 6 n° 2, 2009, p. 1-11.

ASSUNPÇÃO, Zeneida A. **A rádio na escola: uma prática educativa eficaz**. Disponível em: <http://www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/aradioescola-N2-2001.pdf> Acesso em 15 out 2009.

BRASIL. **Conteúdo do Módulo do Rádio** - Curso de Formação Continuada em Mídias na Educação - Ciclo Intermediário 2a oferta. Brasília: SEED, 2008.

HEIDE, Ann; STILBORNE, Linda. **Guia do professor para a internet completo e facil**. 2a ed. Porto Alegre Artes Medicas Sul, 2000.

GONÇALVES, Elizabeth M. AZEVEDO, Adriana B. **O rádio na escola como instrumento de cidadania: uma análise do discurso da criança envolvida no processo.** Disponível em: <http://www.eca.usp.br/alaic/boletim21/elizabeth.htm> Acesso em 15 out 2009.

JANE, Tomás J. **O papel das rádios comunitárias na educação e mobilização das populações para os programas de desenvolvimento local em Moçambique.** Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/viewPDFInterstitial/1164/910> Acesso em 15 set 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** 2ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

NEVADO, Rosane A. Espaços virtuais de docência: metamorfoses no currículo e na prática pedagógica. In. BOMN, Iara; TRAVESIM, Clarice; EGGERT, Edla; PERES, Eliana (orgs.). **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: políticas e tecnologias.** Porto Alegre: Edipucrs, 2008. XIV Endipe, Livro 4.

OLIVEIRA, Sirlene C.; CASTILHO, Telma M. As tecnologias da informação e comunicação. **Educação e Filosofia.** Uberlândia, v. 23, n. 45, p. 259-276, jan/jun. 2009.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants.** Disponível em: www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf Acesso em 04 fev 2009.

RODRIGUES, Cleide A.; LIMA, Daniela C. Avaliação online: interfaces do aprender e o ensinar. In. SILVA, Marco; SANTOS, Edméa. **Avaliação da aprendizagem em educação online: fundamentos, interfaces e dispositivos, relatos de experiências.** (orgs). São Paulo: Loyola. 2006.

SILVA, Ivanderson P. **Projeto de rádio na escola: primeiras ações.** Disponível em: <http://www.cedu.ufal.br/evento/epeal2009/> Acesso em 30 out 2009.

RECURSOS MIDIÁTICOS NA CONTENÇÃO DA VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Maria Verônica Lopes Silva
Tania Maria de Melo Moura

Resumo

A questão da violência na escola é um problema que necessita da atenção de todos os envolvidos na instituição escolar. Este texto relata a experiência desenvolvida no interior do espaço escolar com o intuito de informar essa comunidade sobre a atual situação de violência e sensibilizar os alunos no processo educativo para uma participação mais ativa, construindo valores baseados na ética, a fim de estimular um ambiente democrático. Foi possível através da experiência despertar o olhar dos envolvidos para que atos de violência, mesmo cotidianos, não se tornem mais banais, nem sejam devastadores aos vitimizados. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa baseada num relato de experiência, na qual foram utilizados como recursos midiáticos o computador através da internet (blog) e a história em quadrinhos.

Palavra-chave: Ambiente escolar; violência; recursos midiáticos.

CONTEXTUALIZANDO

Tratar hoje sobre a violência tem se tornado uma grande preocupação das pessoas, nas grandes cidades. Todos os dias são cometidos crimes cada vez mais violentos. As pessoas não andam nas ruas com a tranquilidade de muitos anos atrás. Nesse ambiente de insegurança, construímos o mundo e o transformamos de acordo com nossas necessidades e aspirações. Segundo Pérsio (2008, p. 46):

Nos grandes centros urbanos, as relações humanas tendem a ser mais fragmentadas, dinâmicas e impessoais, caracterizadas por um forte individualismo, pois a proximidade física não significa necessariamente proximidade afetiva, essa falta de afetividade reforça o individualismo e estimula os conflitos.

É grave, e, no entanto, nos parece invisível, pois levamos a violência para os lares, para a escola, para cada canto do encontro com o outro. Não percebemos que ela é decorrente das atitudes, falta de respeito e egoísmo, por nos considerarmos únicos, nos sentirmos perfeitos. O que interessa é apenas o bem-estar, por conta disso, mudamos de rotina, começamos a nos isolar em condomínios residenciais com cercas elétricas, nas casas, tudo fazemos para nos proteger, mas não mudamos nosso comportamento. Bittar (2008, p. 267), a respeito da violência, afirma:

a criminalidade violenta constitui um fenômeno meramente incorporado ao cotidiano da população brasileira. Mais do que meramente um problema, trata-se de um fato social maior, capaz não meramente de repercutir, mas moldar as mais diversas dimensões em nossa vida comum, desde novos estilos de sociabilidade até novos setores da economia – como a chamada indústria da segurança.

Nós a banalizamos e, mesmo assim, muitas vezes nos revoltamos quando presenciamos ou ouvimos falar de comportamentos agressivos dentro do grupo social, os praticamos no dia-a-dia sem percebermos, por serem freqüentes os incorporamos. A gravidade está nessa falta de percepção, por não nos considerarmos responsáveis por esta situação vivida, que em muitos momentos nos torna autores de pequenas e grandes ações nesse imenso universo que são as relações humanas. Dessa forma, não assumimos a responsabilidade pela convivência com o outro.

A fraternidade, o amor por si mesmo, parece um sonho. A convivência é tão superficial que nos tornamos frios. Nosso olhar não transmite compreensão ou tolerância com o outro. Juntando a isso a individualidade, nos tornamos menos capazes de lidar com as frustrações e neste ponto transformamos os pequenos atritos em grandes confusões. Ninguém é violento sozinho, precisa do outro para agir. Para Arantes (2007, p. 59):

O conflito é uma parte natural de nossas vidas. A maioria das teorias interacionistas em filosofia, psicologia e educação está alicerçada no pressuposto de que nos constituímos e somos constituídos a partir da relação direta ou mediada com o outro. Nessa relação, nos deparamos com as diferenças e semelhanças que nos obrigam a comparar, descobrir, ressignificar, compreender, agir, buscar alternativas e refletir sobre nós mesmos e sobre os demais. O conflito torna-se matéria-prima para a nossa constituição psíquica, cognitiva, afetiva, ideológica e social.

Pensando nessa convivência, na totalidade das ações em grupo, no envolvimento dos indivíduos, no compromisso dele enquanto cidadão responsável por suas ações que se buscam alternativas baseadas no diálogo consciente de que todos são sujeitos-autores no compromisso e no agir dentro do grupo social.

As reflexões suscitadas a partir dos olhares e dizeres dos alunos bem como as observações que desenvolvemos no cotidiano da escola em busca de conhecer a realidade e entender os porquês da violência dentro da mesma nos instigaram, a princípio, informar a comunidade escolar sobre a atual situação de violência dentro deste espaço, com o objetivo de formar cidadãos comprometidos com a transformação de tal realidade. Ao conhecer e analisar essas informações verificamos a necessidade de divulgá-las, para que juntos, professores e alunos, busquem alternativas para uma convivência baseada no respeito ao outro.

Este estudo foi realizado em uma escola pública estadual com quatro turmas do Ensino Médio, tendo como objetivo informar esta instituição sobre a situação de violência dentro desse espaço, assim como sensibilizar os alunos, estimulando-os a uma convivência harmoniosa, baseada no respeito mútuo, e alertando os envolvidos nesse processo para não permitirem que pequenas atitudes agressivas sejam tão banais no cotidiano. Foram aplicados nessas turmas 25 questionários com 8 perguntas indagando sobre a situação de violência vivida por eles. Perguntamos inicialmente se eles achavam a violência natural do ser humano, 95% responderam que não e 100% concordaram que ela vem aumentando a cada dia. Constatamos que apesar de reconhecerem o aumento da violência como alarmante, não acreditam que ela poderia fazer parte da natureza humana, esquecendo que muito do que se presencia na sociedade é que ela está sendo praticada com naturalidade pelos indivíduos. Ao perguntar se eles se consideravam capazes de atitudes que provocam a violência, 85% responderam que não. Perguntamos se eles tinham desrespeitados algumas vezes colegas ou professores, apenas 30% responderam que sim. Verificamos neste momento que não quiseram, ou

não reconheceram neles, atitudes provocativas, embora a observação mostre que pelo menos 50% deles são passíveis dessas atitudes. A maioria (97%) admitiram que os conflitos podem ser resolvidos de forma não violenta e 100% admitiram que as leis são necessárias para que o grupo social possa conviver de forma organizada. 100% admitiram que não é possível uma sociedade sem leis. Indagamos sobre que injustiças eles percebem na escola, relataram que a principal delas é a falta de respeito de muitos colegas, que fazem brincadeiras sem graça e, por parte dos professores, a falta de paciência e modos para lidar com turmas barulhentas e indisciplinadas.

Na realização dessas atividades, o objetivo foi informar a comunidade escolar sobre a atual situação de violência dentro da escola e sensibilizar os alunos para uma participação mais ativa, construindo valores baseados na ética que estimulam um ambiente democrático, despertando o olhar dos envolvidos no processo para que atos de violência do cotidiano não se tornem mais banais e nem sejam tão prejudiciais aos vitimizados. Usamos como recursos midiáticos o computador através da internet (blog) e as histórias em quadrinhos. Foi escolhido trabalhar com essas ferramentas por elas permitirem um diálogo constante entre os alunos dentro da sala de aula e com as outras turmas da escola, fazendo-os refletirem e reformularem seu pensamento embasando melhor as atitudes. Com as histórias em quadrinhos vimos a possibilidade de estimular a criatividade, elaborando textos e divulgando o que já tinha sido discutido anteriormente, apontando as possíveis soluções.

No blog, os alunos postaram seus comentários sobre vídeos, fóruns, estabeleceram o debate, facilitando a interação e permitindo uma melhor comunicação inclusive com os professores, isso aumentou a responsabilidade sobre o que queriam comunicar, tornando-os autores desse fenômeno. O aluno teve a oportunidade de ultrapassar os limites da sala de aula, de interagir com várias pessoas em qualquer momento, tornando-o ativo no processo ensino aprendizagem. Afirma Pérsio (2008, p.51):

O aspecto mais importante da interação social é que ela modifica o comportamento dos indivíduos envolvidos, como resultado do contato e da comunicação que se estabelecem entre eles. Desse modo o simples contato físico não é suficiente para que haja interação.

Ao analisar os conteúdos nessa troca de experiência, o aluno verificou também a credibilidade dos sites que desejou inserir no blog. Sua leitura regular, com qualidade, permitiu novas aprendizagens porque apresentam novas expectativas, multiplicando as possibilidades de encontrar mais soluções ao favorecer o diálogo e a intervenção com mais pessoas.

A HQ despertou o interesse e facilitou a interpretação texto-imagem, favorecendo no ensino-aprendizagem maior compreensão de uma determinada área do conhecimento. Os alunos fizeram uso de sua criatividade, tornando-se sujeito-autor desse processo. Usando-o como meio de expressar suas idéias, desenvolvendo sua capacidade de interpretação e mobilizando-se diante da questão colocada, compreendendo a importância do conteúdo a ser estudado e aplicando à sua realidade. O aprendizado, assim, tornou-se mais crítico e significativo. A construção da história permitiu a reformulação de conceitos e estimulou mudanças em suas atitudes, levando-os a uma convivência mais saudável com seus colegas e com a escola.

Muitas vezes o aluno pensa que a habilidade prioritária para o estudo é a leitura de textos, seguida da memorização de conceitos e de conteúdos, onde tudo era decorado e repetido através do questionário, da memorização de perguntas e respostas, perde-se muitas vezes um salutar hábito que poderá utilizar durante toda a vida, seja qual for a área do conhecimento ou profissional que irá exercer, pois com a produção textual assimilará melhor os conteúdos. Quanto a isso, os PCN (1997, p. 64) afirmam que:

Para que uma aprendizagem significativa possa acontecer, é necessária a disponibilidade para o desenvolvimento do aluno na aprendizagem, o empenho em estabelecer relações entre o que já sabe e o que está aprendendo, em usar instrumentos adequados que conhece e dispõe para alcançar a maior compreensão possível. Essa aprendizagem exige ousadia para se colocar problemas, buscar soluções e experimentar novos caminhos de maneira totalmente diferente da aprendizagem mecânica, na qual o aluno limita seu esforço apenas em memorizar ou estabelecer relações diretas e superficiais.

A linguagem é a forma como concretizamos tudo que o aprendemos. Ao utilizar a produção textual na sala de aula, o aluno estará trazendo para o ambiente escolar temas que se relacionem ao seu cotidiano e que fatalmente estarão presentes em suas relações com a sociedade. As tecnologias os levam a criar condições e a provocar mudanças significativas na construção desse conhecimento. Observando que não é o computador ou a história em quadrinhos que vão ensiná-los, mas são recursos que levarão os alunos a criarem um ambiente significativo, para poder refinar as idéias, levantar hipóteses, e principalmente ouvir e discutir com outros pontos de vista.

Esses recursos ajudam-nos a desenvolver habilidades intelectuais. Muitos aprendizes se sentem estimulados e concentrados nessas atividades. Buscam

mais informações e um maior número de relações entre as informações, o que possibilita a cooperação entre eles. Outro ponto positivo é a interação professor-aluno, que é melhorada a partir do momento em que eles explicitam a forma de pensar, colocando com muita propriedade os pontos de vista num diálogo contínuo com o mediador da aprendizagem. O professor também faz a revisão do que o aluno aprendeu, quais as dificuldades ou se houve assimilação dos conteúdos pesquisados e discutidos. Como afirma Moran (2009, p.23):

Um dos grandes desafios do educador é ajudar a tornar a informação significativa, a escolher as informações verdadeiramente importantes entre tantas possibilidades, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda e a torná-las parte do nosso referencial. Aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos. Aprendemos quando relacionamos, estabelecemos vínculos, laços entre o que estava solto, caótico, disperso, integrando-o a um novo contexto.

As tecnologias dependem do uso e do planejamento que se faz dela, pois são apenas recursos, cabe ao professor estabelecer metas e programar sua utilidade dentro dos conteúdos que devem ser ensinados, buscando a melhor forma para desenvolver suas atividades e superar as expectativas dos alunos, ajudando-os a se apropriarem dos conteúdos de forma mais efetiva.

Num trabalho cooperativo no qual se ressalta a participação de todos, oferece ao aluno a oportunidade de assumir a responsabilidade pelo que está aprendendo. No afinal cada um terá aumentado o seu cabedal de conhecimento, estará mais apto a realizar tarefas, a mudar atitudes, a se socializar e conviver com o outro no amor e respeito ao próximo, tornando a escola mais participativa e atuante perante a sociedade. Afirma Puig (2003, p. 33):

Entende-se que uma escola democrática define-se pela participação do alunado e do professorado no trabalho, na convivência e nas atividades de integração. Uma escola democrática, porém, deve possibilitar a participação como um envolvimento baseado no exercício da palavra e compromisso da ação. Quer dizer, uma participação baseada simultaneamente no diálogo e na realização dos acordos e dos projetos coletivos. A participação escolar autêntica une o esforço para entender e para intervir.

A verbalização foi interativa entre os alunos, tornando-se a chave para o conhecimento mais elaborado. Ouvindo, discutindo e dialogando, eles tornaram o pensamento mais claro e encontraram palavras para exprimi-lo melhor e também para provocar mudanças no comportamento.

OLHARES E DIZERES DOS ALUNOS

A violência na escola é invisível; em muitos momentos, silenciosa, mas presente em suas mais diferentes manifestações (gestual, física, verbal). É muito comum os alunos relacionarem suas atitudes individuais e coletivas como brincadeiras, não percebendo a falta de respeito, a invasão do espaço do outro. Parrat-Dayán (2008, p. 7) afirma: “Os problemas de indisciplina manifestam-se com frequência na escola, sendo um dos maiores obstáculos pedagógicos do nosso tempo. A maioria dos docentes não sabe como interpretar nem como enfrentar um ato de indisciplina”.

Dentro das salas de aula, o que mais vemos é o despreparo de professores para enfrentar alunos indisciplinados. Muitos se deixam levar pela situação e explodem de forma tão agressiva quanto os alunos. Não distinguem o que é certo ou errado, restando um aluno irritado, um educador estressado, e muitas vezes doente, levando seu trabalho nos ombros como um grande peso. A escola deixa de ser o espaço para o desenvolvimento do conhecimento, para a formação de uma consciência crítica e reflexiva, onde deveria ser promovido o diálogo, o respeito às diferenças, e perde a oportunidade de construir uma nova história em que as pessoas possam ver no outro um igual. A fala da aluna durante a investigação reflete nossa reflexão:

É o que realmente vem acontecendo na vida e nada do que passou é mentira, às vezes, nós mesmos praticamos esse tipo de violência e nem percebemos, temos que parar e refletir, porque nada disso está correto. Se ao invés da gente brigar, bater ou tentar machucar, a gente conversasse com o outro, sairia bem melhor, pois não é com porradas e grosserias que a gente resolve, muito pelo contrário, só pioramos a situação. (Aluna J).

Neste relato, a aluna mostra a necessidade do diálogo com o outro, a importância de se buscar alternativas que os levem a uma reflexão sobre a situação que estão vivendo. Se as relações estabelecidas desde a mais tenra idade fossem baseadas no diálogo e ainda numa educação onde a afetividade tivesse importância, os envolvidos no processo tenderiam a interagir melhor e com mais respeito dentro do seu grupo social.

Há a necessidade de uma atenção maior da família mostrando o que é certo ou errado. Em um lar no qual as relações sejam baseadas no diálogo e ainda numa educação onde a afetividade tenha importância, os indivíduos irão interagir melhor e com mais respeito dentro de seu grupo social.

Os professores já cansados e estressados observam os alunos como desinteressados, sem educação, principalmente a familiar. Os alunos, por sua vez, sentem-se desrespeitados, desprotegidos dentro de uma

instituição, cujo objetivo seria educar ou orientar para a vida. A violência assim se produz dentro da escola, ela é o espelho do que acontece na sociedade. Moran (2007, p.55) afirma:

Nós, educadores, nos sentimos meio perdidos e descrentes diante de tantos desafios e condições profissionais pouco dignas. Se formos pessoas amadurecidas, equilibradas e otimistas nossos alunos encontram em nós motivos para também acreditarem em si, para avançar mais e para serem melhores.

Essa situação é agravada porque os pais, mães, professores ou responsáveis jogamos a culpa uns nos outros. Esquecem que o papel como educador e cidadão é ajudar esses jovens a se desenvolverem com autonomia, independência moral e intelectual e com capacidade humana para auto governar-se e a se perceber como um sujeito responsável dentro do grupo social do qual faz parte. Outra aluna relata:

Existe uma realidade muito comum nas escolas, que pode ter início dos dois lados: tanto dos alunos, como dos professores. Da parte dos alunos, essa violência pode acontecer até mesmo pela falta de educação em casa ou pelas más influências. Da parte dos professores, pode acontecer simplesmente pela dificuldade de lidar com os alunos dentro da sala de aula, fazendo com que percam o controle de si. (Aluna N).

A falta de limites dos alunos é real, necessita-se de uma atenção maior da família. Espera-se que a escola cumpra esse papel. O professor precisa ser parceiro do aluno na construção do conhecimento, não pode ficar no campo da neutralidade. A escola tem regras contra a indisciplina, mas precisa melhorar, refletir junto com eles essas regras para que possam ter a sensação de pertencer ao grupo. A reflexão sobre as regras carece de um diálogo permanente, como sugere Puig (2000, p.21):

É o momento em que o coletivo se reúne para refletir, tomar consciência de si mesmo e transformar tudo aquilo que seus membros consideram oportuno. É o momento organizado para que alunos e alunas professores e professoras possam falar de questões que lhes pareçam pertinentes para melhorar o trabalho e a convivência.

É nesse momento que a escola deve concentrar seus esforços, não sendo apenas a transmissora do conhecimento, mas sendo o veículo que possibilite a discussão, o diálogo e a busca para o equilíbrio emocional. Só assim os alunos poderão reformular suas ideias e pensamentos, melhorando suas atitudes.

Ao refletirem, dialogicamente, o próprio grupo se organiza e cria regras que vão representar a vontade da maioria. Tais regras passarão a ser cobradas por eles

mesmos. Todos assumirão a sua responsabilidade de forma colaborativa dentro do papel que desempenham na escola, mantendo, dessa forma, as relações mais harmoniosas, como recomenda Araújo (2004, p.21):

Além de ser um espaço para a elaboração e reelaboração constante de regras que regulam a convivência escolar [...] propiciam momentos para a negociação e o encaminhamento de conflitos cotidianos. Dessa maneira, contribuem para a construção de capacidades psicomorais essenciais ao processo de construção de valores e atitudes éticas.

Se os professores assumirem esse papel de pensar na escola como um lugar para se aprender a viver, levar para a sala de aula conteúdos que façam parte do cotidiano do aluno e aliá-los ao conteúdo das disciplinas, refletindo com eles essa realidade, a escola estará cumprindo esse papel, não apenas cumprindo o seu papel, mas auxiliando os partícipes desse processo a serem autênticos cidadãos. Observamos nas falas dos alunos abaixo a necessidade que eles têm de discutir o assunto:

O que tenho a dizer também é que os pais devem tomar uma atitude, pois seus filhos têm que ser educados na escola. Para mim não existe um só errado, professores estão errados, pais estão errados, alunos estão errados e de certa forma a sociedade inteira. (Aluno R).

É [...] alguns professores não sabem lidar com os alunos, mas a grande parte dos alunos não facilita o trabalho do professor. Mesmo assim, os professores têm que ter capacitação para lidar com o psicológico dos alunos, para não haver contradição. (Aluna E).

Os alunos demonstram a necessidade de uma maior atenção, tanto da família, quanto da escola, acompanhando-os e orientando-os em seu desenvolvimento intelectual e afetivo, guiando-os nas relações interpessoais, tornando estas mais equilibradas e agradáveis a seus pares.

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Essa experiência surgiu da necessidade de criar situações para que os alunos refletissem em torno de seus comportamentos, procurando modificá-los, uma vez que para haver organização dentro do grupo é necessário o respeito ao outro, no qual todos possam assumir a responsabilidade de forma colaborativa dentro do papel que desempenham na escola. A experiência foi desenvolvida com quatro turmas do 1º ano do Ensino Médio. Ao iniciarmos as atividades, procuramos saber dos alunos quais temas gostariam que fossem trabalhados durante o ano letivo, assim, sugeriram o tema Violência, justificado pela aluna A: “Está mostrando a realidade

cruel dos nossos dias atuais, a falta de respeito com as pessoas, principalmente, os jovens que todos dizem ser o futuro do país”. “Foram eles (os governantes) que começaram esse tipo de confusão e impunidade maiores” (Aluna C).

Iniciamos as primeiras atividades em grupo, pesquisando como as diferentes mídias (jornais, revistas, televisão, rádio) abordam o tema, buscando entender e conceituar os diferentes tipos de violência e como ela se apresenta. Entende-se aqui por violência uma relação de poder que um exerce sobre o outro, cujo objetivo é causar dano à pessoa vitimizada. Hoje ela assusta e inibe as pessoas na convivência social. Apresenta de várias formas:

- violência física – que se caracteriza por tapas, empurrões, uso de armas;
- violência verbal – é o uso da força imposta pela palavra, quando colocamos um sentido pejorativo;
- violência pedagógica – quando o professor toma atitudes que menosprezam os alunos, deixando-os humilhados diante da turma. Ela é sutil e se esconde nas práticas pedagógicas;
- violência simbólica – usam-se os símbolos para substituir uma realidade concreta, criando estereótipo e discriminando pessoas ou grupos;
- violência psicológica – usam-se expressões que provocam a discriminação de uma minoria (exemplo: machismo, homofobia).

Socializamos esta pesquisa entre os grupos para que pudessem trocar impressões sobre os conteúdos pesquisados. Nesses momentos de troca de informação, eles expuseram seus sentimentos, pensamentos e idéias, para buscar uma melhor atuação na comunidade escolar.

Desta forma, os conceitos foram se alargando do senso comum para o científico. Observamos em muitos alunos surpresa por descobrirem que pequenos atos cometidos por eles mesmos na escola, dentro do que foi pesquisado, recebiam nome dentro do contexto da violência. Começaram a reavaliar os conteúdos e dúvidas existentes buscando uma melhor forma de resolver a questão. Segundo Arantes (2007, p.65):

Ao se dialogar sobre um conflito, é garantido a todos os membros que dela participam a igualdade de direitos de expressar seus pensamentos, desejos e formas de ação, ao mesmo tempo em que é garantido a cada um de seus membros o direito à diferença de pensamentos, desejos e formas de ação. Pelo diálogo, [...], as alternativas de solução ou de enfrentamento de um problema são compartilhadas e as diferenças vão sendo explicitadas e trabalhadas regularmente, durante um longo processo de tempo.

Assistiram ao filme: *Ética e Direitos Humanos/TV Escola*, que mostra os tipos de violência (verbal, familiar, escolar, entre outras). Foi sugerido que relacionassem à sua realidade, comentando a compreensão do “texto”, aplicando os conceitos previamente conhecidos. Expuseram seus pontos de vista a partir dos elementos que observaram dentro deste mesmo texto. Os alunos se colocaram:

Nossa! Professora, eu conhecia o assunto, mas não sabia da gravidade, pudemos ver que isso acontece com frequência em todos os lugares e com todos os tipos de classe social. Para evitar, a escola deve estimular os alunos, mostrando-lhes que não se pode inibir uma pessoa só porque ela é diferente ou não se enquadra no padrão do seu grupo, devem-se orientar os alunos na discussão aberta, claro que isso não é responsabilidade só da escola, mais dos pais que devem orientar seus filhos e observar suas atitudes. Bullying é sério e isso só vai acabar se todos nós nos unirmos em um só objetivo. (Aluna B).

A aluna traz em sua fala uma categoria que vem sendo discutida no campo dos estudos sobre a violência: o bullying, que se caracteriza sob diversos aspectos que vão do mais sutil ao ostensivo, designado por comportamentos agressivos intencionais, repetitivos, antissociais que são adotados por um ou mais alunos contra outros colegas. Parece brincadeira, mas não é, o sofrimento pode levar a vítima à depressão e nos casos graves, à morte, conforme a fala de outro aluno:

Não é uma questão de classe social, a violência está em toda parte, deste modo gostaria de dizer que este vídeo foi um auxílio e um alerta, incentivando-nos, para que possamos pensar antes de dizer ou falar algo para alguém. Por mais alternativas que tivermos, temos que tentar buscar um ponto de equilíbrio. Pois, além da agressão física, a humilhação pode causar danos como transformar uma pessoa ao ponto de fazer com que os indivíduos sofram de causas graves, como distúrbios psicológicos. (Aluno C).

A partir deste momento, as atividades se concentraram em entender como ocorre a violência dentro do contexto escolar, bem vivida por eles das mais diferentes formas: verbal, gestual, simbólica. Foi promovida uma discussão para que pudessem, de fato e embasados teoricamente, fazer uma análise do cotidiano. Constataram, que muitos colegas ultrapassaram seus espaços no qual o tom era sempre de brincadeira, mas havia falta de respeito, em muitos momentos, também relacionado ao professor.

Criamos um blog para permitir uma aprendizagem mais significativa e assim abrir o espaço para que pudessem debater o assunto com todas as turmas da

escola e com seus professores. Seguimos a orientação de Arantes (2007, p. 63) quando comenta:

Com esse tipo de proposta educacional, a escola entende que, da mesma forma que os estudantes aprendem a somar, a conhecer a natureza e a se apropriar da escrita, é fundamental para suas vidas que conheçam a si mesmo e a seus colegas, e as causas e as conseqüências dos conflitos cotidianos. Trabalhando dessa maneira, por meio de situações que solicitem a resolução de conflitos, a educação atinge o duplo objetivo de preparar seus alunos e alunas para a vida cotidiana, ao mesmo tempo em que não fragmenta as dimensões cognitivas e afetivas no trabalho com as disciplinas curriculares.

Adotamos como exemplificação, situações reais da vida dos alunos, considerando os desejos e as expectativas dos mesmos na elaboração do conhecimento científico, formando uma comunidade virtual em torno de interesses comuns, mais voltados para uma perspectiva pedagógica. Os alunos em sua maioria nunca tinham participado desse tipo de atividade, mas afirmaram que já participaram de outras comunidades, a exemplo do Orkut. O diálogo foi estabelecido, promovendo o esclarecimento e o discurso de forma mais abrangente, como demonstra a longa fala de um aluno:

Para que a violência na escola diminua, é necessária uma atuação mais forte e presente da escola com regras e soluções específicas para os casos de bullying, os profissionais têm de buscar uma maneira de resolver os conflitos adequadamente. Assim, como a família tem um papel muito importante, ela precisa estar nas escolas cobrando da escola e participando da rotina da criança. Os estudantes precisam receber segurança da família e da escola.

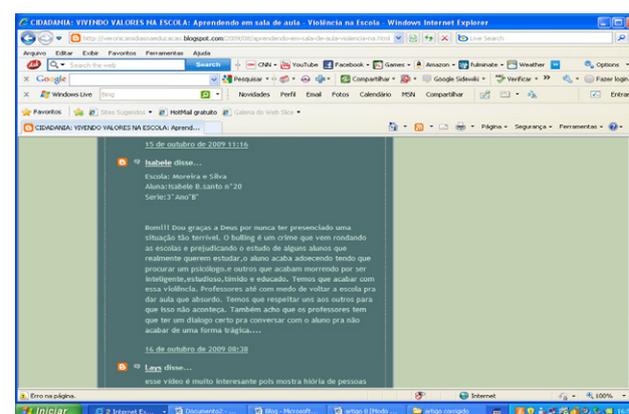
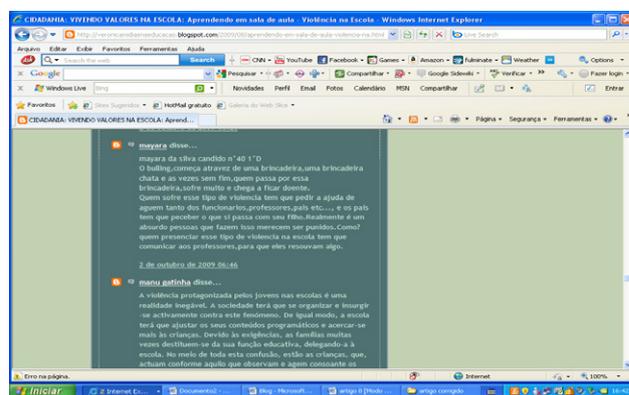
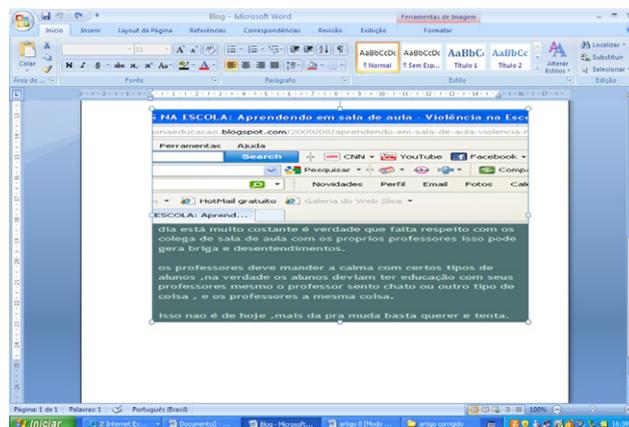
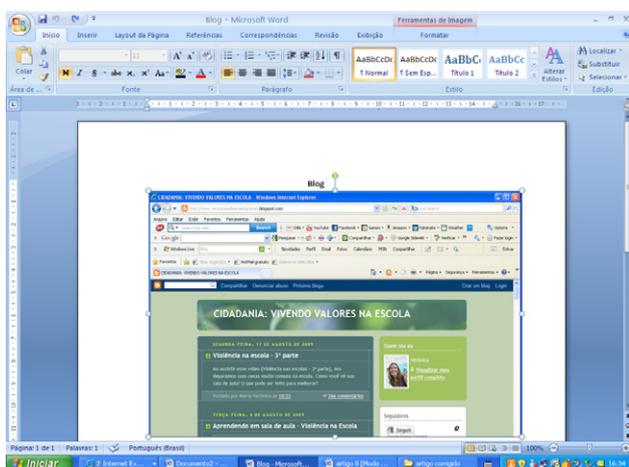
Atitudes como suspender o agressor e colocá-lo para fora da sala de aula só geram mais violência. Além do mais, o Brasil não possui uma lei específica para o bullying. Temos que tentar melhorar primeiramente nossa classe e depois a escola onde estudamos, quando vivemos “zoações”, ou seja, fatos relacionados ao bullying, devemos nos impor e terminar com isso de vez, ao invés de apoiar o agressor incentivando e rindo da situação da vítima.

Pois a partir do momento em que o agressor escolhe a vítima ele a maltrata visando ridicularizá-la diante dos colegas. O agressor também sabe manipular, persuadir os expectadores a ponto de fazer com que eles o apoiem. A vítima passa a se sentir um lixo, sua autoestima está tão baixa que até chegam ao extremo, preferindo morrer a voltar para a escola. (Aluno C).

São nessas relações dialógicas baseadas no respeito mútuo e na cooperação que eles formam uma consciência crítica e reflexiva em tudo que ocorre dentro do seu cotidiano e mais especificamente dentro do contexto escolar e de si mesmos. Nesse sentido Parrat-Dayan (2008, p. 83) explica:

Se quisermos formar personalidades autônomas então devemos favorecer as relações de cooperação, já que estas passam da heteronomia para a autonomia. Assim, a escola deveria ser um ambiente cooperativo e não um ambiente de obediência ao professor. E, ainda que não seja fácil estabelecer um ambiente escolar totalmente livre de autoridade, é possível reduzir a autoridade do adulto a partir do respeito mútuo, de tal forma que as crianças possam participar da organização das regras e decisões da escola. Nesse ambiente, a repressão unilateral do adulto não existe. Ao contrário, tanto o adulto quanto a criança funcionam com as relações de cooperação e respeito mútuo. Planejam-se as atividades de grupos que favoreçam a reciprocidade. As crianças têm, constantemente, a oportunidade de escolher, tomar decisões livremente. Isso cria condições que geram a cooperação.

Cabe à escola desenvolver atividades que estimulem os alunos a serem independentes em seu pensamento e que juntos trabalhem em prol de um bem comum. Que as regras possam ser obedecidas sem serem impostas, uma vez que os alunos estarão discutindo-as constantemente. Num trabalho cooperativo, no qual todos participam ativamente é mais fácil serem trabalhadas as questões que envolvam sentimentos.



As atividades foram elaboradas pelos alunos em duplas, a exemplo das histórias em quadrinhos. Foi proposta a leitura sobre a Violência na Escola, mas como meio eficaz de assimilação de conceitos e conteúdos, levando-os a um ensino mais interessante.

ELABORANDO UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

- 1- Roteiro, colocando no papel como será a história toda.
- 2- Ver quantos quadrinhos vai ter e distribuir os quadrinhos entre as páginas.
- 3- Diagrame sua história, “diagramar” é decidir a forma e o tamanho dos quadrinhos, lembrando que um pode ser o dobro do outro e ocupar uma tira inteira.

4- Pense nos desenhos, as formas que os personagens irão ter: coisas simples podem se tornar grandes efeitos – você pode desenhar um triângulo para ser o corpo do personagem e uma bola para ser a cabeça por exemplo. Deixe a criatividade ajudar na montagem dos personagens.

5- Lembre de criar cada personagem com suas características próprias, tanto no desenho (físico) quanto em sua personalidade (emocional).

6- Comece a história pelos textos – balões dos personagens para depois construir as cenas, isso facilita na distribuição das cenas sem ter interferência nos textos.

7- Procure usar sempre letras maiúsculas, destaque termos, palavras com negrito sempre que houver necessidade.

8- Finalize sua história sempre com uma surpresa no final.



Depois foi cobrada a produção de textos. Puderam construir o conhecimento baseado não só na palavra, mas também na imagem e nas práticas sociais, buscando alternativas para a resolução de conflitos. Identificamos na fala dos alunos ao sugerirem possíveis soluções para uma convivência mais harmônica, sem as agressões a que estavam habituados:

A melhor forma de lidar com esta situação de violência é saber se as instituições de ensino possuem ampla capacidade educativa para advertir os alunos que praticam a violência, advertir com regras específicas para o bullying, auxílio e atenção dos familiares. (Aluno D).

Apesar de sério, o bullying ainda tem solução: um Brasil com mais educação, igualdade para todos. Intimidação e humilhação existem entre as pessoas, o diálogo e o entendimento são a melhor maneira de resolvê-los. Quando todos se entendem, todos ganham. (Aluno F).

Quando alguém vir ou souber de uma briga entre os alunos, avisar à direção e aos professores para comentem sobre esse tipo de violência, fazer trabalhos (atividades) de combate à violência

para quebrar o gelo entre os alunos, os pais devem conversar com os filhos para que eles contem seus problemas. (Aluno C).

A direção deve espalhar cartazes contra a violência e comentar com os alunos. (Aluno G). Embora estejam se tornando cada vez mais comuns as agressões físicas e psicológicas, temos que ter um plano em cada instituição para acabar com a violência no meio educacional. (Aluno K).

As pessoas devem se respeitar sendo pretas ou brancas ricas ou pobres. Há oportunidades para todas. (Aluno D).

Os professores deveriam conversar com os alunos, entender o lado deles, e, se tiver algum problema, tentar resolver e não partir para a violência. Assim, estarão ajudando a ter mais violência na sala de aula, essa sim é a melhor solução para ajudar mais. Fazer também palestras. (Aluno P).

Tomar atitudes que os outros tenham como exemplo. Punir os alunos que fazem baderna (bagunça), pensar duas vezes antes de fazer algo. (Aluno T).

As falas registradas demonstram que captaram não só os conteúdos das pesquisas feitas, bem como refletiram criticamente e buscaram soluções alternativas para os questionamentos.

A avaliação se deu de forma processual ao longo do desenvolvimento das atividades. Observamos a formação de conceitos, analisando os questionamentos e as intervenções. Através do diálogo, verificamos se houve aprendizado dos conteúdos propostos e se houve mudança de atitude frente aos problemas levantados no que se refere à superação de idéias do senso comum. Houve acompanhamento fazendo a leitura do que foi produzido pelos alunos, elaborando sugestões, fazendo as intervenções necessárias nos textos produzidos por eles, incentivando várias leituras e a retomada de conteúdos. Observou-se também a forma reflexiva e crítica deles abordarem o tema, bem como a concatenação de idéias e a criatividade.

Em relação à produção dos alunos, avaliamos que ensinar é muito mais que transmitir o conhecimento, é orientar para a aprendizagem, ajudar a formular conceitos e despertá-los para as potencialidades inatas, que encontrem um equilíbrio em torno de verdade que eles próprios constroem como opção de vida. Embasados teoricamente, são capazes de buscar novas formas de convivência, mudando de atitude, se tornando um cidadão autônomo e criativo, mais responsável pelo seu grupo. Assim, a educação passa a ter como ponto principal a autorrealização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diálogos produzidos na escola são momentos únicos que estimulam professor, alunos e todos que fazem a instituição, levando-os a refletirem a realidade vivida.

Mediada pela observação dos diálogos, questionamentos e intervenções possibilitados pelos recursos midiáticos, foi possível analisar que apesar de os alunos assimilarem bem os conceitos e participarem dos debates com empenho, ainda apresentam dificuldades para mudar as atitudes que desrespeitam o outro e provocam conflitos. Esses comportamentos estão intimamente ligados ao seu cotidiano, e por isso nem sempre o percebem. Levará um tempo para que consigam estabelecer relacionamentos baseados na paz, no respeito e na busca de uma convivência democrática.

Os professores têm uma boa parcela de contribuição para o quadro apresentado, pois não conseguem argumentar com os alunos. Consideramos que suas posturas são sempre impostas e os alunos revidam de forma provocativa. Nesses momentos, os professores tomam para si o direcionamento dessas atitudes, tratando-os como fracassados, ineficientes ou desprovidos de qualquer conhecimento e respeito, a despeito do que eles próprios dizem ensinar. Os alunos passam a agir agressivamente e de forma tão natural que para eles é imperceptível.

Quando realizaram atividades reflexivas com temas do cotidiano, os alunos aprenderam de forma mais coerente e legítima, reformularam seus conceitos, dialogaram com o professor e os colegas de forma mais tranquila, exprimindo sua emoção e resolvendo seus conflitos, mudando sua atitude perante a vida, deixando de lado o que foi imposto, estabelecendo aos poucos novas regras de convivência que ressaltam a dignidade e a sensibilidade humana de que todos são portadores, gerando compromissos diários, diálogo, respeito e reconhecimento do outro. Mostraram que o trabalho coletivo pressupõe a participação de todos que fazem a escola, já que ao renovar o posicionamento crítico, basearam seus valores dentro da ética e construíram um ambiente de paz e transformação dentro do espaço escolar.

Constatamos que o relacionamento professor-aluno e alunos-alunos melhorou em prol do bem comum, levando-os à reflexão e à formação de uma consciência crítica capaz de avaliar o relacionamento com o outro, respeitando as diferenças.

REFERENCIAS

ARAÚJO, U. F. **Assembléia escolar: um caminho para a resolução de conflitos**. São Paulo: Moderna, 2004.

ARANTES, Valéria A. **Ética e cidadania: construindo valores na escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

BITTAR, Eduardo G.; TOSSI, Giuseppe (orgs.). **Democracia e educação em Direitos Humanos numa época de insegurança**. Brasília, 2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

MORAN, Manoel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2007.

MORAN, José M.; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2009.

OLIVEIRA, Pêrsio S. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Ática, 2008.

PARRAT-DAYAN, Sílvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Melhoramento, 2008.

PUIG, J. M.; MARTIN, X; ESCADIBUL, S; NOVELLA, A. **Democracia e participação**. São Paulo: Moderna, 2000.

PUIG, J. M. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Moderna, 2003.

O USO E A APROPRIAÇÃO DO SQUEAK ETOYS POR PROFESSORES E ALUNOS DO PROJETO UCA

Yára Pereira da Costa e Silva Neves

Luis Paulo Leopoldo Mercado

Resumo

Este estudo apresenta o relato de uma experiência sobre a formação de professores do PROUCA através de um experimento que investigou o processo de aprendizagem que ocorre com o professor em sua prática pedagógica ao se apropriar e utilizar dos recursos do software Squeak Etoys, disponível no laptop educacional. Trata-se de pesquisa participante com abordagem construcionista em uma escola pública municipal, na cidade de Penedo/AL sobre o uso do Squeak. O Squeak Etoys é um ambiente de desenvolvimento e de execução da linguagem Smalltalk 80 e do padrão ANSI, com características adicionais como som em tempo real, síntese de música, manipulação de imagens, acesso a internet caracterizando-se assim como um ambiente de autoria multimídia. Contempla maiores possibilidades para que o professor proporcione um ambiente de aprendizagem no qual o aluno se envolva no processo de construir o seu próprio aprendizado de acordo com o seu limite, autonomia e ritmo próprios.

Palavras-chave: Squeak Etoys; laptops educacionais; Projeto UCA; formação de professores

INTRODUÇÃO

Com a inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na educação percebe-se a preocupação de pesquisadores em que o uso do computador na escola não ocorra somente por necessidade de uso de instrumentos e técnicas, mas como um desafio às escolas para repensarem suas práticas e ofertarem um modelo pedagógico que contribua para a melhoria da qualidade e na construção de um novo paradigma para a educação.

Todas as vezes que as escolas se deparam com programas ofertados para formação de professores, surge o questionamento: os professores, ao participarem desses programas, estão aptos a fazer uso apropriado das TIC, contribuindo, dessa forma, para a melhoria da qualidade da educação e na construção de um novo paradigma para a educação brasileira?

Segundo Almeida e Prado (2011, p. 34), o uso do computador vem ocorrendo no Brasil desde a década de 1980, e torna evidente que o ponto crucial consiste na formação de professores que possam integrar essa tecnologia aos processos de ensino e aprendizagem.

Percebe-se que um dos principais motivos para a resistência de tantos professores em se apropriar do uso das TIC é o fato de se constatar dificuldades de manuseio e falta de compreensão do uso pedagógico do

computador, seguidos por disponibilidade de tempo e falta de organização administrativa, já que a escola não tem funcionários disponíveis para a efetivação das ações do programa, contrapondo-se, dessa forma, ao seu objetivo.

As TIC trazem como desafio a criação de novos ambientes de aprendizagem que incorporem diferentes tecnologias e recursos, fortalecendo o aperfeiçoamento constante para o professor, pois caso utilizadas sob uma abordagem correta, as TIC são uma ferramentas capazes de proporcionar a reflexão necessária à prática pedagógica, como também o desenvolvimento de competências ao longo do processo, ou seja, com a intenção de contribuir para efetivar mudanças na educação brasileira.

O uso do laptop educacional em sala de aula gera novos desafios, tanto no currículo como na estrutura da escola e na prática dos professores, pois, quando inseridos no processo e usando abordagem do tipo “ação-reflexão-ação”, mesmo o mais tradicional professor sente necessidade de refletir sobre sua postura pedagógica em face da realidade do cotidiano do aluno. Ainda que o professor não extrapole o patamar da resistência, não será o mesmo após a experiência interativa com essa ferramenta caracterizada pela mobilidade, conectividade e interatividade.

O que fazer a fim de permitir uma maior facilidade aos envolvidos para manusear esses recursos

e se apropriar dos equipamentos com a finalidade de construir seu próprio conhecimento, ajudando seus alunos na construção de conhecimentos e contribuindo efetivamente para a mudança que se almeja?

Com o processo de implantação dos laptops educacionais nas escolas públicas de Alagoas através do Programa Um Computador por Aluno (PROUCA), que visa ao desenvolvimento de metodologias mediante a formação continuada, enfrenta-se o desafio de investigar o processo de aprendizagem que ocorre com o professor ao se apropriar e utilizar dos recursos do software *Squeak Etoys*, disponível no laptop educacional, na sua prática pedagógica.

Adota-se uma abordagem construcionista para a formação e exploração do software que se fundamenta na “ação-reflexão-ação”, uma vez que “o *design* do curso foi concebido de modo a concretizar os princípios construcionistas, a concepção de escola como organização viva, aprendente e geradora de conhecimento” (ALMEIDA e PRADO, 2011, p. 39), cujo objetivo é levar equipamentos portáteis a alunos e professores de ensino básico da rede pública, e proporcionar a formação de professores para o uso do laptop educacional em sala de aula.

PROJETO UCA EM ALAGOAS

O PROUCA, iniciativa do governo federal, criado pela Lei nº 12.249, de 11 de junho de 2010, propõe novas formas de utilização das TIC nas escolas públicas brasileiras, cuja execução está a cargo do Ministério da Educação. Possui como objetivo levar equipamentos portáteis (laptops educacionais) para alunos e professores de ensino básico da rede pública, e também desenvolver metodologias através de uma formação continuada que priorize a aprendizagem significativa do aluno por intermédio de novas práticas pedagógicas, a exemplo do uso pedagógico de laptops em sala de aula, a partir do desenvolvimento de pesquisas que identifiquem as práticas pedagógicas com esses equipamentos e que sejam referenciais da mudança curricular necessária à escola nesse novo contexto da sociedade do conhecimento.

O programa envolve o Ministério da Educação, as universidades, as secretarias de educação com seus órgãos regionais de ensino, os Núcleos Estaduais e Municipais de Tecnologia Educacional (NTE/M) e as escolas públicas.

Em Alagoas, a IES-UCA-Global, representada pela PUC de São Paulo, por meio do e-Proinfo – ambiente virtual e de encontros presenciais, juntamente com as equipes das IES-Local, da UFAL e dos NTE/M, preparam e acompanham a formação de gestores e professores, visando à incorporação do laptop educacional como ferramenta pedagógica por alunos e professores.

São nove escolas de Alagoas contempladas com o projeto, sendo cinco da rede estadual e quatro da rede municipal. De acordo com o planejamento da IES local, na condição de pesquisadora/formadora do PROUCA acompanhamos este estudo numa Escola Municipal de Educação Básica da cidade de Penedo – AL, escola pertencente à rede municipal de educação básica, que atende alunos da pré-escola ao 9º ano, conta com aproximadamente 500 alunos, de acordo com a matrícula de 2011 e possui 22 professores, e 2 coordenadores pedagógicos, 1 diretora e 1 vice-diretora na equipe gestora.

Para a implantação do projeto, a escola passou por uma reforma para adaptação das redes elétrica e lógica, em que cada sala de aula, biblioteca, diretoria, secretaria e sala dos professores passaram a ter ponto de internet, e em cada sala de aula existem 40 tomadas com entradas para o *laptop*; no entanto, atualmente já existem algumas salas com tomadas deterioradas e não há armários para os equipamentos, que são guardados em caixas de papelão, na diretoria.

Como as salas de aula não têm armários para guardá-los, ficou estabelecido que os laptops serão usados em dois dias diferentes em cada semana. No dia em que o equipamento for usado por um professor, todos os outros professores dessa turma também o usarão e, para que haja um rodízio entre eles, estabeleceu-se que os dias não podem ser fixos. As ações individuais dos professores constam em seus respectivos planejamentos.

A proposta da formação para o uso dos laptops educacionais foi estruturada em cinco módulos, com momentos presenciais e a distancia através do ambiente e-Proinfo, a saber: “Compreensão da Proposta UCA, apropriação dos recursos do laptop, inovação pedagógica no uso das tecnologias digitais, atualização do PPP da escola para incluir as tecnologias digitais e socialização da proposta UCA da escola” (BRASIL, 2009, p. 18).

Além de acompanhar a formação e contemplar maiores possibilidades para que o professor proporcione um ambiente de aprendizagem no qual o aluno se envolva no processo de construir o seu próprio aprendizado de acordo com o seu limite, autonomia e ritmo próprios, este estudo foi motivado pela percepção do *Squeak Etoys*, software existente no laptop educacional como algo semelhante ao Logo, linguagem de programação adotada no Brasil quando da inserção do computador como ferramenta pedagógica.

O Logo é uma linguagem de programação desenvolvida pelo matemático sul-africano Seymour Papert, um dos maiores visionários do uso da tecnologia na educação, no Massachusetts Institute of Technology (MIT), Boston, EUA, e totalmente voltada para a educação, de fácil assimilação através de comandos

dados a uma tartaruga que se move na tela, permitindo que “as crianças programem a máquina em vez de serem programadas por ela” (PAPERT, 2001, p. 39).

O Logo propicia um ambiente de aprendizagem no qual o aluno, a partir do momento em que utiliza os comandos para mover uma tartaruga, produz ideias de projetos que gostaria de observar na tela e, ao implementá-las, se envolve no processo de construir o próprio aprendizado de acordo com seu ritmo de resolução de problemas, propondo uma solução dentro de sua capacidade de compreensão e assimilação de conceitos. Cabe ao facilitador estimular a motivação e as atividades realizadas, para vencer as dificuldades de maneira suave e progressiva.

Em nossa trajetória profissional, ao acompanhar a formação de professores, os cursos de extensão para crianças e jovens com uso do Logo resultaram em experiências significativas que serviram de base à realização deste experimento com o *Squeak Etoys*.

Papert (1988, p. 27) se refere à Linguagem Logo como “um instrumento capaz de mudar a escola como um todo, para mudar atitudes sobre o modo como se fala sobre aprendizagem e mesmo em relação às pessoas”.

Ao iniciar a pesquisa bibliográfica visando compreender o *Squeak Etoys*, encontraram-se em Allen-Conn e Kim (2003) referências ao contexto de como surgiu o programa, no qual consta Alan Kay como mentor, líder e força propulsora do *Squeak Etoys*, profundamente influenciado por Papert e suas ideias.

Nesta experiência foram investigadas a apropriação e o uso que o professor faz do *Squeak Etoys* e como ele o utiliza em sala de aula, sendo identificadas as possibilidades e os limites do seu uso no processo ensino-aprendizagem, adotando-se a abordagem construcionista sugerida por Papert no ambiente Logo, termo este que se difundiu e hoje remete a uma abordagem pedagógica utilizada em ambientes informatizados.

REVISÃO DA LITERATURA

No âmbito educacional, as TIC, presenciais, semipresenciais ou a distância, não fazem a mudança ou não a provocam pelo simples uso em educação. Segundo Valente (2011, p. 28), os computadores só fazem sentido se forem implantados para enriquecer o ambiente de aprendizagem e se nesse ambiente existirem as condições para favorecer o aprendizado do aluno.

Cabe aos formadores compreender como se processa a apropriação dos laptops educacionais pelos professores e o desenvolvimento das TIC na educação, levando-os a refletir sobre o surgimento de transformações rápidas na sociedade, as quais trazem a necessidade de se lançar mão do processo educativo como motivação e para acompanhamento do homem moderno na sua adaptação ao mundo.

França, Borges e Ramos (2010, p. 73) enfatizam que é preciso reconhecer que as TICs, no campo da educação, avançam a cada dia, fazendo com que os professores, os alunos e a gestão da escola se adaptem e criem mecanismos para o melhor proveito desses recursos nos processos pedagógicos. Nessa perspectiva, a escola pública vive uma nova realidade: a chegada dos computadores portáteis, laptops conectados.

Desenvolveu-se a pesquisa registrando as ações e atividades praticadas pelos professores através de oficinas para apropriação básica do *Squeak Etoys*, uma vez que de acordo com a abordagem adotada, para que se priorize o papel do professor, deve-se fazê-lo compreender que

associar as TICs significa que utilizar essas tecnologias para a representação, a articulação entre pensamentos, a realização de ações, aos métodos ativos de aprendizagem desenvolve a habilidade técnica relacionada ao domínio das tecnologias em uso e, sobretudo, articula esse domínio com a prática pedagógica e com as teorias educacionais que o auxiliem a refletir sobre a própria prática e a transformá-la (ALMEIDA, 2002, p. 43).

O *Squeak Etoys* é um ambiente de desenvolvimento e de execução da linguagem *Smalltalk* 80 e do padrão ANSI, com diversas características adicionais como som em tempo real, síntese de música, manipulação de imagens, acesso a internet e ferramentas de desenvolvimento em várias áreas de ciência da computação, caracterizando-se assim como um ambiente de autoria multimídia. É suportado por diversas plataformas Windows, MacOS, Linux, entre outras. Foi desenvolvido por Alan Kay e sua equipe do *Viewpoints Research Institute*.

Trata-se de um programa educacional que apresenta características que facultam utilizar o computador para interagir com a informação, construindo o próprio conhecimento, isto porque, “com este *software*, o utilizador assume o papel de destaque, já que o computador apenas reproduz as suas ordens” (SILVA, 2009).

Para Silva (2009), o uso desse *software* abre um leque de possibilidades em qualquer área do conhecimento, já que quando se simula desde um desenho até a implementação de um projeto através de “arrastar e largar”, tem-se a percepção de que se está brincando, além de que podem ser explorados recursos de vídeo, áudio, animações e outros, para representar o nosso pensamento através da tela do laptop, como também para resolver problemas, tomar decisões e conferir o resultado de imediato.

Alan Kay observou que algumas das crianças que tiveram contato com o *Squeak* tornaram-se aptas a usá-lo, e destas, algumas chegaram a desenvolver, sozinhas, programas complicados. (ALLEN-CONN e KIM, 2003).

Diante do observado na formação, concorda-se com a ideia de Valente e Osório, (2009), de que o *Squeak Etoys* é interessante, divertido, importante, educativo e útil para o ensino. Entusiasma os alunos e os professores, ao mesmo tempo que promove a aquisição de competências diversificadas, incluindo a maturidade para a utilização dos laptops educacionais.

Os professores que participaram das oficinas mostram-se aptos a fazer uso do *Squeak Etoys* na sua prática pedagógica percebe-se nas oficinas o entusiasmo dos professores mostrando-se bastante satisfeitos em que fizeram relatos significantes com relação a metodologia utilizada e o sentimento de autonomia e auto-estima frente à nova experiência. (NEVES e MERCADO, 2011).

E crescente o número de pesquisadores, pais e professores que vêm descobrindo as potencialidades do Ambiente Squeak Etoys em diversos países. No entanto, seu uso no sistema escolar é incipiente e sua disseminação um desafio. (SCHAFER, SPERB e FAGUNDES, 2011, p. 1233).

Diante desse contexto é necessário propor aos professores desafios que lhes exijam respostas através de seu fazer pedagógico, baseado numa concepção de educação que possibilite o repensar da prática pedagógica através da ação e da reflexão e que priorize a aprendizagem significativa do aluno através de novas práticas pedagógicas, incentivando o uso pedagógico do laptop em sala de aula, como também ao desenvolvimento de pesquisas que identifiquem as práticas pedagógicas com esses equipamentos e que se supõem referenciais da mudança curricular necessária à escola nesse novo contexto da sociedade do conhecimento. contribuindo para a melhoria da qualidade e para a construção de um novo paradigma disponível à educação brasileira.

METODOLOGIA

Este experimento foi realizado numa escola da rede pública municipal, na cidade de Penedo/AL, sendo desenvolvidas ações do PROUCA com 26 profissionais da educação, 13 professores e uma gestora do turno matutino, e 11 professores e uma gestora do turno vespertino.

Entre os envolvidos, 67 % dos professores não são usuários de computador e internet; no entanto, 86 % acreditam que o uso do laptop educacional na escola poderá modificar a aprendizagem do aluno, acarretando melhorias no processo ensino-aprendizagem. Apenas 14% opinam que o uso do laptop não provocará mudanças, ou seja, não veem nenhuma vantagem no seu uso na escola.

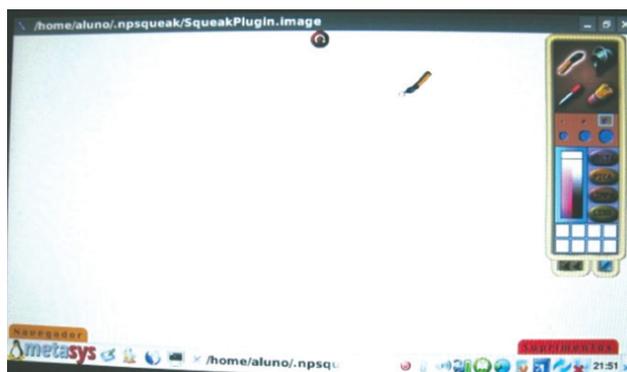
Iniciou-se o trabalho em 2011, com a apresentação da proposta à direção da escola, explicando e informando sobre o objetivo das oficinas, e também solicitando

autorização para a realização do experimento. Após a autorização, marcou-se um encontro com todos os professores, apresentou-se a proposta e indagou-se sobre quem poderia participar, uma vez que naquele momento as oficinas não eram ações da formação do PROUCA. Para surpresa da pesquisa do *Squeak Etoys* todos os professores confirmaram a participação.

Executou-se o experimento através de seis oficinas com duração de três horas por semana, realizadas na escola, em que foram registradas as ações e atividades realizadas pelos professores, visando explorar o *Squeak Etoys* (Ilustrações. 1 a 6) como ferramenta pedagógica e objetivando investigar a apropriação que eles fazem do software e como o utilizam com seus alunos. De acordo com a abordagem adotada, é possível fazê-los compreender que ao explorar esse *software* abrem-se possibilidades em qualquer área do conhecimento, além da exploração de recursos de vídeo, áudio, animações e outros.

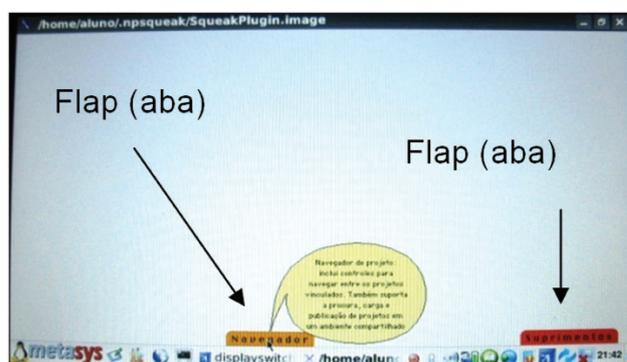
Ilustrações de telas do *Squeak Etoys* com os recursos explorados durante as oficinas.

Ilustração 1 – Caixa de ferramentas de pintura



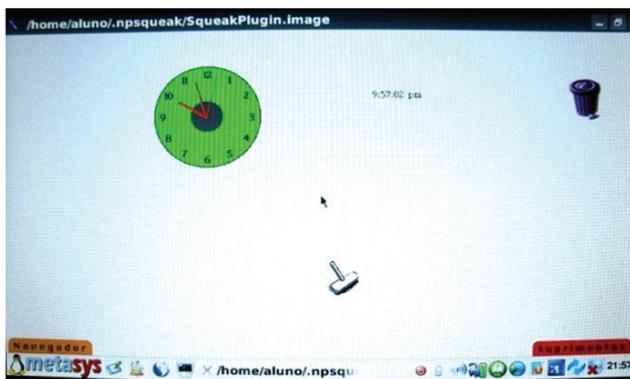
Fonte: Neves (2011)

Ilustração 2 – Flaps (abas) e Balão do Navegador



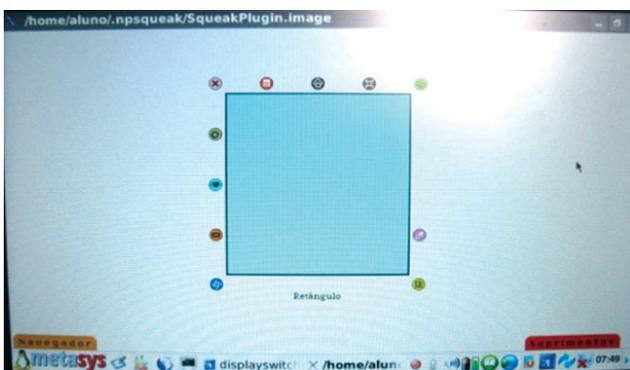
Fonte: Neves (2011)

Ilustração 3 – *Vassoura, relógio, lixeira e texto*



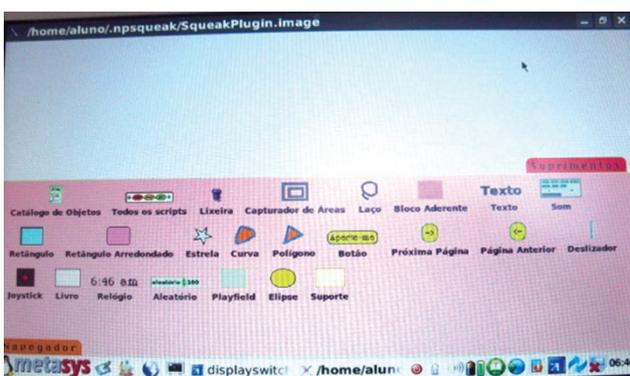
Fonte: Neves (2011)

Ilustração 4 – Halos (Alças)



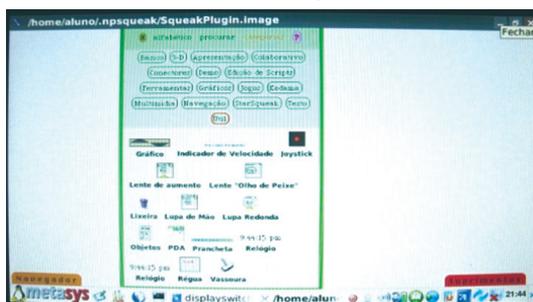
Fonte: Neves (2011)

Ilustração 4 – Flap Suprimentos



Fonte: Neves (2011)

Ilustração 5 – Catálogos de objetos



Fonte: Neves (2011)

Cada oficina (Quadro1) foi planejada para ser ministrada separadamente por turnos, o que, além de facilitar o processo de aprendizagem, possibilitaria cada professor se fazer presente dentro do seu horário na escola. Entretanto, devido a diversos desencontros, as oficinas só foram concretizadas com os profissionais do turno matutino. Concluíram-se as oficinas com 14 participantes, sendo 13 professores e uma coordenadora do referido turno.

Quadro 1 - Oficinas do *Squeak Etoys*: formação na escola

Oficinas	Conteúdos explorados	Atividades desenvolvidas
Oficina 1	Distribuição do material impresso, informação da metodologia, conteúdos que se pretendia explorar e objetivos propostos. Conceito do programa, criadores do <i>software</i> e a filosofia que o fundamenta. Acesso e apresentação do <i>Squeak Etoys</i> no <i>laptop</i> educacional. Visão básica do programa. Conceito de <i>Mundo, Projeto e Objeto</i> . <i>Flaps</i> (abas) padrões do <i>Mundo</i> . Exploração do balão do <i>Navegador</i> . Funções de cada opção do <i>Navegador</i> . Caixa de ferramentas de pintura: o lápis, conta-gotas, borracha e balde. Recursos <i>limpa</i> e o <i>volta</i> . Criação de um desenho/projeto. Gravação de um projeto. Ficha de descrição do projeto	Acesso ao <i>Squeak Etoys</i> . Exploração dos <i>flaps</i> e caixa de ferramentas de pintura. À proporção que exploravam cada uma sempre, eram desafiados para verificar se realmente estavam percebendo a funcionalidade de cada ferramenta. Exploração livre desses recursos por aproximadamente 30 minutos. Elaboração de uma ilustração utilizando os recursos explorados com um tema livre. Publicar/salvar como o primeiro projeto. Preencher a ficha de descrição. Fechar o programa e acessar novamente. Socialização das atividades desenvolvidas, reflexão e filmagem dos depoimentos a partir da indagação de como se sentiram no primeiro contato com o <i>Squeak Etoys</i> . Elaboração do diário de bordo.
Oficina 2	Revisão dos recursos explorados. Abertura de um projeto. Apresentação do <i>flap Suprimentos</i> . Catálogos de objetos. Exploração das ferramentas. Seleção e escolha do objeto. Exploração da alça com os ícones. Recursos da categoria útil: <i>vassoura, relógio e objetos</i> . Recursos da categoria básico: <i>formas, lixeira e texto</i> . Diário de bordo.	Encontrar o projeto implementado na oficina anterior. Escolha de 4 recursos básicos e exploração dos recursos desejados. Construção de um resumo das 11 funcionalidades dos halos. Criação de um novo projeto com os recursos explorados. Salvar o projeto implementado. Socialização das atividades desenvolvidas, reflexão e filmagem dos depoimentos a partir da indagação de como se sentiram ante os recursos do <i>Squeak Etoys</i> . Elaboração do diário de bordo.
Oficina 3	Mosaicos. <i>Scripts</i> (roteiros) e Editor de <i>scripts</i> . Visualizador. Diário de bordo.	Exploração de cada recurso e construção de um resumo de acordo com cada funcionalidade. Socialização das atividades desenvolvidas, reflexão e filmagem dos depoimentos a partir da indagação de como se sentiram ante os novos recursos (<i>scripts</i>) do <i>Squeak Etoys</i> . Elaboração do diário de bordo.

Oficina 4	Movimento. Criação de <i>scripts</i> . Nomear objetos e <i>scripts</i> . Diário de bordo.	Movimentar dois objetos no mundo com os recursos explorados. Criar e nomear o <i>script</i> dos objetos escolhidos. Interpretar o <i>script</i> criado, identificando cada mosaico. Implementar um projeto com os recursos explorados. Publicar/salvar o projeto implementado. Socialização das atividades desenvolvidas, reflexão e filmagem dos depoimentos a partir da indagação de como se sentiram ante a criação dos roteiros (<i>scripts</i>). Elaboração do diário de bordo.
Oficina 5	Livro. Criar página. Escrever textos. Objetos de controle. Alteração de cores. Efeitos sonoros e visuais na página do livro. Gravação do projeto implementado. Diário de bordo.	Criação de um livro com tema livre com os recursos explorados. Salvar o projeto implementado. Socialização das atividades desenvolvidas, reflexão e filmagem dos depoimentos a partir da indagação de como se sentiram ao trabalharem com o recurso livro do <i>Squeak Etoys</i> . Elaboração do diário de bordo
Oficina 6	Avaliação das atividades desenvolvidas pelos professores e entre professores e alunos	Apresentação das atividades desenvolvidas com os alunos. Avaliação das oficinas através de questionários, fotografias, filmagens e entrevistas com os alunos

Desse universo, apresenta-se o perfil acadêmico, profissional, a atuação e a faixa etária dos participantes. Quanto a formação acadêmica, 93 % possui curso superior e 7 % curso de especialização. 38% atuam no magistério há mais de 20 anos, 31% entre 20 a 22 anos, 8 % no intervalo de 15 a 19 anos e apenas 8 % com um ano de atuação.

A faixa etária dos envolvidos varia entre 29 e acima de 50 anos. 61 % apresentam idade superior a 50 anos, 23 % entre 40 e 49 anos e 16 % entre 29 e 35 anos.

Quanto ao perfil profissional 86 % são professores de atividades, ou seja, lecionam nos anos iniciais do ensino fundamental, 7% educação física e 7% são coordenadores.

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados do experimento: protocolos de observação em que se registraram falas, dúvidas, expressões, através de vídeos, fotos, descrições das atividades durante a socialização/reflexões, diários de bordo escritos pelos professores ao final de cada sessão e entrevistas com os alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os aspectos observados no acompanhamento das oficinas foram os seguintes: nas oficinas em que exploramos *Mundo* e *Objeto* percebe-se dificuldades quando na tela não conseguiam arrastar o objeto e soltar no *mundo*, *entretanto*, deixavam transparecer muita

tranquilidade e repetiam o processo comprovando que o ambiente *Squeak Etoys* os envolvidos demonstram **Coragem de tentar, independentemente de acertos ou erros.**

Pôde-se perceber, no momento em que se indagou sobre as vezes em que na tela os professores não conseguiam arrastar o objeto que escolheram e soltá-lo no mundo (área de trabalho do *Squeak Etoys*), que eles deixavam transparecer muita tranquilidade, dando a resposta abaixo:

F: *Como você se sente quando não consegue colocar o objeto no mundo?*

R: *Quando eu entendo que coloquei errado, acho bom, porque já vi que com paciência e errando nos aprendemos...e aí eu conserto.* R29

F: *Como você se sente quando não consegue abrir o programa e o projeto?*

R: *Quando consigo abrir o programa é a maior felicidade e consegui abrir o programa estudado hoje que foi da oficina *Squeak Etoys*. Consegui desenhar, apagar e mover, estava tão feliz, mas no final não salvei como minha professora ensinou e lá vem tristeza. Mas não desisto, pois tudo que eu aprender será bem vindo, para passar pra frente. A experiência de hoje foi maravilhosa coisa nova. Como gosto muito de desenhar, gosto de me aperfeiçoar mais nesta área.* B4

Na fala dos professores L18 e B4, verifica-se que, independentemente de não terem conseguido, demonstram disposição após a depuração (processo de refletir sobre o resultado de um programa de computador) do procedimento em refazer seu trabalho e que ficaram satisfeitas com o resultado.

Outro aspecto notório refere-se a **necessidade de autonomia e consciência das suas possibilidades cognitivas**

F: *E agora, o que vai fazer você não conseguiu colocar o objeto no mundo?*

P: *Vou conseguir, dessa vez não deu, mas agora vai dar certo, a Sra. vai ver. Eu não disse, professora agora ficou, dessa vez aprendi.* A. 20

F: *E aí como se sentiu explorando a nova aba?*

P: *Hoje foi mais difícil, mas as dificuldades aos poucos foram superadas com certeza no final terei vitória. Viu que não chamei a Sra.?* A. 20

F: *E agora o que vai fazer você não conseguiu arrastar e soltar o objeto no mundo?*

P: *Pois é, esse suprimento aprendi que tem que ir lentamente para conseguir tem que ter paciência. É complicado o suprimento, mas vou conseguir chegar lá.* A. 20

Um aspecto que chama atenção é que os professores percebem que a abordagem adotada no ambiente *Squeak* é diferente da usada na formação. Percebe-se que os professores fizeram **comparações da metodologia abordada**

Diante dos depoimentos obtidos fica evidente que os professores observaram a mudança de atitude e que se sentem motivados:

Na aula de hoje percebi que superei as dificuldades e me senti a vontade para reinar no laptop, brincando e aprendendo com o *squeak*, percebendo as diferenças entre projeto, mundo e objeto. (N. 23).

E nessa oficina achei interessante esse novo ambiente chamado *Squeak*, ele é bastante divertido, onde nós mesmos somos os autores do que produzimos. E a forma como a tutora apresentou e deixou a gente trabalhar facilitou bastante. (M. 27)

A aula de hoje foi bastante proveitosa pois aprendi como utilizar o programa *Squeak*. Espero que a próxima seja como esta com informação bem detalhada para juntos construirmos o nosso aprendizado de acordo com o ritmo de cada um. (R. 29)

À proporção que o tempo passa e eles adquirem novos conhecimentos, constata-se uma maior intimidade com o ambiente e com as ferramentas do software. Torna-se gratificante ver como se tornam autônomos e percebem que ali há apenas facilitadores para auxiliá-los e não para “ensinar”, dizer o que e como eles devem fazer.

Foram muito sucintos no diário e não entenderam bem o que seria um diário de bordo, apesar de constar no material impresso as orientações necessárias; entretanto, registraram significativas observações tanto na interação com o laptop educacional, como com relação a metodologia utilizada na nova experiência, conforme aqui se constata:

Professora, adorei a aula de hoje, foi muito proveitosa, pois me senti como uma criança. (C. 6)

O processo de aprendizagem hoje foi muito legal, porque para encontrar os itens a ser estudado e aplicado foi de forma simples, fácil e divertido. Gostei muito. (G. 34)

Esse momento dessa oficina foi ótimo, pois aprendi passos desse programa que nunca aprendi durante todas essas aulas. Era bom se nos ensinasse a mexer no laptop dessa forma gostei muito da oficina e da maneira que fomos orientada para concluir o trabalho fiquei satisfeita pois me senti útil ao trabalho gostaria que fosse sempre dessa maneira para que tenha proveito nas aulas. (L. 18)

Gostei bastante da oficina pois foi bem explicado e nos deixou a vontade e com anseio para o próximo encontro. Aprendi um novo programa, aprendi também como salvar e obtive sucesso em tudo que fiz. (M.L. 24)

As expectativas eram muitas e, foi muito interessante trabalhar com o *squeak*. Aprendi como construir um projeto nesse ambiente. Explorei hoje o navegador e as ferramentas contidas nele, foi uma aula tão prazerosa que cheguei a relaxar desenhando e pintando. Acredito que o uso desse programa na sala de aula será muito proveitoso com os alunos. (I. 14)

Hoje foi uma aula dinâmica e proveitosa, espero que as próximas aulas sejam com esse espírito de paciência e objetividade, pois eu fiquei a vontade para expor as minhas idéias e limitações. (R. 29)

A professora R. 29, mostrava-se muito resistente durante a formação do PROUCA e, diante das oficinas surpreendeu, confirmando que o *Squeak Etoys* tem o poder de transformar o que as crianças pensam sobre as suas capacidades, melhorando a sua autoestima (VALENTE e OSÓRIO, 2007, p. 269).

Durante as oficinas percebeu-se que o *Squeak Etoys* é interessante para os professores e serve de motivação durante a formação.

Contextualização/transferência de situações de sua vida pessoal para os projetos

Os desenhos e projetos implementados foram relacionados com a vida pessoal dos autores, como também transferem todo o seu projeto de vida. Tudo o que fizeram não foi apenas criatividade, mas uma extensão de seu cotidiano. Seus desenhos associam-se à sua realidade e à sociedade em que vivem, exteriorizando o mundo de imagens que formam sua mente. Diante de cada projeto elaborado indagamos o porquê destes desenhos. As ilustrações 6 a 8 mostram os desenhos construídos pelos professores durante as oficinas.



Ilustração 6 – Desenho da Professora R29
Adoro flores e quando tiver um jardim vou cultivá-las.

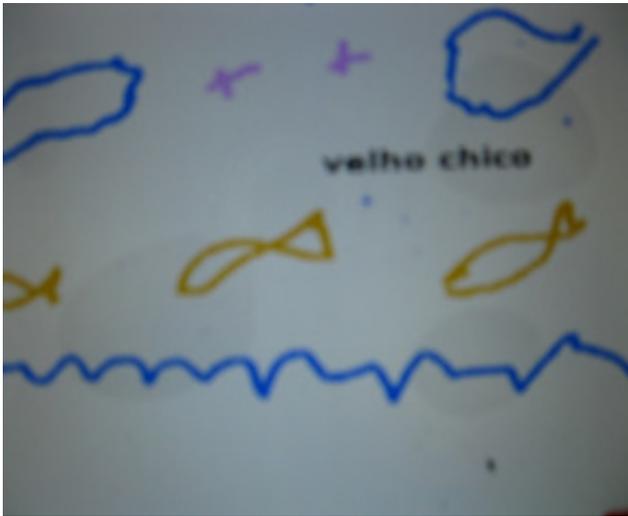


Ilustração 6 – Desenho da Professora L21
Não posso deixar de homenagear o rio que tem na minha cidade
Professora L21



Ilustração 8 – Desenho da Professora C19
Representei nosso transporte mais comum.

Todos os desenhos e respostas nos levaram a perceber a semelhança do *Squeak Etoys* com o Logo, uma vez que os programas criados pelas crianças no Logo são produtos de seu trabalho e pertencem a elas e à vida real (PAPERT, 2001).

Na última sessão, houve um momento para socialização e avaliação das oficinas, pois o ano letivo deveria ser encerrado e a escola teria de passar por uma reforma. Foi negociada uma apresentação dos trabalhos que alguns professores realizaram com seus alunos independentemente das oficinas e foram apresentados diversos trabalhos com o *Squeak Etoys* em que se comprovou a **contextualização/transferência de situações de sua vida pessoal para os projetos**, conforme fotos 1 a 4. Os professores trabalharam seguindo a mesma dinâmica das oficinas e foi sugerido aos alunos desenhos com tema livre. Após a apresentação, entrevistamos os alunos, indagando: Qual o título que você deu ao seu desenho? E por que você escolheu este desenho?

Foto1 - Título do desenho: Mar com uma ilha



Me inspirei no Rio São Francisco que eu vejo em frente a minha casa só que eu não desenhei a rua, eu botei em frente. Aluno J. S.

Foto 2 - Título do desenho: O barco



É bom para andar eu venho todo dia de Catrapó.
Aluna M.

Foto 3 - Título do desenho: Rocheira



Porque passo todo dia pela Rocheira e acho bonito aí lembrei, lembrei e fui fazendo. Aluno R. (Rocheira é um restaurante da cidade que fica localizado no alto de um rochedo.

Foto 4 - Título do desenho: O aterro

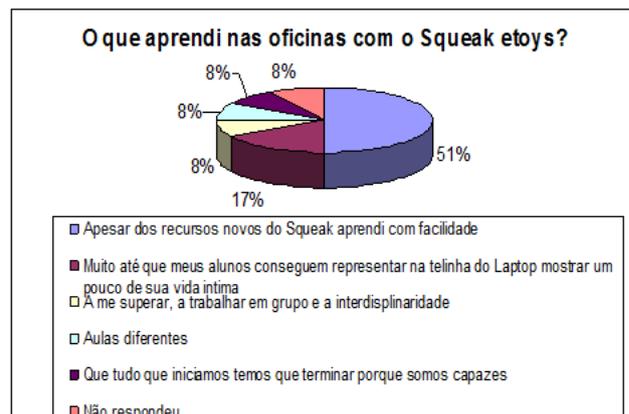


É bonito o aterro quando passo por lá acho bonito eu passo todo dia de ônibus. Aluno C. D. (É um bairro que fica no alto da cidade.)

Comprovou-se que nas atividades com os alunos também ocorre contextualização/transferência de situações de sua vida pessoal para os projetos, dessa forma percebe-se que no ambiente do Squeak, tanto a criança como o adulto ao elaborar seus desenhos fazem criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual - ou seja, entre situações de pensamento e situações reais como acontece no ambiente no Logo, (RIPPER, 1993).

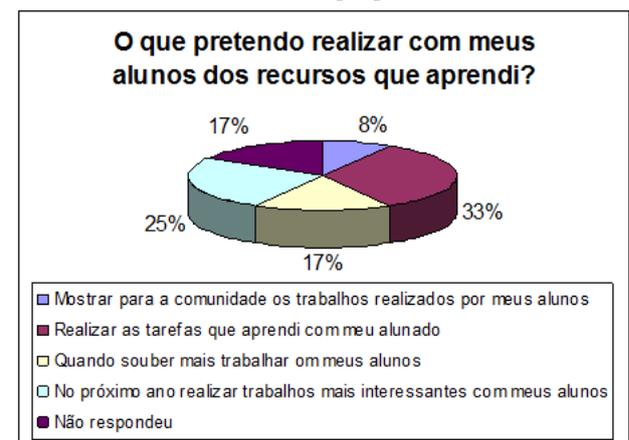
Para a avaliação utilizou-se material impresso tipo questionário ilustrado, com 12 professores que estavam presentes, e foram feitas as seguintes perguntas: O que aprendi durante as oficinas? O que pretendo realizar com meus alunos dos recursos que aprendi?

Gráfico 1 – O que aprendi durante as oficinas?



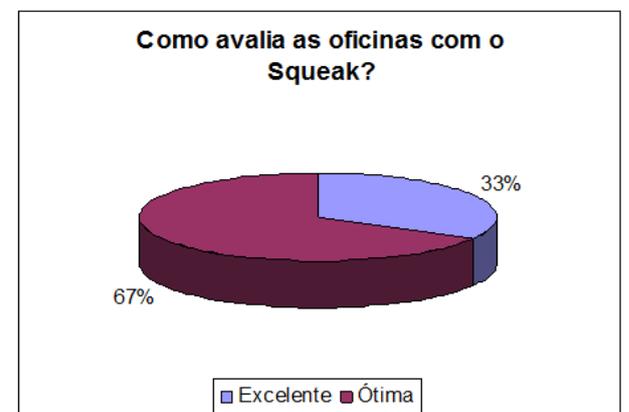
Fonte: Neves (2011)

Gráfico 2 – Recursos que pretendo realizar



Fonte: Neves (2011)

Gráfico 3 – Como avalio as oficinas?



Fonte: Neves (2011)

O resultado do experimento foi positivo e o uso do *Squeak Etoys* como ferramenta pedagógica dentro da abordagem adotada revelou o entusiasmo dos alunos, professores e possibilidades de realização de práticas pedagógicas relevantes, utilizando o laptop educacional do PROUCA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À proporção que a formação foi desenvolvida, observou-se a expectativa dos professores por aprender os recursos do *Squeak Etoys* e, apesar das dificuldades para usar o *touchpad*, as barras de rolagem, o *Display Switcher* e travamentos de alguns *laptops*, eles avançaram na oficina, explorando livremente os conteúdos apresentados.

Um fator de extrema importância notado ao longo das oficinas foi o entusiasmo dos professores, pois se mostraram muito satisfeitos e motivados diante dos relatos significativos que fizeram com relação à abordagem e ao programa utilizado, como também o sentimento de autonomia e autoestima em face da nova experiência.

O resultado das oficinas superou as expectativas com o uso do *Squeak Etoys*, observando-se o esforço e o entusiasmo de alguns professores para se apropriarem dos recursos explorados, devido à pouca experiência e habilidade com o uso do computador.

O uso do *Squeak Etoys* não garante a eficiência da ação docente nem a melhoria da aprendizagem, mas, certamente, gera mudanças de comportamento em toda a escola, e dessa forma oferece oportunidade para desenvolver o potencial cognitivo e humano através de um ambiente de aprendizagem em que o aluno se envolve no processo de construir o seu próprio aprendizado.

O processo de aprendizagem que ocorre no *Squeak Etoys*, propicia um ambiente de aprendizagem no qual o aluno, a partir do momento em que utiliza os objetos, produz ideias de projetos que gostaria de observar na tela e, ao implementá-los, se envolve no processo de construir o seu próprio aprendizado de acordo com seu ritmo de resolução de problemas, cabendo ao facilitador estimular, segundo o seu interesse, as atividades para vencer as dificuldades de maneira suave e progressiva

Verificamos dificuldades com problemas técnicos, mas buscamos estratégias para solucioná-los, entretanto,

necessitamos de uma manutenção nos laptops para que facilite o trabalho dos professores e não os deixem decepcionados e desestimulados.

Constatou-se que os professores planejaram atividades com o *Squeak Etoys* que se amoldassem aos interesses dos alunos, ou seja, buscaram novas estratégias para atingir os objetivos propostos, confirmando o que afirmam Mendes e Almeida (2011, p. 52): o papel do professor que vai gerir a sala de aula é o de mediador, facilitador, incentivador e motivador da aprendizagem, criador de estratégias didáticas.

O uso do *Squeak Etoys* possibilita aos professores e alunos descobrir suas potencialidades, e mesmo aqueles mais resistentes desenvolvem as atividades com autonomia e entusiasmo. Em síntese, o *Squeak Etoys*, conforme Valente e Osório (2009) afirmam, é interessante, divertido, importante, educativo e útil para o ensino. Parece inteiramente viável e entusiasma os alunos e professores, ao tempo que promove experiências diversificadas.

Portanto, é necessário propor aos professores desafios que lhes exijam respostas mediante seu fazer pedagógico, baseados numa concepção de educação que possibilite o repensar da prática pedagógica através da ação e da reflexão, uma vez que o uso do *laptop* educacional em sala exige novas ações na prática pedagógica, proporcionando, concomitantemente, novos caminhos para a aprendizagem.

REFERENCIAS

ALLEN-CONN; KIM, Rose. **Idéias poderosas para a sala de aula**: usando Squeak para aprimorar a aprendizagem de Matemática e Ciências. Califórnia, 2003. Disponível em: <http://www.pensamentodigital.org.br/files/book.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2011

ALMEIDA, M. E. Tecnologia e educação: novos tempos, outros rumos. Programa TV Escola. **Boletim Salto para o Futuro**. Brasília: setembro/2002

ALMEIDA, M. E. ; PRADO, M. E. Indicadores para a formação de educadores para a integração do laptop na escola. In: ALMEIDA, M. E.; PRADO, M. E. (Orgs.) **O computador portátil na escola**: mudanças e desafios nos processos de ensino e aprendizagem. São Paulo: Avercamp, 2011, p. 34-47

BRASIL. **UCA Projeto um Computador por Aluno.** Formação Brasil. Projeto, Planejamento das ações. MEC: Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2009.

FRANÇA, G.; BORGES, M. A.; RAMOS, L. Articulação e sintonia das instâncias de gestão: um caminho a favor da formação da escola para o uso dos laptops conectados. In: ALMEIDA, M.; PRADO, M. E. (Orgs.). **O computador portátil na escola: mudanças e desafios nos processos de ensino e aprendizagem.** São Paulo: Avercamp, 2011. p. 73-82.

MENDES, M.; ALMEIDA, M. E. Utilização do laptop educacional em sala de aula In: ALMEIDA, M. ; PRADO, M. E. (Orgs.). **O computador portátil na escola: mudanças e desafios nos processos de ensino e aprendizagem.** São Paulo: Avercamp, 2011. p. 49-59.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **Logo: computadores e educação.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

NEVES, Y; MERCADO, L. Apropriação do Squeak por Professores e Alunos do Projeto UCA: reflexões preliminares. Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. Anais do XXII SBIE – XVII WIE, 2011. Aracaju, SE, 2011.

RIPPER, Afira V. Significação e mediação por signo e instrumento. **Temas Psicol.** [online]. 1993, vol.1, n.1, p. 25-30. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1413-389X1993000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 10 fev 2012.

SCHAFER, P; SPERB, F; FAGUNDES, L. Squeak Etoys na modalidade 1 para 1: programação e autoria multimídia no desenvolvimento da conceituação. Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. **Anais do XXII SBIE – XVII WIE,** 2011. Aracaju, SE, 2011.

SILVA, L. Squeak e aprofundamento de competências numéricas em crianças do 1º ano de escolaridade. Dissertação Mestrado em Estudos da Criança. Universidade do Minho, 2009. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10973/1/Tese.pdf>. Acesso em 11 set. 2011.

VALENTE, J. Um laptop para cada aluno: promessas e resultados educacionais efetivos. In: ALMEIDA, M.; PRADO, M. E. (Orgs.). **O computador portátil na escola: mudanças e desafios nos processos de ensino e aprendizagem.** São Paulo: Avercamp, 2011. p. 34-48.

VALENTE, L.; OSÓRIO, A. J. **Squeak:** pilotagem na sala de aula com computador Magalhães. 2009 Disponível em: http://www.valente.org.pt/downloads/artigos/squeak_pilotagem_SIEE.pdf. Acesso em 19 jul. 2011.

O USO DA TV/VÍDEO E DAS HISTÓRIAS INFANTIS EM SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL

Maria Irene Silva Lisboa
Elisângela Leal de Oliveira Mercado

Resumo

O artigo faz um relato histórico das transformações do sistema educacional, diante da lei que determina a obrigatoriedade do atendimento educacional especializado ofertado através das salas de recursos multifuncional. Apresenta a educação inclusiva como um novo paradigma que está despertando a atenção na sociedade brasileira e da importância do uso da TV/Vídeo e histórias infantis no desenvolvimento das crianças que apresentam necessidade de atendimento educacional especializado. Discute sobre os sujeitos da educação especial e como o uso da TV/Vídeo auxiliam a formação e o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicossocial das crianças que frequentam a sala de recursos multifuncional. Defende a inclusão escolar e o uso das mídias no ambiente de aprendizagem como um repensar do sentido da educação inclusiva e das práticas educativas desenvolvidas em sala de recursos multifuncional.

Palavras-chave: Educação especial; Televisão; Vídeo; Histórias infantis; Sala de recursos multifuncional.

INTRODUÇÃO

Com o advento das escolas inclusivas, a Educação Especial busca uma modalidade de educação que tenha como processo educacional a garantia do pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. Define uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, de modo a promover o desenvolvimento das potencialidades dos alunos, que apresentam necessidades de assistência educacional especializada em todas as etapas da educação básica. A declaração de Salamanca, em 1994, é um documento marcante para os rumos da educação especial ao defender a construção de uma escola para todos, respeitando as limitações cognitivas, intelectuais e afetivas de cada um e proporcionando a construção do conhecimento de forma integral e igual para todos, com vista a superar preconceitos e garantir o acesso, a permanência e o sucesso dos alunos.

A concepção de educação inclusiva transforma práticas educacionais para garantir o direito de todos à educação, por meio da matrícula dos alunos da rede pública nas classes comuns de ensino regular e da disponibilização do atendimento educacional especializado, muitas vezes oferecido nas salas de recursos multifuncional.

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre o uso da TV/Vídeo e das histórias infantis em sala de recursos multifuncional, a partir da discussão conceitual da área de educação especial e dos saberes veiculados no curso Mídias em Educação sobre o uso do vídeo como recurso que auxilia a aprendizagem.

A experiência como professora da sala de recursos multifuncional de uma escola pública possibilitou investigar a seguinte questão: como o uso da TV/Vídeo, por meio de histórias infantis, contribui para o processo ensino e aprendizagem de crianças que frequentam a sala de recursos multifuncional? Antes de responder esta questão devemos tecer algumas reflexões, pois dessa forma estaremos contribuindo para uma prática menos segregacionista e preconceituosa. Partindo da hipótese de que os recursos midiáticos têm grande influência no processo de ensino e aprendizagem acredita-se que tal potencialidade quando aplicado à sala de recursos multifuncional traz inúmeras contribuições às crianças que ali estudam. O uso da TV/vídeo, mesmo com o recurso destinado a deficientes auditivos e visuais, bem planejado auxilia as crianças na compreensão de histórias infantis, com a apropriação da linguagem escrita e visual. A dinamicidade do recurso midiático em sala abre espaço

para a analogia entre o conflito canônico vivido pelos personagens dos contos e os casos vivenciados pelos alunos no seu cotidiano, auxiliando-os na compreensão dos conteúdos e valores estudados e na construção de novos paradigmas.

No intuito de discutir sobre a importância do uso da TV/vídeo no processo de aprendizagem de crianças que frequentam a sala de recursos multifuncional, utilizando como elemento motivador as histórias infantis, este estudo teve como foco principal a sugestão de atividades a serem desenvolvidas na escola inclusiva, como instrumento de melhoria e desenvolvimento da linguagem oral, escrita, visual e corporal.

Esta pesquisa assume as bases de pesquisa qualitativa exploratória, fundamentada nos estudos de Mantoan (2006), Magalhães (2011) e Werneck (1999) sobre a discussão conceitual da área de educação especial e Lima (2011) e Moran (2006 e 2011) ao defenderem o uso educativo da TV/Vídeo em ambiente de aprendizagem. Após a pesquisa bibliográfica apresenta-se uma série de reflexões sobre o uso desses instrumentos midiáticos no trabalho com histórias infantis em sala de recursos multifuncional. Discute sobre a importância do uso da TV/Vídeo, utilizando as histórias infantis, no desenvolvimento pleno de crianças que necessitam de atendimento especial especializado.

A contribuição deste estudo consiste na compreensão da especificidade da educação especial e a importância do uso da TV/Vídeo em sala de recursos multifuncional e na expansão de aprendizado oral, escrito, visual e corporal das crianças deficientes no trabalho com histórias infantis. Pais, professores, acadêmicos e estudiosos da temática estabelecerão novos aportes de pensamento sobre a importância das mídias na melhoria do processo de aprendizagem de crianças que necessitam de atendimento educacional especializado.

EDUCAÇÃO ESPECIAL E EDUCAÇÃO INCLUSIVA CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE DE UMA EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA

Apresentaremos uma breve discussão conceitual da educação especial inclusiva enfatizando suas formas de atendimento. Tal discussão tem seus alicerces calcados na concepção democrática da educação como direito público subjetivo, sendo possível a qualquer cidadão ou grupo, associação, organização ou entidade acionar o poder público para exigí-lo, incluindo assim as pessoas com deficiência. Magalhães (2011, p. 14) esclarece que:

Defender tal afirmação significa que o sistema escolar deve receber toda e qualquer clientela, independente de características físicas, cognitivas, comportamentais e psicossociais

que as diferenciem da maioria da população e fundamentalmente, lançar um olhar para as diferenças que circulam na escola, em situações que geram diálogo e conflito.

A educação especial, a partir de uma perspectiva de educação inclusiva associa-se a defesa de escolas que garantam o acesso ao ensino comum de crianças com deficiência e, para tal propor avanços em muitos pontos de resistência da escola tradicional.

Ao longo da história, a educação especial viveu profundas transformações. Com a reivindicação de alguns movimentos sociais a discussão de igualdade de tratamento entre todos os cidadãos e a supri missão de qualquer tipo de discriminação dentro da escola tornou-se bandeira de luta da educação do século XX. O sistema educacional para facilitar a integração dos alunos com alguma deficiência delega às escolas a formação cognitiva e social desses alunos, responsabilizando-as pelos problemas de aprendizagem manifestados.

Segundo Fernandes citado por Almeida (2004, p. 37) “a educação especial é uma modalidade de ensino que visa promover o desenvolvimento das potencialidades das pessoas com necessidades especiais, condutas típicas ou altas habilidades e, que abrange os diferentes níveis e graus do sistema de ensino.”. Com resquícios dos conceitos de deficiência, decorrentes da visão inatista, a educação especial incluía no seu fazer pedagógico a luta pela superação do preconceito. As pessoas eram deficientes por causas, fundamentalmente, orgânicas que se manifestavam no início do desenvolvimento embrionário ou infantil e esse estigma era o seu cartão de visita. Não se percebia o ser humano e as potencialidades existentes, via-se apenas a incapacidade, a limitação, a deficiência, a anormalidade do padrão esperado.

Essa discussão impulsionou um grande número de estudos que procurou classificar em diferentes categorias todos os transtornos detectados. Ao longo dos anos, essas categorias foram se modificando, mas preservava um traço comum, de ser o transtorno de aprendizagem um problema inerente à criança com poucas possibilidades de intervenção educativa e mudança.

Aspectos como práticas pedagógicas incorretas e falta de estímulo adequado ao desenvolvimento humano são agora determinantes para a eficácia e sucesso no processo de ensino e aprendizagem. Esses fatores contribuíram para a aceitação de uma nova maneira de entender a deficiência a partir de uma perspectiva educacional, enfocando a análise das necessidades educativas especiais do aluno à prática educativa que o

impulsiona. É durante os anos iniciais de formação que as crianças adquirem o atendimento das diferenças, o respeito e o apoio mútuos em ambientes educacionais que promovem e celebram as diversidades humanas.

[...] A dificuldade de aprendizagem transforma-se em oportunidade: oportunidade de aprendizagem para a família no tocante aos seus processos de relacionamento interpessoal, oportunidade de reflexão para os professores e para a escola no que se refere aos resultados de uma ação educacional, levando-os a repensar a prática pedagógica, nela inscrevendo a possibilidade de novos procedimentos. (CARVALHO, 1999, p. 38).

Até então, a educação especial se configura como um sistema paralelo e segregado de ensino, voltado para o atendimento especializado de indivíduos com deficiências, transtorno global de desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Esse serviço especializado é realizado por profissionais, técnicas, recursos e metodologias específicas para cada uma dessas áreas de abrangência em escolas ou classes especiais.

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), a educação inclusiva é assegurada a todos os alunos que em virtude de suas deficiências tenham seus estudos concluídos ou acelerados. A Resolução CNE/CEB nº 2/2001, ao instituir as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial, delinea a educação escolar como modalidade de educação escolar “definida em uma proposta pedagógica, assegura um conjunto de recursos e serviços para apoiar, suplementar, e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento dos educandos(...)” (BRASIL, 2001, p. 6). No entanto, com a possibilidade de substituição do ensino regular há um enfraquecimento nos rumos de adoção de uma política de educação inclusiva na rede pública de ensino.

Em 2006, com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência os Estados passam assegurar um sistema de educação inclusiva em todos os níveis de ensino, em ambientes que favoreçam o desenvolvimento acadêmico e social, de forma a garantir que:

- a) As pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral sob alegação de deficiência e que as crianças com deficiência não sejam excluídas do ensino fundamental gratuito e compulsório, sob alegação de deficiência;
- b) As pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino fundamental inclusivo, de qualidade e gratuito, em igualdade de condições

com as demais pessoas na comunidade em que vivem. (BRASIL, 2010, p. 15)

O fundamento ideológico das escolas inclusivas não procede das vantagens que podem ter os alunos com problemas de aprendizagem em uma sala de educação regular, nem da necessidade de uma reforma da educação especial. Sua base situa-se numa declaração universal dos direitos humanos, na qual os poderes públicos têm a obrigação de garantir um ensino inclusivo e igualitário, que resulte na integração desses alunos à sociedade, independente das condições físicas, econômicas, sociais ou culturais. Como defende Werneck (1999, p.56), ao desmitificar o significado de inclusão, “evoluir é perceber que incluir não é tratar igual, pois as pessoas são diferentes! Alunos diferentes terão oportunidades diferentes, para que o ensino alcance os mesmos objetivos. Incluir é abandonar estereótipos.”.

Acompanhando os rumos da discussão, em 2008 a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva de Educação Inclusiva caracteriza os alunos atendidos por esta modalidade de ensino e uma vertente de política continuada que garanta a estes a escolarização nos mais elevados níveis de ensino. Acrescenta, também, a noção de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e de Educação Especial como complemento e suplemento ao ensino regular, excluindo o caráter de substituição antes propagado. Fortalece a necessidade de formação para os professores do AEE e demais profissionais da Educação Especial, articula a família, instituições e comunidade e a promove a construção da acessibilidade.

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva em consonância com a Resolução CNE/CEB nº 4/2009 denota um repensar sobre a finalidade e significado da Educação Especial, destacando a garantia aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação o acesso ao ensino regular, a oferta do atendimento educacional especializado e a formação de professores para realizá-lo, eliminando assim, as salas especiais. Glat (2007) denuncia que o término dessas salas ocorreu devido a tornarem-se depósitos de alunos que apresentavam problemas de aprendizagem.

A educação especial, na perspectiva de educação inclusiva, passa a configurar um novo paradigma educacional promovendo a reorganização do sistema educacional e da prática pedagógica, garantida pelo princípio constitucional de igualdade de condições de acesso e permanência na escola. Em concordância com esse posicionamento Mantoan (2006, p. 41) defende que:

O ensino escolar brasileiro tem diante de si o desafio de encontrar soluções que respondam a questões do acesso e da permanência dos alunos nas suas instituições educacionais. Apesar das resistências, cresce a adesão de redes de ensino, de escolas e de professores, de pais e de instituições dedicadas à inclusão de pessoas com deficiência, o que denota o efeito dessas novas experiências e, ao mesmo tempo, motiva questionamentos.

Portanto, a educação especial direciona suas ações para o atendimento às especificidades desses alunos a partir da realização do atendimento educacional especializado, muitas vezes em salas de recursos multifuncional. Faz-se necessário uma mudança de postura e de concepção, a fim de que as diferenças não representem barreiras, mas oportunidades destes alunos desenvolverem atividades que propiciem a interação e a aquisição do conhecimento.

DOAEEASALADERECURSOSMULTIFUNCIONAL

A educação especial, convocada a atuar junto com o ensino comum, tem como locus de atuação o AEE que pode ocorrer em salas de recursos multifuncional, em salas comuns do ensino regular, nos núcleos de acessibilidade, nas classes hospitalares e em ambientes domiciliares.

Com a finalidade de acolher o aluno, apoiar seu desenvolvimento, oportunizar e articular a proposta da escola comum e fazer as adequações necessárias para que este vença as limitações e conquiste o seu aprendizado o AEE identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade junto a alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

O MEC defende, então, que os alunos com deficiências físicas, intelectual ou sensorial, altas habilidades ou com síndromes devem receber o apoio e a formação oferecido pelo AEE, a fim de que tenham participação plena e efetiva na sociedade interagindo com igualdade de condições com as demais pessoas. Para isso foi criada a Sala de Recursos Multifuncional.

A Sala de Recursos Multifuncional é um espaço localizado nas escolas comuns, onde de acordo com o Art. 5º da Resolução nº 4/2009 deve acontecer o AEE, por isso são organizadas com mobiliário, materiais didáticos e pedagógicos, recursos de acessibilidade e equipamentos específicos para atender as necessidades educacionais especializadas de cada aluno.

De acordo com as políticas de inclusão escolar e implementação das diretrizes e ações que reorganizam os serviços do AEE todas as escolas da rede pública de

educação estão obrigadas a implantar, apoiar e manter sala de recursos multifuncional. Essa proposta de educação ampliada e adequada ao atendimento de pessoas com necessidades especiais exige a formação dos profissionais que lidam diretamente com esses alunos, a adequação do ambiente escolar de forma desafiadora e acessível, a formação autônoma e cidadã e a construção e organização dos mecanismos que favoreçam a participação destes alunos tanto na própria sala de recursos multifuncional, quanto na sala de aula regular.

O acompanhamento oferecido na sala de recursos multifuncional é indispensável ao sucesso da aprendizagem dos alunos atendidos, porque além de oferecer o recurso necessário trabalha-se especificamente com a necessidade individual de cada um. Por desenvolver metodologias voltadas a ludicidade, “o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, psicomotores e sociais e a convivência com as diferenças (...)” (BRASIL, 2010, p. 22) o professor do AEE deve ser dinâmico, gostar do que faz, ser capaz de instigar o aluno a estar no meio dos demais, saber conduzir as brincadeiras, instigar o respeito e a valorização dos alunos.

A sala de recursos multifuncional tem profissionais com conhecimentos específicos no ensino da língua brasileira de sinais, do sistema Braille, do Soroban, da orientação e mobilidade das atividades, da comunicação alternativa, do desenvolvimento dos processos mentais superiores, dos programas de enriquecimento curricular, da adequação e produção de materiais didáticos e pedagógicos da utilização de recursos ópticos e não ópticos, da tecnologia assistiva. Nesse conjunto de habilidades e saberes que permeia a formação e a atuação dos professores que atuam nas salas de recurso multifuncional o recurso midiático da televisão e vídeo é uma ferramenta importante no aprendizado que contribui para a melhoria cognitiva, corporal e comunicacional destes alunos.

Esse procedimento evidencia a preocupação em redimensionar o atendimento educacional especializado oferecido. Com a proposta de atendimento diferenciado às crianças com necessidades especiais defendemos o uso dos recursos midiáticos como TV e vídeo, cartazes, histórias infantis e histórias em quadrinhos como recurso indispensável para dinamizar e motivar o processo de ensino aprendizagem das pessoas com necessidades especiais.

TV/VÍDEO COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS.

A escolha para a realização de um trabalho efetivo do uso da TV/Vídeo como instrumento de aprendizagem em sala de recursos multifuncional surgiu da articulação entre os saberes construídos no Curso de Especialização em Mídias da Educação e a realidade vivenciada com alunos atendidos pela sala de recursos multifuncional de uma escola pública municipal de Olho d'água das Flores.

Tudo começou com a demanda apresentada pela escola diante do número de alunos matriculados para as salas regulares e, entre estes os que necessitavam do AEE. A partir do levantamento das condições arquitetônicas e humanas da escola para o acesso desses alunos, foi realizada uma reunião com toda a equipe escolar informando a proposta da educação inclusiva e o número de alunos com necessidades especiais atendidos. Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo a fim de verificar a existência de outras crianças e informar a comunidade da oferta da educação inclusiva obrigatória para todos, da educação infantil até o segundo ciclo do ensino fundamental e do comprometimento da escola para com esses alunos enquanto estiverem em suas dependências.

Para isso, todos os pais foram convocados para uma reunião, na qual foi explicado, por meio de palestras e documentários, a concepção dessa modalidade de educação e a importância dos alunos frequentarem efetivamente as aulas tanto no horário normal, regularmente todos os dias, quanto em horário contrário no AEE duas ou três vezes por semana, com duração de duas horas cada encontro ou de acordo com a necessidade de cada um.

Propostas para facilitar o acesso e a permanência destes alunos na escola, acompanhados ou não dos seus familiares, em horário normal e contrário para o AEE na sala de recursos multifuncional foram combinadas e assumidas por toda a comunidade escolar. Concluído o processo de sensibilização e mobilização da comunidade escolar foi iniciado o atendimento aos alunos da sala de recursos multifuncional. Processo que iniciou dois meses após o início do ano letivo e perdurou até o seu término. Com um recorte nas atividades realizadas este artigo se limita a refletir sobre um projeto de histórias infantis utilizando TV/Vídeo na sala de recursos multifuncional.

Este projeto foi desenvolvido no intuito de possibilitar e de promover a aprendizagem e a sociabilidade dos alunos da sala de recursos multifuncional a partir de recursos midiáticos. Para tal, foi elaborado um conjunto de estratégias de acolhimento e valorização

dos conhecimentos prévios, estabelecendo um canal de interatividade entre professores, alunos, família e comunidade para proporcionar condições necessárias ao estabelecimento de trocas simbólicas com o meio físico e social e desenvolvimento das várias linguagens.

A proposta do projeto era para atender todas as crianças com deficiências matriculadas na escola. Entretanto, dos doze alunos com estas características, apenas seis frequentam regularmente os encontros na sala de recursos multifuncional e na sala de aula comum. Destes dois apresentam deficiência auditiva e quatro com deficiência intelectual.

As atividades desenvolvidas durante o projeto ocorrerão de maneira lúdica, através de conto e reconto de histórias infantis com dramatizações e exibições de filmes. Inicialmente foi feito uma narração da história e apresentado o filme, contribuindo para uma maior compreensão da mesma.

A primeira história trabalhada com os alunos que apresentam deficiência intelectual foi Branca de Neve. No primeiro momento, durante a narração da história pelo professor da sala de recursos multifuncional os alunos pareciam desatentos, necessitando que o professor desse uma entonação maior nas palavras e ancoragem na expressão corporal para ilustrar, prender a atenção dos alunos e dar maior veracidade a história. Após a leitura história os alunos assistiram o filme. Foi notório o aumento na atenção dos alunos durante a narrativa. Em nenhum momento foi percebido desatenção ou desinteresse, ao contrário, eles ouviram e observaram atentamente a fala e atuação dos personagens, cada gesto, cada acontecimento. Demonstraram raiva da rainha, se solidarizaram com a dor e o amor da Branca de Neve e se encantaram com os sete anões. Mas o momento de maior expectativa foi a hora do beijo que ressuscitaria a princesa morta para o desfecho da história. Com o término do filme os alunos e professor sentaram em círculo e foram desafiados a recontarem a história, respeitando a cronologia dos fatos e a ordem discursiva.

A análise da situação apresentada demonstra que o uso da TV/Vídeo foi um instrumento inovador e motivador no aprendizado destas crianças. Esse recurso no processo de ensino e aprendizagem promove um maior dinamismo e motivação nas aulas, se contrapondo a uma visão errônea de que o vídeo na escola serve apenas para passar o tempo e que para utilizá-lo não há necessidade de objetivos predefinidos a cada realidade.

O vídeo está umbilicalmente ligado à televisão e a um contexto de lazer, e entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula. Vídeo, na cabeça dos alunos, significa descanso

e não 'aula', o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso. Precisamos aproveitar essa expectativa positiva para atrair o aluno para os assuntos do nosso planejamento pedagógico. (MORAN, 2006, p. 36-37).

Percebermos a origem do interesse dos alunos e me surpreender com o desenvolvimento da linguagem; quando eles iam conseguindo encaixar os acontecimentos e lembrar dos personagens que apareceram na história. Diante de perguntas como:

-Quem quer ser a rainha?

Imediatamente respondiam: -Eu não tia, ela é muito ruim.

-Quem vocês gostariam de ser?

-A Branca de Neve, a pobrezinha sofreu tanto num foi tia?

-E o príncipe, quem que ser?

O único menino da sala entusiasmado e orgulhoso respondeu: - Eu, e eu consegui salvar a princesa!

-Ninguém escolheu a rainha má, disse alguns alunos.

-Ela é muito feia e ruim, ela queria matar a Branca de Neve, justificou outro.

Por fim, houve a dramatização da história para verificar a relação entre linguagem oral e corporal. Nesse momento as crianças se colocaram com muita propriedade incorporando gestos e expressões percebidas atentamente no filme assistido. E algumas delas pegavam a história que antes tinha sido lida e fingiam estar lendo. É importante destacar aqui que muitas destas crianças em seu meio social presenciam situações de abandono, perseguição e violência; outras não são estimuladas a conversarem e relatarem histórias ou fatos cotidianos. A proposta de histórias infantil com TV/Vídeo demonstra-se como um recurso significativo na melhoria da atenção e desenvolvimento das linguagens. Mostrar para elas que existe diferença entre as histórias infantis e as histórias da vida real é possibilitar que construam na sua vida o conceito de realidade e fantasia, constitutivo do bom desenvolvimento psíquico do ser humano. Na sala de recursos multifuncional essas crianças tiveram a possibilidade de conhecer e vivenciar fantasias, além de se divertem com as atividades propostas.

Outra história trabalhada no decorrer do projeto foi Chapeuzinho Vermelho, agora com o objetivo de produzir um texto escrito, no qual cada aluno relata o que aconteceu na história e com o desafio de poder mudar o final da mesma os alunos foram trabalhados com procedimentos semelhantes à proposta anterior. Iniciou-se o trabalho com a exibição do filme e o desafio de se tornando autores da história que desfecho daria. Durante a exibição do filme os alunos permaneceram

concentrados e atentos para o momento em que se tornariam autores, ou seja, conquistariam autonomia e valorização para ter sua ideia ouvida e respeitada. Para crianças com necessidades especiais atividades como estas fazem diferenças das que tradicionalmente são colocadas no seu cotidiano. Após o término do filme houve a abertura da roda de discussão com reconto da história e planejamento pelas duplas do trecho que seria mantido e do qual sofreriam modificações. Alguns alunos compreendendo o efeito de sentido que a história causa no seu leitor iniciante decidiram que o final da sua história seria surpresa, já outros antes de escrever quiseram contar para os demais, como o próprio movimento de reconto.

Percebe-se que a TV/Vídeo ao serem introduzidos no planejamento da sala de recursos multifuncional devem ter um objetivo estipulado previamente e aliado às habilidades a serem desenvolvidas e potencialidades de cada aluno, só assim a aprendizagem acontecerá de maneira significativa e produtiva. Behrens (2000, p. 71) exemplifica bem isso quando afirma que:

[...] o aluno precisa ultrapassar o papel de passivo, de escutar, ler, decorar e de repetidor fiel dos ensinamentos do professor e tornar-se criativo, crítico, pesquisador e atuante, pra produzir conhecimento. Em parceria, professores e alunos precisam buscar um processo de auto-organização para acessar a informação, analisar, refletir e elaborar com autonomia o conhecimento [...].

O trabalho com histórias infantis a partir da mídia TV/Vídeo em salas de recursos multifuncionais é enriquecedor e significativo, pois diversas habilidades de linguagens relacionadas à construção discursiva social são trabalhadas de forma lúdica. Pelo jogo da imitação a criança se apossa do discurso do outro, melhorando assim sua articulação fonológica e discursiva. No processo de aquisição da linguagem escrita há o encantamento e o desafio de aprender a ler e escrever, perceber que já é capaz de distinguir onde se lê e inferir o que está escrito a partir das hipóteses cognitivas. Ao compreender que a escrita representa a fala e que não existe transcrição direta entre a fala e a escrita essa criança reorganiza seu raciocínio e se aproxima cada vez mais do processo de aquisição da linguagem.

O jogo discursivo e linguístico, presente nas histórias retratadas no vídeo, representado por meio de expressões corporais e sentimentos traz a compreensão de jogos de papéis e noção de corporeidade e movimento, aspectos fundamentais para o desenvolvimento psicossocial e motor das crianças com necessidades

especiais. Ao melhorar o desenvolvimento motor, o conhecimento das potencialidades do corpo e o aprendizado de habilidades motoras, através das brincadeiras e dramatizações das histórias apresentadas nos vídeos, configurou-se como uma estratégia eficaz na melhoria da percepção, compreensão e interpretação da história.

Dramatizar a história assistida contribui no desenvolvimento sócio afetivo destes no grupo. No processo de dramatização é solicitado o relato da história e a interpretação dos personagens para tal, elementos como jogo de papéis, realidade, fantasia, espaço, tempo, limite, disciplina, discurso direto e indireto levam o aluno a construir o seu próprio conhecimento e sua aprendizagem.

As estratégias didáticas voltadas para atividades e brincadeiras na sala de recursos também podem ser exploradas na sala de aula comum. O professor do ensino regular também pode explorar destes alunos o potencial para aprender e valorizar as conquistas realizadas, fortalecendo o respeito e admiração junto aos demais colegas de sala. Segundo Lima (2011), os recursos pedagógicos utilizados na sala de recursos com o uso da TV/Vídeo servem como instrumentos eficazes para despertar a atenção dos alunos, melhorar a leitura e a escrita de forma lúdica e para desencadear uma série de jogos e atividades, tais como: memória, dominó, pintura, desenhos livres, dramatizações e outros que incentivem a livre expressão e a produção autônoma.

A implementação do trabalho realizado, a partir do uso de recursos midiáticos no processo de desenvolvimento da linguagem escrita, oral, corporal e visual das histórias infantis, aliado às práticas pedagógicas diferenciadas, facilitou a participação dos educandos e deu suporte metodológico aos professores de sala comum para desenvolverem habilidades e competências semelhantes em sala de aula, mediando conflitos e promovendo valores humanos e solidários na escola.

Para Moran (2011) todo o esforço realizado em uma escola tem como objetivo conquistar, acolher e garantir acesso e permanência dos alunos com necessidades especiais na escola regular e no AEE, elegendo a TV/Vídeo e as histórias infantis como um referencial significativo, motivador e comumente presente nas escolas.

O resultado deste relato aponta para a percepção dos avanços significativos que o projeto de histórias infantis com o uso da TV/Vídeo em salas de recursos multifuncionais destacam no comportamento do aluno com relação à sua sociabilidade e interação com os demais

alunos nas brincadeiras e nas dependências da escola. Esse estudo trouxe como diferencial um planejamento flexível, sujeito a possíveis ajustes e aprimoramentos nas práticas pedagógicas de forma a atender as necessidades de cada um, além de levar a compreensão de que é através do contar e recontar de histórias que a criança com necessidades educacionais especiais entra em contato com o conhecimento e organiza seus pensamentos.

Percebe-se, também, a importância de um professor de AEE preparado, instigador, que faça intervenções significativas e que saiba identificar as diversas necessidades destes alunos, adaptando os saberes a sua compreensão de forma desafiadora, acolhendo-os com amor e transmitindo confiança. O trabalho realizado na educação especial deve prezar um professor com habilidade para manusear meios tecnológicos como TV/Vídeo e outros recursos que facilitem o acesso e a escolarização das crianças com necessidades especiais.

A escolha pelo trabalho com histórias infantis através da TV/Vídeo demonstra que partir de um lugar conhecido e repleto de significações aumenta as chances das crianças demonstrarem interesse e motivação para participarem das atividades propostas. Com o intuito de desenvolver os aspectos cognitivo, afetivo e psicossocial o trabalho com histórias infantis, por meio de mídias ajuda os alunos a construir conhecimentos sobre a representação de papéis sociais, a relação linguagem oral, escrita e visual, a mudança de discursos, entonação, expressão corporal, valores humanos e separação entre fantasia e realidade. Elementos estes constitutivos da formação da personalidade e fortalecimento da individualidade de cada aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O significado da escola inclusiva hoje vai além da antiga concepção de educação especial e aponta para um modelo de educação democrática que atenda a todos e esteja aberta à diversidade e a participação de toda comunidade escolar. Apesar dos avanços legais, muitas escolas ainda não aceitam o desafio de transformarem suas práticas pedagógicas e prepararem-se para a inclusão de alunos que durante anos foram excluídos da vida social. Não basta a escola adequar o ambiente físico e ela não se prepara para receber e trabalhar com este aluno. As transformações tem que partir de dentro para fora, para que a prática pedagógica indispensável para a inclusão, se reconheça na diferença, no respeito e na valorização.

A escola comum inclusiva busca a participação e o progresso de todos, adotando novas práticas pedagógicas, adequadas as diferenças, eliminando

barreiras arquitetônicas e contemplando a diversidade de recursos tecnológicos e educativos que podem ser trabalhados com alunos com necessidades educacionais especializadas. O uso da TV/Vídeo aqui demonstrado contribui de maneira significativa no aprendizado de histórias infantis, diversas linguagens, construção da autonomia e outros, enfocando a necessidade de um planejamento responsável, voltado ao desenvolvimento pleno de crianças com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

O uso da TV/Vídeo contribuiu de maneira significativa para a inclusão e fortalecimento da autoestima dos alunos que frequentam o AEE. Ao expressar e dramatizar as histórias apresentadas, esses sujeitos descobrem o seu próprio corpo, a noção de tempo e de espaço e constroem novos conhecimentos sobre as diversas formas de linguagem. O resultado dos avanços conquistados na sala de recursos multifuncionais também foi percebido pelos pais. Há relatos de mães que se surpreenderam ao escutarem as narrações das histórias contadas pelos filhos e, pelo interesse de voltar para o AEE. Entretanto, os avanços apresentados na sala de aula comum foram mais lentos. Só após o primeiro semestre de frequência na sala de recurso perceberam que não são doentes e sim, especiais e com capacidade de aprender igual a todas as crianças. Livres da exclusão e preconceito que os segregavam a uma vida limitada, as aprendizagens realizadas na sala de recursos funcionam como um momento de conscientização e valorização humana, garantindo a cada um a conquista da liberdade e autonomia que precisarão ao longo da vida.

Divulgar esse trabalho é difundir o aprendizado realizado na sala de recursos multifuncional, atendendo crianças com necessidades especiais da rede municipal de Olho d'Água das Flores, e os construídos ao longo do Curso Mídias na Educação demonstra a necessidade de transformar e ressignificar a compreensão de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Compartilhar ideias e experiências lança um olhar diferenciado para a inclusão e amplia os resultados positivos do uso da TV/Vídeo no AEE, bem instiga um repensar das práticas pedagógicas tradicionalmente usadas nas salas de aula comuns.

REFERENCIAS

ALMEIDA, M. A. Apresentação e análise das definições de deficiência mental propostas pela AAMR – Associação Americana de Retardo Mental de 1908 a 2002. **Revista de Educação da Universidade Católica de Campinas**, n. 16, junho, p. 33-48, 2004

BEHRENS, M. A. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica**. 3 ed. Curitiba: Champagnat, 2000

BRASIL. **Marcos políticos-legais da Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2010

BRASIL. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001

CARVALHO, A. B. As vicissitudes da Reforma Gerencial no Brasil: uma abordagem analítica. Encontro Nacional de Pesquisa de Pós-Graduação em Administração. **Anais do 23º ENANPAD**, p.34,1999.

GLAT, R. **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007

LIMA, R. C. **O uso da tecnologia na Educação Especial**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/1880/1/O-Uso-Da-Tecnologia-Na-Educacao-Especial/pagina1.html#ixzz1APcgzUg2>. Acesso em: 10 ago. 2011

MAGALHÃES, R. C. **Educação Inclusiva: escolarização, política e formação docente**. Brasília: Liber, 2011.

MANTOAN, M. T. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.

MORAN, J. M. Desafios da televisão e do vídeo à escola. In: MORAN, J; ALMEIDA, M. E. **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: SEED/MEC, 2006, p. 96-100.

_____. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 2, p. 27-35, jan./abr. 1995. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran>. Acesso em: 29 maio 2011.

WERNECK, C. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro:WVA,1999.

A ABORDAGEM DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA E NO ORKUT COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Auda Valéria do Nascimento Ferreira
Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante

Resumo

O estudo apresenta as etapas e o resultado de uma pesquisa do tipo experimental com alunos de uma escola da rede pública estadual de ensino de Maceió, ao mesmo tempo em que: aborda a utilização das comunidades virtuais de aprendizagem enquanto investiga estratégias de abordagem de conceitos sobre variação linguística em interface com a cibercultura e sua viabilidade para sensibilizar os alunos sobre a importância do respeito às variedades linguísticas; analisa os conceitos de língua dos alunos distribuídos no grupo de controle e no grupo experimental e compara o seu desempenho na apreensão de novos conceitos. Os resultados revelam que os alunos do grupo experimental passaram a utilizar uma terminologia menos vinculada ao senso comum ao referir os novos conceitos apreendidos; demonstrou compreender a diferença entre variedades linguísticas e norma-padrão e apresentou proposta de combate ao preconceito linguístico.

Palavras-chave: variação linguística, ensino e aprendizagem, Orkut

INTRODUÇÃO

À luz dos fatores envolvidos na variação linguística, estão as dificuldades vivenciadas pelos alunos no processo de aprendizagem. Por conseguinte, os fatores determinantes da variação devem ser considerados no planejamento, na execução e na avaliação dos resultados das práticas de ensino e de aprendizagem. Essa é uma mudança significativa na perspectiva de como deve ser a prática dos professores também no Ensino Médio.

Neste estudo, experimentamos uma abordagem do conteúdo variedades linguísticas e como suporte metodológico de ensino, inserimos o site de relacionamento Orkut como opção à tendência tradicional de ensino presente em grande parte de nossas salas de aula, no entanto, com um viés comparativo entre duas turmas de alunos do 2º ano do Ensino Médio, ao considerar as idiossincrasias dos estudantes diante da temática da variação linguística em ambas as turmas, e ao utilizar o Orkut somente em uma delas.

Formamos dois grupos de alunos, a partir das turmas envolvidas. O primeiro participou de todas as atividades em sala de aula; o segundo, metade em sala de aula convencional e metade numa comunidade do Orkut denominada “Eu conheço, amo minha língua” disponível no site.

O questionamento principal desta pesquisa foi o seguinte: Em qual dos grupos o nível de compreensão sobre o conteúdo estudado foi mais significativo? No grupo em que todas as atividades foram realizadas em sala de aula ou no grupo em que metade das atividades ocorreu no Orkut?

Surge a hipótese de que o Orkut pode contribuir como motivador para a leitura, a reflexão e a escrita a respeito do conteúdo estudado. O objeto desta pesquisa: a apreensão pelos alunos de conceitos relacionados ao tema das variedades linguísticas tendo como apoio um site de relacionamento.

Este estudo teve como objetivos investigar estratégia de abordagem de conceitos sobre variação linguística em interface com a cibercultura e sua viabilidade para sensibilizar os alunos sobre a importância do respeito às variedades linguísticas, ao tempo em que analisa os conceitos de língua de dois grupos de alunos (controle e experimental) antes e depois de tais estratégias, e compara o desempenho dos dois grupos na compreensão de novos conceitos a fim de verificar em qual grupo ocorreu de forma mais efetiva.

A fundamentação teórica de toda a abordagem foi imbricada nas considerações sobre os conceitos de variação linguística a partir de Labov (1972). A respeito

da utilização das comunidades virtuais de aprendizagem como possibilidade de mediação pedagógica, alavancamos para nortear nossas discussões, entre outros autores, Lévy (1999), Moran (2001, 2007).

LÍNGUA, VARIAÇÃO E ENSINO

Os fenômenos linguísticos possuem sua lógica; e esta abordagem é condizente com as perspectivas dos precursores da Sociolinguística, daqueles que se aprofundaram em pesquisar e concluir sobre os preceitos influenciadores de tantos outros estudos, conduzindo a resultados mais do que evidentes da variação linguística. Dentre tais pesquisadores, menciona-se William Labov inclusive por dar nome à corrente na qual em parte se situa este trabalho, linguística variacionista¹.

A Teoria da Variação pode melhorar a qualidade do ensino de língua portuguesa em sala de aula. Além de seu objeto de estudo ser a variação linguística, essa teoria trabalha sobre a realidade linguística dos usuários da língua, examinando tanto os fatores internos à língua (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica) como também os de ordem externa à língua (idade, sexo, origem geográfica, situação econômica, escolarização) (CAVALCANTE; SANTOS, 2000).

Para Labov (2008), a língua é um sistema aberto, variável e dinâmico. Os condicionantes dessa variação não são apenas os fatores internos (estrutura da língua), mas também externos (social; variável de falante para falante).

Labov, linguista norte-americano, publica, entre as décadas de 1960 e 1970, resultados de pesquisas em que o objeto da análise é a comunidade de fala, nos quais os fatores externos ao falante são levados em conta. O trabalho sobre a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, o município de menor poder econômico de Massachusetts, destaca a importância dos fatores sociais para explicar a variação e a mudança linguística e torna-se o marco da Sociolinguística na condição de ciência dotada de método (CALVET, 2002).

Em 1964, no artigo intitulado “The Social Stratification of English in New York City”², o autor citado desenvolve um modelo de descrição do fenômeno linguístico (como exemplo, a estratificação do “r”), de acordo com fatores como classe social, raça, idade, sexo e ocupação dos sujeitos da pesquisa.

No artigo “Empirical Foundations for a Theory of Language Change”³ (WEINREICH; LABOV;

HERZOG, 1968), também se aborda a língua a partir do contexto social do falante. O objeto no caso é a língua heterogênea e plural, com diversas variantes, objetivando explicar e sistematizar a variação e a mudança linguísticas.

Segundo Labov (2008, p. 19), a explicação da mudança linguística “[...] parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística”.

Em outras palavras, Labov apud Calvet (2002, p. 87), resume a constituição da variação:

Pode-se considerar que o processo de variação linguística se desenrola em três etapas. Na origem, a mudança se reduz a uma variação, entre milhares de outras, no discurso de algumas pessoas. Depois ela se propaga e passa a ser adotada por tantos falantes que doravante se opõe frontalmente à antiga forma. Por fim, ela se realiza e alcança a regularidade pela eliminação das formas rivais.

Desde a década de 1970, os linguistas brasileiros vêm compondo um amplo retrato da realidade da língua portuguesa, gerando o conhecimento das semelhanças e diferenças desta língua falada de norte a sul do país. O resultado desse trabalho, que antes se acumulava nas bibliotecas das universidades, hoje timidamente desponta nas abordagens pedagógicas dos professores.

Por sua vez, as linguagens verbal-oral e verbal-escrita utilizadas em sala de aula refletem os papéis sociais desempenhados pelos interagentes em diversos ambientes. A Sociologia tradicionalmente denomina esses ambientes de “domínios sociais”.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), um domínio social é um espaço físico onde pessoas assumem determinados papéis sociais ao interagirem. Estes são definidos por normas socioculturais e construídos no próprio processo de interação humana. A sala de aula, por exemplo, é um domínio social. Nela, encontra-se variação linguística na fala de alunos e professores, como também nos diversos gêneros textuais veiculados a cada curso, a cada nível de escolarização. Os professores constituem um grupo social mais experiente que o dos alunos, mas também apresentam menos formalidade e menos monitoração linguística⁴ em alguns eventos de oralidade, mesmo em sala de aula.

Isso é comum nos diversos níveis de ensino, mas citamos aqui um breve recorte de uma pesquisa que menciona o momento em que uma das três professoras,

¹ Atualmente, essa denominação está consolidada como Sociolinguística Variacionista, embora ainda esteja presente nas obras de alguns autores da forma mencionada.

² A Estratificação Social do Inglês na Cidade de Nova York.

³ Fundações Empíricas de uma Teoria da Variação Linguística.

⁴ Os estilos monitorados ocorrem quando há um contexto social que o exige, seja pelo status socioeconômico do interlocutor, seja pela necessidade de causar uma boa impressão.

sujeitos do referido estudo, relatou em sala de aula um fato recém-acontecido na cidade: “[...] vocês viram aquele caso em Maceió, ele entrou na casa, esturpô a mãe, esturpô a filha de 12 anos e ainda machucou o filho de 7 anos” (SILVA, 2009, p. 103).

De acordo com a pesquisadora citada, a professora monitorou sua fala em quase todos os eventos em sala de aula, exceto no caso acima, em que deixou vir à tona duas regras variáveis do português brasileiro ao falar *esturpô* em vez de *estuprou*. Segundo Bortoni-Ricardo (op. cit.), podemos classificar essas variáveis em traços graduais e traços descontínuos da linguagem⁵. Os graduais estão presentes na fala de todos os brasileiros, como a supressão do fonema final /w/ de *estuprou* > *estuprô*; os descontínuos são próprios dos falantes da zona rural, como a troca de posição de um fonema para melhor acomodação eufônica, ocorrida em *estuprou* > *esturpou*.

O caso relatado ocorreu em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e não houve comentários por parte dos alunos, mas consideramos que uma regra variável de traço descontínuo aplicada pelo professor diante de alunos do Ensino Médio pode ser questionada no momento em que ocorre. Logo, se o aluno observa variantes estigmatizadas, inclusive, na linguagem do professor, insistir na simplificação do termo “certo” ou “errado” no ensino do português brasileiro é desconsiderar, além dos fatores sociais que envolvem o próprio falante (neste caso, o professor), as estratégias de abordagem dos fenômenos de variação em sala de aula.

Uma formação na área da Sociolinguística é o cerne para a consolidação da aparente utopia de que o professor pode aprender a lidar com a variação observada também em seu repertório linguístico. O paradoxo é constituído na ideia de que toda a educação formal do professor é transmitida pelas variedades prestigiadas. Uma hipótese para a ocorrência de uma ou mais variantes estigmatizadas presentes na fala do professor pode ser, dentre outras possibilidades, o que Labov (2008, p. 243) identificou:

[...] os falantes exibem o mesmo nível de atenção para diversas variáveis lingüísticas importantes na fala casual – quando estão menos envolvidos – e na fala excitada – quando estão profundamente envolvidos pela emoção. O fator comum para ambos os estilos é que há pouca atenção para a monitoração da própria fala.

O autor citado aponta outros fatores relevantes que redirecionaram suas pesquisas e se consolidaram na minuciosa metodologia que leva em conta, para análise

5 Os traços descontínuos são os mais discriminados nas comunidades urbanas.

da variação, o comportamento social e linguístico do falante. Para Labov (Id, Ibid.), não existe falante de estilo único, e, para se conhecer o vernáculo de um falante em particular, é preciso partir dos momentos em que este presta o mínimo de atenção à sua fala. Dessa forma, supomos que todos nós estamos e somos sujeitos à variação a depender dos fatores já apontados, mas, além disso, sujeitos de uma abordagem adequada da variação ou do conteúdo variedades linguísticas no Ensino Médio.

A língua portuguesa varia em todo o território brasileiro e, simultaneamente, seu ensino possui abordagens diferentes. Na maioria das vezes, depende da concepção do professor, independentemente, da situação geográfica na qual é efetivado o ensino, e sim, conforme sua concepção de língua, se teve ou não uma base sociolinguística em sua formação.

Possenti (1996, p. 22-23) alerta:

Se nossas perguntas são sempre sobre o que é certo ou errado, e se nossas respostas a essas perguntas são sempre e apenas baseadas em dicionários e gramáticas, isso pode revelar uma concepção problemática do que seja realmente uma língua, tal como ela existe no mundo real, isto é, na sociedade complexa em que é falada.

O referido autor defende o ensino de língua que priorize a leitura, a literatura e a interpretação de textos; as análises linguísticas são necessárias, porém, em grau menor, se comparadas à importância de se discutir os preconceitos. Para ele, trabalhar com gramática na escola é indispensável, mas está convencido de que “uma coisa é o estudo da gramática e outra é o domínio ativo da língua” (POSSENTI, 1996, p. 60). Assim, propõe aos professores uma perspectiva de ensino de gramática procedente ao aluno que leia e escreva, mesmo precariamente, caso sua condição social não tenha sido alterada.

Essa concepção de ensino de gramática não a menospreza, mas a dispõe num plano mais coerente com a função primordial da escola que é ensinar a ler e escrever. Quem fala uma determinada língua já usa, apropriadamente, as regras dessa língua. Segundo Antunes (2003, p. 85-86), “Aprender uma língua é, portanto, adquirir, entre outras coisas, o conhecimento das regras de formação dos enunciados dessa língua. Quer dizer, não existe falante sem conhecimento de gramática”. Obviamente, isso não significa que todo falante saiba o que é um verbo intransitivo ou um adjunto adnominal. Por isso, é importante discutir o que são e o que não são regras de gramática.

Para Antunes (Ibid, p. 86):

Regras de gramática, como o nome já diz, são normas, são orientações acerca de como usar as unidades da língua, de como combiná-las, para que se produzam determinados efeitos, em enunciados funcionalmente interpretáveis e adequados aos fins pretendidos na interação.

Dessa forma, são regras: a descrição de como estabelecer relações, por exemplo, de causa, de oposição, de tempo; de como usar os artigos; de como complementar o verbo etc. Em contraposição, não são regras de uso, mas apenas definição e classificação das unidades da língua, a saber: as diferentes funções sintáticas do *que* e do *se*; a subclassificação de cada subclasse dos pronomes e a função sintática de cada um, entre outros. “Adianta pouco saber que o ‘sujeito’ de determinada frase é indeterminado, por exemplo. O que adianta mesmo é saber que efeitos práticos se consegue com o uso de um determinado tipo de ‘sujeito’” (Id, Ibid, p, 87).

A melhor opção em relação ao ensino de língua portuguesa na escola é reconhecer: a concepção do ensino de gramática para além dela, não, prioritariamente, ela; a importância da concepção heterogênea de língua; considerar a realidade sociocultural em que o aluno está inserido e empreender estratégias para a abordagem adequada das variedades linguísticas em sala de aula.

MUDANÇA E NOVA CONCEPÇÃO CURRICULAR PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Até meados da década de 1960, havia poucas escolas em comparação com o número que temos atualmente, sendo que a maioria se concentrava nos grandes centros urbanos. Eram raras as escolas na zona rural e nas cidades de menor porte. Nas escolas da zona urbana, professores e alunos pertenciam às classes média e média-alta, mas mesmo assim compunham uma pequena parcela da população.

O perfil socioeconômico e cultural da maioria dos professores brasileiros mudou significativamente em relação ao início do processo de democratização do ensino, à medida que as famílias das classes desfavorecidas migravam da região rural para a urbana e a escola acolhia as crianças dessas classes desprestigiadas; o número excedente de alunos por sala de aula, acrescido de outros fatores relacionados às condições de trabalho, ocasionou o desprestígio da profissão docente frente às classes sociais de maior poder aquisitivo. Abandonado pela classe média-alta, o magistério foi aos poucos procurado e exercido por pessoas de classe média-baixa (BAGNO, 2007).

Corroboramos com o autor citado ao considerarmos que não há problema no fato de as salas de aula estarem sob a regência de professores falantes do genuíno vernáculo brasileiro mais distante do padrão inspirado na norma de Portugal.

O problema verdadeiro é não oferecer para as professoras uma formação que permita que elas lidem adequadamente com uma série de questões que, inevitavelmente, surgem no dia-a-dia da sala de aula: se a norma é obsoleta e antiquada, ainda faz sentido ensiná-la? [...] O respeito pela variação linguística não é incompatível com o objetivo de ‘ensinar gramática’, já que a gramática que se ensina só leva em conta os usos considerados ‘corretos’ pela tradição normativa? [...] Deixar de ensinar as formas ‘certas’ não significa negar ao aluno um instrumento de ascensão social? (Id, Ibid, p. 33-34).

Todo ser humano age de acordo com regras e deve saber: quando pode e quando não pode falar; o tipo de conteúdos referenciais que lhe são consentidos; quais as variedades linguísticas lhe são oportunas. A presença dessas regras é importante para o falante e para o ouvinte, que, com base em tais regras, estabelece uma expectativa em relação à produção linguística de seu interlocutor. Isso se deve ao fato principal de que nem todos os falantes de uma determinada sociedade têm acesso a todas as variedades e, menos ainda, a todos os conteúdos referenciais. Apenas uma parte desses falantes tem acesso à variedade de prestígio. “Uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (GNERRE, 1998, p. 6-7).

Nas interações sociais na sala de aula, é preciso encontrar soluções para os problemas de abordagem das variedades linguísticas. A fim de evitar atitudes que repercutam um efeito contrário à proposta educativa de combate à discriminação e ao preconceito linguístico. Os estudos sociolinguísticos contribuem para isso. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) refletem a contribuição da Sociolinguística para os pressupostos de abordagem pedagógica dos fenômenos linguísticos em sala de aula.

Em relação aos PCN, Antunes (2003, p. 21, grifo do autor) afirma:

[...] não se pode deixar de reconhecer que as concepções teóricas subjacentes ao documento já privilegiam a dimensão interacional e discursiva da língua e definem o domínio dessa língua como uma das condições para a plena participação do indivíduo em seu meio

social (cf. p. 19). Além disso, estabelecem que os conteúdos de língua portuguesa devem se articular em torno de dois grandes eixos: o do **uso** da língua oral e escrita e o da **reflexão** acerca desses usos. Nenhuma atenção é concedida aos conteúdos gramaticais, na forma e na seqüência tradicional das classes de palavras, tal como aparecia nos programas de ensino de antes.

Desde 1970, o debate educativo centra-se em torno dos conteúdos de ensino. Trata-se de integrar às práticas de ensino e de aprendizagem na escola novos conteúdos, além daqueles tradicionalmente priorizados em sala de aula. O currículo é compreendido, sobretudo, a partir de processos de construção da prática de professores, de políticas públicas educacionais e de políticas essencialmente culturais. Todos esses aspectos inseridos nas relações sociais se consolidam na formação do aluno, que, pertencente a uma cultura, é sujeito⁶ principal do ambiente escolar.

A sociedade com suas características peculiares da pós-modernidade convida o professor a repensar suas relações com os alunos em sala de aula. Não há mais “certezas” nem “preceitos” estabelecidos. O educador se encontra num estado constante de submissão à dúvida e aos novos questionamentos. Isso torna seu papel mais flexível, não mais representante do conhecimento estático, porém, participante de um processo social construído coletivamente e em busca de novos significados.

A educação escolarizada e pública respira os ideais de justiça e igualdade. O currículo escolar é o lugar de luta das políticas, e todos os questionamentos visam à desestabilização dos poderes. O que há é um jogo de busca, não um ponto fixo; um jogo de autorreflexão em que o indivíduo que critica também se submete à crítica.

No que diz respeito ao uso da língua, justifica-se a necessidade de se conhecer bem definidamente os conceitos de variação sociolinguística para podermos compreender que, na pragmática da escola, continua-se a legitimar apenas a cultura dominante, na medida em que se apresentam as normas e valores de tal cultura como privilegiados e não se considera o lugar da língua materna trazida pelos alunos das classes desfavorecidas na escola.

CONCEITOS DE VARIAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA

Relacionar a heterogeneidade linguística com heterogeneidade social constitui-se no objetivo principal da Sociolinguística. Para esta subárea da linguística, não

⁶ Termo compreendido segundo a concepção de Foucault (1979): o sujeito apenas existe como resultado de um processo de produção cultural e social.

se estuda a língua desvinculada da sociedade, ou seja, do contexto social em que é falada. Por sua vez, “o conceito de variação lingüística é a espinha dorsal da Sociolinguística” (BAGNO, 2007, p. 39).

Lidar com conceitos em sala de aula se torna mais desafiador quando o objeto de estudo é a própria língua. O ensino de língua numa perspectiva sociolinguística exige o emprego adequado de uma terminologia formulada a partir de estudos feitos nesta área, porém, em muitos casos, inclusive, nos manuais de orientação curricular para o professor, a abordagem dada à variação precisa ser unificada. É comum a confusão conceitual de termos como norma-padrão, língua culta, variante, variedade, entre outros.

Mollica (2003, p. 10) traz o seguinte conceito de variação:

A variação lingüística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas lingüísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente.

Os fatores de natureza social ou estrutural e internos ou externos à língua (variáveis independentes) influenciam os usos, aumentando ou diminuindo a frequência de ocorrência da variável dependente. No conjunto de variáveis internas são encontrados os elementos lingüísticos fono-morfo-sintáticos, lexicais, semânticos e discursivos. O indivíduo inerentemente reúne fatores: como etnia e sexo; propriamente sociais (escolarização, classe social e profissão); e contextuais (grau de formalidade e tensão discursiva).

De acordo com Mollica (Ibid), a variação lingüística pode ocorrer nos eixos diatópico/geográfico e diastrático/social. No primeiro, é observada nos modos de pronunciar as palavras, como em [tchia] ou [tia]; na escolha do léxico, como ocorre com *macaxeira*, *aipim*, *mandioca*. No segundo, é a variação verificada nas diferentes camadas sociais da população, a depender do grau de escolarização, se o falante é proveniente da zona rural ou urbana.

Bagno (2007) cita outros dois eixos, a saber: diafásico – *dia*, expressão grega que significa *através de* e *phásis*, também do grego (modo de falar) – é a variação mais observada na sala de aula, em que alunos e professores usam diferentemente a língua a depender do grau de monitoramento; diamésico – o adjetivo provém de *diá* e do grego *mésos*, que significa *meio* (de comunicação) – ocorre dependentemente do gênero textual escolhido para o ato comunicativo. É a variação

em que se observam as diferenças entre as modalidades verbal-oral e verbal-escrita.

DIFERENTES LINGUAGENS NO CIBERESPAÇO: NOVAS POSSIBILIDADES DE MEDIAÇÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM EM COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM (ORKUT)

No âmbito do ensino e da educação, imaginamos os alunos de algum modo unidos nas comunidades do ciberespaço e, conseqüentemente, formando grupos conforme seus interesses, criando alguma identidade. Por meio das diferentes linguagens presentes no ciberespaço, novas possibilidades de ensino e de aprendizagem são apresentadas ao aluno e ao professor. Segundo Lévy (1999, p. 17), “o ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. Com este conceito corrobora Ramal (2002, p. 65) “Ciberespaço é toda a estrutura virtual transnacional de comunicação interativa”. O termo especifica, além da infraestrutura material da comunicação digital, o universo de informações nela presente e as pessoas que interagem e constroem esse universo.

Moran (2007) traz à discussão a importância de se reorganizarem os ambientes presenciais de ensino. Ensinar não necessariamente precisa se relacionar com frequentar regularmente as salas de aula. O autor visualiza o acesso a outros ambientes. Na sala, os agentes da aprendizagem se conhecem, os procedimentos didáticos são organizados e os alunos, motivados, são orientados sobre as pesquisas e de como utilizar outros ambientes. Depois de algum tempo, volta-se à sala para apresentar os resultados, trocar experiências, contextualizar e generalizar as aprendizagens individual e coletiva. Assim, professores e alunos estarão menos tempo juntos fisicamente, mas será um momento intenso.

Nas comunidades do Orkut, criadas pelos próprios internautas, as pessoas também se encontram para debater sobre temas de interesse comum. Existem comunidades que debatem sobre o ensino de diversas disciplinas, Literatura, Física, entre outros, como, no caso específico apresentado neste trabalho, que aborda o conteúdo variedades linguísticas através das ferramentas do Orkut.

O Orkut pode se tornar uma comunidade virtual de aprendizagem à medida que suas ferramentas vão sendo utilizadas com o objetivo de ampliar situações de aprendizagem. De acordo com Salinas (2003), uma CVA pode ser: de discurso, de prática, de construção do conhecimento e de aprendizagem, o que favorece a

construção de conhecimento, uma vez que seus membros se relacionam com os mesmos objetivos de aprendizagem. Silva (2005) destaca a importância de o professor utilizar as comunidades virtuais para criar com seus alunos um ambiente de comunicação e aprendizagem em sala de aula presencial e online. “favorecem integração, sentimento de pertença, trocas, crítica e autocrítica, discussões temáticas, elaboração, simulação e descoberta”.

É relevante apoderarmo-nos desses recursos, pela necessidade da inclusão digital. Embora os alunos participem das comunidades virtuais à revelia da escola, como acontece nas comunidades tradicionais, é função desta colaborar para minimizar conflitos. Para isso, ela pode utilizar as comunidades virtuais e criar tópicos de discussões. Uma vez disponibilizados, esses debates contribuem para a aquisição de conhecimentos.

Para Moran (2001), os ambientes de interação “virtual” podem influenciar os alunos a escreverem melhor, para mostrarem o que pensam de forma mais clara dentro da internet. O relacionamento entre professor e aluno torna-se mais próximo, pois além do contato “real”, o professor passa a interagir num dos ambientes mais frequentados pelos alunos.

MÉTODO E RESULTADOS

Esta pesquisa é do tipo experimental e qualitativa, verifica a relação de causalidade que se estabelece entre alunos que usam o Orkut e a aprendizagem dos alunos sobre o conteúdo variedades linguísticas.

A abordagem de cunho qualitativo, por seu caráter interpretativo, envolveu também, neste trabalho, descrições e análises feitas a partir da observação participante das estratégias de ensino e de aprendizagem efetivadas em sala de aula convencional e no Orkut sobre variação linguística para que os alunos apreendessem os conceitos de norma-padrão *versus* variedades linguísticas e estabelecessem uma relação com o preconceito linguístico.

O estudo foi realizado em duas turmas de alunos do Ensino Médio de uma escola pública da rede estadual de ensino localizada na região metropolitana de Maceió no período equivalente a dois bimestres do ano letivo de 2008. A coleta de dados foi iniciada em junho e concluída em outubro do mesmo ano com 29 alunos de cada turma.

A escola é equipada com um laboratório de informática composto por 20 computadores conectados à internet, além de professores-facilitadores e um técnico em informática, que presta serviço regularmente à escola. Na etapa da análise, para a mostra foram escolhidos aleatoriamente de cada uma das turmas envolvidas no estudo 8 alunos compondo uma mostra de 16 no total.

Estes formaram, respectivamente, em relação às turmas A (controle) e B (experimental), os grupos tratados durante toda a análise como “Grupo A” e “Grupo B”. Identificamos por números os sujeitos de cada grupo, sendo do um ao oito (1-8) alunos do grupo A e do nove ao dezesseis (9-16) alunos do grupo B. O *corpus* analisado constou de questionários, observação participante de aulas de língua portuguesa; gravação de turnos conversacionais e mensagens postadas pelos alunos no Orkut (Quadro 1).

Quadro 1. Resumo do *corpus*

Dados analisados	Grupo/s
16 textos (pré-teste)	A e B
16 textos (pós-teste)	A e B
16 questionários	A e B
10 questões propostas em sala de aula	A
Diário de bordo de 32 aulas	A e B
64 tópicos de discussão postados no Orkut	B (laboratório de informática)
1h40min de gravação transcrita em 73,5kb de texto digitalizado	A e B (em sala de aula)
8 questionários	B

Fonte: dados da pesquisa

Elegemos como questionamentos desta pesquisa: 1- Quais são as ideias prévias dos alunos sobre o conteúdo variedades linguísticas? Utilizam a terminologia de acordo com os textos lidos? 2- Quais as abordagens dos textos lidos pelos alunos? Evidenciam a variação linguística *versus* norma-padrão e o combate ao preconceito linguístico? 3- Revelam os novos conceitos em fase de apreensão ao longo das abordagens? 4- Quais os pontos positivos e negativos do trabalho em sala de aula e no Orkut? O material didático foi analisado segundo os pressupostos sociolinguísticos adequados ao nível de escolarização dos alunos. Descrevemos, aqui, as etapas práticas desta pesquisa que partiram da observação participante de 16 aulas dadas em cada uma das turmas em que estavam os grupos de alunos focados para análise dos dados. Houve uma variação no grupo B, pois este contou com 8 aulas em sala convencional; as outras 8, foram no laboratório de informática da escola.

Ambos os grupos leram os mesmos textos referentes ao tema variação linguística (TAKAZAKI, 2005). O programa destinado ao aluno para esta experiência foi dividido em quatro abordagens (Quadro 2).

Quadro 2. Detalhamento das atividades realizadas

Período (aula/dia)	Proposta para o grupo A	Proposta para o grupo B
1ª e 2ª aulas	Debate em sala de aula, a partir de “Citações sobre Língua”, comentário sobre “erros de português” e o que seria para eles estudar a língua portuguesa.	Debate em tópicos de discussões no Orkut “Citações sobre conceito de língua”, “Idéias sobre língua” e “focando a língua mais usada no nosso dia-a-dia”.
3ª a 6ª aulas	Leitura dos textos “Brasil e Portugal já falam duas línguas diferentes”, Marcos Bagno; “Jerimum Tresandado”, Ricardo Valadares e “Narração em Portugal é um show à parte”, Raquel Santana. Discussão e pesquisa a partir de questões propostas sobre a temática de cada texto.	Debate em tópico de discussão e pesquisa no Orkut. (Os tópicos possuem o mesmo título dos textos lidos)
7ª e 8ª aulas	Leitura compartilhada da 1ª parte da entrevista de Marcos Bagno. Em seguida, leitura silenciosa a fim de responder a algumas questões formuladas a partir do texto.	Continuação da atividade proposta anteriormente.
9ª e 10ª aulas	Leitura silenciosa da 2ª e 3ª partes da entrevista a fim de estudar o vocabulário e continuação da atividade de compreensão do texto.	Não houve variação.
11ª e 12ª aulas	Aula expositiva sobre variação e norma em sala de aula.	Não houve variação.
13ª e 14ª aulas	Leitura da entrevista “Língua enrolada” cedida por Pasquale Cipro Neto ao jornalista Mário Sabino. Leitura de fragmento dos PCN. Leitura do artigo: “Erro de Português não existe”, de Flávio Lobo.	Não houve variação.
15ª e 16ª aulas	Proposta de questões sobre os textos lidos para serem respondidas em dupla.	Não houve variação.

Fonte: dados da pesquisa

Dividimos as atividades equitativamente de modo a evitar desigualdade de condições para os alunos do grupo A e do grupo B. Em contraposição, pela natureza do estudo, fizemos algumas adaptações. O grupo A participou de todas as abordagens em sala de aula e as

questões solicitadas foram respondidas oralmente ou por escrito em suporte de papel. O grupo B assistiu a menos aulas expositivas, e as questões solicitadas foram respondidas por escrito em suporte de papel e no Orkut.

Um dos grupos se dirigiu ao laboratório de informática. Nesses momentos, tivemos cerca de 1h e 40min de atividade à tarde, em horário reservado no laboratório. A intenção foi a de envolver todos os alunos numa ação conjunta de aprendizado, enquanto focamos uma mostra para efeito de análise.

AS IDIOSSINCRASIAS SOBRE LÍNGUA REVELADAS NO PRÉ-TESTE

No primeiro contato com a turma, realizamos o pré-teste com os alunos, na oportunidade da aplicação do questionário para elaboração do perfil da turma. A última questão do referido instrumento serviu como proposta para a elaboração de um pequeno texto.

Ao sugerirmos que os alunos escrevessem a partir da seguinte proposta: “Escreva um texto dissertativo sobre o uso da linguagem popular e da linguagem culta no seu cotidiano. Dê um título para o seu texto”. Não supúnhamos que se detivessem na terminologia usada, mas que conseguissem expressar suas ideias sobre o assunto. Por isso, o interesse pela terminologia empregada no tratamento das variedades linguísticas refletiu esta justificativa: não intencionamos influenciar os alunos a usarem os termos “língua” ou “linguagem”, mas é importante ressaltar que, neste momento do pré-teste, eles não tinham uma referência, uma leitura precedente. Obviamente, a tendência seria a de utilizarem a nomenclatura do texto antecedente, que, neste caso, foram os termos “linguagem popular” e “linguagem culta” usados na proposta. No entanto, não referimos quem utilizou essas nomenclaturas à categoria “terminologia/a mesma dos textos lidos”. Neste caso, julgamos mais pertinente referi-las à categoria “terminologia/a mesma do senso comum” (Quadro 3).

Quadro 3. Critérios de avaliação

TERMINOLOGIA	A mesma dos textos lidos
	A mesma do sendo comum
	Confunde os termos
COMPREENSÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	Evidência a presença de variabilidade linguística x norma-padrão
	Não distingue variedades linguísticas de norma-padrão
	Não menciona o fenômeno
PRECONCEITO LINGUÍSTICO	Apresenta proposta de combate ao preconceito
	Apenas menciona o assunto
	Não menciona o assunto
	Demonstra preconceito em seu texto

Fonte: Adaptado de Coelho (2007)

O pré-teste mostrou que a terminologia empregada na abordagem da variação linguística pode influenciar o aluno na sua produção textual. 62,5% dos sujeitos do grupo A, que não participaram da experiência no Orkut, como também, do grupo B, que participaram da experiência no Orkut, utilizaram as expressões “linguagem culta” e “linguagem popular” em seus textos. Percebemos o quanto esse resultado foi homogêneo pela correlação destes números com as respostas ao item “confunde os termos”; ou seja, a mesma quantidade de alunos (37,5%) ao se referirem à gíria, por exemplo, usaram a expressão “linguagem popular”. Em síntese, o que é “certo” na língua é “linguagem culta” e o que é “errado” é “linguagem popular” (Tabela 1).

Tabela 1. Categorias semânticas elaboradas a partir das idiossincrasias reveladas pelos alunos na produção de texto utilizada como pré-teste. (Identificamos por números os sujeitos de cada grupo, sendo do um ao oito (1-8) alunos do grupo A (controle) e do nove ao dezesseis (9-16) alunos do grupo B (experimental).

Categorias verificadas	Verificação das categorias	Sujeitos (alunos)	Grupo A	Grupo B	Total
Terminologia	A mesma dos textos lidos				
	A mesma do senso comum	2, 3, 4, 6, 8, 9, 12,13, 14, 16	5	5	10
	Confunde os termos	1, 5, 7,10, 11, 15	3	3	6

Compreensão da variação linguística	Evidencia a presença de variabilidade linguística <i>versus</i> norma-padrão				
	Não distingue variedades linguísticas de norma-padrão	12, 13, 15	0	3	3
	Não menciona o fenômeno	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 16	8	5	13
Preconceito linguístico	Apresenta proposta de combate ao preconceito		0	0	0
	A p e n a s menciona o assunto	9, 10	0	2	2
	Não menciona o assunto	2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 16	7	6	13
	Demonstra preconceito em seu texto	1	1	0	1

Fonte: dados da pesquisa

Esse aspecto verificado relaciona-se ao fato de os alunos não haverem compreendido o conceito de língua além do senso comum, de que a língua é o conjunto das regras existentes na gramática normativa. Constatamos essa situação, a partir dos dados evidenciados no grupo A, dos quais 100% deixaram de apresentar quaisquer ideias contrárias à visão purista da língua. No caso do grupo B, 62,5% também não mencionaram. 37,5% do grupo B reconhecem a variação linguística, mas atribui à norma padrão o *status* de “variedade certa” em contraponto às variedades linguísticas presentes no uso real dos falantes. Sobre o preconceito linguístico, 25% dos alunos do grupo B mencionaram ter algum conhecimento sobre o fenômeno. No grupo A, não houve nenhuma representação nesse sentido, ao contrário, 12,5% dos alunos demonstraram preconceito linguístico em seus próprios textos. No grupo B, 25% dos discentes mencionaram conhecer o fenômeno do preconceito.

RESULTADOS NO PÓS-TESTE

A proposta apresentada aos alunos para a última produção textual foi inspirada no poema **Pronominais**, de Oswald de Andrade, disponível em <http://recantodasletras.uol.com.br> e elaborada especialmente para este estudo, a fim de ser aplicada como pós-teste.

Utilizando como parâmetro de avaliação a categoria “Terminologia/a mesma dos textos lidos”, alcançamos o resultado de ambos os grupos no pós-teste. O grupo B alcançou um resultado 40% melhor que o grupo A.

Comparar os resultados do pré-teste e do pós-teste é imprescindível para a compreensão do estudo como um todo (Tabela 2).

Tabela 2. Resultados da análise do pré-teste e pós-teste

	Verificação das categorias	Pré-teste			Pós-teste				
		Sujeitos (alunos)	Grupo A	Grupo B	Total	Sujeitos (alunos)	Grupo A	Grupo B	Total
Terminologia	A mesma dos textos lidos		-	-	-	1, 5, 6, 10, 11, 13, 14, 15, 16,	3	6	9
	A mesma do senso comum	2, 3, 4, 6, 8, 9, 12, 13, 14, 16	5	5	10	2, 3, 4, 7, 8	5	0	5
	Confunde os termos	1, 5, 7, 10, 11, 15	3	3	6	9, 12	0	2	2
Compreensão da variação linguística	Evidencia a presença de variabilidade linguística <i>versus</i> norma-padrão					5, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16	2	7	9
	Não distingue variedades linguísticas de norma-padrão	12, 13, 15	0	3	3	3, 1, 7, 8, 9	4	1	5
	Não menciona o fenômeno	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 16	8	5	13	2, 4	2	0	2

Preconceito Linguístico	Apresenta proposta de combate ao preconceito		0	0	0	6, 10, 11, 13, 14, 15, 16	1	6	7
	Apenas menciona o assunto	9, 10	0	2	2	1, 3, 12	2	1	3
	Não menciona o assunto	2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 16	7	5	12	2, 4, 5, 7, 9	4	1	5
	Demonstra preconceito em seu texto	1	1	0	1	8	1	0	1

Fonte: dados da pesquisa

Os dados nos revelam que abordar questões de adequação linguística sem questionar os conceitos ideológicos implícitos na terminologia empregada para tal fim constitui-se numa omissão desnecessária no Ensino Médio.

O parâmetro de avaliação para “compreensão da variação linguística” foi: “Evidencia a presença de variabilidade linguística *versus* norma-padrão. A partir deste verificamos que o grupo B alcançou um resultado 62,5% melhor que o grupo A.

Em relação à noção do que é preconceito linguístico e das suas implicações socioculturais, os alunos do grupo B apresentaram um resultado 62,5% mais positivo que os alunos do grupo A, tendo como parâmetro a categoria “apresenta proposta de combate ao preconceito”.

CONSIDERAÇÕES DOS ALUNOS DEPOIS DA EXPERIÊNCIA

Depois de nove meses da conclusão da pesquisa, procuramos os 8 alunos do grupo B, que formaram o grupo focado para as análises, concluintes do 3º ano do Ensino Médio, e entregamos um questionário, a fim de saber as suas considerações sobre este trabalho, se a experiência realizada trouxe contribuições para eles.

Perguntamos a esses alunos se, além do laboratório de informática da escola, eles acessaram o Orkut de outro lugar para realizar as atividades. 75% revelaram que acessaram o Orkut também numa *lan house*. Esse dado corrobora a constatação empírica de que cada vez mais os alunos usam o computador em suas atividades escolares à revelia, ou não, da intervenção da escola. 25% disseram acessar de sua própria casa. A notoriedade destes dados é o fato de os alunos “aproveitarem” o tempo despendido em suas interações informais no Orkut, para além de sua especificidade.

Solicitamos aos alunos que nos revelassem como se comportavam em relação à leitura dos textos sugeridos em sala de aula, previamente, à sua ida ao laboratório de informática, a fim de debater o assunto no Orkut. Tivemos o resultado de que 50% dos alunos sempre leram os textos em casa. A outra metade variou entre 25% que leram na sala de aula e 25% que leram no momento de responder no Orkut. Dentre as quatro alternativas, uma não foi escolhida (nunca lia os textos).

Avaliamos se o fato de interagir no Orkut provocou-lhes o interesse em ler os textos. 100% responderam positivamente. Pela característica subjetiva da pergunta, optamos por elaborar algumas categorias e descrever as respostas dos alunos de acordo com cada uma delas. De acordo com os dados, as respostas foram as seguintes:

09. Porque ajudou muito no meu desenvolvimento na escola.
10. Porque foi muito importante para o meu aprendizado.
11. Porque me despertou muita curiosidade sobre as variedades linguísticas, e fez com que eu lesse mais para poder entender.
12. Porque ao ler os textos eu vi a importância de se entender e compreender a variedade linguística popular.
13. Porque além de ser ou tentar ser coerente nas respostas, obtivemos informações e eliminamos o preconceito quanto à língua portuguesa.
14. Porque para expor minha opinião no fórum, é preciso conhecer o assunto, além de que a interatividade do fórum é uma individualização do conhecimento.
15. Porque além de contribuir na pesquisa, aumentei o meu conhecimento e passei a ler mais.
16. Porque ao ver como os demais interpretavam o que liam, despertava a curiosidade e acabava por lê-lo a fim de chegar as minhas próprias conclusões.

Destacamos as expressões: “eliminar o preconceito”, “passei a ler mais”, “compreender a variedade linguística popular”, porque, nesse contexto, elas são analógicas, caso compreendamos o tratamento da variação linguística como algo imprescindível ao ensino da língua portuguesa, que parte da leitura, perpassa pela sua compreensão e alcança o objetivo de eliminar o preconceito linguístico. É fundamental destacarmos também que 50% dos alunos mencionaram a importância da leitura no processo vivenciado.

Constatamos a inquietação dos facilitadores do laboratório de informática que através de alguns sinais paralinguísticos passavam-nos o mesmo sentimento de apreensão em relação à eficácia pedagógica da atividade.

Diante de tantas “atrações”, como eles se concentrariam nas atividades? Por isso, indagamos aos alunos como estes se comportavam durante as atividades na comunidade do Orkut. Quase um ano depois, 50% deles responderam que se concentravam nas atividades; outros 37,5% navegavam em outras partes do site, mas cumpriam com as atividades, enquanto que apenas 12,5% assumiram entrar em outros sites além de fazerem as atividades.

Perguntamos aos alunos qual estratégia era seguida por eles para escreverem suas contribuições no fórum do Orkut. Apresentamos as proposições as quais eles podiam escolher para pontuar de que modo, efetivamente, participaram das atividades, ou seja, se cada um: escrevia com as suas próprias palavras o que entendia sobre o assunto abordado; utilizava suas próprias palavras, mesclando-as com palavras do autor do texto lido; lia as respostas dos colegas e, depois, reescrevia-as com as suas próprias palavras; ou copiava e colava a resposta do colega.

O resultado comprova nossas observações, na época, pois 87,5% disseram escrever com suas próprias palavras e apenas 12,5% utilizaram, em parte, as palavras do autor do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises das idiossincrasias dos alunos participantes desta pesquisa, antes, durante e depois de efetivadas estratégias de abordagens do conteúdo variedades linguísticas, concluímos que esse processo, que envolve o trabalho de linguistas e educadores, está em fase de transição, de redefinição de paradigmas.

No caso específico de uma abordagem de conteúdo em situações de prática de ensino, o paradigma envolve dois vieses: a abordagem adequada do tema da variação linguística em sala de aula, e a constatação de que a educação não acontece apenas no espaço da escola e da universidade.

Ambos os grupos (A e B) de discentes do Ensino Médio envolvidos nesta experiência se desenvolveram em diferentes aspectos. O grupo de controle, por exemplo, não recebeu o tratamento de um grupo de alunos “cobaias”, privado de uma oportunidade de aprendizagem em prol de uma pesquisa acadêmica da área de educação. Aliás, devemos rejeitar a imposição de quaisquer metodologias que supostamente nos conduzam à qualificação profissional em prejuízo da nossa condição de educadores, de seres humanos. Por isso, abordamos o conteúdo variedades linguísticas em ambos os grupos, seguindo o mesmo roteiro de atividades, enquanto propusemos a apenas um dos grupos a participação de uma parte das atividades num site de relacionamento.

Constatamos que a atual conjuntura de abordagem de conteúdo se constituiu num avanço, mas é preciso que haja pesquisas de como a variação linguística é abordada também no Ensino Médio. Os pressupostos variacionistas perpassam por quase todos os conteúdos do componente curricular língua portuguesa, portanto sua abordagem precisa ampliar-se nessa perspectiva. Até aqui, por ser um trabalho com as limitações inerentes ao tempo cedido a um mestrado acadêmico, este não poderia investigar uma abordagem mais completa para que se ampliasse a análise linguística, partindo do monitoramento estilístico, dos diversos gêneros textuais.

A pretensão deste trabalho esteve pautada em trazer à discussão como a escola pode extrapolar suas paredes e seus muros, ao apropriar-se das diferentes linguagens presentes nos ambientes virtuais, de modo a distanciar-se das práticas centradas no modelo da transmissão. Contribui com os estudos realizados na área da educação, especialmente, ao que se refere às práticas de ensino e de aprendizagem no ensino de língua portuguesa, mediado, neste caso, pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental/língua portuguesa**. 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em 17 mar. 08.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAVALCANTE, M. A.; SANTOS, M. B. Contribuições da Variação Linguística ao Ensino de Língua Portuguesa. In: MOURA, M. D; MORAIS, G. (org.) **Ler e Escrever Para Quê?** Maceió: Edufal, 2000.

COELHO, Paula M. **O tratamento da variação lingüística no livro didático de português**. Dissertação de mestrado. Brasília: UNB, 2007.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Gerais, 1979.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de BAGNO, Marcos; SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Caroline Rodrigues. São Paulo: Parábola, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MOLLICA, Maria C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: _____. BRAGA, Maria L. (orgs). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MORAN, José M. (org.) **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2001.

_____. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2007.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

RAMAL, Andréa C. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SALINAS, Jesús. **Comunidades virtuales y aprendizaje digital**. 2003. Disponível em: www.ucv.ve/edutec/Conferencias/conferenciasalinas.doc. Acesso em: 11 out. 07.

SILVA, Marco. Internet na escola e inclusão. In: ALMEIDA, Maria E.; MORAN, José M. (org.). **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: MEC/SEED, 2005.

SILVA, Simone da. **A Variação linguística em sala de aula**. Dissertação de mestrado, Maceió: UFAL, 2009.

TAKAZAKI, Heloísa Harue. Língua portuguesa: volume único: ensino médio: livro do professor. São Paulo: IBEP, 2005.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006.

UTILIZAÇÃO DE ACERVO ICONOGRAFICO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Patrícia Maria dos Santos
Luis Paulo Leopoldo Mercado

Resumo

Este estudo investiga a necessidade da utilização de fotografias e imagens no ensino de História, para o melhor aprendizado dos alunos. Para isso, o professor utiliza acervos iconográficos pré-selecionados, na investigação do conteúdo abordado, relacionando-o com o cotidiano do aluno, além de despertar no mesmo a curiosidade pela história, através de análise de fotografias e debates gerados em torno da contextualização das mesmas. Essa prática aplicada durante as aulas proporciona ao aluno clareza dos fatos acontecidos, bem como aproximá-lo dos fatos ocorridos por meio de suas análises, investigações do que aconteceu antes e depois daquele momento, já que a fotografia é apenas um recorte de todo um processo, de forma ser necessária a pesquisa nos livros didáticos, para melhor compreensão e apropriação por parte dos alunos, além de proporcionar aos mesmos um novo método de ensino.

Palavras-chave: fotografia; ensino; aprendizagem no curso de história

INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo é a utilização do acervo iconográfico do Arquivo Público de Alagoas no ensino de história para fortalecer a didática de ensino já existente, em que a exposição de fotos de determinado conteúdo, como por exemplo, a antiga província de Maceió, que possui fotos nesse acervo poderia aguçar ainda mais o interesse dos alunos, além de resgatar a tradição de um povo num determinado período estudado, sendo assim também outra fonte de pesquisa para estudos além dos já existentes, bem como para incentivar os alunos a frequentar e utilizar fontes históricas não só no referido arquivo, mas em outros institutos da cidade, como Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Museu do Som e Música e o Museu Theo Brandão, proporcionando a ambos uma troca de conhecimento.

As contribuições da utilização de fotografias (RODRIGUES e CRISAFULLI, 2007) no ensino de História são múltiplas, visto que estas podem ser utilizadas para explicar história de determinado lugar, sua economia, cultura e religião além de ser mais uma ferramenta de trabalho em sala de aula para o professor, como também um veículo de ligação entre o aluno e as instituições que a mantêm, de forma a gerar uma relação de troca de conhecimento entre os mesmos.

Esse estudo teve como objetivo analisar as contribuições da utilização de fotografias no ensino de História como forma de auxiliar na metodologia de ensino, bem como ajudar a ampliar o conhecimento do

aluno extraclasse, além de possibilitar uma interação destes com outros indivíduos que trabalham com este mesmo material.

USO DE FOTOGRAFIA NO ENSINO DE HISTÓRIA

A utilização de fontes iconográficas no ensino de História (SILVA, 2000/2011; ROIZ, SANTOS e TEIXEIRA, 2010) é um recurso didático pouco explorado por professores e conseqüentemente pelos alunos. Existe a necessidade do professor estabelecer uma interação com esse recurso para poder provocar no aluno curiosidade e também unir estes recursos aos recursos didáticos conhecidos e utilizados (livros, quadro, giz) na obtenção de conhecimento, não deixando de lado a importância do uso do livro didático, mas acrescentar a ele fontes que venham a fortalecer o que é dito com palavras, como por exemplo, a interpretação de fotografias. Segundo Fonseca (2006, p. 165)

É preciso lembrar, no entanto, que a literatura, como formação discursiva própria, “não concede foros de verdade àquilo que declara” (Lima 1986); enquanto, por exemplo, a fotografia representa a possibilidade de registrar mecanicamente uma imagem em condições análogas às da visão, o discurso ficcional indica, por definição, o afastamento do real.

A fonte fotográfica possibilita ao aluno a observação de detalhes congelados nessas imagens, como

por exemplo, detalhes nas vestes de determinada época histórica, evidenciando o grau de conservadorismo da sociedade, ou até mesmo a que classe social tal indivíduo pertence de acordo com o uso. Para Lopes (2008, p. 37) “O conhecimento do contexto é crucial para a interpretação da fotografia, imagem que seduz exatamente pela sua capacidade de preservar um fragmento do passado e transportá-lo em “aparente totalidade” para o presente”.

Também se pode analisar as questões sociais da história e trazê-las para a realidade de cada aluno de acordo com a sua vida e da localidade na qual se insere a escola. Podem-se utilizar dessa forma gravuras de antigos engenhos de açúcar de Alagoas, por exemplo, no intuito de resgatar a consciência do aluno para as questões sociais voltadas para essa época no que diz respeito à forma de trabalho executado nos mesmos e as condições estruturais para a realização deste e trazer para a atualidade em que já foi denunciado, por exemplo, a escravização de bóias frias no cultivo da cana-de-açúcar trabalhando em condições subumanas.

Outro objetivo da utilização das fotografias é desenvolver o olhar crítico do aluno em relação aos acontecimentos políticos, sociais e culturais observados na sociedade e trazê-los para a sala de aula, possibilitando dessa forma uma maior compreensão sobre esses acontecimentos no auxílio pedagógico e didático. Para Zamboni (1998, p. 37)

A fotografia não é apenas uma ilustração, é um documento direcionado. Cada fotografia tem um significado e gera significantes, cada pessoa que olha uma fotografia ou um desenho, passa a lê-los com determinado olhar e busca nestas representações uma mensagem.

Outra utilização da fotografias no meio social é o estudo de coleções fotográficas pessoais (álbuns de família), feitos com intenção da continuidade da história de determinada família para as gerações futuras. (RODRIGUES e CRISAFULLI, 2007 p. 67)

Para encontrar os fatos históricos, o professor terá que guiar o aluno através de alguns passos para a análise de fotografias, tais como: quem aparece na imagem; que lugar aparece a imagem; em que época se deu o fato; como são os elementos da imagem; e o que ela indica. Através desse roteiro, o aluno conseguirá obter com maior precisão as informações necessárias, além é claro de lhe proporcionar um aprendizado rico em informações.

O ensino com fotografias não precisa ser necessariamente com acervos de imagens, mas também a análise da produção das mesmas pelos alunos, como por exemplo, das mudanças urbanas ocorridas na cidade através da produção de imagens de fachadas de antigas casas ainda existentes comparadas com as das construções recentes destacando os detalhes de cada uma

delas e compreender a que finalidade esta ligada aquele detalhe, ou até mesmo descobrir a que classe social ela pertencia, criando assim um estudo sobre o quadro sócio-econômico da mesma através da análise e comparação entre imagens antigas com as produzidas recentemente.

O objetivo da fotografia é registrar e guardar momentos especiais e históricos, e daí surge sua finalidade para o ensino de História que é trazer ao alcance dos alunos as imagens de acontecimentos históricos e buscar nestes algo que ficou perdido no tempo.

Outra forma da utilização das fotografias e imagens nas aulas de história é a realização de aulas de campo em que o próprio aluno é estimulado a perceber o mundo em sua volta através das imagens que lhe chamam a atenção de forma que outros indivíduos também compreenderem o seu mundo. “As fotografias desencadeiam um outro modo de olhar o mundo, enriquecendo as possibilidades de apresentação dos fatos, objetos, pessoas e acontecimentos.” (SOUZA e LOPES, 2002, p. 67). Esse tipo de estudo possibilitará também ao professor interação com seus alunos, além de obter dados referentes ao perfil de cada aluno. Analisando a mesma fotografia um grupo de alunos chegará ao objetivo pelo qual a mesma foi tirada, a de registrar determinado momento, porém irão utilizar caminhos diferentes de acordo com a imaginação de cada um, observando detalhes que outros não conseguirão enxergar.

Outro objetivo do uso da fotografia na sala de aula é o de transmitir uma determinada informação sem a necessidade de um texto, porém um indivíduo quando lê algum texto, um livro, um jornal sempre faz relação do que esta lendo com as imagens ligadas aos textos e não é diferente com os alunos, principalmente porque eles estão numa fase de descobertas em que se faz necessário, além dos textos, as imagens para fortalecer o imaginário que se cria no momento da leitura e consequentemente a compreensão do conteúdo e sua finalidade.

ATIVIDADES COM IMAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Este estudo foi desenvolvido através de pesquisa qualitativa e do vasto material iconográfico disponível no Arquivo Público de Alagoas, que dependeu do seu estado físico para a realização do mesmo, sendo necessária uma averiguação cuidadosa da sua estrutura para que se realizasse um trabalho seguro em termos de concretude da veracidade dos fatos observados bem como do valor de suas gravuras e das informações que estas trazem para o pesquisador, aluno e público em geral. A coleta dos dados foi realizada com o auxílio de entrevistas aos funcionários da instituição, trazendo informações dos documentos analisados, como por exemplo, como chegaram até a instituição, através de doação ou encontrados junto a outros documentos, se foi doado e quem o fez.

A abordagem da pesquisa envolveu a pesquisa e leitura bibliográfica e análise do acervo iconográfico do Arquivo Público de Alagoas. Foi utilizado o estudo de caso (CHIZZOTTI, 1998), envolvendo três etapas: seleção do material iconográfico analisado e delimitação dos fatos históricos a serem pesquisados para a realização de um trabalho coeso; trabalho de campo na instituição escolhida para essa análise, colhendo dados não só a cerca do material propriamente dito, mas também das dificuldades encontradas pelos funcionários e usuários para disponibilizá-los e acessá-los para a elaboração do trabalho; e a última etapa foi o estudo nas aulas de História numa escola estadual localizada na cidade de Maceió, Alagoas, a qual oferece o ensino em turmas do ensino fundamental e ensino médio no período matutino, vespertino e noturno.

A coleta de dados foi realizada através da leitura de fontes bibliográficas relacionadas ao tema trabalhado, coleta de dados de fontes documentais, neste caso o acervo iconográfico remeteu a um dado período da História e seus acontecimentos. Foram utilizados questionários semiabertos tanto com os funcionários que trabalham na instituição, professores e alunos da rede pública, com questões fechadas com o objetivo de coletar informações concretas e sintetizadas. Foi aplicado em uma entrevista não-diretiva para que os indivíduos entrevistados tenham liberdade para relatar o que sabem sobre o determinado tema. Foi realizada uma análise de história de vida e suas experiências com o acervo iconográfico na vida profissional dos indivíduos entrevistados e suas contribuições para o desempenho de seu trabalho.

A proposta didática deste estudo foi inserir a utilização de fotografias e imagens nas aulas de História no currículo do ensino fundamental e médio. Outra proposta sugerida foi a produção de imagens pelos alunos, tanto de lugares históricos como também de seu cotidiano para despertar nos mesmos a curiosidade por que motivo aquela imagem foi eternizada, que fatores precederam antes do registro daquele instante e conseqüentemente os acontecimentos logo após o mesmo.

O incentivo do professor ao aluno na produção de imagens proporcionará também uma forma de aprendizado através da análise e discussão do que significa ou o porquê que o aluno tirou a fotografia de determinado momento, gerando dessa forma uma socialização do cotidiano de cada um.

Porém para isso o professor terá que ser capacitado para poder utilizar fotografias e imagens no ensino de História, sendo esta outra proposta didática, uma vez que a maioria dos professores não as utiliza ou utilizam de forma errônea em suas aulas sem conhecer sua valiosa contribuição histórica como mostra Tiballi (2010, p. 26):

“detecta-se uma escassez de pesquisadores em educação inseridos no vasto campo do conhecimento fotográfico ou com interesse por esta área de conhecimento”. Para isso o profissional terá que inicialmente conhecer a história da fotografia e a sua importância para compreensão dos fatos que circundam tal período ou contexto histórico e até mesmo distinguir o que de fato a fotografia quer passar para quem a observa separando neste momento o olhar crítico de quem as produziu.

Uma forma de apresentar os alunos a esta metodologia de estudo é pedi-los que tragam para a sala de aula fotos de sua família para relatarem o que aquela fotografia representa, em que momento ela foi obtida. Dessa forma, irão naturalmente analisar a sua própria história e socializar para os demais, resgatando a memória de sua família. (SILVA, 2000/2001).

O estudo com álbum de família poderá ajudar o aluno a reconhecer traços da mesma, como por exemplo, a que classe econômica pertencia pela observação das vestes, jóias, do tipo habitacional que vivia da quantidade de negros que tinham presentes nas fotografias ou até mesmo a que posição social o senhor da família pertencia.

O professor também poderá elaborar projetos (FIREMAN, MELO, MERCADO e CRUZ, 2007) com a utilização de fotografias e imagens para que os alunos produzam suas imagens, como por exemplo, numa gincana ou até mesmo uma feira de ciências em que se utiliza a tecnologia para a exibição de imagens.

A atividade de projeto possibilita ao aluno desenvolver, além do conhecimento, uma formação sistemática de aprendizado, visto que o mesmo terá que ter em mente quais os objetivos a serem alcançados de acordo com a problemática levantada, que material será utilizado para o desenvolvimento do trabalho, organização do mesmo ou da equipe dentro de um calendário e a tarefa designada por cada membro da equipe.

O projeto poderá ser desenvolvido acerca de uma problemática levantada, como por exemplo, o trânsito caótico em que se encontra a avenida principal do bairro no qual fica localizada a escola em que foi realizado este estudo, durante a realização da feira livre que ocorre de segunda a sábado comparado com o dia sem feira – domingo, através de imagens tiradas nessas duas situações, em que o aluno analisará os transtornos causados com a realização da feira neste local e quais os benefícios encontrados sem a realização da mesma no dia de domingo no bairro. A realização desse projeto proporcionará aos alunos envolvidos compreender os motivos sócio-econômicos que levaram a realização da feira popular que acontece naquele determinado lugar. Para Hernandez e Ventura (1998, p. 192):

A função dos projetos é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos

escolares em relação a dois aspectos: o tratamento da informação e a relação entre diferentes conteúdos, a partir de problemas ou de hipóteses que facilitem o sujeito a construir seus conhecimentos e a articular as informações procedentes de diferentes saberes, transformando-as em conhecimento próprio.

O trabalho com projetos possibilita que o aluno se torne autônomo e responsável para tomar decisões diante de problemáticas encontradas durante o processo de pesquisa. Segundo Fireman, Melo, Mercado e Cruz (2007, p. 114), o aluno

aprende participando, formulando problemas, tomando atitudes diante de fatos, investigando, construindo novos conceitos e informações e escolhendo os procedimentos quando se vê diante de necessidades de resolver questões.

Neste trabalho, inicialmente, o professor analisará o que os alunos sabem sobre o tema a ser estudado e o que eles esperam obter com o seu estudo, bem como a exposição de soluções para a problemática, levantada exposta por cada um. Essas informações deverão ser registradas para futuras comparações pelo professor durante o desenvolvimento da pesquisa, bem como o incentivo do mesmo para a criação de um diário de campo pelos alunos para que registrem suas descobertas para serem socializadas e discutidas em encontros definidos pela equipe. De acordo com Fireman, Melo, Mercado e Cruz (2007, p. 119)

É preciso que o professor dê espaço para que os alunos expressem suas curiosidades, definam o que desejam aprender, escolham temas, para uma investigação pessoal, inseridos no recorte temático. A definição das curiosidades dos alunos deve ser registrada e servir de guia para o desenvolvimento do projeto.

Outro projeto que poderá se desenvolvido é o de observação das estruturas físicas habitacionais do bairro a partir de imagens tiradas e selecionadas pelos alunos com o auxílio do professor nas quais serão analisadas as residências construídas em locais inapropriadas, risco para os indivíduos, as formas estruturais das mesmas de acordo com a renda dos indivíduos que nelas residem e até mesmo as construções de locais públicos praças e outros, levantados pela administração. O aluno poderá montar um quadro comparativo sócio-econômico da situação atual do bairro e compara com o quadro de anos atrás com o resultado de análises de imagens desse mesmo período e obter informações sobre as mudanças ocorridas no bairro.

O professor que estiver trabalhando a história de Alagoas poderá selecionar imagens da cidade de

Maceió no século XIX, como por exemplo, do Porto de Maceió e trabalhar com os alunos a importância do mesmo para a economia e desenvolvimento local ou o estudo de prédios da Rua do Comércio e solicitar a eles analisarem como esses espaços eram e como são agora, que mudanças ocorreram, através da comparação e análise destas imagens com fotografias destes espaços, neste século, tiradas pelos mesmos, como por exemplo, quantas reformas foram feitas em determinado prédio ou casarão, quantos foram demolidos e para que fim isso foi feito e se necessário realizar também uma entrevista com pessoas da época, para que relatem e tirem dúvidas sobre essas mudanças. Isso proporcionará uma margem de erro menor em relação aos fatos relatados ao mesmo tempo em que disponibilizará um recorte histórico com maior veracidade.

Para o projeto ter o resultado esperado, o professor tem o papel de orientar os alunos para produzir suas imagens com o maior cuidado possível para que esta transmita ao observador uma veracidade do fato registrado com uma definição nítida, para que se possa interpretar a temática abordada sem dificuldades, além de outros pontos que serão trabalhados, como por exemplo: o tema a ser escolhido para o projeto; indicar o caminho pelo qual os alunos irão começar os estudos; separar materiais (bibliografias, imagens, fotografias) para auxiliar com a parte teórica do trabalho; observar e analisar o desempenho da equipe e do aluno; estimular os mesmos e provocá-los durante o processo de produção com questionamentos acerca do tema discutido para promover o conhecimento e finalmente, depois da pesquisa concluída montar uma pequena exposição na escola aberta à comunidade para apresentar os dados levantados, utilizando, além das informações obtidas também imagens utilizadas nos estudos, principalmente as imagens antigas adquiridas para socializar com outros alunos que não conhecem o passado do lugar.

COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados foi realizada através da pesquisa das informações fornecidas no material trabalhado sobre determinada época ou fato histórico encontrado na mesma, bem como acompanhada com a análise dos dados colhidos na literatura para poder confrontar informações a cerca do tema trabalhado.

Este estudo foi realizado com as turmas “A” e “B” do 2º Ano do ensino médio da escola escolhida, nos quais estão matriculados nas turmas 32 e 30 alunos respectivamente, sendo sua maioria composta por adolescente do sexo masculino na faixa de 16 a 18 anos de idade. As aulas ocorrem no 2º Ano “A”, na quarta-feira, na 2ª e 5ª aula, já no 2º ano “B” na quarta-feira durante a 1ª aula e na sexta-feira durante a 2ª aula sob a

responsabilidade da professora de História que trabalha na escola desde 2005, como professora concursada.

Como uma das propostas desse estudo foi a inclusão do ensino da História de Alagoas no currículo, o estudo foi desenvolvido com os alunos em sala de aula abordando os aspectos geográficos, políticos, econômicos e culturais da história de Alagoas, dando ênfase a história da cidade de Maceió.

As aulas na escola iniciaram no dia 30 de novembro de 2011 a partir da 07h00min na turma do 2º ano “B” com a apresentação do trabalho para a obtenção de dados para a pesquisa, contando com a presença de 17 alunos, mas também da necessidade do conhecimento da história de Alagoas pelo mesmo, principalmente a história da origem de Maceió. A professora fez a leitura do texto com o acompanhamento dos alunos, realizando pausas para esclarecer e discutir alguns pontos desconhecidos por eles. Abordou os conhecimentos específicos da história alagoana, porém com explanações na história do Brasil durante o período colonial, como por exemplo, a vinda e estadia da Coroa Portuguesa no Brasil e de sua passagem pela região alagoana, bem como da passagem também dos holandeses pela mesma.

que um aluno falou que isso está ligado ao turismo e não a história de Alagoas, então foi explicado que o turismo está sim ligado a história de Alagoas, visto que o mesmo está agregado a economia local, ao seu desenvolvimento. Nota-se então a falta de conhecimento dos alunos da história local, da composição da economia da mesma. Foi explicado também o uso das imagens para se compreender a história de determinado local, como por exemplo, da remoção do farol, que antes ficava localizado no local onde hoje está situado o Colégio Batista, para o Bairro do Jacintinho no qual fica localizada a escola. Diante dessa explicação alguns alunos ficaram surpresos, visto que compreenderam que seu bairro fez parte do início da formação de nossa capital.

Foto 1 - Porto de Jaraguá



Fonte: Arquivo Público de Alagoas

Quadro 1 – Aulas com fotografias trabalhadas no ensino de História

Aula	Data	Nº Aula	Conteúdo	Objeto	Metodologia	Avaliação
1ª	23 a 28/11	4	Origem de Maceió do Provado a Vila	Conhecer do ponto de vista histórico, as questões políticas, sociais e econômicas do processo de formação da cidade de Maceió	- Apresentar aos alunos as questões referentes ao processo de formação de Maceió; - Discussão sobre o conteúdo abordado; - Exposição de fotos acerca do referido assunto.	- O aluno irá realizar análise de imagens trabalhadas em sala e produzir texto com o resultado obtido de análise; - Apresentação e discussão das informações encontradas.
2ª	29/11 a 02/12	4	A economia de Maceió	Demonstrar para o aluno as atividades econômicas que geravam as riquezas da época.	- Definir aos alunos as questões referentes ao desenvolvimento econômico; - Exposição de fotos acerca do referido assunto	- O aluno irá realizar análise de imagens trabalhadas em sala e produzir texto com o resultado obtido de análise; - Apresentação e discussão das informações encontradas.
3	07 a 09/12	4	A Cidade e a Capital	Demonstrar os fatores que levaram ao surgimento da cidade de Maceió, bem como na transferência de mesma para capital de Alagoas	- Descrever aos alunos as questões referentes ao processo de formação da cidade de Maceió e a passagem para capital; - Exposição de fotos acerca do referido assunto.	- O aluno irá realizar análise de imagens trabalhadas em sala e produzir texto com o resultado obtido de análise; - Apresentação e discussão das informações encontradas.
4	14/12	2	Produção fotográfica	Demonstrar aos alunos o que leva um fotógrafo ou historiador a registrar determinado fato ou momento através da fotografia.	- Debate em sala de aula das áreas (política, econômica, social, moda, transporte, culinária alagoana, religião e esportes) em que os alunos podem produzir suas imagens	- O aluno irá produzir uma imagem em determinada área que esteja relacionada com o cotidiano do seu bairro.
5	16/12	1	Entrega das produções fotográficas	Analisar a contribuição das imagens no aprendizado dos alunos		- Analisar se o aluno conseguiu realizar as imagens, bem como compreender a produção de mesmas.

Após a discussão do conteúdo apresentado, os alunos observaram as imagens do Porto de Jaraguá (Foto 1) no início do século XIX e do Porto (Foto 1) no século XXI, e de imediato já observaram algumas mudanças nas duas imagens, como na imagem atual a presença de um iate, em

Em seguida foi explicado o roteiro de trabalho para ser entregue na próxima aula, já que neste dia só havia uma aula e os alunos não rejeitaram a idéia de realizá-lo. As aulas do 2º Ano A e B que aconteceram no dia 30 de novembro ocorreram com uma maior curiosidade dos alunos em relação ao conteúdo do Porto de Jaraguá, os quais fizeram perguntas acerca do tema e discutiram entre eles. Os alunos foram participativos e concordaram com a proposta da inclusão permanente do ensino da história de Alagoas no currículo pedagógico. A professora solicitou atividades sobre as imagens (roteiro de trabalho) e eles as responderam, questionando os traços das imagens e me entregaram no final da aula.

Durante a correção dos trabalhos solicitados aos alunos, foi constatado que as imagens ajudaram na compreensão do conteúdo discutido em sala de aula, acerca das mudanças ocorridas com o desenvolvimento econômico de Maceió através também do desenvolvimento tecnológico, em que os alunos compreenderam que esse desenvolvimento se deu devido às mudanças ou melhorias no Porto de Maceió, agregado ao começo de uma prática turística que veio movimentar o quadro econômico da cidade e do Estado de Alagoas.

Outra característica observada por eles foram às mudanças ocorridas nas estruturas do Porto de Jaraguá para se adequar ao aumento da demanda de embarque e desembarque de mercadorias e a vinda de turistas em para nossa cidade. Para alguns alunos, o fator turístico não está ligado a economia, ou seja, que não influencia na vida econômica da sociedade alagoana. Porém o objetivo de mostrar as mudanças ocorridas e a importância do porto foi alcançado, visto que os alunos mostram possuir um olhar crítico maior que a outra turma, sem mencionar que eles são mais participativos.

Na segunda aula do 2º Ano “B” realizada no dia 02 de dezembro de 2011, estavam presentes 11 alunos, os quais entregaram o trabalho sobre o Porto de Jaraguá (Foto 1) que ficou para ser respondido em casa, devido o tempo ser pouco para trabalhar o texto e depois as imagens e finalmente as responder as perguntas acerca do tema discutido em sala de aula. Em seguida começou a discussão da continuidade do assunto, agora discutindo concretamente sobre a economia de Maceió, a qual era monocultora, sendo seu principal produto a cana-de-açúcar, a qual era transportada em carros de boi (Foto 2), imagem trabalhada nessa aula, e da sua importância para a economia local. Também foi discutido o prejuízo que esses transportes traziam para os comerciantes locais, visto que estes danificam as ruas do comércio por onde passavam, dificultando dessa forma a circulação dos pedestres.

Foi discutido o desvio do Riacho Salgadinho, que inicialmente passava pela Praça Sinimbu e desaguava no mar, para o bairro do Jaraguá para facilitar os transportes das mercadorias para o porto. A professora explicou a existência de resquícios da Ponte dos Fonseca que fica situada entre a Praça Sinimbu e o Clube Fênix, através dos corrimões da ponte lá ainda encontrados. Os alunos ficaram surpresos com o desvio do Salgadinho e pediram para discutir mais sobre o conteúdo. Terminada a discussão do tema, a professora entregou o questionário sobre os carros de boi (Foto 2) para ser respondido em casa após breve apresentação da referida imagem e do que ela representava para a economia local e social, visto que os carros de boi também eram utilizados como meio de transportes pela classe popular local.

Foto 2 - Carro de Boi



Fonte: Arquivo Público de Alagoas

Na correção dos trabalhos sobre o Porto de Jaraguá (Foto 1) das turmas “A” e “B” e do Carro de boi (Foto 2) da turma “B”, foi constatado que alguns alunos possuem dificuldades de compreensão do assunto, mas que não chega a afetar o desenvolvimento da resolução das atividades, visto que conseguiram responder as questões; em alguns momentos houve por parte de alguns alunos um desvio de assunto, contudo há alunos que souberam trabalhar bem as imagens ressaltando até as características arquitetônicas e de infra-estruturas de prédios e ruas utilizando um vocabulário rico para se expressar.

Na aula do dia 07 de dezembro estavam presentes 29 alunos. Foi apresentado o tema do dia que seria sobre o carro de boi e a importância da utilização do mesmo para a economia de Maceió no início do século XIX, além de também ser utilizado como meio de transporte pela população carente. A professora explicou aos alunos o percurso que os carros de boi faziam até o Porto de Jaraguá para deixar a cana para ser transportada para outros lugares. Relatou os transtornos causados pelos carros de boi que danificavam as ruas do comércio, já que esta fazia parte do trecho que levava a mercadoria vinda de outros interiores para o referido porto, bem como o transporte de mercadorias que chegava a cidade até as vendas no comércio. Os alunos desta turma são mais curiosos do que os da turma “B” e fazem questionamentos acerca do conteúdo, como por exemplo, do porque do fim da utilização do carro de boi. Explicou que o fim do uso dos mesmos se deu devido a dois fatores: o primeiro estava relacionado à pressão dos comerciantes pelo fim dos carros de boi para transportar mercadorias nas ruas do comércio, utilizando o argumento de que estes danificavam as ruas, dificultando dessa forma a locomoção dos indivíduos e consequentemente prejudicando as vendas dos estabelecimentos. O outro motivo foi devido ao desenvolvimento da cidade e ao

aumento da demanda de mercadorias que obrigaram ao fim do uso desse transporte, dando lugar aos famosos e evoluídos Bondes Elétricos, assunto que iremos tratar mais tarde.

Outro assunto também discutido foi o desvio do Riacho Salgadinho, o qual ainda permanecia limpo, que ficava localizado entre a Praça Sinimbu e o Clube Fênix Alagoano para desaguar na praia da Avenida, para o bairro do Jaraguá com o intuito de melhorar o acesso do Porto de Jaraguá, restando da Ponte dos Fonecas que ficava sobre o riacho dando acesso ao porto para quem vinha da Rua do Comércio. Alguns alunos não sabiam desse fato, e outros sabiam, mas desconheciam o motivo pelo qual o Riacho foi desviado.

Nesta aula foi trabalhada as fotos 3 e 4 (Lojas Iracema e Rua do Comércio, respectivamente). Na foto 3 foi trabalhada a questão das mudanças ocorridas de centros comerciais no decorrer do tempo principalmente no início do século XIX, em que depois da Loja Iracema, esse prédio deu lugar ao Café do Cupertino, ponto de encontro de jovens e senhores da época e que também era o ponto de encontro dos indivíduos se reunirem para vê o carnaval, os blocos passando, já que o carnaval nessa época era festejado na rua do comércio e depois, no século XX é que se começa a festejá-lo no trecho da praia da Avenida até a praia de Pajuçara. Nessa imagem os alunos já começaram a discutir o modo como os indivíduos da época se vestiam e a professora aproveitou o momento para fazer um quadro comparativo dessa época com a atual, da forma como os indivíduos se vestem hoje.

Foto 3 – Lojas Iracema



Fonte: Arquivo Público de Alagoas

Alguns alunos falaram que consideravam mais bonita a forma como os indivíduos se vestiam antes, dos ternos que os homens usavam, dos chapéus e até mesmo das bengalas em que uma das alunas falou que os mesmos

as usavam mesmo não tendo a necessidade de usá-las, mas que seu uso era também por questão de elegância. Outra aluna já falou que achou bonito, mas que não se vestiria daquela forma, já que as roupas das mulheres eram compostas e que pareciam ser muito quente. A professora falou para eles que as roupas eram quentes devido serem feitas na sua maioria de linho, mas que também já havia roupas sendo feitas de algodão devido ao cultivo deste em solo alagoano barateando desta forma o seu preço e aumentando a sua disponibilidade aos indivíduos de classe baixa.

Questionaram se as roupas eram apenas daquela cor, ou se era porque a foto era preto e branco, a professora respondeu que as cores utilizadas naquela época eram diferentes das utilizadas hoje, eram apenas usadas as cores primárias. Outra discussão acerca das vestes dos indivíduos foi levantada por uma aluna que observou que as mulheres dessa época só usavam vestidos e que os alunos notaram a mudança no decorrer dos tempos em que hoje é normal para a sociedade as mulheres usarem calças assim como os homens, mas que isso as dois séculos atrás seria impossível de se imaginar.

Na foto 4 (Rua do comércio – Bondes), os alunos ficaram surpresos com a existência de bondes em nossa cidade e retornaram a discussão sobre os carros de boi dizendo que a paisagem ficava melhor com a presença dos bondes, que este facilitava o traslado dos indivíduos. Um aluno perguntou se o bonde era movimentado a vapor, então a professora respondeu que não, que o mesmo era movimentado a energia elétrica. Outros alunos perguntaram se o bonde passava apenas na rua do comércio e expliquei que ele fazia o trecho desde o Trapiche da Barra, passando pela Rua do Comércio indo até o Bairro do Jaraguá, levando tanto mercadorias como indivíduos que iriam ser transportados por embarcações.

Foto 4 – Rua do Comércio



Fonte: Arquivo Público de Alagoas

Terminada a explicação, a professora solicitou uma nova atividade (roteiro de trabalho) das fotos 3 e 4, para ser respondida em sala de aula sobre o conteúdo trabalhado.

Neste momento os alunos do 2º Ano “B” tiveram que voltar para a sua sala para assistir a aula de matemática ficando a atividade para ser respondida em casa e entregue na próxima aula. Depois de recolher os trabalhos dos alunos da turma do 2º Ano “A”, a professora iniciou a discussão sobre os preparativos sobre a realização da produção fotográfica tiradas pelos alunos. Entregou a eles o roteiro de trabalho, apresentando as áreas que poderiam ser trabalhadas: política, econômica, social, moda, transportes, culinária alagoana encontrada no bairro, religião e esportes.

Foi discutido como essa produção seria realizada, que seria feita individualmente e em seguida a imagem deveria ser revelada para depois ser respondido outro questionário, desta vez em relação a esse trabalho, para ser entregue juntamente com as imagens, compostas por quatro questões. Os alunos se empolgaram e cada um queria dizer o que iria fotografar, porém a professora passou algumas recomendações, como por exemplo, não fotografar os rostos de indivíduos sem sua permissão ou ir para lugares perigosos e em seguida abordou os temas, tirando dúvidas dos alunos. Outra orientação dada aos alunos foi de fazer também uma pesquisa ou entrevistas acerca do tema trabalhado para inserir ao lado das imagens tiradas para explicar a origem da mesma.

A professora, ao corrigir os trabalhos sobre as fotos 3 e 4 da turma A, observou o olhar criterioso dos alunos no estudo das imagens para responderem as questões, visto que conseguiriam atingir as expectativas esperadas, destacando os traços da época, como por exemplo, o trabalho detalhado das vestes dos indivíduos nas imagens em que eles perceberam que a rigidez daquela época exigia vestes mais comportadas, principalmente para as mulheres. Outro item observado foi o uso de chapéus pelos homens, em que este possuía a função de não só proteger do sol, mas também ser utilizado para saldar outro indivíduo durante um encontro nas ruas.

Os alunos também observaram as mudanças ocorridas entre as Fotos 2 (carro de boi) e 4 (Rua do Comércio – Bondes), em que houve a substituição dos carros de boi, pelos modernos bondes elétricos, melhorando o acesso dos indivíduos ao centro da cidade de Maceió. Os alunos utilizaram novamente um vocabulário adequado e rico em expressões acerca das respostas do tema. Nesta turma houve 100% de êxito no estudo de imagens, já dentre as perguntas feitas a eles foi perguntado o que eles tinham percebido sobre o estudo de imagens, responderam de forma positiva, que foi uma experiência válida. E quando perguntados se acreditavam que o uso de fotografias e imagens nas aulas, ajudaram a

compreender melhor o conteúdo, a resposta também foi positiva, em que eles afirmaram que as mesmas mostram os detalhes da época, do modo que os indivíduos, como por exemplo, se vestiam, de forma clara que apenas o texto não dá para conseguir visualizar.

Outro ponto que expuseram é que as imagens tornavam as aulas mais interessantes e que faziam com que a professora prendesse a atenção dos alunos, não só isso, mas também que eles conseguiam se concentrar mais durante as aulas. Durante as aulas, a professora não teve nenhuma dificuldade para realizar o estudo na referida escola, tão pouco para ministrar as aulas, porém percebeu o quanto é difícil para o professor desempenhar seu trabalho, já que este na maioria das vezes tem a vontade de realizar um bom trabalho, de diversificar o mesmo, no entanto, falta suporte por parte da gestão para que este profissional desempenhe seu trabalho.

No dia 16 de dezembro como marcado com os alunos, fui à escola para recolher os trabalhos dos mesmos das duas turmas e encerrar as aulas do estudo de caso para o referido estudo. No momento da entrega dos trabalhos, alguns alunos falaram da dificuldade que tiveram para revelar as imagens ou até mesmo produzi-las, já que alguns não possuíam câmera ou celular com câmera para registrar as imagens.

Já em relação às produções de imagens, foi constatado que os alunos possuem um olhar crítico e uma linguagem técnica para descrever os detalhes da imagem produzida e os motivos que os levaram a produzi-la. Os alunos também demonstraram satisfação e orgulho em produzir suas próprias imagens. A maioria das produções foi realizada em outros bairros, mas que estavam dentro dos temas propostos. Essa fuga da produção fotográfica em seu bairro demonstra que os alunos perderam o interesse pela sua comunidade, pelas problemáticas encontradas e até mesmo dos pontos positivos que existem nela. Um desses problemas foi registrado através da imagem do Terminal Rodoviário do Peixoto, localizado no bairro em que no mês de dezembro de 2011 foi palco de um conflito entre pessoas da comunidade e empresas de ônibus, vindo um desses ônibus a ser incendiado pelos mesmos, refletindo o quadro de violência em que vive o referido bairro.

A violência foi o tema mais trabalhado pelos alunos, demonstrando de fato a realidade em que vivem na sua comunidade. Porém houve outros temas discutidos, como por exemplo, a construção civil, moda, transporte e poluição. Neste último, foi discutida a poluição vivida pela população do bairro, devido ao grande fluxo de veículos trafegando na avenida principal do bairro, onde também fica localizada a escola.

O trabalho de produção de imagens desenvolvido pelos alunos atendeu as expectativas esperadas e também

superou as dificuldades que já faziam parte da vida dos mesmos, uma delas financeira, outra escolares, mas nada que impedisse o andamento do trabalho. Os alunos captaram a ideia do estudo e o objetivo desejado, através da compreensão do que o referido trabalho solicitava, contudo o entusiasmo maior dos alunos observado foi com o estudo de imagens em conjunto com os textos sobre a História de Alagoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, foi abordada a necessidade do professor de História elaborar conhecimentos sobre a história de Alagoas para ensinar esta história e cultura para os alunos, bem como da utilização de imagens encontradas no Arquivo Público de Alagoas, para entendê-la e poder explicar esse conhecimento. Essa proposta também tem o intuito de não só levar o professor a conhecer a história local, mas também incentivá-los a buscar novas formas de trabalhar os conteúdos da disciplina, além de também incentivar aos mesmos a buscar conhecimento fora dos livros didáticos em museus e arquivos públicos.

A utilização de fotografias e imagens possibilita ao aluno ter uma visão mais clara de como ocorreu determinado acontecimento, além de permitir a observação de determinados detalhes na imagem congelada que não são encontrados nos textos. As fotografias e imagens podem contribuir no estudo social, econômico e político pelo aluno de acordo com cada tema trabalhado ou cada tipo de história trabalhada, fazendo com que o mesmo possa desenvolver um olhar crítico da história ou sociedade estudada.

O estudo de fotografias e imagens pelos alunos terá que ser acompanhada pelo professor, através de roteiros que os orientarão na análise dessas imagens, como por exemplo, em que espaço se dá a imagem, quem são as personagens encontradas na mesma, em que época se deu o fato.

Uma das vantagens em trabalhar com fotografias e imagens é que ela não necessita prioritariamente de um texto para transmitir a informação para quem a observa e tão pouco para compreendê-la. Esta realidade foi constatada neste estudo, realizado numa escola pública de Maceió sobre o ensino de história de Alagoas com o auxílio de fotografias e imagens da capital alagoana em duas turmas do 2º Ano médio do turno matutino.

Para fundamentar as propostas defendidas, foi realizado um estudo da contribuição no ensino de história através da utilização de imagens ligadas ao cotidiano da cidade de Maceió durante o século XIX, além de textos que explicava como se deu a origem de nossa capital alagoana. Durante as aulas de História de Alagoas foi constatado que os alunos conhecem pouco da história

de Alagoas e as informações que alguns possuem sobre o Estado não estão ligadas diretamente ao mesmo. Outro item observado foi à falta de interesse dos alunos no estudo de história em si, visto que para eles a história só diz respeito a datas e acontecimentos para decorar e colocar nas provas falta uma compreensão da história em si, dos motivos que impulsionaram determinado fato, ter a clareza dos mesmos e a partir disso que entra as imagens, que ajudaram aos alunos a compreenderem o que se passou nas Alagoas durante o início do século XIX, nas áreas econômicas e sociais.

As aulas foram realizadas com textos sobre a história de local e história do Brasil durante o Período Colonial, além de contar com o auxílio das imagens sobre a origem e desenvolvimento de Maceió, que trataram aspectos desde a sua origem como também sua economia, sendo este último muito discutido em sala de aula. Durante as explicações do conteúdo, foi constatada a falta de conhecimento dos alunos sobre a história de Alagoas e entre uma explicação e outra do conteúdo foi fazendo sentido para eles a partir do momento em que a professora abordou a história do farol que esta localizada no bairro do Jacitinho e que faz parte da história de Maceió.

Todo o trabalho se deu com a participação e colaboração dos alunos que se mostraram interessados em aprender a história das Alagoas, além de aprovarem a inclusão do ensino da História de Alagoas no currículo, bem como do uso das fotografias e imagens nas aulas que para eles contribuíram positivamente para o aprendizado. As turmas são interessadas em aprender, demonstraram possuir uma necessidade de obter mais informações acerca dos acontecimentos da história local, bem como da História do Brasil, além de também possuírem dificuldades em interpretar os textos solicitados nas atividades, o que não os impediram de realizar todas as tarefas e abrir discussões em sala de aula sobre o conteúdo.

O resultado dos trabalhos com fotografias e imagens no ensino de História teve um resultado positivo, já que os alunos presentes nas aulas conseguiram responder as atividades solicitadas através da análise das mesmas e também de realizações de quadros comparativos entre imagens tiradas em épocas diferentes do mesmo cenário, como por exemplo, a imagem do centro de Maceió durante o período de utilização do carro de boi e depois do período em que este foi substituído pelos bondes, demonstrando as mudanças ocorridas na economia e no espaço do centro de Maceió. A produção fotográfica também alcançou as expectativas esperadas, apesar de alguns alunos não as conseguirem realizar devido a falta de uma câmera, de fazer o aluno compreender os fatores que levam ao registro de determinado fato, lugar ou indivíduo em determinada época, bem como também da

forma de analisar os aspectos que os levaram a produzir tal imagem e a confirmação por eles de que a sugestão da produção fotográfica também foi positiva.

Constatou-se os benefícios adquiridos com a utilização de fotografias e imagens no ensino de História, vindo a proporcionar ao aluno além do conhecimento, o contato com outros alunos e até mesmo com a população em geral. O trabalho com fotografias da comunidade ou da cidade em que o aluno vive ou já viveu pode também proporcionar ao aluno o resgate da memória da sua localidade, buscando álbuns antigos de família guardados pelos mais velhos, juntamente com o relato dos mesmos acerca daquela imagem, já que essas pessoas são provas vivas de fatos que aconteceram há muito tempo e que infelizmente hoje são descartadas de nosso aprendizado em família.

Durante o desenvolvimento do estudo, a professora teve alguns contratemplos, devido a problemas ligados a gestão da escola que atrasou um pouco o andamento do trabalho, mas que não chegou a interrompê-lo. Além disso, houve também um dispêndio inesperado durante o estudo que foi a confecção de apostilas para os alunos poderem trabalhar em sala de aula, já que não há livros didáticos voltados para a História de Alagoas, sendo necessário produzi-las, gerando um gasto nas impressões das imagens e dos textos, o que dificulta para o professor com pouco recurso efetuar uma aula diversificada com a utilização de imagens impressas, mas que o mesmo pode utilizar as imagens encontradas nos livros didáticos, revistas ou jornais.

Neste estudo, foi constatada as contribuições que a utilização de fotografias e imagens desempenha nos alunos no ensino de História, demonstrando uma melhora no desenvolvimento do aprendizado, devido aos esclarecimentos que as mesmas possibilitaram aos alunos sobre a teoria que estava sendo vista em sala de aula, já que elas mostravam o que as palavras apenas fazia o aluno imaginar sobre o fato histórico, ambiental ou social estudado.

O estudo realizado confirmou os benefícios que a utilização de fotografias e imagens exercem na vida escolar dos alunos, principalmente se essas imagens forem da sua localidade, mostrando a realidade social, econômica e política da mesma, vindo a gerar um olhar crítico do mesmo sobre o cotidiano em que vivem e até mesmo provocá-los a discutir formas de solucionar as problemáticas encontradas em sua localidade. E esse foi um dos resultados obtidos, levar ao aluno a conhecer a história da origem e desenvolvimento do bairro e da cidade na qual vivem.

Outro objetivo alcançado foi à produção de imagens pelos alunos do seu dia a dia, atividade que permitiu o aluno enxergar a realidade do meio em que vive

e do que lhe fez congelar determinada imagem, indivíduo ou espaço. Contudo ainda resta a luta pela inclusão do ensino da História de Alagoas no currículo do ensino fundamental e médio das escolas alagoanas, para que a história seja conhecida pelos cidadãos alagoanos, bem como indivíduos de outros estados que valorizam, ensinam e divulgam sua história e cultura para as gerações futuras.

REFERENCIAS

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1998

FIREMAN, Elton; MELO, Ivanelza; MERCADO, Luis P.; CRUZ, Maria H. **Metodologia do ensino de Ciências**. Maceió: NEAD/UFAL, 2007.

FONSECA, Silva G. **Didática e prática de ensino de História**. 5ª ed. Campinas: Papirus, 2006.

HERNANDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

LOPES, Sonia C. Imagens de um lugar de memória da educação nova: Instituto de Educação do Rio de Janeiro nos anos de 1930. **Rev. Bras. Educ.** 2008, vol.13, n.37, p. 84-97. Acesso em 10 set 2010.

RODRIGUES; CRISAFULLI R. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 236, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007.

ROIZ, SANTOS, TEIXEIRA. O uso de imagens para o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira e a questão do racismo no Brasil. **Revista Educare**, 2010, Vol. 5 n° 9.

SILVA, Ligia M. T. Fotografia e paisagem urbana. **Saeculum: Revista de História** n° 6/7, Jan./Dez. 2000/2001.

SOUZA, Solange J.; LOPES, Ana E. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. **Cad. Pesqui.** 2002, n.116, p. 61-80. Acesso em 10 set 2010.

TIBALLI, Elianda F. A imagem fotográfica no trabalho docente. **Anais do XV ENDIPE**, Belo Horizonte, 2010, p. 23-34.

O livro apresenta relatos de experiências produzidas pelos concluintes do Curso de Especialização em Formação Continuada de Professores em Mídias na Educação, promovido pelo Ministério da Educação em parceria com o Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, no período de 2008 a 2010. O curso teve como objetivos a formação continuada dos profissionais da educação básica da rede pública de ensino no uso integrado das mídias no processo educativo, permitindo a autoria do professor e a estimulação da produção dos alunos nas diferentes mídias, de forma articulada à proposta pedagógica e a uma concepção interacionista de aprendizagem.

Os estudos desenvolvidos pelos cursistas focaram as seguintes temáticas: integração de Mídias na Educação; concepções e tendências de uso da televisão, rádio, informática, material Impresso e gestão integrada de mídias; desenvolvimento de projetos com mídias na educação; aspectos históricos, sócio-culturais e tecnológicos das diversas mídias na educação; práticas pedagógicas com Mídias na Educação; formação de professores para uso de mídias na educação; aprendizagem com mídias; gestão de tecnologias na escola.

O foco da formação e dos resultados publicados neste livro, foi a elaboração de propostas concretas para utilização dos acervos tecnológicos disponibilizados à escola no desenvolvimento de atividades curriculares nas diferentes áreas do conhecimento, além de desenvolver estratégias de autoria e de formação do leitor crítico nas diferentes mídias.



**TECNOLOGIA DA
INFORMAÇÃO**
NO ENSINO SUPERIOR

